

I-3

25

Questões de Gramática Latina

OBRAS DO AUTOR

NONNI — *Aventuras de um pequeno islandês*, por Ión Svénsson. Tradução do alemão. «Herder & Co», Friburgo (Alemanha), 1923.

A CIDADE À BEIRA-MAR, de Ión Svénsson. Tradução do alemão. Lisboa, 1930.

SEGREDOS DO ESPIRITISMO. «União Gráfica». Lisboa, 1931.

LISBOA DE QUINHENTOS — *Descrição de Lisboa*. Texto latino de Damião de Góis. «Avelar Machado». Lisboa, 1937.

QUESTÕES DE GRAMÁTICA LATINA. Tômoo 1, *Fonética*. «Livraria Clássica Editora». Lisboa, 1940.

RAÚL MACHADO
Professor de Filologia Clássica
na Faculdade de Letras de Lisboa

Questões de Gramática Latina

TÔMO SEGUNDO

**Morfologia geral e Elementos
de Morfologia Histórica**



**LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
A. M. Teixeira & C.^a (Filhos)
Praça dos Restauradores, 17
LISBOA — 1941**



IMPrensa PORTUGUESA
108, Rua Formosa, 116 — Pôrto

PREFÁCIO

Muito pouco há que acrescentar ao que ficou dito no *Prefácio* do Tômoo I destas *Questões de Gramática Latina*.

Neste volume, que trata da *Morfologia* e é o Tômoo II da série, segue-se a orientação do primeiro.

Sem nos desviarmos grandemente da esteira dos mestres, procurou-se expor a matéria com critério científico e, ao mesmo tempo, prático. Se, aqui e além, nos afastámos da opinião de abalizados professores, e se, com freqüência, fugimos da doutrina corrente dos gramáticos, não o fizemos de ânimo leve: os argumentos têm valor mais ponderoso que o simples *magister dixit*.

Na *flexão nominal* procurámos arrumar as flexões dentro de um sistema mais sólido e mais coerente, embora, por êsse motivo, tivéssemos de ir contra o processo usado nas gramáticas vulgares. O nosso intento, porém, explica-se: não se desejou fabricar uma gramática para uso do

ensino secundário, mas firmar a doutrina científica acêrca dessas questões gramaticais. E, se não há engano da nossa parte, cremos que se conseguiu tal objectivo, com uma exposição ordenada, sólida e substanciosa, quanto à flexão nominal.

A *flexão verbal*, tão complicada, desagregada e difusa, nos livros didácticos, mereceu especial interêsse e cuidado, e apresenta-se sob um aspecto novo, ou original, pois nela se reduziram as chamadas quatro conjugações a um tipo único de flexão verbal. Atrevo-me, por isso, a chamar a atenção para os capítulos 2.º a 6.º da III Parte do presente volume, por nos parecer que, neste ponto, se prestou alguma cooperação salutar e benéfica para o ensino e para o estudo da flexão dos verbos.

A-pesar-da amplidão da doutrina exposta, outras questões se poderiam ainda introduzir, e outras, aqui incluídas, se poderiam amplificar, não só com informações hauridas em tratados estrangeiros, como também com assuntos de investigação pessoal; mas tal amplificação excedia, sem dúvida, o âmbito do presente trabalho.

Serviram-nos de guia, com proveito para esta obra, além dos autores indicados na *Bibliografia* do Tômo I, os trabalhos seguintes:

ERNOUT (A.) — *Morphologie Historique du Latin*. Paris. Klincksieck, Nouv. édit., 1927.

MEILLET (A.) et VENDRYÈS (J.) — *Traité de Grammaire Comparée des Langues Classiques*. Paris. Champion, Deuxième tirage revu, 1927.

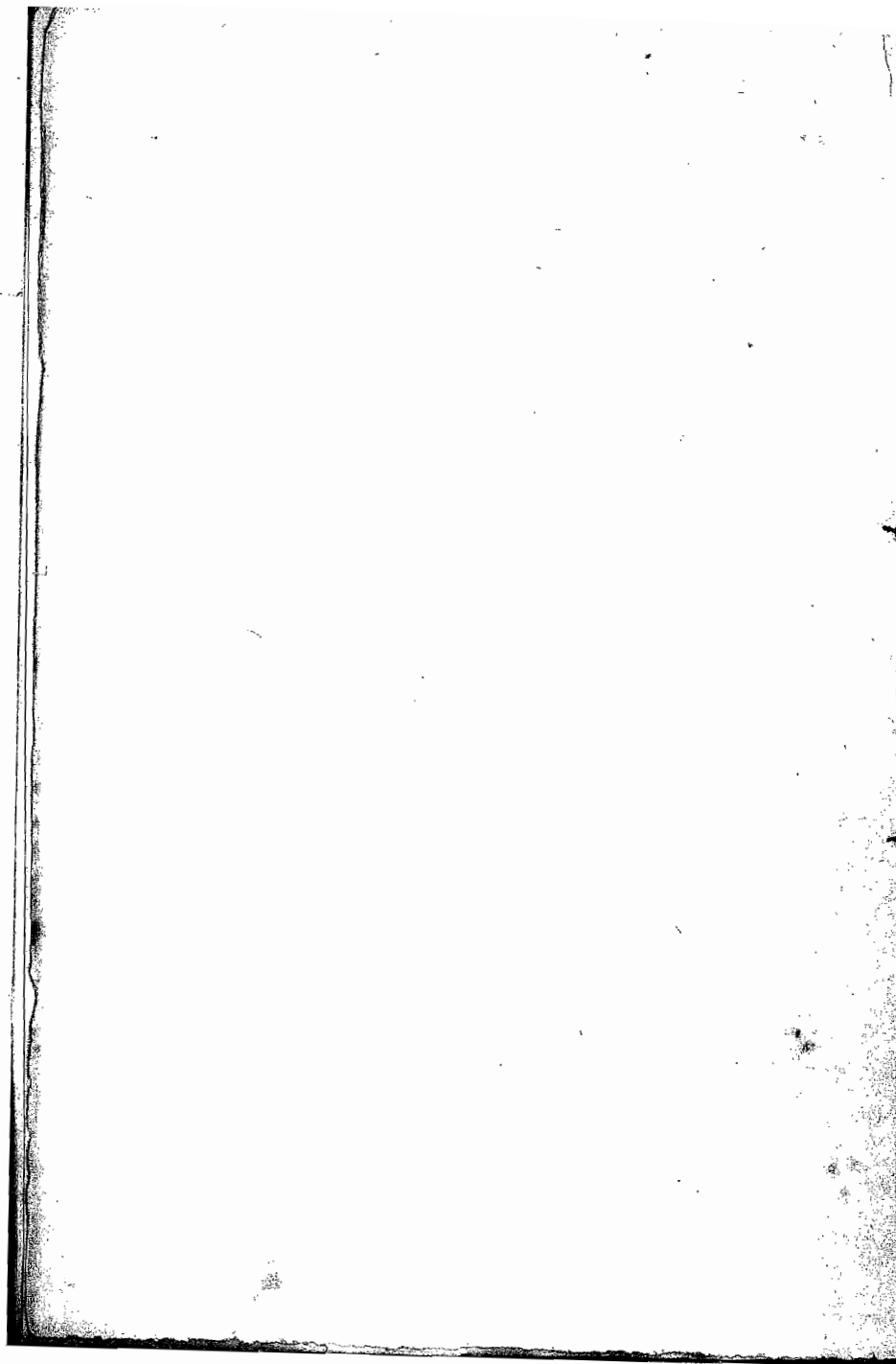
SIMÕES NEVES (DR. J.) — *O redôbro como processo secundário de Morfologia gramatical*. Apud Revista da Faculdade de Letras de Lisboa, Tômoo I, n.º 1 e 2, págs. 29-44, Lisboa, 1933.

SIMÕES NEVES (DR. J.) — *Sintaxe Latina. O chamado acusativo de respeito*. Ibid., págs. 54-64.

STOLZ-SCHMALTZ — *Lateinische Grammatik*. 5.ª ed. por Leumann-Hofmann. Munich, 1926-1928.

Agradeço aqui muito penhorado as palavras e referências elogiosas com que foi acolhido o volume primeiro.

O AUTOR.



PRIMEIRA PARTE

Morfemas

1 — Se analisarmos os vocábulos de uma família de palavras, como rebentos de uma árvore genealógica, observa-se logo que há um elemento constante, como seiva que os vivifica, e elementos acessórios que os individualizam.

Aquêle elemento fixo, quási imutável, expressa a idéia fundamental, básica, nas diferentes palavras; é como um germe, uma semente da idéia, e por isso se lhe dá o nome de *seman-tema*. Os elementos variáveis que transformam o vocábulo e o individualizam, que atribuem à idéia primitiva idéias acessórios e novas relações, que colocam a palavra em categorias gramaticais diferentes, que acarretam idéias secundárias e alteram a forma vocabular, são os *morfemas*.

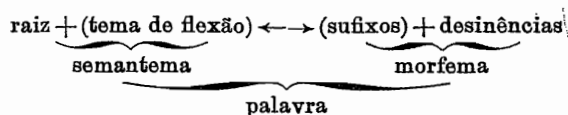
Existem morfemas de ordem extrínseca, que dão a flexão externa à palavra; e morfemas de

ordem interior que lhe dão a flexão interna. Mas todos êles acrescentam à idéia basilar novas relações ideológicas, como a flor e o fruto conferem à planta nova beleza e maior utilidade.

I

Morfemas externos

2—Os morfemas externos podem, talvez, observar-se mais facilmente no esquema seguinte:



3—O vocábulo ou palavra é um agregado de sons e de idéias provenientes do conjunto semantema-morfema. Quere dizer, normalmente não há palavras sem êsses dois elementos, visto que não existe o morfema independente do semantema, nem êste, — salvo um outro caso raro — independente do morfema.

Algumas vezes, a raiz sòzinha constitue, o semantema, sem ser preciso o tema de flexão; e as desinências por si só constituem o mor-

fema, por não haver sufixos. Nestes casos, as desinências ligam-se directamente à raiz.

Em geral, porém, entre a raiz e as desinências, intercalam-se os temas de flexão e os sufixos de várias espécies.

4 — O morfema, — complexo de sufixos e desinências, — tem um papel importantíssimo na palavra, pois os sufixos, podem mudar a categoria do vocábulo, e as desinências introduzem múltiplas idéias de relação na idéia fundamental do semantema.

Exemplifiquemos a doutrina com palavras da família de *do das dare*.

- | | |
|----------------------|------------------|
| 1.º — d-o | 4.º — d-a-tor-es |
| 2.º — d-a-tu-s | 5.º — d-a-ba-m |
| 3.º — de-d-i | 6.º — d-a-mus |
| 7.º — pro-d-i-tor-em | |

Nestes vocábulos, e em muitos outros da vasta família de *do*, encontra-se um elemento constante, *d*, com a idéia radical que é «estender a mão em atitude de dar, oferecer»: é a raiz. Além disso, a este elemento se junta uma letra, quási constante e inalterável, *a*, que, com a raiz, constrói o semantema.

Os outros elementos que ao semantema se ligam, como *ba tor to (tu)*, introduzem a palavra em categorias gramaticais diferentes, — verbo,

substantivo, adjectivo: são sufixos; estes com as desinências dão os morfemas.

Estudemos em pormenor a forma *d-a-ba-m*.

d indica a idéia fundamental de «estender a mão para dar»;

a designa que a acção foi feita no presente;

ba quer dizer que a acção se praticava no momento em que outra acontecia;

m significa que o autor da acção fui *eu*.

Daqui se vê que o morfema (conjunto de sufixo e desinência), além de introduzir a palavra na categoria verbal, apresenta duas relações ideológicas: uma, quanto ao tempo em que se verificou a acção; outra, quanto ao agente da acção.

Examine-se a forma *d-a-tor-es*.

d acção de estender a mão (como em *dabam*);

a (como em *dabam*);

tor significa o agente da acção;

es indica que eram dois ou mais os agentes.

Temos aqui, além da acção primordial, praticada no presente, outras idéias de relação, manifestadas por *tor* e *es*: 1.^a) a palavra está na categoria dos substantivos; 2.^a) houve agente da acção; 3.^a) em pluralidade; 4.^a) êsses agentes

(supondo o termo no nom.) intervieram na acção, não de qualquer maneira, ou por qualquer circunstância concomitante, mas para a praticarem por si mesmos.

Comparada com *dabam*, a palavra *datores*, está em categoria gramatical diferente, mas, como aquela, contém a idéia fundamental e idéias de relação.

5 — Estes elementos, tão intimamente soldados à idéia primária do vocábulo que não podem viver sem ele, servem para lhe dar a categoria gramatical, e lhe enriquecer, com multiplicidade e variedade de conceitos, o valor ideológico primitivo. São elementos externos de grande poder que manifestam parcelas de verdade escondida no vocábulo, como o instrumento que revela no céu estrelas ignoradas; são órgãos extrínsecos e variáveis que dão à palavra a flexão externa.

II

Morfemas internos

6 — A par dos morfemas externos, com os quais se multiplicam os valores ideológicos de relação, podem existir nos vocábulos certas modificações internas que acarretam para as palavras

novas idéias acessórias: são, portanto, verdadeiros morfemas, — *morfemas internos*, provenientes, em geral, da mutação na quantidade e timbre das vogais do semantema.

7—Em português, não existe a mutação da quantidade, mas existe, em compensação, a variação do acento, que produz, como a quantidade em latim, ampliação da idéia fundamental.

Nos exemplos que vamos apontar, tirados da nossa língua, não nos preocupa a formação etimológica do vocábulo; interessa-nos apenas a verificação do facto existente e concreto.

Temos, por exemplo, com mudança de acento, os termos: 1.º) *réplica* e *replica*, ou *crítica* e *critica*; 2.º) *paço* e *pàçô* (ant., topon.).

Note-se imediatamente que a variação do acento, sem alterar as vogais, acumula conceitos acessórios sobre a idéia básica. Com efeito, as palavras *réplica* e *crítica*, ao mesmo tempo que indicam a idéia fundamental (acção de contradizer com objecções, em *réplica*, e exposição pormenorizada de uma análise, em *crítica*), estabelecem a categoria gramatical, — são substantivos; *replica* e *critica* manifestam a sua categoria verbal, e simultaneamente revelam o tempo em que se produz a acção e o agente que a pratica, que pode ser *tu*, se estiverem no

imperativo, ou pode ser *êle*, se estiverem na 3.^a pes. do sing. do pres. do indicativo.

Em *paço* e *pàçô*, encontra-se a idéia fundamental, — palácio; mas a primeira designa o palácio grandioso da côrte ou da cúria episcopal; a segunda, significa uma habitação nobre de dimensões mais modestas.

O acento vocabular equivale, portanto, nas línguas que o usam, a um verdadeiro morfema. No latim clássico, não existia, com o significado que lhe atribuímos na nossa língua, o acento vocabular português, como sinal diacrítico. Na língua grega encontra-se tal acento vocabular, e as formas idênticas a *paideúsai* (παιδεύσαι) *paideūsai* (παιδεῦσαι) *paideusai* (παιδευσαι), só por causa do sinal de acentuação, manifestam idéias várias quanto ao tempo da acção, e outras variações ideológicas quanto ao agente.

8 — Os exemplos citados fazem-nos compreender que também os latinos percebiam, pela quantidade diferente das vogais, novas idéias de relação que se acumulavam sôbre a idéia primária do vocábulo. Assim,

1.^o — *uēnit lēgit* e *uēnit lēgit*;

2.^o — *nautā nautā*.

Em *uēnit lēgit* temos a acção de vir e a acção de ler, com as palavras dentro da mesma categoria gramatical; mas os dois termos indicam

que o agente está a vir(vem) ou está a ler (lê), neste momento de tempo; ao passo que *uēnit* *lēgit* significam que o agente concluiu a acção, isto é, acabou a vinda, já chegou ao termo, ou acabou a leitura, está terminada a leitura.

Em 2.º), as palavras, a-pesar-de conterem a mesma idéia fundamental e a-pesar-de estarem na categoria dos substantivos, revelam outras idéias anexas: *nautā* manifesta que o agente pratica a acção; *nautā* significa que há uma circunstância particular relativa ao agente e, talvez, relativa à acção.

9 — Daqui se pode concluir que a quantidade das vogais na língua latina, constituía um verdadeiro morfema interno, pois aumentava com valores ideológicos acessórios a idéia radical do vocábulo.

Observe-se mais uma vez que não interessa para o nosso caso saber qual a razão etimológica ou fonética dessa variação de quantidade; o que importa é ver que, formadas as palavras ou concluídas na sua evolução, bastava a diferença de quantidade para se ampliarem com relações especiais as idéias primárias dos vocábulos.

10 — Outra espécie de *morfema interno* baseia-se, não na quantidade das vogais, mas na modificação do timbre vocálico.

Supondo que não é inteiramente desajeitada a comparação, talvez se possa dizer que é um fenómeno fonético semelhante ao que se verifica em português e pelo qual se multiplicam as idéias de relação.

Tomemos, como exemplo, as palavras portuguesas, *avó* e *avô*, *rego* e *rêgo*, *andamos* e *andámos*.

Ao ouvir ou ao ler estas palavras, ninguém pensa no processo etimológico ou fonético pelo qual evoluíram até chegarem ao estado concreto, actual, definitivo; toda a gente, porém, quando as lê ou as ouve, abarca mentalmente, se não todas, ao menos algumas das idéias acessórias que elas encerram.

A palavra *avó*, sem mais achegas, basta para acordar em nós a idéia de uma mulher, mãe dos nossos pais; em contraposição, *avô* é o pai dos nossos pais. A simples audição desses termos faz mudar o sexo do agente; e a eles associamos imediatamente circunstâncias de tempo, de afectos, de idades. Não se diga que essas associações de idéias são externas ao vocábulo, porque, afinal, são manifestações que se expandem do conceito como as pétalas desabrocham do capulho.

Nos vocábulos *rego* e *rêgo*, à idéia primária (—acção de conduzir água) andam vinculadas idéias secundárias: uma, é verbo; outra, é subs-

tantivo; uma, indica o agente que pratica a acção no momento presente; outra, indica o sulco por onde a água corre.

Andamos e *andámos* fazem nascer a idéia de caminhar e as idéias relativas aos agentes, que sou eu e outros, e quanto ao tempo, presente e passado.

Mas há mais. Se com a variação vocálica fizermos mudar mais profundamente as vogais, teremos, a-par da idéia primitiva, mais vasta e mais variada expressão de idéias acessórias. Tomemos, por exemplo, tais quais são actualmente, dentro do verbo *fazer*, as formas *faz* *fêz* *fiz*. Tôdas do mesmo verbo, encerram tôdas a mesma idéia basilar. Mas note-se como aumentou imediatamente a variação das idéias relativas a respeito do agente e a respeito do tempo com a variação da vogal: — a maior variação corresponde maior compreensão ideológica.

Todos sabemos que estas variações vocálicas devem a sua existência a fenómenos fonéticos; mas essas modificações existentes nas palavras fazem surgir logo no ouvinte ou no leitor novas idéias de relação, de tal forma que não podemos prescindir das idéias acessórias que andam estreitamente unidas às palavras. O termo é a expressão da idéia; a variação accidental do termo corresponde uma modificação da idéia, ou antes, uma ampliação de idéias acessórias.

Ora é precisamente esta variação que se encontra nas gradações vocálicas latinas. As formas *feidus* (*fidus*), *foidus* (*foedus*) e *fides* em que aparece a variação vocálica, indicavam aos latinos as idéias de relação, correspondentes às mutações vocálicas, sem se preocuparem das leis fonéticas que deram origem às tais formas.

11 — Essas mutações internas a que se ligavam novas idéias de relação para amplificarem o valor primitivo do vocábulo, constituíam uma *flexão interna* da palavra. Assim como as desinências davam à palavra a flexão externa, assim também as gradações vocálicas, dentro da raiz, formavam a flexão interna. E por isso, se podemos dizer com razão que a flexão externa, obedecendo a leis fonéticas, introduzia no vocábulo novos valores relativos, podemos igualmente afirmar que a flexão interna, dependente também de leis fonéticas, aumentava as idéias de relação da palavra.

A *flexão interna* é, pois, verdadeiro morfema dentro do vocábulo.

12 — Existem, portanto, em latim, morfemas de ordem externa e de ordem interna, que amplificam, com idéias acessórias de relação, quanto ao agente e quanto a outras circunstâncias, a idéia fundamental das palavras.

III

Flexão externa

13 — A flexão externa dos vocábulos, contraposta à flexão interna, proveniente dos morfemas externos consiste na junção de elementos externos ao semantema para lhe aumentar as idéias de relação.

Esta flexão externa abrange dois vastos capítulos da Morfologia: — a flexão dos nomes (substantivos, adjectivos, pronomes), chamada *declinação*, e — a flexão dos verbos, com o nome de *conjugação*.

As palavras declinação e conjugação são termos arbitrários; tanto faz dizer declinação do substantivo como declinação do verbo; conjugação do verbo como conjugação do substantivo. Seria preferível e mais exacto dizer, para cada caso, *flexão nominal* e *flexão verbal*.

14 — Costuma dizer-se que a flexão dos substantivos compreende cinco declinações, segundo uns paradigmas, *rosa dominus hostis manus dies*. Mas tal divisão, que não deixa de ter algumas vantagens práticas se atendermos ao resultado desinencial, não se funda, a não ser na aparên-

cia, no conceito exacto das desinências nem dos temas.

Com efeito, olhando primeiro para as desinências, teríamos só *duas flexões* de nomes: a primeira abarca as palavras como *rosa dominus*; a segunda engloba os vocábulos como *consul hostis manus*. Haveria, além disso, uma espécie de flexão anómala, ou, se se quizer, mista, para as palavras como *dies*. Por outro lado, olhando para os temas, poderíamos considerar apenas *dois tipos* de flexão; um de tema em vogal, outro de tema em consoante; ou então, poderíamos considerar *seis tipos*: um para cada vogal, o que dá cinco temas, mais outro para o tema em consoante.

O que é certo é que, analisadas cientificamente as declinações, nunca seriam cinco, mas duas ou três, ou seis. Contudo, no estudo prático do latim, a experiência mostra a vantagem da flexão dos substantivos em cinco declinações. Mas, — e isto não deixa de ser curioso, — os adjectivos, que se declinam como os substantivos, estão divididos gramaticalmente, só em *duas classes*, a-pesar-de haver adjectivos idênticos aos tipos *rosa dominus consul hostis*, tais como *bona dignus exsul fortis*.

15 — Se da flexão dos substantivos passarmos para a flexão dos verbos, observamos que estes andam arrumados, nas gramáticas tradicionais,

em quatro conjugações. Arrumação arbitrária! Porque, afinal, há só duas categorias de verbos: a dos verbos *temáticos*, isto é, com vogal temática, e a dos *atemáticos*, que não têm a vogal temática.

Sucede, porém, que essas divisões práticas, geralmente convencionais, se vão fixando pouco a pouco no espírito, por causa do hábito ou da tradição, e alcançam foros de verdades inconcussas, como certas modas abstrusas que se introduzem na vida quotidiana e chegam a adquirir direitos de existência.

SEGUNDA PARTE

Flexão nominal

CAPÍTULO I

Flexão dos substantivos

I

Casos

16—Na flexão dos substantivos do indo-europeu havia pelo menos, *oito* casos, que eram, por ordem numérica, segundo se nota no sânscrito:

- 1.º — nominativo
- 2.º — vocativo
- 3.º — acusativo
- 4.º — *instrumental*

- 5.º — dativo
- 6.º — ablativo
- 7.º — genitivo
- 8.º — *locativo*

Desapareceram da série latina o instrumental e o locativo, que tinham diversas modalidades de sentido, mas deixaram alguns vestígios na língua a assinalar a sua existência, por exemplo, *domi ruri Romai (Romae)*, como ruínas dum vigoroso edifício a atestar pujança antiga.

Existem em latim seis casos com funções definidas, primitivas; mas a alguns dêles foram distribuídas as funções e modalidades dos casos desaparecidos. É daqui que provém, sobretudo, a multiplicidade de valores, que se encontram em alguns casos latinos, como no ablativo, que além das suas atribuições casuais primárias recebeu funções do instrumental e do locativo. Em outros casos do latim nota-se também variedade de funções derivadas do mesmo fenómeno.

17 — Nominativo. Indica de uma maneira geral o assunto da frase. Desempenha a função normal de sujeito ou agente e dos seus atributos.

Vocativo. Indica a pessoa que interpelamos, isolando-a na frase.

Acusativo. São várias as funções dêste caso, sem se poder determinar ao certo qual era o seu valor primário: 1.º indica a pessoa ou objecto sobre que recai a acção expressa pelo verbo (*complemento de objecto directo*); 2.º designa o termo e a direcção do movimento (*lugar para onde*); 3.º indica a extensão quer no tempo quer no espaço; desta última função provém o 4.º valor do acusativo, *acusativo de relação*, como alguns autores de nomeada se exprimem, embora não nos pareça que seja um valor particular do acusativo. Várias das funções do acusativo foram mais tarde auxiliadas por meio de preposições; mas estas de tal maneira açambarcaram o valor próprio do acusativo que parece que elas é que exprimem as funções casuais diferentes dêste caso riquíssimo de significado primitivo.

Dativo. Indica a pessoa a quem se dá ou atribue uma qualidade ou um objecto.

Genitivo. Tem duas funções determinadas e características: a primeira, que se pode chamar *genitivo adnominal*, indica que o genitivo é complemento de nomes (subst., adject., pronomes), ou como sujeito ou como objecto da acção do nome: donde provêm os chamados genitivo subjectivo e o objectivo; a segunda função significa o *todo divisível em partes*, do qual se pode tomar uma parte, *genitivo partitivo*, tornando-se, por êsse motivo também complemento

de substantivos, adjectivos, pronomes, verbos e advérbios.

As outras várias funções do genitivo, ou se reduzem às apontadas ou não se podem incluir em normas fixas.

Ablativo. Na sua função primária designa 1.º) o *ponto de partida*, origem, lugar donde; daqui provém 2.º) o ser *segundo termo de comparação*, (*sapientior Petro*, mais sábio do que Pedro, quer dizer: a partir da sabedoria de Pedro, seja qual fôr a ciência de Pedro, desde esse ponto êle é mais sábio); 3.º) o *agente da passiva*. Tem também as funções que lhe advieram do instrumental antigo; por isso, designa 4.º) o *instrumento*, o *meio*, o *modo*, e, até, a *companhia*, geralmente com a preposição *cum*. Tomou igualmente o valor de algumas formas de locativo: daí, 5.º) significa o *lugar onde* e o *tempo em que* se fazia a acção.

18 — O *locativo* não desapareceu completamente da língua latina, pois se encontra em expressões feitas, conservadas pelo uso, tais como *domi ruri humi cordi menti militiai (militiae)*, e em nomes próprios de cidades e ilhas de pequena extensão, como *Romai (Romæ)*, *Conimbricai (Conimbricæ)*, *Lugduni*, *Arpini*, *Chersonesi*, *Cypri*, etc. O locativo, no singular, terminava em *i*, por isso se dizia também *Carthagini*,

como se dizia *Agrigenti*; mas os nomes de tema em consoante passaram a designar o locativo com o ablativo, como *Carthagine*, não tanto por ser ablativo, como pelo resultado fonético da passagem de *i* final a *e*. Muitas gramáticas erroneamente começaram a dizer que os locativos do tipo *Romæ* e *Lugduni* são genitivos. É fácil descortinar o erro.

II

Desinências da flexão nominal

19 — As desinências dos casos na flexão nominal não eram, a princípio, tão simples como as que se conservaram com o andar dos tempos na flexão do latim clássico.

QUADRO I

(Das desinências)

SINGULAR

<i>Nominativo</i>	{	1.º — desinência zero: <i>rosa consul pater leo</i> ;
		2.º — sigmático: <i>dominus hiems rex ciuis manus</i> ;
		3.º — radical: <i>tempus fulgur mare genu</i> ;
		4.º — idêntico ao acusativo: <i>bellum regnum</i> .

Vocativo { 1.º — radical: *domine fulgur mare*;
 2.º — igual ao nominativo: *rosa puer dux hostis manus dies*;
 3.º — igual ao acusativo: *bellum templum*.

Genitivo { 1.º — em -y>-ī>-ī: *rosa-ī>rosa-ī>rosae*;
domino-ī>domino-ī>domin-ī; *puero-ī>puer-ī*; *die-ī*;
 2.º — em -ēs>-īs: *consul-ēs>consul-īs*; *duc-is mulier-is hiem-is*;
 3.º — em -s: *ciui-s mari-s manu-s genu-s*;
 4.º — em -ūs: *senatu-ūs>senatu-ūs>senatūs*;
 5.º — em -as (arc.): *famili-as terr-as ui-as*.

Dativo { 1.º — em -ay>-ai>-i: *rosa-ay>rosa-ai>rosai>rosae*; *domino-ai>domino-i>domino*; *die-ay>die-i>diei*;
 2.º — em -ei>-i: *rec-ei>reg-i*; *classi-ei>classi-i>classi*; *manu-ei>manu-i*.

Acusativo { 1.º — em -m: *rosa-m lupu-m turri-m aue-m manu-m die-m templu-m*;
 2.º — em -m>-em: *ped-m>ped-em*;
 3.º — desinência zero: *fulgur tempus mare animal genu*.

Ablativo { 1.º — em -d, e depois desinência zero: *rosa-d>rosa*; *domino-d>domino*; *mari-d>mari*; *classi-d>classi (classe)*; *manu-d>manu*; *die-d>die*;
 2.º — em -e: *reg-e tempor-e*.

PLURAL

Nominativo	1.º — pronominal, em -i: <i>rosa-i</i> > <i>rosae</i> ; <i>domino-i</i> > <i>domini</i> ;
	2.º — em -eyēs > -eēs > -ēs: <i>class-ey-ēs</i> > <i>classēs</i> ;
	3.º — em -ēs, depois, por analogia com o anterior, -ēs: <i>reg-ēs</i> > <i>reg-ēs</i> ;
	4.º — idêntico ao acusativo; <i>manu-s</i> , <i>die-s</i> ;
	5.º — em -ā, para os neutros: <i>bell-a fulgur-a mari-a genu-a</i> .
Vocativo	igual ao nominativo.
Genitivo	1.º — em -ōm > -ūm: <i>consul-ōm</i> > <i>consul-ūm</i> ; <i>ciui-um manu-um</i> ;
	2.º — pronominal em -sōm > -rōm > -rīm: <i>rosa-sōm</i> > <i>rosa-rōm</i> > <i>rosa-rīm</i> ; <i>dominorum</i> , <i>dierum</i> , <i>bellorum</i> .
Dativo e ablativo	1.º — em -ys > -is: <i>rosa-ys</i> > <i>rosis</i> ; <i>domino-ys</i> > <i>domino-is</i> > <i>dominis</i> ;
	2.º — em -bus: <i>classi-bus</i> , <i>mani-bus</i> ; <i>animalibus</i> , <i>die-bus</i> ;
	3.º — em -ibus, por analogia com o anterior: <i>leg-ibus tempor-ibus</i> .
Acusativo	1.º — em -ns > -s: <i>rosa-ns</i> > <i>rosa-s</i> ; <i>domino-ns</i> > <i>domino-s</i> ; <i>turri-ns</i> > <i>turri-s</i> (depois, <i>turres</i> , igual ao nominativo, 2.º); <i>manu-ns</i> > <i>manu-s</i> (que influenciou o nominativo, 4.º); <i>die-ns</i> > <i>die-s</i> ;
	2.º — em -ns > -ens > -ēs: <i>leg-ns</i> > <i>leg-ēs</i> , <i>consul-ēs</i> ;
	3.º — em -ā, como o nominativo 5.º, para os neutros: <i>templa fulgura maria genua</i> .

CAPÍTULO II

Flexão dos substantivos e adjectivos temáticos

20 — Compreende esta flexão os semantemas vocálicos, ou temas vocálicos, formados com as vogais temáticas *-a/-o*, como *plag-a lup-o-s (lupus)*: são, pois, substantivos temáticos (cfr. n.º 379).

I

Paradigmas dos substantivos temáticos

(Os números que vão entre parênteses, referem-se ao Quadro I)

SINGULAR		SINGULAR	
Nom.	<i>rosā rosă</i> (nom. 1.º)	Nom.	<i>lupō-s lupus</i> (nom. 2.º)
Voc.	<i>rosă rosă</i> (voc. 2.º)	Voc.	<i>lupō > lupō > lupě</i> (voc. 1.º)
Gen.	<i>rosā-ī > rosă-ī > rosæ</i> (gen. 1.º)	Gen.	<i>lupō-ī > lupō-ī > lup-i</i> (gen. 1.º)

Dat. <i>rosa-ay</i> > <i>ros-ai</i> > <i>rosæ</i> (dat. 1.º)	Dat. <i>lupo-ay</i> > <i>lupo-i</i> > <i>lupō</i> (dat. 1.º)
Acus. <i>rosā-m</i> > <i>rosǎ-m</i> (acus. 1.º)	Acus. <i>lupō-m</i> > <i>lupŭ-m</i> (acus. 1.º)
Abl. <i>rosā-d</i> > <i>rosā</i> (abl. 1.º)	Abl. <i>lupō-d</i> > <i>lupō</i> (abl. 1.º)

PLURAL

PLURAL

Nom. <i>rosa-i</i> > <i>rosæ</i> (nom. 1.º)	Nom. <i>lupo-i</i> > <i>lupi</i> (nom. 1.º)
Voc. <i>rosa-i</i> > <i>rosæ</i> (voc. 1.º)	Voc. <i>lupo-i</i> > <i>lupi</i> (voc. 1.º)
Gen. <i>rosa-som</i> > <i>rosa-rum</i> (gen. 2.º)	Gen. <i>lupo-som</i> > <i>lupo-rum</i> (gen. 2.º)
Dat. <i>rosa-ys</i> > <i>rosa-is rosis</i> (dat. 1.º)	Dat. <i>lupo-ys</i> > <i>lupo-is lupis</i> (dat. 1.º)
Acus. <i>rosa-ns</i> > <i>rosa-s</i> (acus. 1.º)	Acus. <i>lupo-ns</i> > <i>lupo-s</i> (acus. 1.º)
Abl. <i>rosa-ys</i> > <i>rosa-is rosis</i> (abl. 1.º)	Abl. <i>lupo-ys</i> > <i>lupo-is lupis</i> (abl. 1.º)

21 — Os substantivos neutros, que são temáticos em *-o*, distinguem-se da flexão do tipo *lupo-s*, porque têm, no singular, o nom.-voc. acus. em *-m*: *bello-m* > *bellum* (nom. 4.º, voc. 3.º, acus. 1.º); e, no plural, têm o nom. voc. acus. em *-a*: *bell-ā* (nom. 5.º voc. 5.º e acus. 3.º).

SINGULAR

SINGULAR

SINGULAR

Nom. <i>rosa</i> <i>-a</i>	<i>lupus</i> <i>-s</i>	<i>bellum</i> <i>-m</i>
Voc. <i>rosa</i> <i>-a</i>	<i>lupe</i> <i>-e</i>	<i>bellum</i> <i>-m</i>
Gen. <i>rosæ</i> <i>-æ</i>	<i>lupi</i> <i>-i</i>	<i>belli</i> <i>-i</i>

Dat.	<i>rosæ</i>	-æ	<i>lupo</i>	-o	<i>bello</i>	-o
Acus.	<i>rosam</i>	-m	<i>lupum</i>	-m	<i>bellum</i>	-m
Abl.	<i>rosa</i>	-a	<i>lupo</i>	-o	<i>bello</i>	-o

	PLURAL		PLURAL		PLURAL	
Nom.	<i>rosæ</i>	-æ	<i>lupi</i>	-i	<i>bella</i>	-a
Voc.	<i>rosæ</i>	-æ	<i>lupi</i>	-i	<i>bella</i>	-a
Gen.	<i>rosarum</i>	-rum	<i>luporum</i>	-um	<i>bellorum</i>	-rum
Dat.	<i>rosis</i>	-is	<i>lupis</i>	-is	<i>bellis</i>	-is
Acus.	<i>rosas</i>	-as	<i>lupos</i>	-os	<i>bella</i>	-a
Abl.	<i>rosis</i>	-is	<i>lupis</i>	-is	<i>bellis</i>	-is

II

Substantivos temáticos em o/a

22 — Nominativo. Forma-se com a vogal -o, acrescida com a desinência -s, para os masc.-femininos; *lup-o-s fag-o-s*, que passaram a *lupus fagus*.

A vogal -o conservava-se antigamente, como nos adjectivos *sakros duenos*, e permaneceu no latim até ao século I post Christum, quando se encontrava precedido de *u*: *equos servos*.

O nom. dos pronomes demonstrativos e relativos, porque estava caracterizado por outro processo que os distinguia do neutro, embora êsses pronomes pertencessem à formação temática, quâsi idêntica à dos substantivos, aparece

com a terminação *-e*, como em *ille iste hicce* (depois, *hic*), contrapostos aos neutros *illud istud hoc*, etc.

Em alguns substantivos temáticos, a vogal *-o* vem precedida de *r*: *agros*. Neste caso o nom. aparece com a formação do tipo *ager*. A evolução fonética foi a seguinte: *agros* > *agrs* > *agers* > *agerr* > *ager*. Os substantivos do tipo *puer* sofreram evolução parecida, sem o estágio de aparecimento da soante *r*: *pueros* > *puers* > *puerr* > *puer*.

Contudo, nas palavras *umeros numeros taureros eros* e *meros*, não se deu a evolução que acabamos de apontar, porque em *umerus* e *numerus*, o *r* não é primitivo, mas provém de um *s* rotacizado, *umesos numesos*; em *taurus*, o grupo *ro* está depois de um ditongo; em *erus* e *merus*, as palavras são dissilábicas com a primeira sílaba breve. Mas a palavra *uiros*, que devia acompanhar os termos *eros* e *meros*, evoluiu para *uir*. Deve-se este facto à analogia com substantivos de parentesco, que têm o nominativo em *-r*: *pater mater soror*, e sobretudo à influência de contraste com *uxor* e *mulier*.

23 — *Nominativo dos temas em -a*. No caso nominativo o *-ā* longo primitivo passa a *-ă* breve: *uitā terrā* que formam o nom. *uită terră*.

Não é fácil de explicar tal transição; conjectura-se, porém, que várias causas intervieram simultaneamente para operar a mudança de quantidade do nominativo. Em primeiro lugar, a analogia com os substantivos de tema em *-a*, provenientes do sufixo *-iã* que sempre foi breve: *grat-iã audac-iã feroc-iã*; em segundo lugar, a analogia com o vocativo que era breve, e com o acusativo *-ãm*, cujo *ã* longo, antes de *m*, se abreviava em *-ãm*: *uitãm* > *uitãm*; por fim, a analogia com as palavras jâmbicas que existiam em número avultado, cujo *-ã* final longo tomava a quantidade breve: *tõgã rõtã*, *-cõlã -gẽnã*, que se transformavam em *tõgã rõtã (in) -cõlã (indi) -gẽnã*, etc. Tais influências e analogias generalizaram a existência do *-ã* breve no nominativo.

24 — *Vocativo*. Nos masc.-femininos em *-o*, o vocativo reduziu-se ao tema abreviado em *-e*: *domino* > *domine*. Nos temas em *-ro*, houve uma absorpção idêntica à do nominativo: *magistros* > *magister*; da mesma maneira, *minister faber*, etc. Mas o vocativo clássico *puer* apareceu em autores antigos sob a forma *puere*.

Os temas latinos sufixados em *-io*, formam o vocativo em *-i*: *Corneli fili*, embora em autores mais antigos se veja o voc. *filie*.

Nos temas em *-ā* o vocativo é sempre em *-ā* breve: *reginā rosā*.

25 — *Genitivo*. Os masc.-femininos e neutros de tema em *-ō*, recebem no genitivo uma desinência especial *-i*: *domino-i* > *domino-i* > *domini*; *pueri agri belli*.

Os pronomes demonstrativos mostram também a mesma desinência *-i*, combinada com a desinência *-os* dos atemáticos, *-i-os* > *-i-us*: *ist-i-os* *ill-i-os*, *istius illius*. (Cfr. Flexão dos pronomes n.º 140).

26 — Nos temas em *-a*, houve uma desinência primitiva *-as* que se conservou na flexão grega (cfr. *hemér-as* ἡμέρ-ας), mas que apenas deixou vestígios no latim clássico, na palavra *familias* (*pater familias*), a-pesar-de ter sido muito usado em genitivos antigos, como *uias terras fortunas escas Latonas*, que mais tarde receberam, assim como *familias*, o genitivo clássico, *uiæ terræ Latonæ familiæ*, etc.

27 — O genitivo clássico dos temas em *-a* foi influenciado pelos temas em *-o*, e recebeu, por analogia, o *-i* próprio destes: *terrā-i* > *terrā-i* > *terrā-i* > *terræ*.

Tal influência deve ter começado pelo genitivo dos adjectivos do tipo *digni dignæ digni*,

que antes tiveram as formas *digno-i digna-i digno-i*; a formação do masculino e do neutro do adjectivo interferiu com o feminino do adjectivo, e depois a influência estendeu-se aos próprios substantivos; de modo que o genitivo terminado em *-æ* aboliu por completo a formação do antigo genitivo em *-as*.

28 — *Dativo*. Nos masc.-fem.-neutros dos temas em *-o*, a desinência primitiva era *-oi*, como se lê em inscrições antigas: *Numasioi, populoi Romanoï*. A desinência contraíu-se com a vogal temática e deu o longo: *lupo-oi lupoi lupo*.
gr. $\lambdaυκο-οι > \lambdaύκωι > \lambdaύκω$).

Nos demonstrativos, *ist-i ill-i*, encontra-se a desinência *-i* que foram buscar aos atemáticos, proveniente de um ditongo antigo *-ei*: *ist-ei > ist-i*, como *reg-ei > reg-i, consul-ei > consul-i*.

29 — Nos temas em *-a*, a desinência era *-ai*, *fortunai*, como se observa no grego $\eta\mu\acute{\epsilon}\rho\alpha\iota > \eta\mu\acute{\epsilon}\rho\alpha$; em latim, a evolução que deveria ser paralela ao que sucedeu a *lupoi* que passou a *lupo*, apresentou a forma *terrai > terræ*, com dativo em *-æ*, embora se encontrem formas antigas, como *Diana Fortunaï*, com o dativo evoluído, provenientes de *Dianaï Fortunaï*, como *lupo* evoluído de *lupoi*.

Os demonstrativos tiveram igualmente uma forma feminina, idêntica à dos substantivos, *illæ*.

istæ, que depois se uniformizou com a forma masculina *illi isti*, etc.

30 — Acusativo. Nos masc.-fem. e neutros de tema em *-o*, a desinência *-m*, que abrevia a vogal precedente, conservou-se através da flexão: *lupō-m* > *lupūm*, *puerum agrum*; *bellō-m* > *bellum*. O acusativo neutro, do tipo *bellum*, forneceu a desinência para o nominativo e vocativo, de modo que o nominativo e acusativo são formas de acusativo.

Nos temas em *-a*, encontra-se a mesma desinência que abreviou a vogal: *terrā-m* > *terrām*, como *grat-iā-m*, *nautām*.

31 — Ablativo-instrumental. Nos temas em *-o*, o ablativo teve primitivamente a desinência *-d*, que não aparece no ablativo clássico: *poplod* > *populo*, *lupō puerō agro bello*.

A desinência *-d* era própria do antigo caso instrumental que forneceu a sua maneira de ser ao ablativo: assim diz-se *ferire gladio*, do antigo *gladiod*.

Para os temas em *-a*, criou-se um abl.-instrumental, terminado em *-d*, à maneira dos temas em *-o*: *sententiad* > *sententia*; *toga praidad* > *præda*; *ferire hastad* > *hasta*, *lancea*.

32 — Locativo. O locativo antigo, de que se mantêm alguns vestígios na língua clássica, tinha a desinência *ei* > *i*, ou *oi* nos temas em *-o*; por isso, *Lugdunoei* ou *Lugdunooi* > *Lugduni*; *humo-ei* ou *humo-oi* > *humī*; *domo-ei* ou *domo-oi* > *domi*.

33 — Nos temas em *-a*, havia a desinência *-ai* do locativo *Roma-ai* > *Romai* > *Romæ*; *domi meai* > *domi meæ*; *domi et militiæ*.

As formações de locativo confundem-se, no resultado fonético, com as do genitivo do singular dos respectivos substantivos, dos temas em *-o/a*; mas nos temas em consoante, atemáticos, não há confusão possível com o genitivo: *rur-i* *menti* *cord-i* *Kartagin-i*.

Plural

34 — Nominativo. O nominativo masc.-feminino foi buscar a desinência *-oi* aos pronomes demonstrativos; que evoluiu para *-ei* e depois para *-i*: *populoi* > *populei* > *populi*, *domini agri*, como *ist-oi* > *ist-i*, *qu-oi* > *qu-i* (n.º 141).

Os substantivos sufixados em *-io-*, como *fil-io-s* (*filius*), formam o nominativo do plural *fil-io-oi* > *fil-i-i*, e raramente, por contracção, *filī*.

35 — Nos temas em *-a*, houve primitivamente uma desinência *-as*, que não se conservou no grego nem no latim. Grego e latim tomaram uma desinência *-ai*, *tabellai datai*, que aparece ainda nos autores arcaizantes, *aulai pictai*, que, depois, evoluiu foneticamente para *æ*: *tabellæ datæ*, *aulæ pictæ*; *terræ*, *togæ*.

O aparecimento desta desinência *-ai* deve-se talvez à analogia com o nominativo em *-oi* dos temas em *-o*, por intermédio dos adjectivos do tipo *dignoi dignai* (*digni dignæ*) e também, talvez, ao influxo do dual antigo, de tipo *-ai*, que aparece ainda em formações latinas, *duai ambai* (*duæ ambæ*). Pode até supor-se que foram as formas antigas do dual em *-ai* que passaram a exercer as funções de nominativo do plural, *togæ scribæ*, influenciadas pela analogia dos nominativos do tipo *lupoi lupi*.

36 — O nominativo plural dos neutros de tema em *-o*, assim como todos os neutros, recebeu a desinência *-ã*. Esta desinência pertencia ao antigo colectivo; serviu primeiro para o neutro dos temas em consoante e em *-i*, *nomin-a mari-a*, e depois serviu para todos os neutros, juntando-se ao radical puro, como em *iug-a* (de *iug-o-m* > *iug-u-m*), *don-a* (de *don-o-m* > *donum*), ou ao radical sufixado, com em *reg-n-a* (de *reg-n-o-m* > *regnum*).

Além da vogal -*ă* breve do colectivo, que serviu para formar o nominativo neutro do plural, havia outra vogal -*ā* longa, também de colectivo, que entrou na formação dos numerais e nêles se conservou: *tri-gintā*, *quinqua-gintā* (cfr. n.º 118).

37 — Vocativo. Êste caso é sempre idêntico ao nominativo.

38 — Genitivo. A desinência -*um*, própria do genitivo, a qual entra em múltiplas formações dos temas em -*o/a*, e aparece em substantivos usados por autores antigos, como Plauto, e até pelos clássicos, *famul-um* (Verg.), *liber-um* (Cic.), conservada também em expressões religiosas e jurídicas, como *præfectus fabr-um*, *de-um* a-par-de *deo-rum*, foi suplantada nos temas em -*o/a* pela desinência -*rum*, proveniente de -*som*, tão antiga como a outra, pois existia nos pronomes, e dêles foi trazida para a flexão dos substantivos: *ista-som* > *ista-rum*; *isto-som* > *isto-rum*. Os demonstrativos tiveram primitivamente uma desinência composta de dois elementos: -*is-om*. O latim adoptou esta desinência primitiva e adaptou-a à sua flexão: *ista-is-om* > *ista-som* > *ista-rum*, a cuja imitação se construiu *istosom* > *istorum*. Foram estas formações pronominais que influenciaram a formação dos genitivos do tipo *scriba-*

-rum toga-rum, lupo-rum domino-rum agro-rum.
(Cfr. flexão dos pron., n.º 146).

Os substantivos formados com as terminações *-gena -cola* tomam de preferência o genitivo em *-um*: *indi-genum terri-genum, agri-colum caeli-colum.*

39 — Dativo-ablativo. A desinência *-ōis* do antigo instrumental serviu para formar quatro casos latinos, dativo, ablativo, instrumental e locativo, com funções sintáticas diferentes, mas com formação latina idêntica: *lupo-ōis > lupōis > lupis* (cfr. Têmo I, n.º 80).

Nos temas sufixados em *-io*, encontra-se, algumas vezes, a forma contracta, *filis > filis*.

A desinência *-ois* antes de chegar a *-is*, passa pela intermediária *-eis* (*ois > eis > is*) pois encontram-se formas antigas, de dat.-abl., como *castris aedificieis*, correspondentes a *castris aedificiis*.

40 — Nos temas em *-a*, o dat.-abl. formou-se com uma desinência *-āis*, à imitação de *-ōis* dos temas em *-o*. A desinência *-ais*, passou igualmente no latim, por intermédio de *eis*, a *-is*: *ais > eis > is*: *toga-ais > togais > togeis > togis*.

Dentro dos temas em *-a*, encontra-se, para evitar confusão com o dat.-ablativo dos temas em *-o*, sobretudo na linguagem jurídico-reli-

giosa, a desinência *-bus*, trazida do tipo atemático: *dea-bus filia-bus asina-bus*, etc., para distinguir estas formas das formas *deis filiis asinis*, etc., pertencentes aos sexuados masculinos.

41 — *Acusativo*. Nos temas em *-o* masc.-fem., o acusativo recebe a desinência *-ōns*, com vogal que pode ser longa ou breve: *lupo-ōns* > *lupons* > *lupos*, *dominos agros pueros*.

O acusativo dos neutros recebe formação semelhante à do nominativo: *iug-a don-a bell-a regn-a*.

Nos temas em *a*, o acusativo tomou a terminação *āns*, com *ā* longo, que deu o resultado fonético *ās*: *terra-ans* > *terras*, *gratia-ans* > *gratias*. (Cfr. Tômoo I, n.º 35, 4.º, e 80).

42 — *Gênero dos substantivos de tema a/o*. Os substantivos de tema em *-a*, são, em grande maioria, femininos, mas também os há do gênero masculino. São masculinos, os nomes próprios de homens, *Dolabella Sulla*, etc.; nomes próprios de rios, *Garunna Sequana Matrona*, etc.; alguns substantivos que indicam profissões, *nauta auriga scriba agricola*, etc.

43 — Os substantivos de tema em *-o*, terminados em *-us* no nominativo, são geralmente

masculinos; mas são femininos os nomes de alguns países, como *Aegyptus*, etc., e os nomes de árvores, como *malus* *pirus* *populus*; três são neutros, os quais não se empregam no plural e tem no singular a mesma forma no nom.-acus.-voc. *uulgus* *pelagus* *uirus*. Os substantivos terminados em *er* são todos masculinos; os que terminam em *um* são todos neutros.

III

Adjectivos temáticos, ou da 1.^a classe, ou de tema *o/a*

44 — A flexão dos adjectivos de tema *o/a*, chamados da 1.^a classe, amolda-se completamente à flexão dos substantivos dos mesmos temas, que podem também chamar-se da 1.^a classe. E até, em alguns casos, como se viu atrás (n.^{os} 27 e 35), foi o adjectivo que influenciou a flexão dos substantivos. Como os substantivos pertencem ao género masculino, feminino e neutro, os adjectivos tomaram as três formas, *us* ou *er*, *a*, *um*, pelo que se lhe dá o nome de adjectivos trifor-
mes da 1.^a classe, embora este nome não se baseie em nenhum valor intrínseco.

Dai vêem os paradigmas em *-us* *-a* *-um* ou *-er* *-a* *-um*, que para facilidade mnemónica trazem

em primeiro lugar a forma do masculino, como *dominus* ou *puer*, *rosa*, *templum*; por isso, se tomaram os paradigmas, *dignus digna dignum*, *pulcher pulchra pulchrum*.

45 — Costuma dizer-se que dos adjectivos em *-er -a -um*, alguns conservam o *e* do nominativo através da flexão, como *puer pueri*, e que outros não o conservam, como *ager agri*. E assim as gramáticas fazem distinção entre o tipo *miser misera miserum* e o tipo *pulcher pulchra pulchrum*. Mas esta distinção não corresponde a nenhuma realidade fonética, porque uns derivam de uma forma como *miseros misera miserum* (daí, *miser*, etc.), outros seriam do tipo *pulchros pulchra pulchrum* (daí, *pulcher*, etc.), donde se colhe imediatamente que existe entre eles formação idêntica: aquê, com o *-e* que lhe pertence, pela raiz; êste, sem o *e* que nunca teve no seu étimo (n.º 22).

Entram na categoria dos adjectivos de tema em *o/a*, os adjectivos pròpriamente ditos em *us (er) a um*; os superlativos dos adjectivos; quási todos os numerais declináveis; os participios passados e futuros e o gerundivo dos verbos.

IV

46 — Paradigma da flexão dos adjetivos
temáticos, ou da 1.^a classe, ou de tema *o/a*Tema -o (masc.)
(*dominus*)Tema -a (fem.)
(*rosa*)

SINGULAR

Nom. *dignus* *us*
 Gen. *digni* *i*
 Dat. *digno* *o*
 Acus. *dignum* *um*
 Abl. *digno* *o*
 Voc. *digne* *e*

SINGULAR

digna *a*
dignæ *æ*
dignæ *æ*
dignam *am*
digna *a*
digna *a*

Tema -o (neutro)
(*templum*)

SINGULAR

Nom. *dignum* *um*
 Gen. *digni* *i*
 Dat. *digno* *o*
 Acus. *dignum* *um*
 Abl. *digno* *o*
 Voc. *dignum* *um*

	PLURAL		PLURAL	
Nom.	<i>digni</i>	<i>i</i>	<i>dignæ</i>	<i>æ</i>
Gen.	<i>dignorum</i>	<i>orum</i>	<i>dignarum</i>	<i>arum</i>
Dat.	<i>dignis</i>	<i>is</i>	<i>dignis</i>	<i>is</i>
Acus.	<i>dignos</i>	<i>os</i>	<i>dignas</i>	<i>as</i>
Abl.	<i>dignis</i>	<i>is</i>	<i>dignis</i>	<i>is</i>
Voc.	<i>digni</i>	<i>i</i>	<i>dignæ</i>	<i>æ</i>

	PLURAL	
Nom.	<i>digna</i>	<i>a</i>
Gen.	<i>dignorum</i>	<i>orum</i>
Dat.	<i>dignis</i>	<i>is</i>
Acus.	<i>digna</i>	<i>a</i>
Abl.	<i>dignis</i>	<i>is</i>
Voc.	<i>digna</i>	<i>a</i>

Da mesma maneira e com as mesmas terminações se faz a flexão dos adjectivos cujo nom. do singular é do tipo *miser misera miserum* ou do tipo *pulcher pulchra pulchrum*, nos quais, contudo, o vocativo é idêntico ao nominativo *er a um*.

CAPÍTULO III

Flexão dos substantivos e adjectivos atemáticos

47 — Compreende esta flexão os substantivos em cujo tema de flexão não entram as vogais temáticas; são substantivos com temas vocálicos em *-i* e em *-u*, e com temas consonânticos: são substantivos atemáticos.

A duplicidade dos temas vocálicos e a multiplicidade dos temas em consoante, o sigmatismo de alguns substantivos e assigmatismo de outros, as terminações do genitivo do plural, umas vezes em *-um*, outras vezes em *-ium*, as variações fonéticas, deram ocasião a influências mútuas e a casos de analogia que tornaram complicada e difícil esta flexão dos substantivos.

48 — Quadro da flexão dos aтемáticos

(Os números que vão entre parênteses referem-se ao Quadro I)

Tema em -i

Tema em cons.

SINGULAR

SINGULAR

Nom.	<i>turri-s</i> (nom. 2.º)	<i>princep-s</i> (nom. 2.º)
Voc.	<i>turri-s</i> (voc. 2.º)	<i>princep-s</i> (voc. 2.º)
Gen.	<i>turri-s</i> (gen. 3.º)	<i>princip-is</i> (gen. 2.º)
Dat.	<i>turr-i</i> (dat. 2.º)	<i>princip-i</i> (dat. 2.º)
Acus.	<i>turri-m</i> (acus. 1.º)	<i>princip-em</i> (acus. 2.º)
Abl.	<i>turri</i> (abl. 1.º)	<i>princip-e</i> (abl. 2.º)

Tema em -u

SINGULAR

Nom.	<i>manu-s</i> (nom. 2.º)
Voc.	<i>manu-s</i> (voc. 2.º)
Gen.	<i>manu-s</i> (gen. 3.º)
Dat.	<i>manu-i</i> (dat. 2.º)
Acus.	<i>manu-m</i> (acus. 1.º)
Abl.	<i>manu</i> (abl. 1.º)

PLURAL

PLURAL

Nom.	<i>turr-es</i> (nom. 2.º)	<i>princip-es</i> (nom. 3.º)
Voc.	<i>turr-es</i> (voc. 2.º)	<i>princip-es</i> (voc. 3.º)
Gen.	<i>turri-um</i> (gen. 1.º)	<i>princip-um</i> (gen. 1.º)
Dat.	<i>turri-bus</i> (dat. 2.º)	<i>princip-ibus</i> (dat. 3.º)
Acus.	<i>turr-es</i> (acus. 1.º)	<i>princip-es</i> (acus. 2.º)
Abl.	<i>turri-bus</i> (abl. 2.º)	<i>princip-ibus</i> (abl. 3.º)

PLURAL

Nom.	<i>manu-s</i> (nom. 4.º)
Voc.	<i>manu-s</i> (voc. 4.º)
Gen.	<i>manu-um</i> (gen. 1.º)
Dat.	<i>mani-bus</i> (dat. 2.º)
Acus.	<i>manu-s</i> (acus. 1.º)
Abl.	<i>mani-bus</i> (abl. 2.º)

A flexão correspondente a este quadro é própria dos substantivos masculinos e femininos; os neutros têm a mesma forma no *nom.-voc. acus.*, do singular; e a mesma forma, terminada em *-a* para as formações do *nom.-voc.-acusativo*, do plural.

I

Substantivos atemáticos

49 — Ao comparar a flexão dos temas em *-i* com a dos temas em *-u*, vê-se imediatamente que, pelo menos no aspecto externo, são paralelas e constituem, por esse motivo, uma espécie única de flexão.

Mas se se compara a flexão dos temas em *-i* com a dos temas em cons., nota-se a existência de algumas diferenças, como no acusativo e ablativo do sing. (aqueles formam o acus. e abl. 1.º; estes, o acus. e abl. 2.º) e no acus. do plural (aqueles o acus. 1.º; estes, o acus. 2.º).

50 — Entre os temas em *-i* e os temas em consoante, intervieram, porém, pouco a pouco, acções analógicas, que já tinham tido interferência noutros pontos da flexão, e as divergências, que afastavam aquêles casos diferentes, foram-se mitigando, até que desapareceram, e, por fim, os casos se uniformizaram.

Assim, o acusativo do singular terminado em *-im*, dos substantivos de tema em *-i*, por influência dos temas em consoante, cujo acusativo acaba em *-em*, começou a oscilar entre *im* e *em* (*turrim turrem, febrim febrem*) até ao ponto de alguns substantivos de tema em *-i* abandonarem por completo o acusativo *im*, e receberem o acusativo *em* dos temas em consoante, *classim* (embora apareça aqui e acolá também raramente *classim*), *auem*, *cladem*, *famem*, etc. (n.º 63).

O ablativo do singular em *-i*, de *-id* (*turrid classid*), por analogia com o ablativo do tipo *princip-e* dos temas em consoante, ficou também em oscilação até que passou a terminar em *e*: *classe fame aue clade*.

51 — Também o acusativo do plural dos temas em *-i*, que devia ser terminado em *-is* (e assim se encontra freqüentemente nos autores antigos e nos arcaizantes), proveniente de *ins > is* (*turris auis classis*), por influência analógica dos

temas em consoante (*princip-es*) passou igualmente para *-e*: *turres aues classes* (cfr. n.º 65).

52 — Com o andar dos tempos e com estas alterações devidas à analogia, já quasi não havia diferença entre a flexão dos temas em *-i* e a dos temas em consoante, a não ser no genitivo do plural que em uns terminava em *-ium* (*turrium*) e nos outros terminava em *-um* (*principum*). Mas mesmo aqui não existiu fixidez de flexão, pois os genitivos entraram também a influenciar-se mutuamente; e substantivos há de tema em *-i* que formam o genitivo do plural em *-um*, assim como alguns de tema em consoante que o formam em *-ium*. Assim, *canis iuuenis uates*, etc., que são de tema em *-i* formam *canum iuuenum uatum*, como se fôsem de tema em consoante; da mesma maneira, *dos lis fauces*, etc., que são de tema em consoante apresentam o genitivo *dotium litium faucium*, como se pertencessem aos temas em *-i*. Outros substantivos não se determinaram por esta ou aquela terminação e admitem os genitivos em *ium* e em *um*: *apum apium*, *ciuitatum ciuitatium*, *mensum mensium*, *fraudum fraudium*, etc. Esta oscilação, porém, que aparece no latim clássico, baseia-se nos temas primitivos dessas palavras; pois umas eram de tema em *cons.* e assumiram o tema em *-i*, e outras de tema em *-i* passaram aparente-

mente, para os temas em *cons.*: daí a variabilidade dêsses genitivos do plural (n.^{os} 66 e 67).

53—1.^o) *Tema em cons.* Os temas consonânticos podem terminar em oclusiva: gutural (*c, g*), como *leg-is duc-is*; labial (*p*), como *op-is princip-is*; dental (*d, t*), tais como *ped-is uirtut-is*. Outros terminam em líquida: lateral (*l*), ou vibrante (*r*), como *consul-is soror-is*. A maior parte dêstes últimos pertence aos substantivos de parentesco, como *pater mater frater uxor soror*, ou aos substantivos sufixados em *-tor*: *auc-tor da-tor fossor*. Terminam outros em nasal, *m* (só um, *hiem-is*), ou *n*, como os masculinos-femininos, *homin-is leon-is nation-is*, e os neutros do tipo *nomin-is agmin-is*.

54—Os substantivos neutros de tipo *agmen agmin-is*, que dão o maior contingente para o género neutro, estão formados com o sufixo de grau zero, *-m̃-* com a soante *n* que desenvolve um *e*: *-m̃- > -men*, *ag-men*, *lu-men*, etc. Com idêntica formação sufixal encontra-se um substantivo masculino, *fla-men* (sacerdote dedicado ao culto de uma divindade particular para o distinguir de *pontifex*), aparentado talvez com o indiano *bráhman* (brâmane), que deve ter sido primeiramente um neutro com a formação *fla-men*, o qual, por causa das funções religiosas

que exercia, transitou mais tarde para o gênero masculino. O substantivo *no-men* (neutro) teve também provavelmente a mesma formação sufixada, embora o *m* desta palavra não pareça de origem sufixal, mas temática; cfr. *nuncupo* de *nomi-cap-io*.

55 — Os masculinos-femininos de tema em *-s*, podem ter, no nominativo do singular, por analogia com o genitivo em que o *-s-* intervocálico se sonoriza (rotaciza), um *r* em lugar da letra temática *-s*: assim, *arbor*, em vez de *arbos*, por causa do genitivo *arboris*, que foi *arbois*; igualmente existe *honor*, a par de *honos*, por influência do genitivo *honor-is*, que apareceu em lugar do antigo *honos-is*. Mas os monossilabos, como *mas mos mus*, conservam o *-s* temático no nominativo, apesar de o terem rotacizado no genitivo, *flori-s mar-is mur-is*, etc.

Os neutros consonânticos também conservam em geral o *s* do tema no nominativo, como *tempus genus corpus*, de *tempos genos corpos*, ainda que o têm sonorizado no genitivo, *tempor-is gener-is corpor-is*.

56 — Estes neutros apresentam um caso que não tem explicação plausível. Com efeito, há substantivos neutros que não alteram o timbre vocálico de raiz, como *tempus (tempos) tempōris*;

frigus (*frigos*) *frigōris*, *corpus* (*corpos*) *corpōris*, mas outros existem que modificam o timbre vocálico: *onus* (*onos*) *onēris*, *genus* (*genos*) *genēris*, *scelus* (*scelos*) *scelēris*, *funus* (*funos*) *funēris*. Diz-se que os da segunda série derivam de um tema *-es*, que aparece, por exemplo, em *funes-tus scelles-tus* e tomariam o nominativo terminado em *-os* *funos scelos* (*funus scelus*) por analogia com os outros neutros, como *frigos corpos*; mas tal explicação não satisfaz, porque também, pelo menos o substantivo *tempus* (*tempus*) cujo genitivo é *tempōris*, sem alteração vocálica, apresenta em certas palavras da família igualmente o tema *-es*, como em *tempes-tas*, *temper-ies* e no advérbio *temper-i*. Donde se vê manifestamente que a flexão *tempus tempōris*, sem alteração vocálica, e a flexão *genus genēris*, como modificação apofônica não tem explicação satisfatória (cfr. n.º 407). Meillet-Vendryès supõe (§ 172 da *Grammaire Comparée*) que apareceu a vogal *o*, no tipo *tempōr-is*, por se ter restabelecido, por analogia, o timbre post-palatal. Esta explicação é também insuficiente.

57—Os consonânticos terminados em *-r*, como *pater mater frater uenter*, têm no nominativo do singular o sufixo *-ter*, do grau *e*; mas nos casos oblíquos, mostram o sufixo do grau zero, *-tr-*: *pa-tr-is ma-tr-is fra-tr-is*. Os substantivos, de

tema em *-r*, provenientes do sufixo de agente *-tor*, *auc-tor* *geni-tor* *prodi-tor*, mantêm o grau do sufixo em toda a flexão, *auc-tor-is* *geni-tor-is*; mas, quando a estes substantivos de agente masculinos corresponde um agente feminino, o sufixo toma o grau zero, *-tr*: *geni-tr-ix* *guberna-tr-ix*.

Alguns neutros de tema em *-r*, *iter*, *iecur*, conservam o tema puro, no nom. -voc.- acusativo; mas ampliam o tema primitivo com um sufixo nasal nos outros casos: *it-in-er-is*, *iec-in-er-is* ou *iec-in-or-is*.

58 — Nos substantivos de tema em *-n*, masculinos e femininos, como *leon-is* *homin-is*, *action-is* *carn-is*, o nominativo apresenta na maioria dos casos, a vogal longa de grau *o*: *leo* *homo* *actio* *caro*, embora, em algumas das palavras, a vogal seja breve ou nem sequer exista, *homin-is*, de *homōnis*, com vogal breve; *car-n-is*, sem vogal. Em alguns vocábulos, aparece a vogal *ē* no nominativo, a qual se mantém nos outros casos: *lien* *lien-is*, *ren* *ren-is*, *splen* *splen-is*.

Os substantivos neutros de tema em *-n* são formados geralmente com o sufixo *men*: *ag-men* *lu-men* *flu-men*; fora dos neutros em *-men*, não há vocábulos neutros com o nom. do singular em *-n*, proveniente de sufixo, embora possa aparecer a nasalidade nos casos oblíquos, como em *it-in-er-is* *iec-in-er-is*.

59 — Os masculinos-femininos de tema em *-s*, apresentam vogal longa no nominativo do singular, *honos lepos*, ainda que essa vogal se abrevie, às vezes, por causa da passagem de *-s* para *-r*; daí, *honor lepor*; mas os neutros têm a terminação do nominativo breve, como *genus tempus*, de *genos tempos*. Mas há um masculino, cuja quantidade vocálica no nominativo é breve, como nos neutros: *lepus lepōris* (m.), a lebre, contraposto a *lepor lepōris*, a graça, o encanto, O substantivo *arbos* (depois *arbor*), é o único que manifesta variação de quantidade na flexão, pois o nominativo tem a vogal longa, *arbōs*, e os casos oblíquos tem vogal breve, *arbōr-is*, etc.

60 — Mas os monossílabos, masculinos-femininos, e também os neutros, conservam o *-s* no nominativo, assim como a vogal longa: *flos, glīs, mas mos mus*, que são masculinos; *glos*, feminino; *crus ius pus rus uas* e *os*: nuns casos, porque são vogais longas primitivas; em outros, porque a vogal do nominativo se alongou por contracção.

Parecidos com estes monossílabos, existem outros cujo nominativo se lhes assemelha, como *dens frons mons pons*, etc., que são de tema em *-i*, como se vê do genitivo do plural *dentium mentium montium*, etc.

61 — 2.º) Tema em *-i*. Os substantivos masc.-femininos de tema em *-i* têm normalmente o nominativo do singular em *-is*, *ciuis hostis turris*; alguns, porém, têm-no também em *-es*: *caedes clades fames moles nubes sedes uates*, etc. Todos eles seguem na flexão o tema em *-i*, ainda que alguns no genitivo do plural oscilem entre a terminação *-um* e *-ium*: *cladum cladium, caedum caedium, uatum uatium*, etc.

62 — Os neutros de tema em *-i*, devem terminar no nominativo do singular em *-e*, proveniente de *-i* final: *mari mare*; mas alguns, que, em geral são adjectivos do género neutro a fazer as vezes de substantivos, perdem o *-e* final, que tinha vindo de *-i*: *animali > animale > animal*; *exemplari > exemplare > exemplar*; da mesma maneira, *tribunal, calcar* e outros.

63 — Dos substantivos masculinos e femininos de tema em *i*, uns têm sempre o acusativo em *im*: *tussim uim amussim* (na expressão *ad amussim*), etc., que são femininos; *Tiberim* (masc.); outros, oscilam entre o acusativo em *im* e em *em*, *cutim cutem, febrim febrem, nauim geralmente nauem, neptim*, de preferência *neptem*; *puppim turrim, puppem turrem, securim securem*; outros, finalmente, tomam sempre o acusativo em *-em*: tais são, quasi todos os masculinos, como *hostem*

ciuem orbem piscem testem funem, etc., e todos os masculinos e femininos cujo nominativo termina em *-es* ou *-er*: *sedem cladem imbrem lintrem*.

64 — O ablativo masculino e feminino segue geralmente as variações do acusativo: em *-i*, *ui*; em *-i* ou *-e*, *febri febre*; ou sempre em *-e*, *hoste pisce*, etc. Mas o ablativo dos neutros, como não está sujeito às influências do acusativo, visto eles não terem o acusativo *-im* nem *-em*, conservava-se de modo quâsi constante em *-i*: *animali calcari tribunali*; *mari* (abl.) também às vezes, sobretudo em poesia, aparece sob a forma *mare*, assim como *rete* em vez de *reti* (abl.).

65 — O nominativo do plural dos temas em *-i*, masculinos e femininos, era formado com a terminação *-es*: *classei-es* > *classes*. O acusativo destes mesmos substantivos terminava com a desinência *-ns*, que na evolução fonética passou a *-is*: *turri-ns* > *turrīs*. Tal acusativo em *-is*, conservou-se largo tempo e encontra-se com freqüência nos autores antigos, e abunda em Plauto, em Terêncio e nos escritores arcaizantes. No latim clássico o acusativo termina em *-ēs*, como o nominativo. Este acusativo terminado em *-ēs*, *turrēs hostēs*, formou-se por diversas influências analógicas: primeiro, por causa do

acusativo do singular que terminava em *-em*, nos temas consonânticos e do acusativo do plural em *-es*: *princip-em princip-es*; depois, por causa do nominativo do plural dos temas consonânticos e dos temas em *-i*, o qual termina em *-es*: *consul-es classes*; em terceiro lugar, para evitar que no acusativo do plural entrasse uma forma semelhante a outras formas que já existiam no singular: *turris* era forma do nominativo e do genitivo do singular. Por estes motivos o acusativo do tipo *turris*, terminado em *-is*, passou a ser semelhante ao acusativo dos temas consonânticos com a terminação *-ēs*: *turrēs classēs ciuēs*.

66 — Há substantivos masc.-fem. que no singular têm aspecto de temas em consoante, e no plural seguem a flexão dos temas em *-i*. A razão provável é que tais substantivos foram de tema em *-i* primitivamente, mas perderam no nominativo do singular o *i* que lhes pertencia: *pars mors*, que devem ter sido antigamente *partis > parts > parss > pars* (tema primitivo *parti*); *mortis > morts > morss > mors*. Assim têm a flexão muitos monossílabos femininos que no nominativo do singular terminam em *-ns*, como *mons mens glans*, cujo genitivo do plural é *montium mentium glandium*, e alguns masculinos como *pons fons*, etc.; igualmente, os femininos termi-

nados em *-bs* e *-ps*, como *urbs stirps*, que formam no gen. plural *urbium stirpium* (mas *ops* faz *opum*); outros terminam em *-rs*, como *ars pars*, cfr. *artium partium*; terminam outros no nominativo sing. em *-lx* ou *-rx*, como *falx arx*, g. pl. *falcium arcium*, dos temas primitivos *falci arci*, que dariam um nominativo *falcis > falcs > falx, arcis > arcs > arx*. A par destes encontra-se o substantivo *nox*, de um tema *nocti*, que forma o genitivo do plural *noctium*; mas *uox* é todo consonântico: *uoc-is uoc-um*.

Nesta mesma categoria entram os monossílabos longos *cos dos lis*, dos temas *coti- doti- liti-*.

67 — Alguns substantivos têm dois temas de flexão, um em cons., outro em *-i*, e por isso no genitivo do plural ora se inclinam para a terminação *-um*, ora para *-ium*: *ciuitas* (temas *ciuitat- ciuitati-*) aparece com os genitivos *ciuitatum* e *ciuitatium*; *quirites* tem também os genitivos *quiritum* e *quiritium*. A estes se associam os genitivos *penatum* e *penatium* do subs. *penates*; *optimatum* e *optimatium*, de *optimates*; *nostratum* e *nostratium*, do adjectivo-pronominal *nostras nostratis*, e outros (cfr. n.º 415).

Convém notar aqui que os participios verbais dos tipos *laudans ferens*, que preferem os genitivos *laudantium ferentium*, dos temas em *-i*, também adoptam, de quando em quando, em

poesia, os genitivos em *-um*, como *laudantum ferentum prudentum*.

A interdependência dos temas em consoante e dos temas em *-i*, o efeito da acção analógica entre uns e outros, os processos fonéticos, a influência da linguagem popular sobre a língua culta, provocaram a confusão que reina na flexão destes substantivos. Contudo, apesar das flutuações e das analogias, lobrigam-se a ordem e estabilidade primitivas.

68 — 3.º) *Temas em -u*. Dissemos atrás (n.º 49) que a flexão dos temas em *-u* não se afasta, em aparência, da dos temas em *i*. Contudo, a flexão dos substantivos de tema em *u*, é de dois tipos, em *-ū* longo e em *-ū* breve, que se confundiram como sucedeu aos tipos em *-ī* longo e *-ī* breve. O genitivo do singular, porém, ainda deixa transparecer o antigo estado diferencial entre a flexão longa e a breve; assim o genitivo *manūs* provém de um antigo *manou-s*, com ditongo, ao passo que o genitivo *senatūs*, deriva do antigo *senatū-ōs*, sem ditongo, que ainda se lê no texto das Bacanais; quere dizer, havia um genitivo do tipo *-ou-s* (*man-ou-s*) e outro do tipo *-u-os* (*senatu-os*), idêntica à desinência *-is* do genitivo atemático (*consul-is*).

Fora do genitivo é mais difícil de reconhecer o estado primitivo da flexão entre o tipo longo e breve dos substantivos de tema em *-u*: um equivalente a um tema vocálico e outro equivalente ao tema consonântico. O que é certo é que na língua clássica a flexão dos temas em *-u* é uniforme: dat. *-ui*; acus. *-ūm*, depois *-ŭm*; abl. e instrumental, *-ūd*, depois *-ū*.

O nom.-voc. do singular dos masculinos-femininos tem a terminação *-ūs*, do grau zero, *manūs fructūs*; nos neutros, a terminação é assigmática, do grau zero, *gelū uerū*.

O acusativo dos masculinos-femininos equivale, na língua clássica, à formação do grau zero, longo ou breve, inicialmente, *manūm*, que depois aparece sempre breve, *manŭm senatŭm*; nos neutros o acusativo é idêntico ao nominativo-vocativo.

69 — O nominativo-vocativo do plural, *manūs*, tinha primitivamente terminação idêntica à dos substantivos de tema em *-i*: *manu-es*, como *puppei-es* > *puppēs*; o acusativo do plural era normal: *manu-ns* > *manūs*. Mas as influências mútuas destes casos foram completamente diferentes, nos temas em *-i* e nos temas em *-u*; assim, o nominativo dos temas em *-i* influenciou

o acusativo (cfr. n.º 65) e amoldou-o à sua feição: *turrīs* (acus.) passou a *turres*, igual ao nominativo. Nos temas em *-u* o influxo foi ao invés: o acusativo, *manūs*, é que exerceu influência sobre o nominativo e amoldou-o à sua imagem e semelhança: o antigo *manu-es* desapareceu, e veio para o lugar dêste o acusativo *manūs*.

70 — No dativo-ablativo do plural existe a desinência *-bus*, como nos temas em *-i*, *tribu-bus* *mani-bus*. O *-ū* breve do tema generalizou-se no plural, e antes de *-bus*, oscila entre *ī* e *ū* (cfr. Tõmo I, n.º 7); daí, a existência de formas como *uerū-bus* e *ueri-bus*. Contudo, *arcus artus partus* tomaram exclusivamente as formas *arcu-bus artubus partubus*, para se não confundirem, diz-se, com *arcibus artibus partibus*, formas de *arx ars pars*. Tal argumento afigura-se-nos pouco consistente, pois não há razão comparável com a que também faz distinguir *filiis* e *filiabus*, *deis* e *deabus* (cfr. n.º 40).

71 — Os substantivos neutros de tema em *-u*, tomaram o genitivo em *-ūs*, e o dativo em *-ūi*, com vogal longa em ambos os casos; mas estas formas de genitivo e dativo tiveram tendência para desaparecer, de modo que a flexão se reduzia a uma forma única para tôda a flexão do

singular, como *cornu genu*. A flexão ficava assim confinada a uma forma indeclinável no singular.

No plural, os neutros tinham, como os neutros de todas as flexões, no nom.-voc.-acusativo, a desinência *-ã*, *cornu-ã genu-ã*.

72 — Alguns substantivos de tema em *-u*, cujo nominativo é em *us*, *domus*, por analogia com os substantivos temáticos, por exemplo *humus domi-nus*, receberam também o genitivo e o dativo, como estes últimos, *domi domo*, a par de *domus domui*.

73 — As flexões dos temas em cons., em *-i*, e em *-u*, abrangem, cada uma, substantivos masculinos, femininos e neutros; as duas primeiras abarcam também adjectivos, que a última não contém.

74 — De uma maneira geral pode dizer-se que o genitivo do plural dos temas em cons. e em *-i*, é em *-um* ou em *-ium*, conforme as normas seguintes, sujeitas, como é natural, às indicações e oscilações apontadas na anterior exposição:

1.^a — Têm o genitivo do plural em *-um* os imparissilábicos, cuja desinência *-is* do genitivo do singular está precedida de uma só consoante: *lex leg-is*, *leg-um*; *princeps princip-is*, *princip-um*;

2.^a — Têm o genitivo do plural em *-ium*: a) os parissilábicos, como *hostis hostis, hostium; turris turris, turrium*; b) os imparissilábicos, cuja desinência do genitivo do singular vem precedida de um grupo de consoantes: *mens ment-is, mentium; stirps stirp-is, stripium; nox noct-is, noctium; urbs urb-is, urbium*.

Note-se, contudo, que *parens parent-is* faz o genitivo do plural *parentum*, e não *parentium*, assim como *cliens infans adolescens* que apresentam o genitivo poético *clientum infantum adolescentum*, contra o que se indica na norma 2.^a b). Igualmente há vários parissilábicos que tomam o genitivo do plural em *-um*, contra o que ficou dito na norma 2.^a a): *canis iuuenis proles soboles uolucris* e os substantivos do plural *ambages* e *compages*, que formam *canum iuuenenum*, etc., *ambagum compagum*, assim como *apis mensis uates* que preferem as formas em *-um*, *apum mensum uatum*.

Os substantivos terminados em *-ter*, *pater frater accipiter*, tomaram geralmente o genitivo em *-um*, porque nos casos oblíquos têm o sufixo reduzido: *pa-ter pa-tr-is*, gen. pl. *pa-tr-um, fra-tr-um*, e equiparam-se aos imparissilábicos.

Contra a norma 1.^a, alguns substantivos, como *trabs trab-is* e *scrobs scrob-is* fazem o genitivo do plural *trabium scrobium*, assim como os monossílabos *fax fac-is, glis glir-is, lar lar-is, mas mar-is*,

mus mur-is, nix niu-is e uis (sem genitivo e dativo do sing.) que fazem o genitivo do plural *facium glirium niuium uirium*.

II

Paradigmas da flexão dos atermáticos

75 — A) Temas consonânticos (masc. e fem.)

Tema dental
(-d, -t)

SINGULAR

Nom.	<i>pes</i>	<i>aries</i>
Voc.	<i>pes</i>	<i>aries</i>
Gen.	<i>ped-is</i>	<i>ariet-is</i>
Dat.	<i>ped-i</i>	<i>ariet-i</i>
Acus.	<i>ped-em</i>	<i>ariet-em</i>
Abl.	<i>ped-e</i>	<i>ariet-e</i>

Tema gutural
(-g, -c)

SINGULAR

Nom.	<i>lex</i>	<i>dux</i>
Voc.	<i>lex</i>	<i>dux</i>
Gen.	<i>leg-is</i>	<i>duc-is</i>
Dat.	<i>leg-i</i>	<i>duc-i</i>
Acus.	<i>leg-em</i>	<i>duc-em</i>
Abl.	<i>leg-e</i>	<i>duc-e</i>

Tema labial
(-b, -p)

SINGULAR

Nom.	(-b, não há) <i>princeps</i>
Voc.	<i>princeps</i>
Gen.	<i>princip-is</i>

Dat.	<i>princip-i</i>
Acus.	<i>princip-em</i>
Abl.	<i>princip-e</i>

PLURAL

Nom.	<i>ped-es</i>	<i>ariet-es</i>
Voc.	<i>ped-es</i>	<i>ariet-es</i>
Gen.	<i>ped-um</i>	<i>ariet-um</i>
Dat.	<i>ped-ibus</i>	<i>ariet-ibus</i>
Acus.	<i>ped-es</i>	<i>ariet-es</i>
Abl.	<i>ped-ibus</i>	<i>ariet-ibus</i>

PLURAL

Nom.	<i>leg-es</i>	<i>duc-es</i>
Voc.	<i>leg-es</i>	<i>duc-es</i>
Gen.	<i>leg-um</i>	<i>duc-um</i>
Dat.	<i>leg-ibus</i>	<i>duc-ibus</i>
Acus.	<i>leg-es</i>	<i>duc-es</i>
Abl.	<i>leg-ibus</i>	<i>duc-ibus</i>

PLURAL

Nom.	<i>princip-es</i>
Voc.	<i>princip-es</i>
Gen.	<i>princip-um</i>
Dat.	<i>princip-ibus</i>
Acus.	<i>princip-es</i>
Abl.	<i>princip-ibus</i>

Tema líquido (-l, -r)

SINGULAR

Nom.	<i>consul</i>	<i>pater</i>	<i>auctor</i>
Voc.	<i>consul</i>	<i>pater</i>	<i>auctor</i>
Gen.	<i>consul-is</i>	<i>patr-is</i>	<i>auctor-is</i>
Dat.	<i>consul-i</i>	<i>patr-i</i>	<i>auctor-i</i>
Acus.	<i>consul-em</i>	<i>patr-em</i>	<i>auctor-em</i>
Abl.	<i>consul-e</i>	<i>patr-e</i>	<i>auctor-e</i>

PLURAL

Nom.	<i>consul-es</i>	<i>patr-es</i>	<i>auctor-es</i>
Voc.	<i>consul-es</i>	<i>patr-es</i>	<i>auctor-es</i>
Gen.	<i>consul-um</i>	<i>patr-um</i>	<i>auctor-um</i>
Dat.	<i>consul-ibus</i>	<i>patr-ibus</i>	<i>auctor-ibus</i>
Acus.	<i>consul-es</i>	<i>patr-es</i>	<i>auctor-es</i>
Abl.	<i>consul-ibus</i>	<i>patr-ibus</i>	<i>auctor-ibus</i>

Tema nasal (-m, -n)

SINGULAR

Nom.	<i>hiems</i>	<i>lien</i>	<i>homo</i>	<i>leo</i>
Voc.	<i>hiems</i>	<i>lien</i>	<i>homo</i>	<i>leo</i>
Gen.	<i>hiem-is</i>	<i>lien-is</i>	<i>homin-is</i>	<i>leon-is</i>
Dat.	<i>hiem-i</i>	<i>lien-i</i>	<i>homin-i</i>	<i>leon-i</i>
Acus.	<i>hiem-em</i>	<i>lien-em</i>	<i>homin-em</i>	<i>leon-em</i>
Abl.	<i>hiem-e</i>	<i>lien-e</i>	<i>homin-e</i>	<i>leon-e</i>

PLURAL

Nom.	<i>hiem-es</i>	<i>lien-es</i>	<i>homin-es</i>	<i>leon-es</i>
Voc.	<i>hiem-es</i>	<i>lien-es</i>	<i>homin-es</i>	<i>leon-es</i>
Gen.	<i>hiem-um</i>	<i>lien-um</i>	<i>homin-um</i>	<i>leon-um</i>
Dat.	<i>hiem-ibus</i>	<i>lien-ibus</i>	<i>homin-ibus</i>	<i>leon-ibus</i>
Acus.	<i>hiem-es</i>	<i>lien-es</i>	<i>homin-es</i>	<i>leon-es</i>
Abl.	<i>hiem-ibus</i>	<i>lien-ibus</i>	<i>homin-ibus</i>	<i>leon-ibus</i>

Tema sibilante (-s)

SINGULAR

Nom.	<i>honos</i>	<i>honor</i>	<i>lepus</i>
Voc.	<i>honos</i>	<i>honor</i>	<i>lepus</i>
Gen.	<i>honor-is</i>		<i>lepor-is</i>
Dat.	<i>honor-i</i>		<i>lepor-i</i>
Acus.	<i>honor-em</i>		<i>lepor-em</i>
Abl.	<i>honor-e</i>		<i>lepor-e</i>

PLURAL

Nom.	<i>honor-es</i>	<i>lepor-es</i>
Voc.	<i>honor-es</i>	<i>lepor-es</i>
Gen.	<i>honor-um</i>	<i>lepor-um</i>
Dat.	<i>honor-ibus</i>	<i>lepor-ibus</i>
Acus.	<i>honor-es</i>	<i>lepor-es</i>
Abl.	<i>honor-ibus</i>	<i>lepor-ibus</i>

76 — B) Paradigmas dos substantivos neutros de tema em cons.

Tema dental

Tema líquido

SINGULAR

Nom.	<i>caput</i>	Nom.	<i>fulgur</i>
Voc.	<i>caput</i>	Voc.	<i>fulgur</i>
Gen.	<i>capit-is</i>	Gen.	<i>fulgur-is</i>
Dat.	<i>capit-i</i>	Dat.	<i>fulgur-i</i>
Acus.	<i>caput</i>	Acus.	<i>fulgur</i>
Abl.	<i>capit-e</i>	Abl.	<i>fulgur-e</i>

PLURAL

Nom.	<i>capit-a</i>	Nom.	<i>fulgur-a</i>
Voc.	<i>capit-a</i>	Voc.	<i>fulgur-a</i>
Gen.	<i>capit-um</i>	Gen.	<i>fulgur-um</i>
Dat.	<i>capit-ibus</i>	Dat.	<i>fulgur-ibus</i>
Acus.	<i>capit-a</i>	Acus.	<i>fulgur-a</i>
Abl.	<i>capit-ibns</i>	Abl.	<i>fulgur-ibus</i>

Tema nasal

Tema sibilante

SINGULAR

Nom.	<i>flumen</i>	Nom.	<i>tempus</i>
Voc.	<i>flumen</i>	Voc.	<i>tempus</i>
Gen.	<i>flumin-is</i>	Gen.	<i>tempor-is</i>
Dat.	<i>flumin-i</i>	Dat.	<i>tempor-i</i>
Acus.	<i>flumen</i>	Acus.	<i>tempus</i>
Abl.	<i>flumin-e</i>	Abl.	<i>tempor-e</i>

PLURAL

Nom.	<i>flumin-a</i>	Nom.	<i>tempor-a</i>
Voc.	<i>flumin-a</i>	Voc.	<i>tempor-a</i>
Gen.	<i>flumin-um</i>	Gen.	<i>tempor-um</i>
Dat.	<i>flumin-ibus</i>	Dat.	<i>tempor-ibus</i>
Acus.	<i>flumin-a</i>	Acus.	<i>tempor-a</i>
Abl.	<i>flumin-ibus</i>	Abl.	<i>tempor-ibus</i>

77 — c) Paradigmas dos temas vocálicos em -i
(masc.-fem. e neutros)

Masc.-fem.

SINGULAR

Nom.	<i>turris</i>	<i>imber</i>	<i>mens</i>
Voc.	<i>turris</i>	<i>imber</i>	<i>mens</i>
Gen.	<i>turris</i>	<i>imbris</i>	<i>mentis</i>
Dat.	<i>turri</i>	<i>imbri</i>	<i>menti</i>
Acus.	<i>turrim (-em)</i>	<i>imbrem</i>	<i>mentem</i>
Abl.	<i>turri (-e)</i>	<i>imbre</i>	<i>mente</i>

PLURAL

Nom.	<i>turres</i>	<i>imbres</i>	<i>mentes</i>
Voc.	<i>turres</i>	<i>imbres</i>	<i>mentes</i>
Gen.	<i>turrium</i>	<i>imbrium</i>	<i>mentium</i>
Dat.	<i>turribus</i>	<i>imbribus</i>	<i>mentibus</i>
Acus.	<i>turres</i>	<i>imbres</i>	<i>mentes</i>
Abl.	<i>turribus</i>	<i>imbribus</i>	<i>mentibus</i>

Neutros

SINGULAR

Nom.	<i>mare</i>	<i>animal</i>
Voc.	<i>mare</i>	<i>animal</i>
Gen.	<i>maris</i>	<i>animalis</i>
Dat.	<i>mari</i>	<i>animali</i>
Acus.	<i>mare</i>	<i>animal</i>
Abl.	<i>mari</i>	<i>animali</i>

PLURAL

Nom.	<i>maria</i>	<i>animalia</i>
Voc.	<i>maria</i>	<i>animalia</i>
Gen.	<i>marium</i>	<i>animalium</i>
Dat.	<i>maribus</i>	<i>animalibus</i>
Acus.	<i>maria</i>	<i>animalia</i>
Abl.	<i>maribus</i>	<i>animalibus</i>

78 — D) Paradigmas dos temas vocálicos em -u
(masc.-fem. e neutros)

Masc.-fem.

Neutros

SINGULAR

SINGULAR

Nom.	<i>portus</i>	<i>manus</i>	Nom.	<i>cornu</i>
Voc.	<i>portus</i>	<i>manus</i>	Voc.	<i>cornu</i>
Gen.	<i>portus</i>	<i>manus</i>	Gen.	<i>cornus</i>
Dat.	<i>portui</i>	<i>manui</i>	Dat.	<i>cornui</i> (cornu)
Acus.	<i>portum</i>	<i>manum</i>	Acus.	<i>cornu</i>
Abl.	<i>portu</i>	<i>manu</i>	Abl.	<i>cornu</i>

PLURAL

Nom.	<i>portus</i>	<i>manus</i>	<i>cornua</i>
Voc.	<i>portus</i>	<i>manus</i>	<i>cornua</i>
Gen.	<i>portuum</i>	<i>manuum</i>	<i>cornuum</i>
Dat.	<i>portubus</i> (-ibus)	<i>manibus</i>	<i>cornibus</i> (-ubus)
Acus.	<i>portus</i>	<i>manus</i>	<i>cornua</i>
Abl.	<i>portubus</i> (-ibus)	<i>manibus</i>	<i>cornibus</i> (-ubus)

III

**Flexão dos adjectivos de tema em consoante
e em -i, atemáticos**

79 — Os adjectivos de tema em consoante e em -i recebem communmente o nome de adjectivos da *segunda classe*.

Englobam-se nesta classe:

1.º — os adjectivos pròpriamente ditos: *acer acris acre, fortis forte, uetus*;

2.º — os participios presentes, dos verbos, como *laudans laudantis, ferens ferentis*;

3.º — os comparativos de superioridade dos adjectivos, *fortior fortius*.

80 — Costumam agrupar-se os adjectivos desta classe, segundo o número de formas diferentes que têm no nominativo do singular; se há três formas diferentes, uma para cada género, são adjectivos triformes, *acer* (m.) *acris* (f.) *acre* (n.); se há duas formas, uma para o masc.-feminino, e outra para o neutro, são biformes, *fortis* (m. e f.) *forte* (n.); se a mesma forma serve para os três géneros, são adjectivos uniformes, *ferox* (m. f. n.).

Este processo de agrupação, de pouca vantagem prática e de nenhum valor teórico, serve,

contudo, para diferenciar os adjetivos triformes de tema em *-i*, dos adjetivos triformes em *o/a*: assim *pulcher pulchra pulchrum*, triforme dos temas *o/a*, distingue-se perfeitamente, pelas formas do feminino e neutro, dos adjetivos da segunda classe triformes, *acer acris acre*.

81 — Os adjetivos da segunda classe são em grande maioria de tema em *-i*, e alguns poucos de tema em consoante; não há adjetivos de tema em *-u*. Portanto, a flexão dos adjetivos desta categoria é idêntica à flexão dos temas em cons. ou em *-i*. O adjetivo, de tema em *-i*, *acer acris acre* não se diferencia, na flexão, dos substantivos *imber classis mare*; nem o adjetivo *uetus*, de tema consonântico, se distingue, na flexão, do substantivo *lepus*, para o masc.-feminino, e do substantivo *genus*, para a flexão do neutro.

82 — Os participípios presentes dos verbos, tipo *laudans legens*, assim como os adjetivos que se lhes assemelham, *prudens infans adolescens cliens*, (alguns destes fazem também vezes de substantivos), sem deixarem de ser temas em cons., entraram também para os temas em *-i*, com uma forma única para o nominativo do singular, *legens prudens*, quando, de facto, na origem havia três: *legents* > *legens* (m.), *legent-i-s* (f.), *le-*

gent (n.). A forma feminina *legent-i-s*, à imitação dos substantivos, *mens dens*, passou a *legens* como a forma masculina (cfr. Tôm. I, n.º 48); e a forma neutra tomou o -s do masculino e ficou também *legens*; donde resultou a existência de uma forma única do tipo *legens*, para o masculino, feminino e neutro. Mas o que interessa para a flexão é que a forma feminina, correspondente aos temas em -i, deixou vestígios no ablativo do singular e no genitivo do plural. Com efeito, o ablativo do singular toma às vezes a terminação -i, em vez de -e: esta, dos temas em consoante, e aquela, dos temas em -i. O genitivo é normalmente em -ium.

83 — O ablativo em -e usa-se, quando o particípio se emprega com o seu valor verbal, *me legente*, *te laudante*, ou como substantivo, *infante cliente*, *precante sapiente*, ou como adjectivo que determina substantivo de pessoa, *a praestante uiro*; a forma em -i de ablativo emprega-se quando o particípio tem valor de adjectivo que determina um substantivo de coisa, *gaudenti animo*, *praesenti tempore*. A poesia, porém, emprega com liberdade uma ou outra forma.

84 — O genitivo do plural termina normalmente em -ium, como os substantivos de tema em -i: *laudantium legentium*. Mas, como os subs-

tantivos, também os participios, sobretudo quando são substantivados, especialmente em poesia, podem ter a terminação *-um*: *animantium* e *animantum*, *laudantum* *prudentum* *parentum* *adulescentum*, etc.

85 — Os comparativos de superioridade seguem a flexão dos temas em consoante. No nominativo do singular têm uma forma comum para o masc.-feminino, e outra para o neutro: *dignior* (m. e f.) *dignius* (n.). O genitivo do plural é em *-um*, como nos temas em consoante, *digniorum*.

IV

86 — Paradigmas dos adjectivos de tema em consoante

SINGULAR		SINGULAR	
Masc.-fem.	Neutro	Masc.-fem.	Neutro
Nom. <i>inops</i>	<i>inops</i>	Nom. <i>dignior</i>	<i>dignius</i>
Voc. <i>inops</i>	<i>inops</i>	Voc. <i>dignior</i>	<i>dignius</i>
Gen. <i>inopis</i>	<i>inopis</i>	Gen. <i>dignioris</i>	<i>dignioris</i>
Dat. <i>inopi</i>	<i>inopi</i>	Dat. <i>digniori</i>	<i>digniori</i>
Acus. <i>inopem</i>	<i>inops</i>	Acus. <i>digniore</i>	<i>dignius</i>
Abl. <i>inope (i)</i>	<i>inope (i)</i>	Abl. <i>digniore (i)</i>	<i>digniore (i)</i>

PLURAL			PLURAL		
Nom.	<i>inopes</i>	<i>inopa</i>	Nom.	<i>digniores</i>	<i>digniora</i>
Voc.	<i>inopes</i>	<i>inopa</i>	Voc.	<i>digniores</i>	<i>digniora</i>
Gen.	<i>inopum</i>	<i>inopum</i>	Gen.	<i>digniorum</i>	<i>digniorum</i>
Dat.	<i>inopibus</i>	<i>inopibus</i>	Dat.	<i>dignioribus</i>	<i>dignioribus</i>
Acus.	<i>inopes</i>	<i>inopa</i>	Acus.	<i>digniores</i>	<i>digniora</i>
Abl.	<i>inopibus</i>	<i>inopibus</i>	Abl.	<i>dignioribus</i>	<i>dignioribus</i>

87 — Paradigmas dos adjectivos de tema em -i

SINGULAR			SINGULAR		
	M.	F.	N.	M.-F.	N.
Nom.	<i>acer</i>	<i>acris</i>	<i>acre</i>	<i>fortis</i>	<i>forte</i>
Voc.	<i>acer</i>	<i>acris</i>	<i>acre</i>	<i>fortis</i>	<i>forte</i>
Gen.	<i>acris</i>	<i>acris</i>	<i>acris</i>	<i>fortis</i>	<i>fortis</i>
Dat.	<i>acri</i>	<i>acri</i>	<i>acri</i>	<i>forti</i>	<i>forti</i>
Acus.	<i>acrem</i>	<i>acrem</i>	<i>acre</i>	<i>fortem</i>	<i>forte</i>
Abl.	<i>acri</i>	<i>acri</i>	<i>acri</i>	<i>forti</i>	<i>forti</i>

SINGULAR		
	M.-F.	N.
Nom.	<i>prudens</i>	<i>prudens</i>
Voc.	<i>prudens</i>	<i>prudens</i>
Gen.	<i>prudens</i>	<i>prudens</i>
Dat.	<i>prudenti</i>	<i>prudenti</i>
Acus.	<i>prudens</i>	<i>prudens</i>
Abl.	<i>prudenti (e)</i>	<i>prudenti (e)</i>

PLURAL

Nom.	<i>acres</i>	<i>acres</i>	<i>acria</i>	<i>fortes</i>	<i>fortia</i>
Voc.	<i>acres</i>	<i>acres</i>	<i>acria</i>	<i>fortes</i>	<i>fortia</i>
Gen.	<i>acrium</i>	<i>acrium</i>	<i>acrium</i>	<i>fortium</i>	<i>fortium</i>
Dat.	<i>acribus</i>	<i>acribus</i>	<i>acribus</i>	<i>fortibus</i>	<i>fortibus</i>
Acus.	<i>acres</i>	<i>acres</i>	<i>acria</i>	<i>fortes</i>	<i>fortia</i>
Abl.	<i>acribus</i>	<i>acribus</i>	<i>acribus</i>	<i>fortibus</i>	<i>fortibus</i>

PLURAL

PLURAL

Nom.	<i>prudentes</i>	<i>prudentia</i>
Voc.	<i>prudentes</i>	<i>prudentia</i>
Gen.	<i>prudentium</i>	<i>prudentium</i>
Dat.	<i>prudentibus</i>	<i>prudentibus</i>
Acus.	<i>prudentes</i>	<i>prudentia</i>
Abl.	<i>prudentibus</i>	<i>prudentibus</i>

OBSERVAÇÃO IMPORTANTE

Como acabamos de ver, dividiu-se a flexão dos nomes em dois vastos agrupamentos: o dos *temáticos* e o dos *atemáticos*. Convém, contudo, observar, que no grupo dos *temáticos*, de tema em *-o* e *-a*, só são propriamente temáticos os que têm vogal temática *-o*, como *lup-o-s* *fag-o-s*, que deram *lupus* *fagus*; os de tipo *-a*, como *tog-a* *fer-a*, só são temáticos por analogia, porque na essência são até propriamente atemáticos. Mas a semelhança e influxo mútuo no sistema da flexão leva os autores a incluir no mesmo

tipo, com o nome de *temáticos*, os temas em *-o* e os temas em *-a*. O tipo temático em *-o*, com formações abundantes nos substantivos, e com larga representação no masculino e neutro dos adjectivos, como *dign-o-s dig-no-m, dignus dignum*, teve que recorrer aos temas em *-a* para formar o feminino *digna*. Foi por êste motivo que os adjectivos e os substantivos de tema em *-a* (tipo atemático) se aproximaram dos substantivos de tema em *-o* (tipo temático) e a êle se agregaram, depois de fortemente influenciados por êste último tipo. Daí vem o nome de *temáticos*, dado com razão intrínseca aos de tema em *-o*, e, por analogia, de tema em *-a*.

Todos os outros nomes (subst., adject., etc.) que não têm, por natureza nem por analogia, a vogal temática, constituem o agrupamento dos *atemáticos*.

CAPÍTULO IV

Flexão mista

Flexão dos substantivos de tema em *-e*

88 — Compreende esta flexão:

1.º — algumas palavras raízes, como *res spēs*;

2.º — substantivos formados com o sufixo primitivo *-ie-*, por influência do acus. *-iem*: *spec-ie-s fac-ie-s temper-ie-s luxur-ie-s canit-ie-s mater-ie-s*;

3.º — alguns substantivos de tema em *-i* que por terem o nominativo em *-es*, ficaram indecisos entre aquela flexão e a dos temas em *-e*: *plebes plebei* (cfr. *plebs plebis*); *fames famei* (cfr. *fames famis*);

4.º — um substantivo cujo acusativo era *diem*, e por semelhança com os sufixados em *-ie-* recebeu o nominativo *dies*;

5.º — os substantivos *quies quiet-is*, e o composto *requies*, que, apesar de serem de tema

em consoante ou em *-i*, formaram por analogia com o nominativo (cfr. *miles militis*) o acusativo *quem requiem*, e o ablativo *quie requie*, como se fôsem de tema em *-e*.

Não há adjectivos de tema em *-e*.

Os substantivos formados com o sufixo *-ie-*, como *luxuries materies*, podem pertencer também, por meio de um sufixo *-ia-*, aos nomes de tema em *-a*: *luxuria materia*.

Por toda esta variedade ou confusão se verifica a indeterminação que domina a classe dos substantivos de tema em *-e*; acrescenta-se que só *dies* e *res* têm flexão normal no plural; *species* só tem emprêgo no plural na linguagem escolástica.

As palavras de tema em *-e* são femininas, com excepção parcial de *dies* (que se considera masc. quando designa um dia indeterminado, e feminino quando indica um dia determinado) e do composto *meridies*.

De todos os vocábulos que integram esta flexão, o substantivo *res*, palavra vicária de largo uso na língua latina, como o seu equivalente português *coisa*, fixou-se como paradigma e influenciou todas as outras palavras que à fle-

xão pertenciam desde o início ou para ela entraram.

89 — Paradigma da flexão de tema em *-ē*

SINGULAR	PLURAL
Nom. <i>re-s</i> (nom. 2.º)	Nom. <i>re-es res</i> (nom. pl. 2.º)
Voc. <i>re-s</i> (voc. 2.º)	Voc. <i>re-es res</i> (voc. pl. 2.º)
Gen. <i>re-i</i> (gen. 1.º)	Gen. <i>re-rum</i> (gen. pl. 2.º)
Dat. <i>re-i</i> (dat. 1.º)	Dat. <i>re-bus</i> (dat. pl. 2.º)
Acus. <i>re-m</i> (acus. 1.º)	Acus. <i>re-us res</i> (acus. pl. 1.º)
Abl. <i>re</i> (abl. 1.º)	Abl. <i>re-bus</i> (abl. pl. 2.º)

A flexão do singular tem paralelismo flagrante com a flexão dos temas *o/a* (*rosa domi-nus*). No plural, o genitivo em *-rum* está formado segundo os mesmos temas: *die-rum*, como *rosa-rum domino-rum*; mas o nom.-voc.-acusativo, assim como o dat.-ablativo são dos temas em *-ī*.

A palavra *spes* apresenta um nominativo do plural antigo *speres*, como se a flexão fôsse de tema consonântico em *-s*, *flos flor-is* n. pl. *flores*: assim, *spes spes-is* (*sper-is*), n. pl. *sper-es*.

O vocábulo *res* e *dies*, sofreram no genitivo-dativo variações de quantidade, e por isso nos autores, especialmente em poesia, encontram-se as formas *diē-ī diēī diēī diēī* (ditongo) *diī* e *diē*; *rē-ī rēī rēī rēī* (ditongo) e *rē*.

SINGULAR

PLURAL

Nom.	<i>re-s</i>	<i>die-s</i>	Nom.	<i>res</i>	<i>dies</i>
Voc.	<i>re-s</i>	<i>die-s</i>	Voc.	<i>res</i>	<i>dies</i>
Gen.	<i>re-i</i>	<i>die-i</i>	Gen.	<i>rerum</i>	<i>dierum</i>
Dat.	<i>re-i</i>	<i>die-i</i>	Dat.	<i>rebus</i>	<i>diebus</i>
Acus.	<i>re-m</i>	<i>die-m</i>	Acus.	<i>res</i>	<i>dies</i>
Abl.	<i>re</i>	<i>die</i>	Abl.	<i>rebus</i>	<i>diebus</i>

CAPÍTULO V

Comparativo e superlativo

Os adjectivos qualificativos, além de indicarem a qualidade no grau normal, chamado positivo, podem admitir graus na comparação da qualidade atribuída a duas pessoas ou coisas.

90 — A *igualdade* na qualidade expressa-se, em latim, pelo adjectivo precedido do advérbio *tam*, seguido de *quam*: *tam doctus quam*, tão (ou tanto...) como.

Os adjectivos *tantus tanta tantum*, quando significam *tam magnus*, *tot* (indeclinável), a significar *tam multi*, *par*, idêntico, *similis*, semelhante, *aequus*, igual, *contrarius*, contrário, *alius*, diferente, admitem, por si mesmos, a igualdade ou dissemelhança, e não recebem a partícula *tam*, e em vez de *quam* emprega-se geralmente *atque* ou *ac*: *tantus homo ac tu*; *simili agam ratione atque ille*; *alius ac nos*.

91 — A *inferioridade* ou atribuição da qualidade em grau inferior a outro, expressa-se pelo adjectivo intercalado entre *minus* e *quam*: *minus doctus quam*, menos sábio que.

Se a qualidade se atribui em grau tão baixo que indica a inferioridade mínima com relação a outros ou até a inferioridade absoluta, emprega-se o advérbio *minime*: *minime doctus*, o menos sábio de todos (em comparação com outros), ou nada sábio.

92 — A *superioridade* da qualidade pode atribuir-se em grau maior que a outros, ou em grau máximo; daí, o *comparativo de superioridade* e o *superlativo*.

O grau máximo da qualidade que se atribui pode incluir uma idéia com relação aos outros indivíduos que a possuem, ou uma idéia absoluta: superlativo relativo e superlativo absoluto. Em latim, porém, o superlativo relativo não tem expressão própria: emprega-se, umas vezes, o comparativo de superioridade, outras vezes o superlativo: *doctior omnibus* ou *doctissimus omnium*.

Em latim, existem, pois, só duas expressões de superioridade: o comparativo e o superlativo absoluto, que se formam, normalmente, por meio de sufixos.

I

Comparativo de superioridade

93 — O comparativo de superioridade constrói-se com o morfema *-yos*, proveniente do sufixo *-yo* mais a desinência *s*. Esta desinência, ao sonorizar-se ou rotacizar-se, dá ao morfema a forma *-ior*, que aparece no masculino e feminino dos comparativos; a mesma forma *-yos* > *-ius*, encontra-se, sem sonorização, no neutro. Assim, *dignios dignior* (m. f.), *dignius* (n.), (cfr. n.º 392).

Acrescentando ao tema de flexão, ou, às vezes directamente à raiz, a terminação *-ior*, para o masc. e fem., e *-ius*, para o neutro, obtém-se o nominativo do singular do comparativo de superioridade.

94 — adject. tema masc. e fem. neutro

<i>dignus</i>	<i>dign-</i>	<i>dign-ior</i>	<i>dign-ius</i>
<i>pulcher</i> (de <i>pulchros</i>)	<i>pulchr-</i>	<i>pulchr-ior</i>	<i>pulchr-ius</i>
<i>acer</i> (de <i>acr-s</i>)	<i>acr-</i>	<i>acr-ior</i>	<i>acr-ius</i>
<i>ferox</i> (<i>feroc-s</i>)	<i>feroc-</i>	<i>feroc-ior</i>	<i>feroc-ius</i>
<i>lenis</i>	<i>leni-</i>	<i>leni-ior</i> (<i>leni-or</i>)	<i>leni-us</i>
<i>potis</i>	<i>pot-</i>	<i>pot-ior</i>	<i>pot-ius</i>
<i>mag-nu-s</i>	<i>mag-</i>	<i>mag-yos</i> > <i>maior</i> > <i>maior</i>	<i>maius</i>
	<i>ped-</i>	<i>ped-yos</i> > <i>peior</i> > <i>peior</i>	<i>peius</i>
	<i>mel-</i>	<i>mel-yos</i> > <i>mel-ior</i>	<i>mel-ius</i>

<i>prudens prudentis</i>	<i>prudent-</i>	<i>prudent-ior</i>	<i>prudent-ius</i>
<i>propinquus</i>	<i>prop-</i>	<i>prop-ior</i>	<i>prop-ius</i>
<i>nequam</i>	<i>nequ-</i>	<i>nequ-yos > nequ-ior</i>	<i>nequ-ius</i>

Alguns comparativos não se formam do positivo dos adjectivos, mas de advérbios, como *prior prius*, do advérbio primitivo *pri*, de sentido local e temporal: *pri-yos > pri-ior > prior, prius*.

95 — Os adjectivos compostos de *-dīcus -fīcus -uolus*, do tipo *maledicus maleficus maleuolus*, que pertencem aos radicais *dic- fac- uol-*, dos verbos *dico facio uolo*, formam o comparativo, à maneira de *prudens prudentis*, como se terminassem em *-dicens -dicentis, -ficens -ficientis, -uolens -uolentis*, e como os participios dos tais verbos. Note-se, porém, que *-facens > -ficens* não é participio de *facio*.

<i>-dīcus</i>	<i>(-dicens)</i>	<i>-dic-ent-ior</i>	<i>-dic-ent-ius</i>
<i>-fīcus</i>	<i>(-ficens)</i>	<i>-fic-ent-ior</i>	<i>-fic-ent-ius</i>
<i>-uolus</i>	<i>(-uolens)</i>	<i>-uol-ent-ior</i>	<i>-uol-ent-ius</i>

96 — Além do morfema *-yos* para a formação do comparativo, havia ainda mais dois sufixos, *-ero* e *-tero*, que, ligados a alguns radicais ou partículas, proposições e advérbios, formavam igualmente o comparativo; estes sufixos, ficaram infecundos ou improdutivos.

<i>inf-</i>	<i>inf-ero-s</i> (<i>inferus</i> , -a -um); cfr. <i>infra</i> , prepos., do abl. fem.
<i>sup-</i>	<i>sup-ero-s</i> (<i>superus</i> , -a -um); cfr. <i>supra</i> , prepos., do abl. fem. e <i>sup-mus sum-mus</i> ; <i>sup-er</i> .
<i>post</i>	<i>post-ero-s</i> (<i>posterus</i>)
<i>ex</i>	<i>ex-tero-s</i> (<i>exterus</i>); cfr. prepos. <i>extra</i> , abl. fem.
<i>in</i>	<i>in-tero-s</i> (<i>in-terus</i>); cfr. <i>intra</i> , prepos., abl. fem.
<i>cis- ci-</i>	<i>ci-tero-s</i> (<i>citer citera citerum</i>); cfr. prepos. <i>citra</i> abl. fem.
<i>ul- ul-</i>	<i>ul-tero-s</i> (<i>ulter</i>); cfr. <i>ultra</i> , prepos., abl. fem.
<i>al-</i> (cfr. <i>al-ius</i>)	<i>al-tero-s</i> (<i>alter altera alterum</i>)
<i>k u- (?) u- (?)</i>	<i>u-tero-s</i> (<i>uter utra utrum</i>) (pron. interrog. indefin.)

As duas últimas formas, que são pronominais, estabelecem preferência ou escolha, e por elas se vê bastante bem a comparação incluída no sufixo *-tero*.

97 — Nas outras formas de adjectivos obliterou-se de tal modo o valor dos sufixos de comparativo *-ero*, *-tero*, que os próprios latinos se viram forçados a acumular sobre aqueles sufixos de comparativo ainda o outro, *-ior* *-ius*. Assim,

<i>inf-eru-s</i>	<i>inf-er-ior, -ius</i> ;
<i>sup-eru-s</i>	<i>sup-er-ior, -ius</i> ;
<i>ex-teru-s</i>	<i>ex-ter-ior, -ius</i>

<i>in-teru-s</i>	<i>in-ter-ior,-ius</i>
<i>post-eru-s</i>	<i>post-er-ior,-ius;</i>
<i>ant-eru-s</i>	<i>ant-er-ior,-ius;</i>
<i>ci-teru-s (citer)</i>	<i>ci-ter-ior,-ius;</i>
<i>ulter</i>	<i>ul-ter-ior,-ius.</i>

A própria palavra *magister* era um adjetivo no comparativo, derivado do advérbio *magis* e do sufixo *tero*: *magis-tero-s magister*, e significava «mais que outro» ou «maior que outro». Depois, substantivou-se nas frases *magister populi*, *magister equitatus*; a seguir entrou nas expressões *magister uicorum*, *magister conuiui* e em *magister ludi*. Nesta última expressão, *magister ludi* ou *magister ludorum*, mestre-escola, a palavra *magister* teve larga expansão e açambarcou o valor do conjunto para significar *mestre*, *professor*, *letrado*, e, por fim, passou a significar todos os mestres, até o *Mestre* com maiúscula, para falar do mestre divino, ou para venerar algum mestre humano que talvez não merece o nome de mestre.

Com a palavra *minister*, também um adjetivo comparativo, que significava «o que era menos que outro» e, portanto, «servidor», «criado», deu-se evolução parecida: passou a *minister cultus*, ministro da religião, servidor da religião; depois, simplesmente *ministro*, donde anda afastada a idéia de criado, para se lhe substituir a idéia oposta.

98 — A flexão dos comparativos é semelhante à dos adjectivos de tema em consoante (cfr. n.º 86).

SINGULAR

	Masc. e fem.	Neutro
Nom.	<i>dign-ior</i>	<i>dign-ius</i>
Voc.	<i>dign-ior</i>	<i>dign-ius</i>
Gen.	<i>dign-ior-is</i>	<i>dign-ior-is</i>
Dat.	<i>dign-ior-i</i>	<i>dign-ior-i</i>
Acus.	<i>dign-ior-em</i>	<i>dign-ius</i>
Abl.	<i>dign-ior-e (i)</i>	<i>dign-ior-e (i)</i>

PLURAL

	Masc. e fem.	Neutro
Nom.	<i>dign-ior-es</i>	<i>dign-ior-a</i>
Voc.	<i>dign-ior-es</i>	<i>dign-ior-a</i>
Gen.	<i>dign-ior-um</i>	<i>dign-ior-um</i>
Dat.	<i>dign-ior-i-bus</i>	<i>dign-ior-i-bus</i>
Acus.	<i>dign-ior-es</i>	<i>dign-ior-a</i>
Abl.	<i>dign-ior-i-bus</i>	<i>dign-ior-i-bus</i>

99 — O segundo termo do comparativo de superioridade constrói-se de duas maneiras em latim: 1.^a) no ablativo, como em *Petrus sapientior est Paulo*, Pedro é mais douto que (ou do que) Paulo. Para se conhecer o valor do ablativo de comparação veja-se o n. 17, *Ablativo*. 2.^a) no mesmo caso do primeiro termo, precedido de *quam*; *Petrus sapientior est quam Paulus*.

II

Superlativo

100 — O superlativo latino forma-se com o sufixo primitivo, *-mo*, ou composto com outros, *-o-mo*, *-so-mo*, *-to-mo*, *-is-so-mo*. Este último, e, em parte, *-so-mo*, são os únicos produtivos e fecundos; os outros são improdutivos, estéreis (cfr. n.º 398).

101 — SUFIXO

<i>-mo-</i> :	$\left\{ \begin{array}{l} i-mo-s \ i-mu-s \ -a \ -um, \text{ superlativo que se opõe a } \\ \text{summus;} \\ pris-mo-s \ primus \ -a \ -um; \text{ cfr. } pris-cus, pris-tinus \\ \text{e } prior; \\ sup-mo-s \ sum-mu-s \ -a \ -um; \text{ cfr. } sup-er \ sup-er-ior; \end{array} \right.$
<i>-o-mo-</i> :	$\left\{ \begin{array}{l} inf-o-mo-s \ infimus \ -a \ -um; \text{ cfr. } inf-er-ior, inf-ra; \\ min-o-mo-s \ minimus \ -a \ -um; \text{ cfr. } min-or, \text{ com} \\ \text{formação analógica de maior;} \end{array} \right.$
<i>-so-mo-</i> :	$\left\{ \begin{array}{l} mag-so-mo-s \ maximos \ maximus \text{ e } maxumus; \text{ cfr. } \\ \text{mag-nus e } mag-ior \text{ maior;} \\ ped-so-mo-s \ pes-si-mus; \text{ cfr. } ped-ior \text{ pior;} \\ prop- \text{ (de } prok-), \text{ } proq-so-mo-s \ proximus; \text{ cfr. } \\ \text{prop-e e } prop-ior; \end{array} \right.$
<i>-to-mo-</i> :	$\left\{ \begin{array}{l} op-to-mo-s \ op-ti-mus \text{ e } op-tu-mu-s, \text{ superlativo} \\ \text{relacionado com o substantivo } ops \text{ } opis; \\ in-to-mo-s \ intimus; \text{ cfr. } in-ter-ior; \\ ul-to-mo-s \ ultimus; \text{ cfr. } ul-ter-ior, ul-tra; \end{array} \right.$

-is-so-mo-: { *dign-is-so-mo-s dignissimus* ;
 forti-is-so-mo-s fortissimus ;
 feroc-is-so-mo-s ferocissimus ;
 prudent-is-so-mo-s prudentissimus .

As quatro últimas formas mostram que o sufixo *-is-so-mo-s*, ou antes, a terminação evoluída *-issimus*, com a qual se constrói geralmente o superlativo, se acrescenta ao radical do adjectivo, como já se disse também para o comparativo, no n.º 93. Para o sufixo *-issomo-s*, cfr. n.º 421.

102 — Os adjectivos, terminados em *-er*, formam o superlativo com o sufixo *-somo*, no qual o *-s*, em contacto com o *r* precedente se assimila, para dar á terminação *-romos -rimus* (cfr. Têmo I, n.º, 73, 3.º).

miser miser-so-mo-s miser-rimus ;

pulcher pulcher-rimus ;

pauper pauper-rimus ;

uetus, ueter, ueter-so-mo-s ueter-rimus. O comparativo dêste adjectivo forma-se do tema *uetust-*, *uetust-ior* ; cfr. adj. *uetustus*.

103 — Os adjectivos, cujo tema termina em *-il*, formam o superlativo também com o sufixo *-somo*, no qual o *s*, se assimila em contacto com o *l* precedente, para dar a terminação *-limus*:

facil- facil-so-mo-s facil-li-mu-s;
humil- humil-so-mo-s humil-li-mu-s;
gracilis, similis, gracillimus, simillimus.

104 — Os adjectivos compostos dos elementos terminais *-dicus -ficus uolus*, formam os superlativos como se terminassem em *-dicent- -ficient- -uolent-*, e acrescentam o sufixo composto *-issimus* (cfr. a formação do comparativo dos mesmos adjectivos, n.º 95):

male-dicus male-dicent-issimus;
muni-ficus muni-ficient-issimus;
bene-uolus bene-uolent-issimus.

105 — Adjectivos há, como *extremus supremus* e *postremus*, que são verdadeiros superlativos, formados com o sufixo *-mo-*, acrescentado ao antigo locativo em *-e* (como se encontra nos advérbios em *-e digne certe*). Assim, dos hipotéticos locativos *extre supre postre* se originaram os superlativos citados.

106 — Os adjectivos *diues diuit-is* e *iunenis*, cujos radicais são, nas formas contractas, *dit-* e *iun-*, formam o comparativo sobre estas formas: *dit-ior iun-ior*; e o superlativo *dit-issimus*. Para *iunior* não há superlativo, mas aparece também o comparativo *iuniorior*.

107 — Quando os adjectivos terminam em *-eus -ius -uus*, cuja vogal temática está precedida de outra vogal, não formam o comparativo e o superlativo por meio dos sufixos, mas por meio dos advérbios *magis*, para o comparativo, e *maxime* para o superlativo, que se antepõem ao adjectivo:

caerul-eus, magis caeruleus, maxime caeruleus;
necessar-ius, magis necessarius, maxime neces-
sarius;

ard-uus, magis arduus, maxime arduus.

Observe-se que nos adjectivos do tipo *antiqu-us*, o comparativo e superlativo são sufixados, *antiqu-ior*;

De *longe* e *prope* formaram-se os comparativos *long-ior prop-ior*, e os superlativos *long-issimus* e *proximus*, que são as formas de superioridade dos adjectivos *longinquus* e *propinquus*.

108 — *Refôrço do superlativo.* O superlativo pode ser reforçado com os advérbios *longe multo facile*: *longe doctissimus*, muito acima de todos em sabedoria; *facile primus*, o primeiro sem dúvida nenhuma; *multo iucundissima*, agradabilíssima em excesso; com as conjunções *quam uel*: *quam honorificentissime et quam liberalissime*, diz Cícero numa carta ao procônsul Acílio; *quam maxima ui*; *uel maximus*, o maior de todos. A conjugação *quam* pode aparecer unida ao

verbo *posse*: *quam maximis potest itineribus* ou simplesmente *quam maximis itineribus*; *quam maxima poterat ui*; com o adjectivo *unus*, sôzinho ou na expressão *unus omnium*: *fortissimus unus*, fortíssimo como nenhum; *unus omnium fortissimus*, o mais forte de todos; com o pronome *quisque*: *optimus quisque miles*, os melhores soldados.

O comparativo de superioridade também se encontra reforçado, mas raramente, com os advérbios *etiam multo longe*.

CAPÍTULO VI

Numerais

Os adjectivos numerais dividem-se em *cardinais*, *ordinais*, *distributivos* e *multiplicativos*; a estes últimos andam associados os *advérbios multiplicativos*.

109 — Os *cardinais* designam os objectos atendendo só ao número ou quantidade deles; os *ordinais* designam a ordem numa série, atendendo à relação de anterioridade ou posterioridade que existe entre uns e outros; os *distributivos*, de que há poucos vestígios em português, exprimem a idéia de repartição ou distribuição em grupos: dois a dois, três a três; um a cada um, dois a cada qual, três a cada um, etc.; os *multiplicativos* indicam a relação de grandeza entre os objectos: duplo ou dôbro, quádruplo, cêntuplo, etc.; os *advérbios multiplicativos* expressam

o número de vezes que se repete a acção ou que um objecto é maior que outro.

<i>Núm. arábicos</i>	<i>Núm. romanos</i>	<i>Cardinais</i>	<i>Ordinais</i>
1	I	unus -a -um	primus -a -um
2	II	duo duae duo	secundus -a -um (alter)
3	III	tres tria	tertius -a -um
4	IV (IIII)	quattuor	quartus -a -um
5	V	quinque	quintus
6	VI	sex	sextus
7	VII	septem	septimus
8	VIII	octo	octauus
9	IX (VIIII)	nouem	nonus
10	X	decem	decimus
11	XI	undecim	un-decimus
12	XII	duodecim	duo-decimus
13	XIII	tredecim	tertiusdecimus
14	XIV (XIIII)	quattuordecim	quartus deci- mus
15	XV	quindecim	quintus deci- mus
16	XVI	se-decim	sextus decimus
17	XVII	septendecim	septimus deci- mus
18	XVIII	duodeuiginti (decem et octo)	duodeuicesi- mus (octauus deci- mus)
19	XIX (XVIIII)	undeuiginti (decem et nouem)	undeicesimus (nonus deci- mus)

<i>Núm. arábicos</i>	<i>Núm. romanos</i>	<i>Cardinais</i>	<i>Ordinais</i>
20	XX	uiginti	uicesimus (ui- gesimus)
30	XXX	triginta	tricesimus (tri- gesimus)
40	XL (XXXX)	quadraginta	quadragesimus
50	L	quinguaginta	quinguagesi- mus
60	LX	sexaginta	sexagesimus
70	LXX	septuaginta	septuagesimus
80	LXXX	octoginta	octogesimus
90	XC (LXXXX)	nonaginta	nonagesimus
100	C	centum	centesimus
200	CC	ducenti -ae -a	ducentesimus
300	CCC	trecenti -ae -a	trecentesimus
400	CD (CCCC)	quadringenti	quadringente- simus
500	D	quingenti	quingentesi- mus
600	DC	sescenti	sescentesimus
700	DCC	septingenti	septingentesi- mus
800	DCCC	octingenti	octingentesi- mus
900	CM (DCCCC)	nongenti	nongentesimus
1.000	M	mille	millesimus -a -um
2.000	MM (II)	duo milia	bis millesimus
3.000	III	tria milia	ter millesimus
4.000	IV (IIII)	quattuor mi- lia	quater millesi- mus
5.000	V	quinque milia	quinquies mil- lesimus

<i>Núm. arábicos</i>	<i>Núm. romanos</i>	<i>Cardinais</i>	<i>Ordinais</i>
10.000	X̄	decem milia	decies millesi- mus
20.000	XX̄	uiginti milia	uicies millesi- mus
30.000	XXX̄	triginta milia	tricies millesi- mus
50.000	L̄	quinquaginta milia	quinquagies millesimus
100.000	C̄(CCCIOOO)	centum milia	centies millesi- mus
1.000.000	X̄	decies centum milia	decies centies millesimus
2.000.000	XX̄	uicies centum milia	uicies centies millesimus
35		triginta quin- que	trigesimus quintus
297		ducenti nona- ginta septem	ducentesimus nonagesimus septimus
1940		mille non- gentiquadra- ginta	millesimus nongentesi- mus quadra- gesimus
72.653		septuaginta duo milia sescenti qua- ginta tres (ou- tria, neutro)	bis et septua- gies millesi- mus sescente- simus quin- quagesimus tertius

I

Cardinais: formação e flexão

110 — O cardinal *unus* não se forma da raiz latina que significa um, a qual é *sem-*, como se nota em *sem-el sim-plex sin-guli*, e se encontra em *sem-per* e no número *un* grego, *heis* etc de *sem-s*; o latino *unus -a -um* formou-se do adjetivo que significa único *oīnos unus*.

A flexão dêste numeral é, no nom., acus. e abl. do sing. como a dos substantivos de tema em *-o, -a*; no gen. e dat. segue a flexão dos demonstrativos. No plural, emprega-se êste numeral para determinar certos substantivos que não têm singular: *una castra, unas litteras*, e segue a flexão dos adjectivos da 1.^a classe.

Encontra-se às vezes o genitivo *uni unae*, à maneira de *digni dignae*. O vocat. *une* usa-se com o valor próprio de *unus*, isto é, no sentido de *único, só*.

SINGULAR

Nom.	<i>unus</i>	<i>una</i>	<i>unum</i>
Gen.	<i>unius</i>	<i>unius</i>	<i>unius</i>
Dat.	<i>uni</i>	<i>uni</i>	<i>uni</i>
Acus.	<i>unum</i>	<i>unam</i>	<i>unum</i>
Abl.	<i>uno</i>	<i>una</i>	<i>uno</i>

111 — *Duo*. É uma forma antiga de dual que tomou, em parte, a flexão do plural.

	Masc.	Fem.	Neutro
Nom.	<i>duo</i>	<i>duæ</i>	<i>duo</i>
Gen.	<i>duorum</i>	<i>duarum</i>	<i>duorum</i>
Dat.-abl.	<i>duobus</i>	<i>duabus</i>	<i>duobus</i>
Acus.	<i>duos</i>	<i>duas</i>	<i>duo</i>

Ambo é também forma de dual, cuja flexão é idêntica à de *duo*. Um e outro conservam as formas de dual só no nom. masc. e no nom.-acus. neutro, quer dizer, só as formas *duo*; o resto da flexão tomou formas dos substantivos do tema em *-o*, *-a*, e o dat.-abl. dos substantivos de tema em consoante.

112 — *Tres tria*. Êste numeral deriva de *trey-es* > *tre-es* > *tres*. Primitivamente o nom. do singular tinha a flexão *tres tris tria*, com a forma *tris* para o feminino; mas como a flexão d'êste numeral é semelhante à dos substantivos de tema em *-i*, e nestes substantivos a terminação *-es* serve para o masc. e fem., a forma *tris* do feminino desapareceu, e ficou também *tres* como no masc.

Masc.-fem. Neutro

Nom.	<i>tre-s</i>	<i>tri-a</i>
Gen.		<i>tri-um</i>
Dat.-abl.		<i>tri-bus</i>
Acus.	<i>tre-s</i>	<i>tri-a</i>

A flexão é completamente normal, baseada na raiz *trey-* > *tri-*; mas o acus. *tres* é analógico do nominativo, pois o acus. foi primeiro *tri-ns* > *tris*. (Cfr. Flexão dos subst. de tema em *-i*, n.º 65).

113 — *Quattuor*. A flexão primitiva d'este numeral era *quattuorēs quattuora*, como se encontra ainda em grego: *téttares téttara*, τέτταρες τέτταρα, mas passou a inflexível, como todos os cardinais que se lhe seguem até *centum*. A razão é fácil de ver: *quattuorēs* (m. e f.), por causa da intensidade inicial passou a *quattuors quatuorr quattuor*; o neutro *quattora* perdeu o *-a* final e passou normalmente a *quattuor* (cf. *uta* > *ut*) como o masc. e fem. Dada a confusão, desapareceu a flexão.

114 — *Quinque*. É invariável, e funda-se numa forma indo-europeia que deveria ser *k^wŋk^w-*, como se deduz do latim *quinque*, do grego *pente* πέντε e doutras línguas, por exem-

plo, alemão *funf.* cfr. o ordinal correspondente, *quinc-to-s quin-tus*, no grego *pemp-to-s* πέμπ-τος.

Sex. É indeclinável e de formação complicada quanto ao *s-* inicial. Nalguns dos seus compostos apresenta-se sob a forma *sē-*, *sē-decim*, etc.

115 — *Septem nouem decem.* Terminam com a soante *-m*: *sept-m* > *sept-em*; *nou-m* > *nou-em* (ou talvez *nou-n* *nou-en*, como se vê no al. *neu-n*, mas por analogia com *sept-em* e *dec-em* passaria a *nou-em*); *dec-m* > *de-cem*.

116 — As formas numerais compostas de *decem*, desde *un-decim* até *septem-decim*, apresentam a terminação *decim*, sem se saber qual a causa daquele *-i-*. *Undecim duodecim*, etc., estão formados por juxtaposição, com leves alterações fonéticas. *Un-decim* provém de *unu-decim*; *quin-decim* deriva normalmente de *quinque-decim* > *quinc-decim* > *quindecim* (cfr. Tômo I, n.º 14, 43 e 77, 2.º). *Sex-decim* deu fonética e normalmente *sē-decim*. (Cfr. Tômo I, n.º 77, 6.º).

117 — *Duodeuiginti undeuiginti.* Os numerais 18 e 19 formam-se por subtracção de dois e de um ao número vinte: tirando «*dois de vinte*», tirando «*um de vinte*», dando compostos por juxtaposição.

Por analogia com estes dois números, também os outros números da vintena, trintena, etc., terminados em 8 e 9, se formam por subtração da dezena seguinte: 28, 29, *duodetriginta undetriginta*; 38, 39, *duodequadráginta undequadráginta*, etc.; mas as formas *decem et octo*, *decem et nouem*, embora raramente, são também usadas, assim como *octo et uiginti* ou *uiginti octo*, *nouem et triginta* ou *triginta nouem*, etc.

118 — *Uiginti tringintā quadrāgintā*, etc. Do nome da dezena que já vimos em *dec-em* (*dek-m*), formou-se o dual *-km-ti* e o plural *-km-ta*. Por isso da forma do dual, duas dezenas, se construiu o número vinte: *vi-km-ti* > *ui-cem-ti* > *ui-gin-ti*. Da forma do plural, *-km-ta*, se formaram três dezenas, quatro dezenas, etc.: *tri-km-ta* > *tri-cem-ta* > *tri-gin-ta*; *quadra-gin-ta* tem formação semelhante, mas aparece um *d* em *quadra-*, em lugar do *t* de *quattuor*, sem se saber por que motivo: *quingu-ā-ginta* e *sex-ā-ginta*, têm *-a-* por analogia com *quadrā-gintā*. *Septua-ginta*, em lugar de *septa-ginta*, apareceu por analogia com o antigo *octua-ginta*, que mais tarde foi substituído por *octo-ginta*. *Nona-ginta*, que deveria ser *nou-a-ginta* de *nou-em*, foi buscar a formação ao ordinal *non-nus*.

A gutural surda *-c-* passou a sonora *-g-*.

119 — Centum. Deriva também do substantivo das dezenas *-d-km-t*, no plural. Dez dezenas é igual a *d-km-tom > dkemtum > kentum > centum*, um cento, uma centena, cem. É indeclinável; mas os compostos por juxtaposição, *du-centi -ae -a*, dois centos, duzentos, *tre-centi -ae -a*, trezentos, etc., até *nongenti -ae -a* são declináveis, segundo o tipo *digni dignae digna*.

Quinque-genti e *septem-genti* evoluíram para *quin-genti* e *septin-genti*. Por analogia com estes, apareceram *quadrin-genti* e *octin-genti*, que deviam ser *quadri-genti* e *octi-genti*. De *sex-centi* formou-se normalmente *ses-centi* (cfr. Tôm. 1, n.º 77, 5.º). *Non-genti* formou-se, como *nonaginta*, do ordinal *non-us*, em vez de *nou-em*.

Em algumas destas formações a gutural surda *-c-*, como já sucedera nas dezenas, passou a sonora *-g-*.

120 — Mille. É um substantivo neutro indeclinável, embora primitivamente fôsse flexível, com o abl. *milli*. Dizia-se *mille passuum*, *mille annorum*, exactamente como se diz *tria milia passuum*, o que mostra o valor substantivo de *mille*. Depois, começou a tornar-se indeclinável, talvez por analogia com *decem* e *centum* de que é múltiplo na numeração decimal; o substantivo que o acompanha, em lugar de depender de *mille*, junta-se-lhe como apôsto: *mille homines*,

como *centum homines*, *mille annis* como *centum annis*.

Milia, cuja escrita é preferível a *millia*, é um substantivo colectivo neutro do plural, que significa «milhar», «milheiro», e tem a seguinte flexão, dos substantivos de tema em *-i*:

Nom.-Voc.-Acus.	<i>mīlia</i>
Gen.	<i>mīlium</i>
Dat.-abl.	<i>mīlibus</i>

II

Ordinais: formação e flexão

121 — Os ordinais são todos flexíveis, como os adjectivos da 1.^a classe, em *-us -a -um*.

122 — *Primus -a -um* não é propriamente um numeral; é um superlativo, de sufixo *-mo-*: *pris-mo-s* > *pri-m-us* (cfr. superlativos, n.º 101); significa «o que está antes de todos», «o que está mais à frente», «o primeiro».

123 — *Secundus -a -um* também não é numeral pela origem; é um particípio arcaico do verbo *sequor*, *sequendus* ou *sequundus*, como *scribendus* ou *scribundus*, *repetendus* ou *repetundus*, como se lê na *Lex Repetundarum*; *secundus*

quiere dizer «o que segue outro», «o seguinte na ordem ou na série».

O latim emprega também o adjectivo *alter altera alterum*, com o gen. *alterius* e o dat. *alteri*, para dizer «o segundo», especialmente falando de dois: *primus et alter*, «o primeiro e o outro». Este adjectivo é um comparativo, de sufixo *-tero*, sobre a raiz *al-* (cfr. comparativo n.º 96).

124 — *Tertius*. A par de *tre tri* (*tre-s, tre-decim, tri-a, tri-ginta*), encontramos aqui *ter*, proveniente de *tr-* antes de consoante, ao qual se junta o sufixo composto *-tiyo-*: *tr-tiyo-s* > *ter-tiyus* > *ter-tius*.

125 — *Quartus quintus sextus*. Estão formados com o sufixo *-to-*, que é exactamente o mesmo do grego nestes numerais:

Quartus, do radical *k^wtwr-to-s*, devia ser foneticamente *quortus*; mas por analogia com *quatuor* apareceu *quartus*.

Quintus, de *quinque*, devia ser *quinc-tu-s*, cuja gutural ainda se lê nas grafias *Quinctius Quinctilis*.

Sex-tu-s, de *sec-s-tu-s*, devia ser, pela evolução fonética, *sestus*, como se vê no nome próprio *Ses-tus*, e se observa em *ses-decim* > *se-decim*, *ses-centi*; mas, por analogia com o cardinal *sex*, ficou *sextus*.

126 — *Septimus* e *decimus*, estão formados com o sufixo *-o-mo-* do superlativo: *sept-o-mo-s* *deko-mo-s* deram *sept-i-mus* *dec-i-mus*. Cfr. superlativo, n.º 101. *Primus septimus* e *decimus*, assim como *vicesimus*, *millesimus*, estavam à frente de séries, por isso se formaram com sufixos de superlativo: *primus* com o sufixo *-mo-*; *sept-i-mu-s* e *dec-i-mu-s* com o sufixo *-omo-*; *uice-si-mu-s* e *mille-si-mu-s* com o sufixo *-so-mo-*. Cfr. sufixos de superlativo, n.º 101.

127 — *Oct-a-uus*. Provém de *oct-o-wos*, com mudança de *-o-* em *-a-*, antes de *-w* semi-vogal, como se observa também em *gno-wos* > *gna-wus* > *gnauus*, da raiz *gno*, aparentada com a que se encontra no verbo *co-gno-sc-o*.

128 — *Nonus*. A formação dêste ordinal não se parece com nenhuma outra. Da raiz *nou-* devia vir *nu-*, e daí *nu-no-s* > *nu-nus*, mas não se sabe porque motivo se introduziu no numeral aquêle sufixo *-no-*. Em lugar de *nu-nu-s* formouse *no-nu-s* por analogia com o cardinal *nouem*.

O aparecimento do segundo *n* em *nonus* parece provar que a formação do cardinal *nouem* vem de *nou-n* e não de *nou-m*, como se indicou acima, n.º 115.

129 — *Uice-sim-us trigesimus centesimus millesimus*. O ordinal *uicesimus* deriva de *uicent-* (cfr. *uiginti*, n.º 118), com o sufixo composto do superlativo, *-so-mo-*: *ui-cent-so-mo-s ui-cen-so-mo-s uicessomios uicesimus*.

A terminação assim formada, *-esimus*, serviu depois para construir as dezenas e as centenas: *trigesimus quadragesimus, centesimus, ducentessimus*, etc. *Millesimus* também poderia ter sido formado por analogia com estes, mas supõe-se que derivou directamente de *mille* com o sufixo *-so-mo-*, *mille-so-mo-s mille-si-mu-s*, embora esta última formação, segundo as normas fonéticas, devesse evolucionar para *millerimus*.

Num. aráb.	Distribu- tivos	Multiplica- tivos	Advérbios mul- tiplicativos
1	singuli -ae -a	simplex, sim- plus	semel
2	bini -ae -a	duplex, duplus	bis
3	terni ou trini -ae -a	triplex, triplus	ter
4	quaterni -ae -a	quadruplex	quater
5	quini -ae -a	quincuplex	quinquies, quinqüiens
6	seni		sexies, sexiens
7	septeni	septemplex	septies
8	octoni		octies
9	noueni		nouies
10	deni -ae -a	decemplex, de- cuplus	decies, deciens

<i>Num. aráb.</i>	<i>Distribu- tivos</i>	<i>Multiplica- tivos</i>	<i>Advérbios mul- tiplicativos</i>
11	undeni		undecies
12	duodeni		duodecies
13	terni deni		ter decies
14	quaterni deni		quater decies
15	quini deni		quindecies
16	seni deni		sedecies
17	septeni deni		septies decies
18	duodeuiceni		duodeuicies
19	undeuiceni		undeuicies
20	uiceni		uicies, uiciens
30	triceni		tricies
40	quadrageni		quadrages
50	quingageni		quingages
60	sexageni		sexages
70	septuageni		septuages
80	octogeni		octoges
90	nonageni		nonages
100	centeni -ae -a	centuplex	centies, cen- tiens
200	ducenti -ae -a		ducenties
300	trecenti		trecenties
400	quadringeni		quadringen- ties
500	quingeni		quingenties
600	sescenti		sescenties
700	septingeni		septingenties
800	octingeni		octingenties
900	nongeni		nongenties
1.000	singula milia		millies
2.000	bina milia		bis millies

<i>Num. aráb.</i>	<i>Distribu- tivos</i>	<i>Multiplica- tivos</i>	<i>Advérbios mul- tiplicativos</i>
3.000	trina ou terna milia		ter millies
10.000	dena milia		decies millies
40.000	quadrágena milia		quadragies mil- lies
100.000	centena milia		centies millies
1.000.000	decies cen- tena milia		decies centies millies
2.000.000	uicies centena milia		uicies centies millies
3.000.000	tricies cen- tena milia		tricies centies millies

III

Distributivos

130 — São todos declináveis como o plural dos adjectivos da 2.^a classe, do tipo *digni dignae digna*, mas o genitivo do plural é em *-um*; contudo *singuli singulae* tem o genitivo em *-orum -arum*.

O plural do adjectivo *singulus singula singulum*, que significa *isolado*, solitário, solteiro, como no inglês *single*, emprega-se como distributivo de *unus*, formado por dois elementos,

sin- correspondente a *sem-el simplex*, e *-guli* de origem ignorada e enigmática.

Os outros distributivos formam-se com o sufixo *-no*.

131 — *Bi-ni* vem de *dwis-no-i* > *bis-no-i* > *bi-no-i* > *bi-ni* (cfr. *bis* de *dwis*, e *duo* de *dw-o*); *tr-no-i* > *ter-ni*. A forma *tri-ni -ae* é análoga a *bi-ni*, pois não se deve considerar derivada de *tris-no-i tri-ni*. *Quinc-ni* deu normalmente *qui-ni*; *sex-ni* (*sec-s-ni*) evoluiu foneticamente para *se-ni* (cfr. Tômoo I, n.º 77, 5.º e 6.º).

Por analogia com *seni*, formou-se *septeni*, que normalmente devia ser *sept-ni* ou *septemni*; talvez pela mesma analogia, e ao mesmo tempo por influxo de *deni*, aparece *nou-eni* em vez de *nu-ni*. A forma *deceni* encontra-se inexplicavelmente transformada em *deni*.

As formas *uiceni triceni*, etc., nas dezenas, e *ducenti trecenti*, etc., nas centenas, são formações derivadas de *uicent-ni tricent-ni*, *ducent-ni trecent-ni*, (cfr. *uiginti* e *centum*, n.º 118, 119).

As formas *centeni* e *milleni* são de constituição regular.

IV

Multiplicativos

132 — Nos multiplicativos notam-se os elementos *-plex* e *-plus*. O primeiro pertence à raiz do verbo *plec-to*: *sim- du- tri- multi-plex*, que se encontra também em *sup-plex*, e, sobretudo no latim eclesiástico, em *com-plex*. Os adjectivos multiplicativos são declináveis, equiparados aos adjectivos de tema em *-i*, apesar da sua origem de tema em consoante; por isso, o ablativo é em *-i*, e o gen. do plural em *-ium*: abl. *simplici* (às vezes em *-e*); gen. pl. *simplicium*.

O 2.º elemento *-plus*, corresponde à mesma raiz de *-plex*, mas do grau zero, *-pl-*, com a terminação *-os*: *pl-o-s pl-u-s*: *sim-plus du-plus*, etc.

V

Advérbios multiplicativos

133 — *Semel* provém evidentemente da raiz *sem-* que indica a unidade; mas ignora-se a proveniência do segundo elemento *-el*.

Bis dimana da raiz *dw-i-*, como *duo* procede de *dw-o*, que aparece, por exemplo no inglês *two* e no neerlandês *twee*, a par do alemão *zwei*.

Ter vem de *tri-s* com a seguinte evolução fonética: *tris* > *tr̥s* > *ters* > *terr* > *ter*, assim como *quater* procede de *quatro*s > *quatr̥s* > *quater*.

Quinquies está formado com o sufixo *-iens* > *iess* > *ies*. O mesmo sufixo serviu para a formação dos outros advérbios multiplicativos, em *-ies* ou *-iens*, bem como de *toties quoties*, *totiens quotiens*.

VI

Leitura dos numerais

134 — Os números compostos de dezena e unidade, por exemplo, 23, expressam-se: 1.º) por juxtaposição, com a dezena em primeiro lugar: *uiginti tres*, *uigesimus tertius*; 2.º) por adição, com a conjunção *et*, e, geralmente a unidade no começo: *tres et uiginti*, *tertius et uigesimus*.

Os números compostos de centena e outro número mais baixo, também se lêem, por juxtaposição, *ducenti triginta*, ou por adição com a conjunção *et*, mas a centena coloca-se, geralmente, em primeiro lugar: *ducenti et triginta*, *ducentesimus et trigesimus*.

Os distributivos expressam-se quási sempre só por juxtaposição, e não empregam a conjunção *et*.

Os números de dezena, terminados em 8 ou 9 expressam-se, em geral, por subtracção de duas ou de uma unidade do número da dezena seguinte: 28, *duodetriginta*; 49, *undequinquaginta*; 98, *duodecentum*.

Os números de 100 até 1.000, expressam-se de ordinário por juxtaposição: 597, *quingenti nonaginta septem*, *quingentesimus nonagesimus septimus*.

135 — Tanto os cardinais como os ordinais usam-se sempre com o seu valor próprio, especialmente os ordinais, que se empregam sempre quando há uma ordem ou série, ao contrário do que sucede em português, que usa o cardinal em vez do ordinal: *numerus sextus*, número seis; *caput duodecesimum*, capítulo doze; *dies decima quinta*, dia quinze; *hora septima*, sete horas; *Benedictus decimus quartus*, Bento XIV, etc.

Os distributivos designam agrupamentos, como em *ibant bini*, iam dois a dois, ou distribuição, como em *binos equos habent*, tem dois cavalos cada um.

Empregam-se também os distributivos, em lugar dos cardinais, para determinar substantivos que não têm singular: *bina*, *terna* ou *trina castra*, dois, três acampamentos.

VII

136 — Operações aritméticas

A adição ou soma faz-se com os cardinais, unidos por *et*: $2 + 5 = 7$, *duo et quinque (sunt) septem*.

A subtração faz-se com os cardinais, por meio da preposição *de*: $10 - 6 = 4$, *sex de decem (sunt) quattuor*.

A multiplicação faz-se, empregando geralmente o distributivo para o multiplicando, o advérbio multiplicativo para o multiplicador, e o número cardinal para o produto: $20 \times 3 = 60$, *ter uiceni (sunt) sexaginta*. Note-se que o advérbio do multiplicador se coloca em primeiro lugar, por isso um milhão se diz *decies centena milia*, dez vezes cem mil.

Nos quebrados há três maneiras de expressão, conforme os casos:

1.º — o numerador é a unidade; neste caso usa-se só o denominador, com o ordinal e a palavra *pars*: $\frac{1}{3}$ *tertia pars*; $\frac{1}{4}$ *quarta pars*; $\frac{1}{15}$ *decima quinta pars*; $\frac{1}{2}$ diz-se *dimidia pars* ou simplesmente *dimidium*;

2.º — o numerador tem uma unidade a menos que o denominador; neste caso emprega-se só o numerador em cardinal com a palavra *partes*: $\frac{2}{3}$ *duæ partes*; $\frac{3}{4}$ *tres partes*; $\frac{7}{8}$ *septem partes*; $\frac{13}{12}$ *duodecim partes*;

3.º — na fracção de tipo diferente das anteriores, emprega-se o numerador em cardinal, e o denominador em ordinal, com a palavra *partes* clara ou oculta: $\frac{7}{10}$ *septem decimæ (partes)*; $\frac{4}{5}$ *quattuor nonæ*; $\frac{17}{20}$ *septemdecim uicesimæ*; $\frac{13}{16}$ *tredecim decimæ sextæ*; $\frac{2}{5}$ *duæ quintæ*; $\frac{5}{8}$ *quinque octavæ*.

CAPÍTULO VII

Formação e flexão dos pronomes

O grupo dos pronomes pode dividir-se em três grandes classes:

- 1.^a — Pronomes demonstrativos e relativo;
- 2.^a — Pronomes interrogativo e indefinido;
- 3.^a — Pronomes pessoais.

I

Pronomes demonstrativos e relativo : formação e flexão

Ille iste hic qui.

A formação é complicada e pouco clara.

137 — *Ille* parece formado de dois elementos:
1.º) uma partícula *il* ou *ol* (visto que se encontra primitivamente a forma *ol-li* em vez de *il-li*).

Esta partícula deve estar relacionada com o elemento primeiro que aparece em palavras que designam afastamento: *ol-im ul-tra al-ius*. 2.º) o outro elemento de *ille* é o demonstrativo propriamente dito, que se forma de *l*, *il-le* ou *ol-le*, ou de *n*, *il-ne ol-ne*, pois que as duas últimas formas também dão foneticamente *ille olle*.

Este pronome refere-se à pessoa ou objecto de que se fala: pessoa distante, *aquêle* de quem se fala.

Iste compõe-se como o precedente de uma partícula existente no ramo itálico, *is*, e do demonstrativo *te*, correspondente ao *το-τα* (ó η) do grego: *is-te*.

Refere-se à pessoa e, conseqüentemente, ao objecto, com quem se fala: *êsse* que está aí contigo.

Hic, demonstrativo de aproximação, referente à pessoa e, por concomitância, ao objecto com que se fala ao perto: *êste* que está aqui comigo.

Ao contrário dos anteriores, tem em primeiro lugar o demonstrativo, *hi-*, e em segundo lugar a partícula epidíctica *-ce*, a qual se mostra nas formas *monossilábicas* do singular, *hic hæc hoc huic hunc hanc hac*; no plural só se encontra por obrigação no neutro *hæc* para o distinguir do feminino *hæ*.

Ao lado dos demonstrativos aparece um anafórico, *is ea id*, que, pelo radical, é próximo parente de *hic*, embora, pelo seu valor gramatical, seja directamente um correlativo de *qui*: *is... qui, id... quod, eo... quo*.

138 — *Qui quæ quod*, é o pronome relativo, formado pelos temas *quo qua* (*kwo-*, *kwa-*); o primeiro para o masculino e neutro, o segundo para o feminino, aos quais se junta a partícula *-i*, para o nominativo masculino e feminino: *quo-i* > *que-i* > *qui*; *qua-i* > *qua-e*. O neutro formou-se do tema *quo* com a desinência *d*, própria do neutro dos demonstrativos: *quo-d*.

A flexão do relativo de tema *quo*, foi influenciada pelo tema *qui* (*kvi-*) do pronome interrogativo (vid. n.º 153); d'este influxo resultou uma contaminação da flexão do relativo-interrogativo, que, nuns casos segue a raiz *quo*, noutros a raiz *qui*. Assim, o acus.-sing. *quem* e o dat.-abl. do plural *qui-bus*, assentam sobre a raiz do interrogativo. Vid., flexão do interrogativo, n.ºs 152-154).

Flexão

SINGULAR

139 — Nom. masc.: *ille iste hic qui*. São nominativos assigmáticos de tema em *o*.

Nom. fem.: *illa ista hæc quæ*. Os dois primeiros são temáticos, de tema em *a*, como *rosa*; os outros dois, *hæc quæ*, são igualmente temáticos acrescentados com a partícula *-i*, em *ha-i-c qua-i*, e com a partícula *-ce* em *ha-i-ce ha-i-c ha-e-c*.

Nom. neutro: *illu-d istu-d hoc quo-d*, são temáticos em *-o* com a desinência *d* dos demonstrativos na forma neutra. Em *hoc* a formação é idêntica: *ho-d-ce ho-c-ce ho-c-c ho-c*.

140 — Genitivo: *il-li-us is-ti-us hu-i-us cu-i-us*. O genitivo do *demonstrativo-relativo* tem evolução complicada, mas que se pode, talvez, explicar por acumulação do genitivo temático do tipo *domin-i* e do genitivo atemático do tipo *-os*, como em *nomin-os* > *nomin-us*; *Cæsar-os* > *Cæsar-us*, a par de *Cæsar-is*. Assim teríamos: *il-li-os is-ti-os ho-i-os quo-i-os*, que deram as formas *illius istius huius cuius*. Vid. flexão do interrogativo (154).

Note-se que a terminação *-os* dos atemáticos é comum para os três gêneros; por isso também os demonstrativos e relativo têm uma forma comum para o masculino, feminino e neutro no genitivo.

141 — Dativo: *illi isti huic cui*. Estes pronomes apesar de serem temáticos foram buscar o dativo em *-i* aos substantivos atemáticos do tipo

reg-ei reg-i, cuja terminação por ser comum para os três géneros, deu a mesma forma igualmente para os três géneros dos pronomes. A forma *huic*, que é a mais complicada, provém de *ho-ei-ce* > *ho-i-c* > *hu-ic*.

142—Acusativo: O acus. masc. é temático em -o: *illom istom hunc* (*hunc*); a forma *quem* do relativo vem do tema *qui-m* do interrogativo (cfr. *quim quem*), e não do tema *quo-m*, o qual daria *quum* com perigo de se confundir com a conjunção *quum* (*cum*).

Acus. fem.: *illam istam hanc quam* são nitidamente de tema em -a.

Acus. neutro: *illud istud hoc quod* são idênticos ao nom. neutro, temático.

143—Ablativo: *illo isto hoc quo*. São evidentemente temáticos, com a perda do *d* desinencial do ablativo, como nos substantivos de tipo *domino-d domino*. Os ablativos femininos *illa ista hac qua* são de tema em -a, como em *rosa-d rosa*, assim como os neutros, iguais aos masculinos.

PLURAL

144—Nom. masc. O plural dos demonstrativos terminava em -i, como se observa ainda em

grego: *allo-i*, ἄλλοι. Por isso em latim, as formas primeiras dos demonstrativos foram *illo-i isto-i ho-i quo-i*. Esta terminação exerceu influência no nominativo do plural dos substantivos e entrou a figurar na flexão dos substantivos temáticos de tema em -o (cfr. flexão dos substantivos, n.º 34), como *domino-i poplo-i*. A final -oi passou mais tarde a -ei, *dominei poplei foideratei*, e, por fim, a -i: *domin-i popul-i fæderat-i*. Foi, pois, a terminação dos pronomes demonstrativos que deu origem à desinência do nominativo do plural daqueles substantivos, exactamente como *illoi istoi hoi quoi* que passaram, por intermédio de *illei istei hei quei*, a *illi isti hi qui*.

Nom. fem.: *illæ istæ hæ quæ*, como se vê, derivam do tema em -a, com o -i pronominal do masculino: *illa-i ista-i ha-i qua-i*.

145 — *Nom. e acusativo neutro*. Este caso terminado em -a, equivale a um antigo colectivo, que veio desempenhar as vezes de plural neutro dos substantivos e pronomes: *illa ista* têm o mesmo valor gramatical que os substantivos *iuga templa nomina animalia*. O valor colectivo aparece claramente em grego nas frases do tipo *tà zōa tréchei* τὰ ζῶα τρέχει, nas quais o verbo fica no singular, apesar de o sujeito ser um plural neutro.

A forma neutra *hæc* tomou a partícula epictica para se distinguir do feminino *hæ*; e a forma neutra do relativo é igual à feminina, *quæ*, para a diferenciar do indefinido *qua*.

146 — *Genitivo*. Este caso termina com uma desinência composta *-s-om*, proveniente de um antigo *-is-om*. A desinência *-som*, sonorizada, deu *-rom* que depois foneticamente passou a *-rum*. Foi o feminino dos pronomes que primeiro tomou tal desinência, *ista-rum illa-rum ha-rum qua-rum* a qual depois foi adoptada pelo masculino: *illo-rum isto-rum ho-rum quo-rum*, assim como pelo neutro.

Esta desinência introduziu-se mais tarde na flexão do genitivo do plural dos substantivos temáticos: *rosa-rum domino-rum*. (Cfr. flexão dos substantivos, n.º 38).

147 — *Acusativo*. O acusativo dos pronomes termina, como nos substantivos, em *-ons* > *-os*, no masculino: *illos istos hos quos*; em *-ans* > *-as*, no feminino: *illas istas has quas*.

148 — *Dativo-ablativo*. Do antigo instrumental em *-ōis* formou-se *-ōis*, segundo a lei de Osthoff (cfr. Têmo I, n.º 80), e daqui veio *-is*, que serve de dativo-ablativo-instrumental-locativo, tanto nos substantivos como nos pronomes:

dominis illis istis his quis, depois *qui-bus* por analogia com o interrogativo.

As formas femininas têm a sua formação em *-āis > -ās > -is* por analogia com as masculinas: *illis istis his*.

149 — Na categoria dos demonstrativos aparecem dois pronomes curiosos: *ipse ipsa ipsum* e *is ea id*.

Iipse é um pronome intensivo que se usa para indicar especialmente certa pessoa ou coisa, ou para manifestar oposição com outra pessoa. *Iipse feci*, eu próprio fiz e não outro.

Na linguagem familiar, sobretudo entre os escravos, *ipse* significa o patrão, o senhor, o dono. O *ipse dixit* revela, em parte, esse valor, ao traduzir o pitagórico *autòs éphē*, αὐτός ἔφη; é, como diz a glosa, *pronomen honoris*.

O valor intensivo de *ipse* pode ser ampliado com a partícula *met*: *ipse met ipsomet*.

A mesma partícula com o mesmo pronome serve também para vincar mais fortemente o significado de outros pronomes, especialmente dos pronomes pessoais e reflexos: *egometipse memetipsum semetipsum*.

150 — A formação do pronome intensivo *ipse* (Ernout, pág. 143, chama-lhe *adversativo*) é sim-

ples: um pronome *i*, sem desinência (semelhante a *is*, com desinência), com uma partícula reforçativa, *pse*.

A flexão, porém, é complicada, por ter passado por duas fases opostas. Na primeira, houve a flexão do pronome, ficando invariável a partícula, como se vê perfeitamente nas formas arcaicas, *ea-pse eo-pse*, e no advérbio da língua clássica *reapse*, proveniente da flexão *re eapse*. Na segunda fase, o pronome *i* perdeu a flexão, e o conjunto *ipse*, aparentemente idêntico a *ille iste*, começou a ter a flexão destes pronomes; quere dizer, a partícula invariável *-pse* tomou a flexão dos demonstrativos: *ipse ipsa ipsius ipsi*, etc. Contudo o neutro é *ipsum* e não *ipsud*, que só aparece na baixa latinidade; e isto parece mostrar que houve hesitação na formação deste pronome, como se êle fôsse *ipsos ipsa ipsum*, semelhante a *unus una unum, totus tota totum*, que têm igualmente o genitivo *unius totius* e o dativo *uni toti*.

A flexão de *ipse*, fora o neutro *ipsum*, é idêntica à de *ille iste*.

151 — O outro pronome que entrou na categoria dos demonstrativos é *is ea id*, o qual era primitivamente um correlativo de *qui quæ quod*: *is... qui*.

Is vem do radical *ey-* > *i-* que se alargou em *eyo-* para algumas formas do masculino-neutro, e em *eya-* para o feminino. Era, portanto, uma palavra de tema em *-i*, que, com o andar dos tempos, recebeu, por meio da ampliação *eyo eya*, algumas formas de flexão dos temáticos em *o* e em *a*; tirando umas pequenas variantes, tem a flexão dos demonstrativos.

SINGULAR

Nom.	<i>ey-s</i> > <i>i-s</i> <i>eya</i> > <i>ea</i> <i>ey-d</i> > <i>i-d</i>
Gen.	<i>ey-i-os</i> > <i>ey-i-us</i> > <i>eius</i>
Dat.	<i>ey-ei</i> > <i>ey-i</i> > <i>ei</i>
Acus.	<i>eyo-m</i> > <i>eo-m</i> > <i>eum</i> ; <i>eya-m</i> > <i>eam</i> ; <i>id</i>
Abl.	<i>eyo-d</i> > <i>eo-d</i> > <i>eo</i> ; <i>ea</i> ; <i>eo</i>

PLURAL

Nom.	<i>ey-oi</i> > <i>ei-ei</i> > <i>ei-i</i> > <i>i-i</i> , <i>i</i> (<i>ei</i>); <i>eya-i</i> > <i>ea-i</i> > <i>eae</i> ; <i>ea</i>
Gen.	<i>eyo-rum</i> > <i>eorum</i> ; <i>earum</i> ; <i>eorum</i>
Dat-abl.	<i>ey-ōis</i> > <i>ey-ōis</i> > <i>ey-is</i> > <i>i-is</i> , <i>is</i> (<i>eis</i>)
Acus.	<i>eyo-ns</i> > <i>eos</i> ; <i>eya-ns</i> > <i>eas</i> ; <i>ea</i> .

No nominativo do pl. encontra-se também a forma *ei*, e no dat.-abl. a forma *eis*, que foram constituídas por analogia com o genitivo *eorum earum* e com o acus. *eos eas*.

O pronome de identidade *idem eadem idem* está formado com o pronome *is ea id* e com a partícula reforçativa *dem*: *is-dem* > *idem*, (cfr. Tômo I, n.º 65, 2.º).

II

**Pronome interrogativo e indefinido:
formação e flexão**

152 — O pronome interrogativo-indefinido *quis quæ (qua) quid (quod)* baseia-se num radical duplo: *qui/quo (kvi-/kvo-)*. Tinham primitivamente o mesmo valor e o mesmo sentido, só com esta diferença: quando era acentuado servia de interrogativo; quando era átono, servia de indefinido, como no grego, *τις* (interrog.), *τις* (indef.).

Aqueles temas correspondia mais uma forma de tema em *-a*, *qua (kwa-)* para o feminino.

153 — Com o rolar dos anos e com a evolução lingüística, o tema *qui-* especializou-se para o interrogativo-indefinido, e o tema *quo-*, por inovação latina, especializou-se para o relativo. Assim formou-se, no nom. masc. *qui-s*, para o interrog.-indef.; *quo-i* > *qui*, para o relativo. (Cfr. formação e flexão do relativo, n.º 138).

O nom. fem. era ao princípio também *quis*, como o nom. masc.; mas, por analogia com o relativo, passou a ser *qua-i* > *quæ* no interrogativo. No indefinido, porém, o nom. feminino, não recebeu a partícula *i*, dado o carácter indefinido do pronome, e ficou só o tema *qua*.

O nom. neutro do interrog.-indefn. formou-se do tema *qui-* com a desinência pronominal neutra *-d*: *qui-d*; ao passo que o relativo *quod* deriva, como é óbvio, do tema *quo-*.

154 — Nos outros casos houve influências mútuas, de modo que umas vezes o interrogativo contaminou o relativo; outras vezes foi este que exerceu influxo sobre aquê. Daqui se originou a flexão idêntica destes pronomes nos casos oblíquos.

SINGULAR

Interrog.-indefn.

Relativo

Tema *qui-* *qua-*Tema *quo-* *qua-*

Nom.	<i>qui-s</i>	<i>qua-i</i> > <i>quae</i>	<i>qui-d</i>	<i>quo-i</i> > <i>qui</i>	<i>quae</i>	<i>quod</i>
		(indefn. <i>qua</i>)				
Gen.		<i>quo-i-os</i> > <i>qu-u-i-os</i>		<i>cuius</i>		
Dat.		<i>quo-i-ei</i> > <i>qu-u-ei</i>		<i>quu-i</i> > <i>cui</i>		
Acus.	<i>qui-m</i> > <i>que-m</i> , <i>quam</i>	<i>quid</i>	<i>qui-m</i> > <i>quem</i>	<i>quam</i>	<i>quod</i>	
Abl.		<i>quo-d</i> > <i>quo</i>	<i>qua-d</i> > <i>qua</i>	<i>quo-d</i> > <i>quo</i>		

PLURAL

Nom.	<i>qui</i>	<i>quae</i>	<i>quae</i>	(indefn. <i>qua</i>)
Gen.	<i>quorum</i>	<i>quarum</i>	<i>quorum</i>	
Dat.-abl.	<i>qui-bus</i>			
Acus.	<i>quos</i>	<i>quas</i>	<i>quae</i>	(indefn. <i>qua</i>)

155 — Comparando as flexões, vemos que só o nom. do singular é diferente, entre o interrogativo-indefinido e o relativo.

Vê-se também que o tema *qui-* do interrogativo forneceu para a flexão comum as desinências *-os* > *-us* do genitivo do singular e do dativo do singular *-ei* > *-i*, que são próprias dos temas em *-i*; deu igualmente o acus. masc. do singular *qui-m* > *que-m*, e o dat.-abl. do plural com desinência *-bus* dos temas em *-i*: *qui-bus*.

No indefin., a forma neutra do nom.-acus. do plural não tem a partícula epidíctica *i*, exactamente como a forma feminina do nom. singular: *qua*.

A conjunção *qui-a*, como se vê imediatamente, corresponde a um nom. acus. do plural neutro, formada com o tema *qui-*, mais a desinência neutra *-a*; *qui-a* é, portanto, um antigo colectivo com valor causal, empregado certamente na língua antiga com valor interrogativo.

Interrogativos-indefinidos compostos

156 — A forma *quis* entra em composição de diferentes espécies pronominais:

1.º — precedido do nominativo pronomial *ali-* compõe o indefinido *ali-quis ali-qua ali-quid*;

2.º — com partículas generalizantes, de origens diversas, para designar múltiplos pormenores do indefinido: *quis-nam quae-nam quid-nam*; *quis-piam*; *quis-quam*; *quis-que*, o qual aparece reforçado com *unus*, *unus-quis-que una-quae-que unum-quid-que*; *qui-dam* (de *quis-dam*), *quae-dam quid-dam*; *qui-cum-que quae-cum-que* indefinido-relativo;

3.º — com redôbro: *quis-quis quae-quae quid-quid* ou *quic-quid*.

4.º — com elementos verbais: *qui-libet quae-libet quid-libet*; *qui-uis quae-uis quid-uis*; *qui-uis-cum-que quae-uis-cum-que*, etc.

157 — Os pronomes interrogativos-indefinidos podem empregar-se como adjectivos da mesma qualidade usando em vez de *quid*, no neutro, a forma *quod*, e podendo usar-se, em lugar do *quis* masculino, a forma *qui*.

158 — O pronome indefinido *quis qua quid* conserva o seu valor átono primitivo, isto é, o seu valor de enclítica, e por isso tem emprêgo muito restrito: só se usa depois das partículas *si ne num an nisi siue sin*, e em outros casos particulares como ensina a syntaxe. O pronome *ali-quis* tomou geralmente o lugar de *quis*.

III

Pronomes pessoais e reflexos: formação e flexão

159 — Os pronomes pessoais formam um caso muito característico e muito complicado no capítulo da flexão pronominal, como se observa pelos quadros de flexão.

SINGULAR

	Pessoais			Reflexos		
	1. ^a	2. ^a	3. ^a	1. ^a	2. ^a	3. ^a
Nom.	<i>ego</i>	<i>tu</i>	—	—	—	—
Gen.	<i>mei</i>	<i>tui</i>	—	(<i>mei</i>)	(<i>tui</i>)	<i>sui</i>
Dat.	<i>mihi</i>	<i>tibi</i>	—	(<i>mihi</i>)	(<i>tibi</i>)	<i>sibi</i>
Acus.	<i>me</i>	<i>te</i>	—	(<i>me</i>)	(<i>te</i>)	<i>se</i>
Abl.	<i>me</i>	<i>te</i>	—	(<i>me</i>)	(<i>te</i>)	<i>se</i>

PLURAL

Nom.	<i>nos</i>	<i>uos</i>	—	—	—	—
Gen.	<i>nostrum</i> (<i>nostrī</i>)	<i>uestrum</i> (<i>uestrī</i>)	—	—	—	<i>sui</i>
Dat.	<i>nobis</i>	<i>uobis</i>	—	—	—	<i>sibi</i>
Acus.	<i>nos</i>	<i>uos</i>	—	—	—	<i>se</i>
Abl.	<i>nobis</i>	<i>uobis</i>	—	—	—	<i>se</i>

A análise mostra-nos quatro pronomes pessoais: *ego*, para a 1.^a pes. do sing.; *tu*, para a 2.^a; *nos*, para a 1.^a do pl.; *uos* para a 2.^a.

É manifesto que *nos* e *uos* não são o plural de *ego* e *tu*, visto que *nos* significa «eu e tu», «eu e vós», «eu e outros»; *uos* significa «tu e ele», «tu e outros»; como em português o plural de «eu» não é «nós», mas *eus*; e o plural de «tu» não é «vós», mas *tus*.

Não há em latim pronome pessoal da 3.^a pessoa; os pronomes demonstrativos fazem as suas vezes. Em compensação o pronome reflexo existe só na 3.^a pessoa, com formas paralelas para o singular e plural. As funções de reflexo nas duas primeiras pessoas são desempenhadas pelos casos oblíquos dos pronomes pessoais respectivos.

Ego emprega-se para os três géneros, assim como *tu nos uos se*.

SINGULAR

160 — Nominativo. A forma *ego* do caso sujeito deriva de uma raiz especial, diferente da raiz *em* ou *m* que aparece nos outros casos da flexão; mas a raiz da 2.^a pessoa, *tw-* que se reduz a *t-*, encontra-se em todos os casos, no recto e nos oblíquos.

As formas do reflexo derivam tôdas da mesma raiz *sw-*, que se pode reduzir a *s-*. É claro que o pronome reflexo não tem o caso sujeito.

As raízes *tw-* e *sw-* são do grau zero; as do grau *e* seriam *tew-* e *sew-*; as de grau *o* são *tow-* e *sow-*, como veremos nos adjectivos possessivos, próximos parentes dos pronomes pessoais e reflexo. (Cfr. n.º 169).

161 — *Genitivo*. O genitivo *mei* da 1.^a pes. foi importado do genitivo do adjectivo possessivo, o qual, por seu lado, fôra constituído sôbre a forma enclítica *mey-* > *mi-* do pronome pessoal. Quere dizer, a raiz enclítica do pron. pes. *mey-* serviu para se construir o adjectivo possessivo: *mey-os* > *meos* > *meus*; depois o genitivo do singular dêste adjectivo, sob a forma *mei*, foi fazer parte, como genitivo, da flexão do pronome, *ego mei*. (Cfr. adject. poss. n.º 169).

Os genitivos *tui sui* foram também tomados ao genitivo dos adj. poss., mas a formação é diferente.

Primitivamente houve os genitivos *mis tis*, provenientes das formas enclíticas *moi toi* que deram *mei tei* e depois *mi ti*, com a desinência *s* do genitivo dos temas em *i*. A forma hipotética do genitivo *sis* não se encontra nos autores antigos.

162 — *Dativo*. Os dativos *mihi tibi sibi* estão formados dos respectivos radicais enclíticos (*mi-ti-si-*, provenientes de *moi toi soi*, depois *mei lei sei*, e por fim *mi ti si*), com uma partícula adverbial, gutural aspirada (*ghi > hi*) para a 1.^a pessoa, e labial-aspirada para a 2.^a e para o reflexo (*bhi > bi*): *mi-hi ti-bi si-bi*.

163 — *Acusativo*. As formas de acusativo *me te se* não apresentam a desinência *m*, própria deste caso (cfr. *quem illum hunc*), o que é notável; mas ainda é mais extraordinário que este caso primitivamente terminava com um *d* reforçativo, como se lê nas inscrições: *Manios med fhefhaked*; *med feced* lê-se na inscrição de Dwenos, com o acusativo terminado em *d*, para o qual não existe explicação satisfatória.

164 — *Ablativo*. O ablativo tem formas idênticas ao acusativo, *me te se*; mas o processo de formação no ablativo é normal, pois as formas derivam de *med ted sed*, com a desinência *d*, característica deste caso; cfr. *praidad > praeda*, *illod > illo*, *quod > quo*, *med > me*, etc.

PLURAL

165 — *Nominativo-acusativo*. As formas *nos uos*, provenientes dos radicais *nō- uō-*, tiveram

talvez primitivamente só as funções de acusativo. Depois, ou por não haver forma própria de nominativo, o que não parece natural, ou por se ter abandonado o que havia, o que se nos afigura mais exacto (tanto mais que já na flexão dos substantivos se davam casos de identidade entre o nominativo e o acusativo), — a forma de acusativo *nos* e *uos* do pronome passou também a exercer as funções de sujeito.

Note-se que no singular há duas formas, uma para nominativo, outra para acusativo: *ego me*, *tu te*; no plural, há só uma para os dois casos: *nos uos*, nom.-acus.

166 — Genitivo. As formas *nostrum uestrum*, *nostri uestri*, foram importadas do genitivo dos adjectivos possessivos, como já sucedera com os genitivos *mei tui sui*, no singular.

Observe-se, porém, que *nostrum uestrum*, são formas importadas do genitivo do plural do adject. poss., que, em vez de *nostrorum uestrorum*, com a desinência *-rum*, se apresentam com a desinência *-um*: *nostrum uestrum*. As formas *nostri uestri* vêm também do genitivo do adject. poss., mas do genitivo do singular (1).

(1) Ernout, op. laud., § 151, pág. 163, diz que *nostri uestri* são genitivos singulares do neutro dos possessivos: *nostrum* «o nosso ser», *uestrum* «o vosso ser». Parece fun-

O uso diferenciou o emprego das duas formas: *nostrum uestrum* empregam-se no sentido partitivo: *quis nostrum, maxima pars uestrum*; *nostri* e *uestri* empregam-se como genitivos objetivos: *miserere nostri, recordor uestri*.

167 — *Dativo-ablativo*. *Nobis uobis* foram formados por analogia com as formas *nos uos* do acusativo-nominativo, sobre os temas *no- uo-*, com uma desinência *-bis*, proveniente de um antigo *-beis*, pois encontram-se formas do tipo *uobeis, nobeis*.

IV

Adjectivos possessivos

Entram aqui os adjectivos possessivos porque, como já tivemos ensejo de indicar, estão intimamente ligados aos pronomes pessoais.

168 — Os adjectivos possessivos são: *meus mea*

dar-se para esta explicação no verso de Lucrécio, IV, 39: *Neue aliquid nostri post mortem posse relinqui*. Não julgamos que o *nostri* do verso prove tanto como pretende o il. A., sobretudo se considerarmos expressões como estas: *miserere nostri, recordor uestri*, etc.

meum, tuus tua tuum, noster nostra nostrum, uester uestra uestrum.

O adjetivo possessivo *suus sua suum* tem as mesmas formas no singular e no plural, e só se emprega com valor de reflexo; nos outros valores usa-se o genitivo do demonstrativo. Assim, *pater suus*, com sentido reflexo, distingue-se de *pater illius*, «o pai dele».

169 — *Meus mea meum* está construído sobre a forma enclítica do pronome pessoal, *moi-me-*, à qual se acrescentou a vogal temática dos substantivos, *-o, -a*: *mei-os > me-os > meus; mei-a > me-a*.

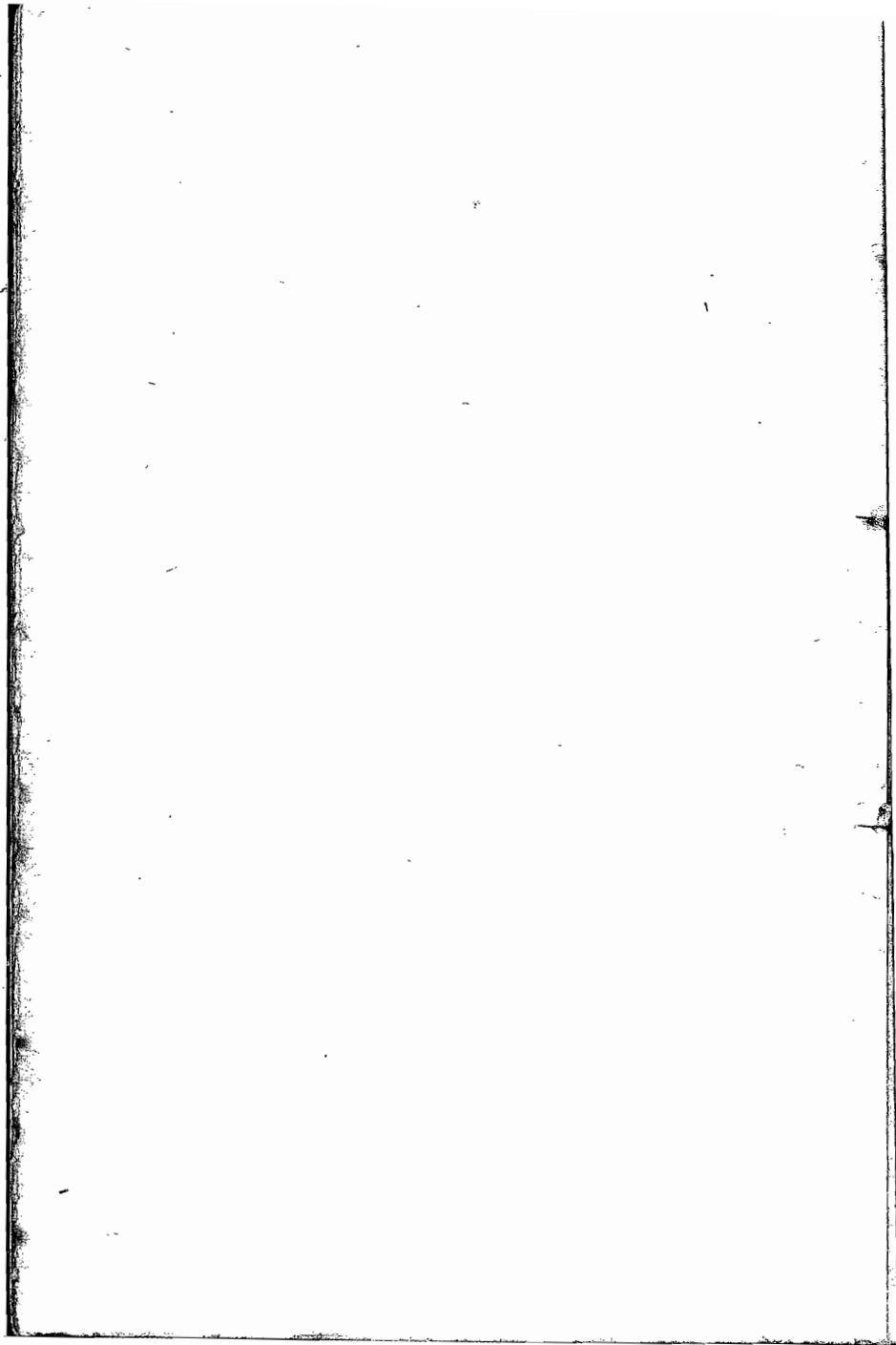
A enclítica *mei*, sob a forma *mi*, encontra-se claramente no vocativo do adjetivo possessivo: *fili mi, mi bone, dilecte mi*.

Tuus e *suus* derivam das raízes de grau *o*, *tow-sow-*, com a vogal temática *o, a*: *tow-o-s > tu-os > tuus; sow-o-s > su-os > suus; tow-a > tua, sow-a > sua*.

Noster e *uoster (uester)* estão formados com os pronomes *nos uos* e com o sufixo *-tero* de oposição entre dois termos (cfr. suf. *-tero*, n.º 419 e 96).

A passagem de antigo *uoster* ao *uester* clássico é fonética.

170 — Todos estes adjectivos têm flexão idêntica à dos adjectivos de tema em *o a*, do tipo *dignus digna dignum*, *pulcher pulchra pulchrum*, notando que o vocativo de *meus* é *mi* (cfr. n.º 46).



TERCEIRA PARTE

Flexão verbal

CAPÍTULO I

Noções gerais

171 — Dividem-se os verbos geralmente em *transitivos* e *intransitivos*; aquêles com um complemento de objecto em acusativo; estes, sem tal complemento. Mas a noção de transitivo e intransitivo, considerada, sob êsse aspecto, não é absoluta nem exacta.

Com efeito, verbos há que, normalmente, têm o complemento de objecto em acusativo, e, nesse caso, são transitivos, mas podem não ter tal complemento e, então, seriam intransitivos; assim como existem verbos que, em geral, não têm êsse complemento, mas, de quando em quando, podem tê-lo. Donde se colhe que aquela noção de transitivo e intransitivo não é absoluta.

Além disso, o complemento de objecto no acusativo não implica uma acção ou um pro-

cesso de a realizar diferentes da acção ou processo com o complemento em outro caso diverso: *lego hunc librum, utor hoc libro, recordor huius libri*, são construções sintácticas diferentes, mas o complemento de objecto é sempre o mesmo e sobre êle recai da mesma maneira a acção verbal, apesar de só uma vez estar em acusativo. Dá-se até, freqüentemente, o caso de o verbo simples ter o complemento em acusativo, e o verbo composto dêsse simples ter o complemento em outro caso diferente, ou não o ter em caso nenhum. Daqui se infere que a noção de verbo transitivo e verbo intransitivo não é exacta; é uma nomenclatura de pura ficção, que não revela a realidade dos factos gramaticais.

Seria mais exacto dar-lhes o nome de verbos com complemento de objecto no acusativo, verbos com complemento de objecto no genitivo, no dativo, no ablativo. Esta nomenclatura, porém, tem, como é bem manifesto, o inconveniente de ser muito difusa.

I

Voz activa e voz médio-passiva

172 — Em relação íntima com aquela noção de verbos transitivos, apareceu a noção de voz activa e voz passiva, que, por sua vez, também

não é exacta; diz-se geralmente que têm voz passiva os verbos que, na voz activa, são transitivos, e portanto, só os verbos que têm complemento directo, podem ter voz passiva.

Observe-se desde já que, mesmo nesta aceção corrente, a voz passiva nem sempre traduz o valor ideológico da activa. Por exemplo: a frase «quero que respeitem as leis» indica um conteúdo ideológico diferente de «quero que as leis sejam respeitadas»; pois, na activa exige-se um respeito activo, concreto, com sentimentos de veneração e acatamento, que a frase, na voz passiva, como tal, não inclui.

Este exemplo dá uns vislumbres de valores e de processos existentes na voz activa e na voz passiva.

A voz activa, por si, indica o sujeito que pratica uma acção, e indica também o estado-pura e simplesmente; ao passo que a voz passiva, por si mesma, não designa o sujeito nem o estado. A frase «o aluno escreve a lição» indica o sujeito que pratica o acto de escrever ou se encontra no estado de escrever; mas «a lição é escrita pelo aluno» não indica nenhum sujeito-agente, pois o sujeito «lição» é paciente, nem indica qualquer estado psicológico ou vital ou de actividade concreta ou abstracta, porque o sujeito «lição» não comporta, por si mesmo, nenhum estado.

Ora, a diferença que mal se distingue em português, entre a voz activa e a voz passiva, era muito vincada em latim. A voz passiva latina servia precisamente para indicar a impersonalidade do sujeito, quer dizer, servia para indicar a falta de sujeito verbal. É por isso que a voz activa não era usada só com os verbos chamados transitivos, mas também com os chamados intransitivos, com a impessoalidade do sujeito: *itur, bibitur, curritur, uiuitur*.

173 — Além da voz activa e da voz passiva, existia a *voz média*, de uso corrente e abundante no grego, e de que se conservam amplas formações em latim.

A voz média tinha por função primária indicar uma acção que se relacionava especialmente com o sujeito: daí, o emprêgo para expressar a acção reflexa e os fenómenos de actividade mental, pois tanto a acção reflexa como os actos de espírito estão em íntima relação com o sujeito.

Para expressar a acção reflexa, em alguns casos raros, a voz média servia-se das desinências activas, como em *lauo*, que significa «lavo» e «lavo-me», *lauandi causa*, por causa ou com o fim de se banharem. Fora de tais casos raros, a voz média empregava as desinências que se encontram na voz passiva: *cingor*, aperto-me;

induor, visto-me; *per humum evoluuntur* (TÁC., Germ. XXXIX, 7), revolvem-se na terra; *sæpius lauantur calidâ*.

174 — São abundantíssimos os exemplos de verbos, usados em autores latinos de tôdas as épocas, com aspecto passivo, mas com função média. Nesta categoria estão, em particular, os verbos chamados *depoentes* ⁽¹⁾ que são verdadeiros representantes da voz média, isto é, verbos com desinências passivas, mas com função verbal correspondente à dos verbos que têm complemento de objecto: *sequo-r patrem*, *frui-tur esca*. Tais verbos *depoentes* são idênticos aos verbos gregos de voz média: *hépomai tôn patéra*, *ἐπομαι τὸν πατέρα*.

Também os participios verbais, especialmente na linguagem poética, quer dos poetas quer dos historiadores, que têm complemento de objecto, são geralmente da voz média: *percussæ pector* (Verg., En. XI, 877); *cetera intecti* (TÁC., Germ. XVII). Da mesma maneira, alguns adjectivos, com valor participial, desempenham também funções de voz média, em estilo poético: *nudæ*

(1) Os gramáticos latinos dão o nome de *depoentes* aos verbos que *depuseram* as desinências activas, embora conservem valor activo. É uma designação de fantasia.

brachia ac lacertos (TÁC. Germ., xvii), correspondente a *nudatæ brachia ac lacertôs* ⁽¹⁾.

É certo que juntamente com a função reflexa da voz média coexistia a construção própria-mente reflexa, feita por meio dos pronomes respectivos: *lauor* e *lauo me*; *cingor* e *cingo me*, etc.

O verbo médio, porém, tem o particípio presente, de aspecto activo, *sequens* de *sequor* como *dicens* de *dico*, o qual em alguns casos tem valor activo, como *sequens patrem*, e em outros tem valor reflexo, como *exercens*, «o que exercita» ou «o que se exercita», correspondente a *exerceo* e a *exerceor*. Tem além disso o verbo médio uma forma nominal adjectiva, terminada em *-ndus*, de valor passivo, *sequendus* como *dicendus*.

175 — Pela contaminação das três vozes e e pelo influxo de umas sôbre as outras, em virtude de analogias fonéticas e de processos sintacticos, resultou a confusão na flexão verbal e incompreensão dos valores especiais que caracterizavam as vozes latinas. E assim, a voz média, que tanta importância tivera na flexão e construção verbal, especialmente na função reflexa, vencida nesta função característica pela pujança dos pronomes, que tornavam a frase mais con-

⁽¹⁾ Simões Neves (Dr. J.) — *Sintaxe Latina*, pág. 61-62.

sistente e mais expressiva, *lauo me*, *lauat se* em vez de *lauor lauatur*, tanto mais que estas últimas formas se pareciam com as formas da voz passiva, começou a declinar, até que desapareceu completamente da nomenclatura gramatical, sem, contudo, deixar de existir realmente.

Ficaram, pois, na terminologia corrente, só duas vozes, activa e passiva, as quais por si sós não revelam o estado dos factos gramaticais.

Os gramáticos, que prescindem da voz média, põem em confronto a voz activa com a voz passiva, estabelecem entre elas relações gramaticais e valores ideológicos, que, na realidade, não têm fundamento histórico nem correspondem à verdade da evolução lingüística.

A verdade é muito diferente das considerações que abundam nas gramáticas.

176 — A voz activa, ou melhor, as desinências da voz activa não indicam que o verbo deva ter qualquer complemento de objecto: *uiuit*, *aperit* têm o mesmo tipo de desinência activa; contudo, o primeiro não tem geralmente qualquer complemento; o segundo, tem-no em geral; quere isto dizer, que o que o tem, pode não tê-lo, ao passo que o outro, que por norma, não o tem, pode recebê-lo.

Mas há mais. As desinências activas, no sistema verbal antigo, também não indicavam que

o processo verbal fôsse activo ou passivo; o processo activo ou passivo não se formava com tais desinências: *res male uertit* tanto significa «a coisa vai mal» como «tornou-se má»; *fores aperit*, significa «a porta abre» e a «porta abre-se» (1).

177 — Por seu lado, a voz média indica que o processo verbal está, de qualquer modo, em relação estreita com o sujeito; daí, a acção reflexa, que, como é óbvio, tem íntima relação com o sujeito: *cingor lauor*. Igualmente, as acções do espírito estão em intimidade de relação com o próprio sujeito. Nada mais íntimo que a actividade espiritual de cada qual; daí, as formas da voz média, *reor opinor recordor reminiscor, arbitror*.

Pois bem; a voz passiva a que se dá tanto valor, não existia, como tal, na flexão antiga; só existia, com aspecto passivo, o verbo de função impessoal, do tipo *curritur, fertur, uentum est, pugnatum est* (2).

(1) Em português deparam-se-nos certas expressões de valor aproximado ao das frases latinas: a porta não fecha bem ou não se fecha bem; o ferrolho corre bem ou corre-se bem; êste parafuso não desanda e não se desanda, etc.

(2) Com valor impessoal, aparecem também na nossa

178 — A voz passiva das gramáticas não é originária, no latim; a voz passiva saiu de uma adaptação da voz média, que era primitiva, combinada com as formas de valor impessoal, terminadas em *-r*, do tipo *itur curritur*. Este valor impessoal ainda transparece nos autores clássicos: *cum a Cotta resisteretur* (Caes., *De bello gal.*, v, 30, 1) não quer dizer *cum Cotta resisteret*, assim como *cum ab hostibus constanter ac non timide pugnaretur* não significa *cum hostes... pugnarent*; num e noutro caso está bem vincado o valor impessoal nesses textos de César.

Ora foi precisamente de tal valor impessoal, caracterizado com a desinência *-r*, que saíram as terminações finais em *-r* da voz passiva: *fero-r fertu-r ferimu-r feruntu-r*. E foi de uma adaptação da voz média que apareceram a desinência *-re*, da 2.^a pes. do singular (*seque-re* ao lado *seque-ris*), a desinência *-to-* que está em *sequi-to-r* > *sequitur*, e a desinência *-nto-* que entra em *sequu-nto-r* > *sequuntur* (cfr. desinências passivas, n.º 197-203).

De tudo isto se conclui que, em vez de se falar de *voz activa* e de *voz passiva*, se deveria

língua frases do tipo latino *itur estur*, como *vai-se* andando; *vai-se* vivendo, *vive-se*; lá *come-se* bem e *bebe-se* melhor; *morre-se* de frio; *abafa-se* com calor, etc.

dizer *voz activa* e *voz médio-passiva*, com inclusão, nesta última, dos verbos depoentes, que, afinal, são de voz média.

II

Desinências da flexão verbal

As desinências das formas verbais têm lugar de relevo na flexão verbal, pois elas, por si sós, indicam o sujeito da forma verbal, exactamente como as desinências casuais da flexão nominal indicam o caso em que se encontra a forma do nome: são morfemas.

179 — As desinências verbais, cuja evolução vamos expor, são as seguintes:

<i>Voz activa</i>	<i>Perf. act.</i>
SINGULAR	SINGULAR
1. ^a -m (-o)	1. ^a -i
2. ^a -s	2. ^a -is-ti
3. ^a -t	3. ^a -it
PLURAL	PLURAL
1. ^a -mus	1. ^a -mus
2. ^a -tis	2. ^a -is-tis
3. ^a -nt	3. ^a -er-u-nt, -er-e

1) Desinências gerais da voz activa

SINGULAR

180 — 1.^a pessoa. Há duas desinências: *-m* e *-o*.

A desinência *-o*, de origem desconhecida, equivalente ao ω do grego (cfr. *phérō* φέρω) generalizou-se nos verbos latinos, e aparece no presente do indicativo (*laud-o dele-o leg-o audi-o*); encontra-se também no fut. imperfeito em *-bō* (*lauda-bo dele-bo i-bo*), no fut. imperfeito *er-o* do verbo *sum*, e nos fut. perfeitos em *-ero* (*laudau-ero leg-ero fu-ero*); aparece igualmente nos fut. imperfeitos em *-so* (*cap-so faxo dixo*).

Esta desinência *-o*, longa de origem abreviou-se algumas vezes nas palavras jâmbicas (cfr. Tómo I n.º 79) v. gr. em *āmō lēgō uōlō sciō*, que se converteram em *āmō lēgō uōlō sciō*, de modo que a quantidade da desinência começou a vacilar, e, na época clássica, deixou de ser longa para se tornar ancípite; mais tarde, no período post-augustino, era considerada breve, geralmente, excepto nos monossílabos, como *dō nō stō*.

A desinência *-m*, primária, proveniente de *-mi* primitivo, que perdura muito especialmente nos verbos gregos em *-mi* (τίθημι δέβνομαι εἰμι) conserva-se bem visível na forma *su-m*, de

su-mi, correspondente ao mesmo verbo *ei-mi* grego.

Nos outros casos em que se encontra a mesma desinência *-m*, isto é, no fut. imperfeito (*legam audiam*), no conjuntivo presente (com as mesmas formas *legam audiam*), no imperfeito em *-bam* (*laudabam legebam, ibam, etc.*), no imperfeito *eram* do verbo *sum*, no mais-que-perfeito terminado em *-eram* (*laudau-eram, leg-eram*), no presente do conjuntivo do tipo *laudem*, assim como no conjuntivo-optativo *sim uelim*, nas formas *essem* do verbo *sum* e nas terminações *-issem* (*leg-issem fec-issem*) e *-erim* (*leg-erim fec-erim*) e em *inquam fuam forem* e semelhantes, essa desinência *-m* não é de origem primária, como em *sum*, mas secundária; não provém da desinência primária e primitiva *-mi*, mas de uma desinência própria e secundária *-m* ⁽¹⁾.

181 — 2.^a pessoa. A desinência *-s* da 2.^a pess. tem, como a desinência da 1.^a pess., duas ori-

(1) A desinência secundária *-m*, depois de consoante era soante, como se vê no grego *é-lus-m* que deu *é-lu-sa*, onde a soante passou a *-a*; mas em latim não se verifica o mesmo caso, apesar de V. Henry (pág. 277, n.º 245) dizer que talvez *eram* derive de *es-m* > *es-ēm* > *er-ēm* > *er-ām*; pois a soante *-m* passava a *-ēm*. (Cfr. Têmo 1, n.º 29).

gens: é *primária*, proveniente da desinência primária *-si*, no presente do indicativo dos verbos atemáticos, e. gr., *es* de *es-si* > *es-s* > *es*; *fer-s* de *fer-si*; *es* (do verbo *ed-o*) proveniente de *ed-si* > *es-si* > *es-s* > *es*; é talvez *primária* no presente do indicativo dos verbos do tipo *lauda-s dele-s leg-i-s audi-s*; é certamente *secundária* nos outros tempos, isto é, nos imperfeitos e mais-que-perfeitos (*era-s, laudaba-s, legera-s*); imperf. do conj. (*esse-s laudare-s legere-s*); m. que perf. do conj. (*fuisse-s laudavisse-s legisse-s*); no pres. do conj. (*laude-s delea-s lega-s*); no conjuntivo, antigo optativo (*si-s ueli-s; legeri-s*); nos futuros, antigos conjuntivos (*leg-e-s audi-e-s*) e nos futuros perifrásticos (*lauda-bi-s dele-bi-s*).

182 — 3.^a pessoa. A desinência *-t* é de origem *primária* e primitiva, proveniente do antigo *-ti*, como se vê em *es-t* de *es-ti* (cfr. gr. *es-ti*; *fer-t* de *fer-ti*; *uol-t* de *uol-ti* (*uul-t*)); do mesmo modo em *lauda-t dele-t legi-t audi-t*.

Houve uma desinência *secundária*, que também era *-t*, mas não subsistiu, embora dela restem vestígios nas inscrições antigas, depois de passar normalmente a *-d*: *fhefhaked, feced, esed, sied*; mais tarde, na organização da flexão verbal latina desapareceu completamente, para ceder, em todos os modos e tempos, o lugar à

desinência primária *-t*, proveniente de *-ti*: *est facit fecit esset sit laudabit*.

PLURAL

183 — 1.^a pessoa. A desinência *-mus* provém de *-mos* primitivo, passando o *a* a *u* em sílaba final fechada por *s* (cfr. Tômo I, n.º 20, 4.º).

184 — 2.^a pessoa. A desinência *-tis* da 2.^a pess. do pl. evoluiu de *-tes* primitivo, que foi talvez uma desinência de dual que se generalizou para o plural: *fer-tis es-tis* significariam, sendo dual, «vós ambos levais» «vós ambos sois», e depois passou a significar o plural, «vós levais», «vós sois». Pode também supor-se que a desinência *-tis* derivou de uma desinência *-te*, mais um *-s* analógico da 2.^a pess. do sing.: *-te-s*. (Cfr. imperativo, n.º 193).

185 — 3.^a pessoa. A desinência *-nt* da 3.^a pess. pode ter origem na desinência primária *-nti*, que se encontra em formas como *s-o-nti* (*sunt*), *uol-o-nti* (*uolunt*), *ed o-nti* (*edunt*), *leg-o-nti* (*legunt*), *trem-o-nti* (*tremunt*), e, por analogia, nos verbos do tipo *faci-ont* (*faciunt*), *audi-o-nt* (*audiunt*); ou da desinência secundária *-nt*, sem *-i* final, como em *lauda-nt dele-nt er-a-nt er-u-nt, lege-nt laudabu-nt fec-er-int*.

Apesar de poder provir dessa dupla origem, parece que em tôda a parte onde se encontra a desinência *-nt* deriva exclusivamente da desinência secundária *-nt*, e não da primária *-nti*. No grego, porém, existem bem claras uma e outra: $\phi\acute{\epsilon}\rho\eta\text{-}\nu\tau\iota > \phi\acute{\epsilon}\rho\eta\sigma\iota$; $\acute{\epsilon}\phi\epsilon\rho\eta\text{-}\nu\tau > \acute{\epsilon}\phi\epsilon\rho\eta\sigma\iota$.

2) Desinências especiais do perfeito activo

SINGULAR

186 — 1.^a pessoa. A desinência *-i* (*fu-i lau-dau-i leg-i*) deriva de um *-ei* primitivo, pois êste ditongo passa normalmente a *-i* (cfr. Tômo I, n.º 23) e é com esta escrita que se lê em certas inscrições. No marco miliário de Pompílio, cónsul em 132 a. Chr., lêem-se as frases: *tabellarios-que poseiuei (posui, perf. regular do verbo «po-sino»), et eidem (idem) prætor in Sicilia fugiteiuos (fugitiuos) Italicorum conquæisiuei (conquisiui) redideique (redidique), etc.; eidem (idem) primus feci (feci), etc. forum ædisque (ædesque) poplicas (publicas) heic (hic) feci (feci)*. Na inscrição de data desconhecida, em pedra, de Alba, conservada no Museu do Vaticano, aparece: *facta patris petiei (petii), etc.*

Esta desinência verbal *-ei*, que deu *-i*, é manifestamente a antiga desinência da voz média

-ai, do indo-europeu, embora em latim não tenha o valor de voz média: -ai > -ei > -i, *fēc-ai* > *fēc-ei* > *fēc-i*.

187 — 2.^a pessoa. A desinência da 2.^a pess. é composta de -is e de -ti.

O elemento -is- é um sufixo característico do antigo aoristo, introduzido na flexão do perfeito, que se encontra através dos tempos e modos do sistema do perfeito, conservando a forma -is- antes de consoante (*leg-is-ti leg-is-sem*) e tomando a forma -er- antes de vogal (*leg-er-o leg-er-am leg-er-im leg-er-unt*).

Note-se que o elemento -is- não se acha na 1.^a pess. do sing. nem na do plural, nem na 3.^a do pl. do tipo -ēre (*leg-ēre audi-ēre*), pois a terminação -ē-re com ē longo, é diferente de -is; aparece, porém, nas terminações -ēr-unt (proveniente de *is-o-nt*): *leg-īs-ont leg-ēr-unt* depois, por analogia, *leg-ēr-unt*. (cfr. des. da 3.^a pess. do pl., n.º 191).

O segundo elemento -ti, da desinência -is-ti, está formado por um primitivo *th* (cfr. gr. ois-th-a οἰσ-θα), mais -i, proveniente de -ei, análogo da 1.^a pess.: *leg-is-th-ei* > *leg-is-ti*.

188 — 3.^a pessoa. A terminação -it da 3.^a pess. oriunda de -eit, conservou durante muito tempo

o *i* longo; depois abreviou-se em *-it*, antes de *-t* (cfr. Tômo I, n.º 78, 2.º), ainda que na métrica tenha conservado várias vezes a quantidade primitiva *-it*, como em *emīt uixit*. (Observe-se que nas formas contractas do tipo *petīt* (de *petiīt* ou de *petiūt*) aparece *-it* longo por causa da contracção, cfr. Tômo I, 85, 1.º).

A desinência primitiva da 3.ª pess. foi *-d*, de origem secundária, *fhefhaked feced*, mas desapareceu, quando se normalizou a flexão verbal, generalizando-se a desinência primária *-t*: *fec-i-t*. (Cfr. n.º 182).

PLURAL

189 — 1.ª pessoa. A desinência *-mus*, própria da 1.ª pess. do pl., não está precedida da característica *-is-*, mas de uma vogal, *-i-* breve, (*fu-i-mus*) cujo aparecimento e formação não se pode determinar, a não ser que se explique por analogia com o presente do indicativo dos temas consonânticos: *lĕg-i-mus*, pres.; *lĕg-i-mus* perf., e depois se tenha generalizado para todos os verbos: *lauda-u-i-mus*, *dele-u-i-mus*, *audi-u-i-mus*.

190 — 2.ª pessoa. A terminação *-is-tis*, como a 2.ª do singular, encerra a característica *-is-* e

a desinência *-tis*, de *-tes*, comum à 2.^a pess. do plural (cfr. 2.^a pess. do pl., n.º 184).

191 — 3.^a pessoa. Duas terminações apresenta a 3.^a pess.: *-ērunt* e *-ēre*.

A primeira, *-er-u-nt* está formada pela característica *-er-*, proveniente de *-is-* antes de vogal, e pela terminação *-unt*, proveniente de *-onti* (vogal temática *o*, mais desinência primária) ou de *-ont* (vogal temática *-o*, mais desinência secundária); cfr. 3.^a pess. do plural, n.º 185).

A terminação *ērunt* com *ĕ* breve, que teve uso abundante entre os poetas cómicos, passou a *-ērunt* com *ē* longo por analogia com a desinência *-ēre*.

A desinência *-ēre* da 3.^a pess. do pl., de emprêgo mais restrito, mas correcto, sobretudo antes de palavra começada por vogal, apresenta uma antiga formação de tipo *r*, muito comum noutras línguas indo-europeias.

Da terminação *-ērunt*, com *ĕ* breve, encontram-se formas freqüentes nas línguas românicas. Em português, por exemplo: *laudau-ērunt* > *laudarunt* > louvaram; *peti-ērunt* > pediram; *de(d)-ērunt* > deram; em italiano, *dix-ērunt* > dissero; mas da terminação com *ē* longo, derivam também bastantes formas da nossa língua: *debuē-*

runt > deveram, *dixerunt* > disseram; *fecerunt* > fizeram.

Da terminação *-ēre* não há vestígios nas línguas novi-latinas, o que parece demonstrar o uso parcimonioso e pouco popular desta desinência.

3) Desinências especiais do imperativo activo

<i>Imperat. Presente</i>	<i>Imperat. futuro</i>
2. ^a pess. do sing. <i>-(e)</i>	2. ^a pess. do sing. <i>-to</i>
	3. ^a pess. do sing. <i>-to</i>
2. ^a pess. do pl. <i>-te</i>	2. ^a pess. do pl. <i>-to-te</i>
	3. ^a pess. do pl. <i>-nto</i>

IMPERATIVO PRESENTE

192 — 2.^a pessoa do sing. No imperativo presente a 2.^a pess. do sing., reduz-se ao tema puro, nos verbos terminados em vogal, *lauda dele audi*, e nos verbos atemáticos, como *es fer*; nos verbos terminados em consoante aparece a vogal temática *e*: *leg-e sum-e mitt-e*.

Alguns verbos dêste último tipo, *dico duco emo*, assim como *facio*, simplificam o impera-

tivo; em vez de *dice duce eme face*, usam geralmente *dic duc em fac*. Os compostos de *dico* e *duco* seguem-lhes o exemplo: *edic educ, addic adduc*, etc.; mas os compostos de *facio* só imitam o simples, quando não há apofonia no composto, como em *bene-fac cale-fac*, de *bene-facio* e *calefacio*, sem apofonia; mas quando há apofonia no composto, o imperativo é pleno, como em *re-fic-e con-fice* de *re-ficio con-ficio*, com apofonia de *facio*.

Nos verbos em *-i* breve, *rapi-o iaci-o*, o imperativo é o tema puro, *rapi iaci*, com passagem do *-i* final a *-e*, e por isso o imperativo, nos verbos daquele tipo, termina em *-e*: *rape iace* (cfr. Tômoo I, n.º 20, 3.º).

193 — 2.ª pessoa do pl. A desinência *-te*, própria do imperativo indo-europeu, conservada em latim como em outras línguas, junta-se ao tema verbal: *lauda-te dele-te audi-te es-te fer-te*; nos verbos consonânticos une-se ao tema por meio da vogal temática *-ě*, que, depois por apofonia, passa a *-i*; *leg-ě-te dic-ě-te duc-ě-te* que dão *leg-i-te dic-i-te duc-i-te* (cfr. Tômoo I, n.º 1 e 3).

IMPERATIVO FUTURO

194 — 2.ª e 3.ª pessoa do sing. A desinência *-to*, proveniente de *-tōd* primitivo, que parece

própria da 3.^a pess. (cfr. gr. *lué-tō* λυέτω) afecta em latim também a 2.^a pessoa do imper. fut., embora tal desinência fôsse característica do imperativo presente, donde foi importada para o imper. futuro latino: *lauda-tō leg-i-tō es-tō fer-tō*.

195 — 2.^a pessoa do pl. A terminação *-tō-te* formou-se por analogia com a anterior, acrescentando a desinência *-te*: *lauda-to lauda-to-te; leg-i-to, leg-i-to-te; es-to, es-to-te; fer-to, fer-to-te*.

196 — 3.^a pessoa do pl. A desinência *-nto* foi criada por analogia com a 3.^a pess. do pl. do presente do indicativo, substituindo a forma *-nti* por *-nto*, sob influência das formas do imperativo em *-to* e *-to-te*: *lauda-nto leg-u-nto s-u-nto fer-u-nto*.

4) **Desinências da voz médio-passiva
e dos verbos depoentes**

SINGULAR

- 1.^a *-r*
- 2.^a *-re, -ris*
- 3.^a *-tur*

PLURAL

- 1.^a -*mur*
2.^a -*mini*
3.^a -*ntur*

As desinências passivas latinas derivam de duas fontes: das desinências da voz média e da desinência propriamente passiva, que é *-r*.

SINGULAR

197 — 1.^a pessoa. A antiga terminação da desinência médio-passiva da 1.^a pessoa (*-ai* > *-ei* > *-i*) foi, em latim, para a 1.^a pessoa do singular do perfeito (*peti-ai* > *peti-ei* > *peti-i*) como se indicou acima ao falar da 1.^a pessoa do sing. do perfeito (n.º 186) por isso, carecendo agora de desinência própria para a 1.^a pessoa do sing. da voz passiva, foi esta formada acrescentando o *-r* típico da passiva (como em *-tur* e *-ntur*) às formas activas terminadas em *-o*: *laudo laudo-r*; *fero fero-r*; *laudabo laudabo-r*; nas formas que na activa terminavam em *-m*, substituiu-se este por *-r*; *laudaba-m laudaba-r*; *laude-m laude-r*; *fera-m fera-r*; *ferre-m ferre-r*.

198 — 2.^a pessoa. A desinência *-re* é da voz média e provém de *-se*, sonorizada entre vogais

(cfr. Tômo I, rotacismo, n.º 53). É desinência muito antiga que se encontra também no imperativo: *lauda-se* > *lauda-re*. Essa desinência corresponde à desinência média, σο, do grego. ἐλύεσο > ἐλύου.

A outra desinência da 2.ª pess. -ris, é a mesma desinência -re, à qual se juntou um -s (-re-s > ri-s) para a vincar mais fortemente nas formas do presente e para a desviar de formas semelhantes que já terminavam em -re, visto que, por exemplo, *legē-re*, podia ser a 2.ª pess. do presente do ind. pass., 2.ª pess. do imperativo pass., e infinitivo activo; *legē-re* podia também ser 2.ª pess. do fut. pass. e 3.ª pess. do pl. do perf. activo; ao passo que com as formas *legē-ris* e *legē-ris* já não havia lugar para estas confusões. Foi devido a isto que a desinência -ris se propagou depois a todas as 2.ªs pessoas do singular, excepto ao imperativo, coexistindo com a desinência -re: *lauda-ris lauda-re*; *laudaba-ris laudaba-re*; *laudabe-ris laudabe-re*; *laude-ris laude-re*; *laudare-ris laudare-re*; *sequē-ris sequē-re*.

199 — 3.ª pessoa. A desinência -tur está formada pela desinência média -to, à qual se juntou a característica passiva -r: -to-r > -tur: *lauda-tur fer-tur audi-tur dic-i-tur*. O to latino corresponde à desinência média το do grego: ἐλύε-το.

PLURAL

200 — 1.^a pessoa. A desinência *-mur* não é passiva; é a desinência activa *-mus* na qual se substituiu a letra *-s* pela característica passiva *-r*; ou era talvez uma desinência primitiva *-mo* à qual se juntou o *-r* passivo: *lauda-mus lauda-mur* ou *lauda-mo-r lauda-mu-r*.

201 — 2.^a pessoa. É desconhecida a origem da desinência *-mini* da 2.^a pess. do pl., que se encontra também na 2.^a pess. do pl. do imperativo. Ao certo só se sabe que é uma terminação das formas nominais; mas será do tipo *-ménai* *-μévαι*, semelhante a alguns infinitivos gregos? ou será do tipo *-menoi* *-μειναι*, semelhante aos participios médio-passivos do grego?

Se derivasse do infinitivo em *-ménai* a aplicação era favorável para o imperativo; contudo, a derivação de uma forma participial em *-menoi* parece preferível para os outros tempos e modos: *lauda-mini* estaria em vez de uma forma perifrástica *laudámenoi estis*, *laudámeni estis*, *laudámini estis* «sois louvados»; depois, perdida a noção do valor participial, o participio tomaria por si só o valor e a função da 2.^a pessoa do plural.

Estas conjecturas, embora não expliquem suficientemente a desinência *-mini*, dão alguma luz quanto à sua formação.

202 — 3.^a pessoa. A desinência *-ntur* está formada pela desinência média, *-nto*, que aparece e se conserva no grego, com o *-r* próprio da voz passiva: *-nto-r -ntu-r*: *lauda-ntor laudan-tur*, *leg-o-ntur leg-u-ntur*; *sequ-o-ntur sequuntur*; cfr. gr. ἐλύ-ο-ντο.

5) Desinências do imperativo passivo

<i>Imperat. presente</i>	<i>Imperat. futuro</i>
2. ^a pess. do sing. <i>-re</i>	2. ^a pess. do sing. <i>-tor</i>
	3. ^a pess. do sing. <i>-tor</i>
2. ^a pess. do pl. <i>-mini</i>	2. ^a pess. do pl. —
	3. ^a pess. do pl. <i>-ntor</i>

203 — As desinências *-re* e *-mini* do imperat. pres. são idênticas às desinências das 2.^a pessoas do sing. e do plural, como atrás se mencionou: *lauda-re lauda-mini*; *seque-re sequi-mini*.

As desinências do imperativo futuro passivo são formadas acrescentando ao imperativo futuro activo a característica passiva *-r*: *lauda-to lauda-to-r*; *lauda-nto lauda-nto-r*.

III

Formação dos tempos dos verbos

204 — A enunciação dos verbos latinos, conforme a apresentam os dicionários, com cinco formas, por exemplo, *lego legis legere legi lectum*, *laudo -as -are -aui -tum*, tem o fim primário e capital de mostrar os temas de que derivam os tempos e as formas neminais dos verbos.

Os três primeiros elementos do enunciado verbal (1.^a e 2.^a pess. do sing. do pres. do indicativo, e infinitivo presente), dão o tema do presente; o quarto dá o tema do perfeito; o quinto, que é o supino, dá o tema do supino.

Tema do pres.	Tema do perf.	Tema do supino
<i>laud-o -as -are</i>	<i>lauda-u-i</i>	<i>lauda-tu-m</i>
<i>dele-o -es -ēre</i>	<i>dele-u-i</i>	<i>dele-tu-m</i>
<i>leg-o -is -ēre</i>	<i>leg-i</i>	<i>lec-tu-m</i>
<i>capi-o -is -ēre</i>	<i>cep-i</i>	<i>cap-tu-m</i>
<i>audi-o -is -īre</i>	<i>audi-u-i</i>	<i>audi-tu-m</i>

Para se deduzir o tema do presente não bastaria só o primeiro elemento de cada enunciado, a não ser nos verbos de tipo *dele-o*, cujo tema fica bem caracterizado só com essa forma. Mas,

laud-o leg-o não mostram só por si que entre eles existe uma diferença de flexão, pois ambos poderiam ser de tema vocálico em *-a*, visto que há em latim também um verbo *leg-o -as -are*, do tipo *laud-o -as -are*, ou ambos de tema em consoante do tipo *leg-o -is -ere*.

Nos compostos ainda se tornaria mais difícil algumas vezes a discriminação, só com o primeiro elemento, como em *obligo* e *negligo*, pois, apesar da sua semelhança externa, o primeiro é *obligo -as -are*, e o outro é *negligo -is -ere*.

Outro tanto se verificaria com verbos do tipo *capi-o* e *audi-o*, pois só com esse elemento mal se poderia determinar se são ambos de tema em *-i* (breve), como *capi-o*, ou de tema em *-ī* (longo) como *audi-o*. Em todos os verbos, porém, bastariam teoricamente os dois primeiros elementos para determinar, sem dar origem a dúvida, o tema do presente, mesmo nos verbos de tipo *capi-o -is* e *audi-o -is*, pois neste a terminação *-is* é longa e no outro a terminação *-is* é breve. Mas os dicionários geralmente não indicam as quantidades vocálicas; por isso se generalizou o uso de enunciar as três formas para se encontrar o tema do presente, pois com elas, mesmo que não seja indicada a quantidade da vogal, se deduz manifestamente esse tema.

Assim, *laudo -as -are* é de tema em *-a*, *lauda-*; *dele-o -es -ere* é de tema em *-e*, *dele-*; *lego -is -ere*

é de tema em consoante, *leg-*; *capio -īs ēre* é de tema em *ī* breve, *capī-*; *audio -īs -īre* é de tema em *-ī* longo, *audī-*.

205 — Atendendo ao tema do presente e, em especial, ao presente do indicativo, costumam os gramáticos dividir os verbos latinos em quatro conjugações, metendo na terceira, que é dos verbos de tema em consoante, os verbos do tipo *capio -īs -ēre*, que afinal devem ser da quarta por serem de tema em *-i*, ou melhor deveriam ser da quinta, por serem de tema em *-ī* breve, para os distinguir dos de tema em *-ī* longo.

Se, porém, os gramáticos atendessem às formas do futuro imperfeito, isto é, ao futuro em *-bo -bis* (*laudabo laudabis, delebo delebis, ibo ibis*), e ao futuro em *-am -es* (*legam leges, audiam audies*), só haveria duas conjugações; se atendessem ao presente do conjuntivo também só se formariam duas conjugações, uma do tipo *laudem laudes*, para os verbos de tema em *-a*, outra do tipo *legam legas, deleam deleas, audiam audias*, para os verbos de tema em cons., em *e* e em *i*; quem atendessem ao imperfeito do indicativo, formaria só uma conjugação: *lauda-bam dele-bam lege-bam audie-bam*; e quem se fixasse no imperfeito do conjuntivo também só formaria uma conjugação: *lauda-rem dele-rem lege-rem audi-*

-rem. Do mesmo modo, em tôdas as formações do perfeito só se encontraria uma conjugação.

Daqui se segue que a divisão em quatro conjugações é bastante arbitrária e não se funda em razões puramente científicas; baseia-se especialmente na prática.

206 — Costumam dividir-se os verbos de tema em consoante em verbos *temáticos* e verbos *atemáticos*. Naqueles as desinências unem-se ao tema por meio de uma vogal, -*ō-* ou -*ē-*, chamada vogal temática, como em *leg-ō-mus leg-i-mus, leg-ē-tis leg-i-tis*; nos outros a desinência une-se directamente ao tema consonântico, sem vogal intermediária, como em *fer-tis, es-tis uul-tis; fer-t es-t uul-t*.

Os verbos atemáticos dêste tipo consonântico são tão poucos, no latim evoluído, que mal chegam a formar uma categoria normal, tanto mais que êsses mesmos verbos se deixaram influenciar e contaminar pelos temáticos até ao ponto de receberem também a vogal temática em várias das suas formas verbais: *fer-o-mus fer-i-mus fer-o-nt fer-u-nt*.

Se exceptuarmos algumas formas atemáticas dêstes verbos, a flexão dos verbos latinos de tema em consoante abrange, por assim dizer, só verbos com vogal temática.

207 — Dá-se também o nome de verbos *temáticos* os verbos de tema em *-a*, em *-e* e em *-i*. Tal denominação, porém, afigura-se-nos pouco exacta pois que tais verbos não tomam a vogal temática *-o/-e*, a não ser os verbos de tema em *-i*, na 3.^a pess. do plural que recebem a vogal temática *-o* (*audi-o-nt faci-o-nt, audiunt faciunt*); deveriam chamar-se, pois, com mais acêrto, verbos *atemáticos*, porque unem as desinências directamente ao tema, sem vogal temática: *lauda-s lauda-mus lauda-tis; dele-tis; audi-s audi-mus audi-tis*.

208 — A confusão entre tema verbal em *a*, *e*, *i*, e vogal temática deu aso a estas denominações, pois uns têm a vogal do tema próprio (*a*, *e*, *i*), outros têm vogal temática *o/e*: daí as confusões.

Apesar desta multiplicidade de conjugações e de nomes, a flexão latina, como veremos mais abaixo, pode reduzir-se a *um só tipo* de flexão, desde que se formem os temas respectivos do presente, do perfeito e do supino.

IV

Noção geral de «*infectum*» e «*perfectum*»

209 — O verbo latino baseia-se em dois temas principais: o tema do *infectum* que vulgarmente chamamos tema do presente, e o tema do *perfectum* ou do perfeito.

Convém esclarecer as noções de *infectum* e *perfectum*, pois sobre essas noções, ou antes, sobre êsses dois sistemas, que são uma inovação da língua latina, assenta a flexão verbal em latim.

O sistema do *infectum*, com os seus tempos e modos, significa que a acção expressa pelo verbo está em realização: *dico*, estou a dizer; *dicebam*, eu, em certo momento, estava a dizer; ao passo que o sistema do *perfectum* latino significa que a acção está realizada, concluída, acabada: *dixi*, acabei de dizer, ou por outra, o que tinha a dizer está dito.

É êste mesmo o valor da expressão que o orador emprega muitas vezes, no fim do discurso: «disse» ou «tenho dito» significa «acabei de dizer o que tinha para dizer» ou «acabou-se agora o discurso, isto é, neste momento em que estou a falar». É êste também o valor da frase que se ouve no momento em que alguém acaba

de falecer: «morreu», quer dizer, «neste momento acabou a vida, concluiu a acção de viver, está morto».

210 — Êste «aspecto» verbal, independente do tempo presente ou passado e de que se encontram, como vimos, alguns vestígios na nossa língua, refere-se à duração do processo verbal ou da acção, no *infectum*, e à conclusão, ou termo, no *perfectum*. O «aspecto» era ainda mais variado e mais explícito no indo-europeu, como se poderia explicar pelo grego.

Com efeito, a língua grega possui o aspecto *durativo*, chamado do presente, o aspecto *momentâneo* ou do aoristo, e o aspecto *perfectivo*, de plena realização ou do perfeito.

No latim, conservou-se o aspecto durativo no *infectum*; o aspecto momentâneo e o perfectivo reuniram-se no *perfectum*. Serve, pois, o latim de escalão intermediário entre as línguas primitivas com diferentes aspectos verbais primitivos e as línguas novi-latinas nas quais desapareceu a rica variedade de aspectos do processo verbal para ceder o campo à multiplicidade de relações de «tempo». As línguas novi-latinas têm tempos, não têm aspectos verbais, a não ser, aqui e além, uns leves indícios.

O próprio latim, antecipando-se às línguas românicas, dera já três tempos, presente, preté-

rito e futuro, ao *infectum*, e os mesmos ao *perfectum*, constituindo dêste modo a flexão verbal latina.

Infectum	Perfectum
INDICATIVO:	INDICATIVO:
Presente: <i>dico</i>	Presente: <i>dixi</i>
Pretérito: <i>dicebam</i>	Pretérito: <i>dixeram</i>
Futuro: <i>dicam, dices</i>	Futuro: <i>dixero</i>
CONJUNTIVO:	CONJUNTIVO:
Presente: <i>dicam, dicas</i>	Presente: <i>dixerim</i>
Pretérito: <i>dicerem</i>	Pretérito: <i>dixissem</i>
IMPERATIVO:	
Presente: <i>dic, dicite</i>	
Futuro: <i>dicito</i>	
FORMAS NOMINAIS:	FORMA NOMINAL:
Infinitivo: <i>dicere</i>	Infinitivo: <i>dixisse</i>
Particípio activo: <i>dicens</i>	
Gerúndio: <i>dicendi, -o, -um, -o</i>	
Gerundivo: <i>dicendus -a -um</i>	

211 — Ligadas ao tema do *infectum* andam certas formas nominais, tais como o infinitivo (presente) *dicere*, o particípio activo (particípio do presente) em *-ns* (*dicens laudans*), os particí-

pios em *-ndo*, que são o gerúndio (*dicendi laudandi*) e o gerundivo (*dicendus laudandus*); ao tema do *perfectum* anda unida a forma nominal, chamada infinitivo de perfeito, *dixisse*.

Note-se que o pretérito do *infectum* recebe vulgarmente o nome de *pretérito imperfeito*, e o pretérito do *perfectum* tomou o nome de *pretérito mais-que-perfeito*; o futuro do *infectum* chama-se geralmente *futuro imperfeito*, e o do *perfectum*, chama-se *futuro perfeito*.

É fácil de lobrigar a razão desta nomenclatura, depois de perdida a noção de aspecto verbal para se lhe substituir a noção de tempo.

212 — Além desta inovação na flexão, o latim ainda introduziu outra inovação importante: meteu na flexão verbal um *adjectivo* formado com o sufixo *-to-* (*dic-to-s dic-tu-s*) e um *substantivo* que depois se chamou supino, formado com o sufixo *-tu-* de tema em *-u*, do qual se integraram na flexão verbal o acusativo e o ablativo (*dic-tu-m*, *dic-tu*, como *manum*, *manu*), aparecendo às vezes também o dativo (*dic-tu-i*, como *manui*).

O adjectivo em *-to* entrou de maneira tão importante e tão íntima na flexão que é absolutamente indispensável para a construção da voz passiva no sistema do *perfectum*, sob a forma perifrástica: *dictus sum*, *eram*, *ero*, etc.

O substantivo em *-tu*, com o seu acusativo e

ablativo, veio fazer parte da flexão nominal do infinitivo juntamente com gerúndio (cfr. abaixo, Sistema do supino), e dêle se derivam o particípio futuro activo (*dic-tu-ru-s*) e o infinitivo futuro activo (*dicturum esse*).

213 — Resumindo, pode dizer-se que do tema do *infectum*, que tomou vulgarmente o nome de tema do presente, derivam:

1.º — os presentes, do indicativo e do conjuntivo (pres. do *infectum*);

2.º — os imperfeitos, do indicativo e do conjuntivo (pretéritos do *infectum*);

3.º — o futuro imperfeito (futuro do *infectum*);

4.º — os imperativos, do presente e do futuro (imperativos do *infectum*);

5.º — o infinitivo do presente (infinitivo, forma nominal do *infectum*);

6.º — o particípio activo ou do presente (forma nominal do *infectum*);

7.º — o gerúndio e gerundivo, participios em *-ndo* (formas nominais).

214. — Do tema do *perfectum* ou do perfeito derivam:

1.º — os perfeitos, do indicativo e do conjuntivo (presentes do *perfectum*).

2.º — os pretéritos mais-que-perfeitos, do indicativo e do conjuntivo (pretéritos do *perfectum*);

- 3.º — o futuro perfeito (futuro do *perfectum*);
- 4.º — o infinitivo do perfeito (infinitivo, forma nominal do *perfectum*).

215. — Do tema do supino derivam:

- 1.º — as formas do supino;
- 2.º — o particípio futuro activo;
- 3.º — o infinitivo futuro activo.

Postas estas noções gerais, vamos estudar os sistemas, do *infectum*, do *perfectum* e do supino, com a intenção de reduzir a flexão latina a um só tipo, o que, segundo creio, não só favorecerá a compreensão da flexão verbal, mas também contribuirá para que a sua aprendizagem se torne mais fácil e atraente.

CAPÍTULO II

Formação dos tempos

Sistema do «infectum» da voz activa

A formação dos tempos no sistema do infectum baseia-se no tema do presente ou tema do *infectum*.

		Tema
<i>laudo -as -are</i>	tema em -a	<i>lauda-</i>
<i>deleo -es -ēre</i>	tema em -e	<i>dele-</i>
<i>lego -is -ēre</i>	tema em cons.	<i>leg-</i>
<i>cipio -is -ēre</i>	tema em -i (breve)	<i>capi-</i>
<i>audio -is -ire</i>	tema em -i (longo)	<i>audi-</i>

I

Presente do indicativo (pres. do infectum).

		Tema	
SINGULAR	1. ^a	_____	o
	2. ^a	_____	s
	3. ^a	_____	t

		Tema			
PLURAL	1. ^a _____	<table><tr><td>c.</td></tr><tr><td>i</td></tr></table>	c.	i	<i>mus</i>
	c.				
	i				
	2. ^a _____	<table><tr><td>i</td></tr></table>	i	<i>tis</i>	
i					
3. ^a _____	<table><tr><td>c. i</td></tr><tr><td>u</td></tr></table>	c. i	u	<i>nt</i>	
c. i					
u					

216 — O presente do indicativo, como se pode observar, no esquema, forma-se unindo as desinências ao respectivo tema, ou directamente, ou por meio das vogais temáticas, *o/e*. A letra *o* que no esquema se vê na 1.^a pess. do sing. é uma desinência (cfr. n.º 180) e não uma vogal temática.

Nos verbos de tema em *a* e *i* as desinências unem-se directamente ao tema; mas convém ter em conta o seguinte: 1.º) os verbos de tema em *-a*, sofrem uma contracção com a desinência *-o*: *lauda-o laudo*; tôdas as outras pessoas, assim como tôdas as pessoas dos verbos de tema em *e*, são de construção normal: *lauda-s lauda-t lauda-mus lauda-tis lauda-nt*; *dele-o dele-s dele-t dele-mus dele-tis dele-nt*. 2.º) os verbos de tema em *-i* (longo e breve), ligam as desinências directamente ao tema, excepto na 3.^a pess. do pl., onde recebem a vogal temática *-o- > -u-*: *audi-o-nt capi-ont, audiunt capiunt*.

A flexão do presente do indicativo nestes verbos cujo tema termina em vogal corresponde

à flexão dos verbos atemáticos, quer dizer, não recebem normalmente a vogal temática, *o/e*. A vogal temática *-ō-* serve para a 1.^a pess. do sing., para a 1.^a do pl. e para a 3.^a do pl., como se vê sem dificuldade nas formas do verbo *sum*: 1.^a do sing. *s-o-m s-u-m*; 1.^a do pl. *s-o-mus s-u-mus*; 3.^a do pl. *s-o-nt s-u-nt*; a vogal temática *-ē-* serve para a 2.^a e 3.^a do sing. e para a 2.^a do pl., como em *leg-ē-s leg-ē-t leg-ē-tis* que dão *leg-ī-s leg-ī-t leg-ī-tis*.

217 — Supôs-se, e muitos ainda supõem, que os verbos de tema vocálico unem as desinências ao tema por meio das vogais temáticas, que sofriam contracção: assim, *lauda-e-s laudas, lauda-e-t laudat, lauda-e-tis laudatis; lauda-o-mus laudamus, lauda-o-nt laudant; dele-e-s deles, dele-o-mus delemus, dele-e-tis deletis, dele-o-nt delent*; etc. Já dissemos que esta explicação além de complicada e inútil, não daria razão de certas formas, como *capi-o-mus capi-mus* com *i* breve, etc. Deve por isso ser posta de parte tal explicação (cfr. n.º 207).

218 — Os verbos de tema consonântico unem as desinências ao tema por meio das vogais temáticas; vogal *ē* (na 2.^a e 3.^a do sing. e na 2.^a do pl.), que passa a *i* antes de oclusiva: *leg-e-s leg-i-s, leg-e-t leg-i-t*, e passa a *i* também,

por apofonia em *leg-e-tis leg-i-tis* (cfr. Tôm. 1, n.º 3 e 20, 2.º); vogal *ō* (na 1.ª e 3.ª do plural), que em sílaba interior aberta passa a *i*: *leg-o-mus leg-i-mus* (cfr. Tôm. 1, n.º 4 e 7) e passa a *u* em sílaba final fechada por *nt* (cfr. Tôm. 1, n.º 20, 4.º) *leg-o-nt leg-u-nt*.

219 — Os verbos de tema em *ī* (longo e breve) tomaram por analogia com os verbos de tema consonântico a vogal temática *-o- > -u-*, na 3.ª pess. do plural; por isso, em vez de *audi-nt capi-nt* (como *lauda-nt dele-nt*) formam *audi-o-nt capi-o-nt, audi-u-nt capi-u-nt*.

220 — Os verbos atemáticos pròpriamente ditos unem as desinências ao tema consonântico directamente, mas só em algumas pessoas, porque noutras admitem a vogal temática. Por exemplo:

sem vogal temática:

es-s es; es-t; es-tis;

uul-t, uul-tis;

fer-s, fer-t, fer-tis;

com vogal temática:

s-o-m > s-u-m, s-o-mus > s-u-mus, s-o-nt > s-u-nt;

uol-o-mus > uol-u-mus; uol-o-nt > uol-u-nt;

fer-o-mus > fer-i-mus; fer-o-nt > fer-u-nt.

II

Pretérito Imperfeito (pretérito do Infectum)

Tema

		c. i.	
SINGULAR	1. ^a _____	e	ba- -m
	2. ^a _____	e	> -s
	3. ^a _____	e	> -t
PLURAL	1. ^a _____	e	> -mus
	2. ^a _____	e	> -tis
	3. ^a _____	e	> -nt

221 — A característica *-ba* do pretérito imperfeito está ligada a um radical que termina em sílaba longa: *laudā-ba-m legē-ba-m audiē-ba-m detē-ba-m*.

Duas hipóteses se apresentam para explicar tais radicais longos, sobretudo para explicar o mais difícil, que é o dos tipos *legē-*, terminado em vogal longa.

A primeira hipótese supõe que êsse radical é um particípio presente, *leg-ens*, unido à característica *-ba* para formar uma expressão perifrástica: *legens-bam*, quer dizer «eu estava no acto de ler» e, por conseguinte, «eu lia»; da

mesma maneira, *laudans-bam*, significa «eu estava no acto de louvar», e daí «eu louvava».

Esta hipótese dá realmente boa conta do valor semântico do pretérito imperfeito do indicativo, mas não explica a evolução fonética, pois *legens-bam laudans-bam*, não poderiam foneticamente chegar a *legē-bam laudā-bam*. E acima de tudo, no plural, deveria existir a forma perifrástica *legentes-bamus laudantes-bamus*, de que não há vestígios, pelo quê, tal hipótese não deve ser aceite.

A outra hipótese, mais atraente, supõe que *legē-ba-m* é também uma expressão perifrástica, cujo primeiro elemento é uma forma nominal de locativo em *-ē*, como em *arē-calē-feruē* que se encontram nos verbos *arē-facere calē-facere feruē-facere*, e que dariam no imperfeito *arē-bam calē-bam feruē-bam*. Estes radicais representam, pois, antigas formas nominais, idênticas ao infinitivo, ou talvez antigos infinitivos com vogal longa, que se abreviaria por acção da lei das palavras jámbicas (cfr. Tômo I, n.º 79), no infinitivo, mas conservaria a quantidade longa no radical do imperfeito: *ārē-cālē-lēgē-* no infinitivo, e *ārē-cālē-lēgē-* no imperfeito; daí *legē-ba-m ferē-ba-m*, etc.

222 — A característica própria do imperfeito *-bā-* está composta de dois elementos:

1.º O elemento *-ā-* que é realmente a verdadeira característica do pretérito, tanto do *infectum* como do *perfectum* (pretérito imperfeito e pretérito mais-que-perfeito); por isso essa característica *-ā-* se encontra no imperfeito e no mais-que-perfeito: *lege-b-ā-s lege-b-ā-mus; leg-er-ā-s leg-er-ā-mus*, etc. Só por si essa característica *-ā-* pode significar o pretérito, como no imperfeito do verbo *sum*: *er-ā-m(erām) er-ā-s er-ā-t(erāt) er-ā-mus er-ā-tis er-ā-nt(erānt)*.

223 — 2.º O elemento *-ā-* está precedido geralmente do elemento *-b-* e fica assim constituída a característica normal do imperfeito do indicativo, *-ba-*. Mas afinal que vem a ser o elemento *-b-*? É a raiz do grau zero primitiva, *-bh^w > -f^w-*, que entra em várias formas do verbo *sum*, tais como *fu-i, fu-re fo-re, fu-am*, etc.; essa raiz passa a *b* entre vogais (cfr. Tômo I, n.º 51, bis). Portanto, *bh^wā-* daria *fā*, ou entre vogais, *-bā-*, e equivale ao radical do pretérito de um verbo primitivo, cuja flexão seria *fā-m fā-s fā-t fā-mus fā-tis fā-nt*, e, entre vogais num verbo composto, seria *-bā-m -bā-s -bā-t -bā-mus -bā-tis -bā-nt*. Pois bem, é este imperfeito de um verbo primitivo que vai fazer parte em latim da forma perifrástica do pretérito imperfeito; *lege-ba-m*, é, como já se disse, um pretérito imperfeito perifrástico, de inovação latina. No indo-europeu, conforme

nos indicam o sânscrito e o grego, o pretérito formava-se por meio de uma vogal que se antepunha ao verbo (vogal *a* para o sânscrito, vogal *e* para o grego) e se chamava *aumento*. Assim, ao latino *fere-bā-mus* corresponde o grego *e-phér-o-men* com a vogal *e* anteposta; ao mais-que-perfeito (pretérito do *perfectum*) latino *solu-er-ā-mus* corresponde no grego o mais-que-perfeito com a vogal *e* do aumento, *e-le-lú-kei-men*.

224 — O pretérito imperfeito dos verbos em *-i* parece que devia ser *audi-ba-m ueni-ba-m*, como *lauda-ba-m mone-ba-m*. Contudo, desde muito cedo, a par das formas do tipo *audi-bam ueni-bam*, de uso freqüente no período arcaico, começaram a empregar-se formas do tipo *audi-ē-bam ueni-ē-bam*.

Não é fácil explicar o aparecimento daquele *-ē* na flexão dos verbos de tema em *-ī*, mas parece-nos que apareceu por influência dos verbos, muito numerosos, de tema em consoante do tipo *lego -is -ere*, sobre os verbos de tema em *-i* (breve) do tipo *capio capis capere*, que formavam o imperfeito em *-ē-bam*, e não *-i-bam*; *capi-e-bam*, e não *capibam*. As formas *legē-bam capi-ē-bam* foram contaminar os verbos de tema em *-ī* (longo), tomando estes também a terminação *-ēbam*: *audi-ē-bam ueni-ē-bam*, a qual se generalizou na época clássica. Mas o verbo *eo is ire*, de uso muito

abundante, emprega sempre, através de toda a latinidade, a forma *i-ba-m i-ba-s*, e nunca a forma *i-e-bam i-e-bas*.

É curioso observar que as formas em *-ibam* se conservam em certas regiões do âmbito das línguas românicas: *ueni-bam* venia (cast.), *dormi-bam* dormia e *serui-bam* servia em port.

Qual das formas *audi-bam* ou *audi-ē-bam* é a mais antiga? Qual a mais regular? Não sabemos e julgamos que ninguém sabe; e por isso não compreendemos esta afirmação de Ernout, pág. 252: «*Audiebam, qui est la forme la plus fréquente, est également la plus régulière et la plus ancienne*». Como, porém, o inclito A. não aduz razões convincentes para provar a sua asserção, julgamos que as formas do tipo *audibam* são as mais antigas, as mais regulares e as mais produtivas: as mais antigas, porque eram as formas quasi exclusivas do período arcaico, e porque, devido a elas, se formaram futuros antigos em *-bo* (*i-bo qui-bo*, paralelas a *i-bam qui-bam*) os quais se conservaram através da língua clássica; as mais regulares, porque se formaram directamente do tema *i* (longo) à semelhança de *lauda-bam mone-bam*, com vogais longas, sem outras intervenções fonéticas ou analógicas; as mais produtivas, porque não cessaram de formar-se tais imperfeitos, como se vê no período clássico, em que os autores fabricavam a esmo formas

em *-ibam*, e no período da decadência em que se generalizaram as mesmas formas terminadas em *-ibam*, até entrarem abundantemente, nas línguas novi-latinas, como *parti-bam* partia, *dormi-bam* dormia, etc.

III

Futuro Imperfeito (futuro do infectum)

Tema

		e. i	a. e	
SINGULAR	1. ^a	_____	<i>a m</i>	<i>bo</i>
	2. ^a	_____	<i>e</i>	<i>bi s</i>
	3. ^a	_____	<i>e</i>	<i>bi t</i>
PLURAL	1. ^a	_____	<i>e</i>	<i>bi mus</i>
	2. ^a	_____	<i>e</i>	<i>bi tis</i>
	3. ^a	_____	<i>e</i>	<i>bu nt</i>

225 — Além do futuro em *a/e* para os verbos de tema em consoante e em *-i*, e do futuro em *bo/bi* para os verbos de tema em *-a -e*, havia ainda em latim um futuro em *-so* (*facso dīxso* de *fac-so dīc-so*), de que se falará adiante.

226 — O futuro em latim, como em quasi tôdas as línguas, tem um carácter de inovação; cada língua forma o futuro à sua feição, e não há, por assim dizer, construções idênticas de futuro nas diferentes línguas, consideradas autónomas. O português, por exemplo, assim como as outras línguas que evoluíram do latim, arranhou, um futuro, que é uma expressão perifrástica, não existente na língua latina: *amare habeo*, que, por evolução fonética deu o futuro português *amarei*: *amare habeo* > *amarábeo* > *amarábio* > *amará (b) io* > *amarâi (o)* > *amarâi* > *amarei*.

1) FUTURO a/e

227 — O latim forjou, à sua maneira, um futuro -e, que foi buscar a uma forma de conjuntivo indo-europeu, o que é natural, pois o conjuntivo exprime a vontade de praticar a acção, e, por isso, facilmente, designa a acção futura: *quero fazer* passa facilmente a *farei*.

O conjuntivo indo-europeu estava caracterizado por vogais longas, que eram $\bar{o}/\bar{e}$, de modo que se formou uma flexão como *leg- $\bar{o}$* *leg- $\bar{e}$ -s* *leg- $\bar{e}$ -t* *leg- $\bar{o}$ -mus* *leg- $\bar{e}$ -tis* *leg- $\bar{o}$ -nt*, que é precisamente o que se dá no presente do conjuntivo grego.

Comparemos agora êsse conjuntivo com o futuro latino, e teremos:

<i>Pres. do conjunt.</i> (indo-europ.)	<i>Futuro imperf.</i> (latino)
<i>leg-ō</i>	<i>leg-ā-m</i> > <i>legām</i>
<i>leg-ē-s</i>	<i>leg-ē-s</i>
<i>leg-ē-t</i>	<i>leg-ē-t</i> > <i>leg-ĕ-t</i>
<i>leg-ō-mus</i>	<i>leg-ē-mus</i>
<i>leg-ē-tis</i>	<i>leg-ē-tis</i>
<i>leg-ō-nt</i>	<i>leg-ē-nt</i> > <i>legēnt</i>

O conjuntivo, ao passar a exercer as funções de futuro latino, teve que sofrer algumas transformações.

A 1.^a pess. do sing. *leg-ō*, tinha o inconveniente manifesto de se confundir com a 1.^a pess. do presente do indicativo, e por tal motivo a forma *legō* foi banida e substituída por *legam*, que é também proveniente do conjuntivo *legam legas* (cfr. formação do conjuntivo, n.º 230).

Na 3.^a pess. do plural a forma *leg-ō-nt*, com *ō* longo, devia transformar-se em *leg-ō-nt* com *o* breve, visto que êste se abreviava antes de *-nt* final, e, por fim, passaria a *leg-u-nt*, que também tinha o inconveniente de se confundir com *legunt*, 3.^a pess. do pl. do presente do indicativo. Para obstar a esta confusão, substituiu-se o *ō*

por *ē*, à semelhança das outras formas do futuro, e assim se obteve *leg-ē-nt*, e depois *leg-ē-nt*.

A 1.^a pess. do pl., *leg-ō-mus*, para não se encontrar sòzinha com *ō*, recebeu, por analogia o *ē*, e passou a ser *leg-ē-mus*.

Dêste modo se arranjou o futuro em *a/e*, proveniente do presente do conjuntivo indo-europeu, e serve para os verbos de tema em *cons.* e em *-i*.

As formas *legām legēt e legēnt* apresentam a vogal breve, antes de *m*, *t* e *nt* finais.

2) FUTURO EM *bo/bi-*

228 — A formação do futuro que acabamos de estudar não servia para os verbos de tema em *-a* e em *-e*; porque, por efeito da contracção, que se devia dar entre a final do tema e a vogal das desinências as formas resultantes seriam idênticas a outras já existentes.

Assim, se pretendêssemos fabricar tal futuro encontraríamos resultados como estes:

lauda-e-s > *laudes*

lauda-e-t > *laudet*

lauda-e-tis > *laudetis*, que são idênticas às formas do presente do conjuntivo do mesmo verbo *laudo*; encontraríamos também, nos verbos de tema em *e*, resultados dêste género:

mone-e-s > *mones*

mone-e-t > *monet*

mone-e-tis monetis, que são exactamente iguais às formas do presente do indicativo desse verbo.

Tais formas idênticas, quâsi na sua totalidade, a outras já existentes, causariam enorme confusão e indisciplina. Para evitar tamanha desordem na flexão construiu-se, para os verbos de tema em *-a* e em *e-*, um futuro, de inovação puramente latina, terminado em *-bo/-bi-*, que é um sufixo análogo ao sufixo *-ba-* do pretérito imperfeito.

O sufixo *bo/bi-* do futuro formou-se juntando à raíz *-b*, de *bh^v*, (cfr. pretérito imperf., n.º 223), as vogais temáticas *o/e*, as quais sofreram as transformações fonéticas correspondentes às condições em que se encontravam.

<i>-b-(ō)-ō</i>	<i>laudabō</i>	<i>monebō</i>
<i>-b-ē-s</i> > <i>bīs</i>	<i>laudabīs</i>	<i>monebīs</i>
<i>-b-ē-t</i> > <i>bīt</i>	<i>laudabīt</i>	<i>monebīt</i>
<i>-b-ō-mos</i> > <i>bīmus</i>	<i>laudabīmus</i>	<i>monebīmus</i>
<i>-b-ē-tis</i> > <i>bītis</i>	<i>laudabītis</i>	<i>monebītis</i>
<i>-b-ō-nt</i> > <i>būnt</i>	<i>laudabūnt</i>	<i>monebūnt</i>

Na 1.ª pess. do sing. a desinência *-ō* juntou-se directamente, para dar *-bō*; ou se se uniu por intermédio da vogal temática *-ō*, a contracção de

vogais do mesmo timbre produziu -ō: $b\ddot{o}-\ddot{o} > \bar{o}$ (cfr. Tômo I, n.º 85, 1.º).

Na 2.ª e 3.ª do singular, a vogal $\ddot{e}$ final fechada por *s* e *t*, passa a *i*.

Na 1.ª e 2.ª do plural, as vogais $\ddot{o}$ $\ddot{e}$, breves, interiores abertas, passam a *i*; na 3.ª do plural, $\ddot{o}$ final fechado passa a *u* (cfr. Tômo I, n.º 20).

3) FUTURO EM -so

229 — O latim arcaico possuía um futuro em -so, idêntico ao futuro grego em -σω, equivalente ao tipo dos verbos desiderativos em *s- e/o* do indo-europeu. O desiderativo significa o desejo de fazer a acção e, por isso, é uma espécie de futuro (cfr. 338).

O futuro em -so latino é completamente independente dos temas do infectum e do perfectum: *cap-so* e *faxo* (*fac-so*), futuros, não derivam do tema do infectum *capi- faci-*, nem do tema do perfectum, *cep- fec-*; são futuros autónomos.

Por causa da anomalia de tais futuros na flexão latina, a vida que tiveram dentro da língua latina, ao contrário do que lhes sucedeu em grego, foi efémera; apenas se conservaram êsses futuros, num ou noutro verbo, mas só em fórmulas religiosas ou jurídicas, estereotipadas.

Alguns autores arcaizantes ressuscitaram extemporâneamente o futuro em *-so*, sem influência na vida literária.

IV

Presente do conjuntivo

Tema

		a.	e. e. i	
SINGULAR	1. ^a —	<i>e</i>	<i>a</i>	<i>-m</i>
	2. ^a —	<i>e</i>	<i>a</i>	<i>-s</i>
	3. ^a —	<i>e</i>	<i>a</i>	<i>-t</i>
PLURAL	1. ^a —	<i>e</i>	<i>a</i>	<i>-mus</i>
	2. ^a —	<i>e</i>	<i>a</i>	<i>-tis</i>
	3. ^a —	<i>e</i>	<i>a</i>	<i>-nt</i>

230 — O latim teve dois conjuntivos diferentes: um, próprio do indo-europeu, em *ō/ē*; outro, de origem italo-céltica, em *-ā*.

O primeiro foi exercer as funções do futuro, nos verbos de tema em *cons.* e em *i*, como se disse ao tratar do futuro; o segundo, ficou com as suas funções próprias de conjuntivo, mas cedeu a 1.^a pessoa em *-am* para o futuro. Por isso, nesses verbos, de tema em *cons.* e em *i*, a 1.^a pess. do sing. do futuro imperfeito é idên-

tica à do pres. do conjuntivo: *leg-a-m* para os dois tempos.

No esquema nota-se logo que os verbos de tema em *-a* têm o conjuntivo em *-e*; os outros, têm o conjuntivo em *-a*. Parece uma anomalia, mas as razões são fáceis de descortinar.

Os verbos de tema em *-a* não podiam ter o conjuntivo em *-a*, como os outros; porque, desse modo, o presente do conjuntivo, depois das contracções, ficaria semelhante ao presente do indicativo, *lauda-as* > *laudas*, *lauda-at* > *laudat*, etc.; tomou, portanto, o conjuntivo do tipo indo-europeu, em *-e*. É exactamente por este motivo que os verbos de tema em *-a* tiveram de formar um futuro em *-bo*, e não puderam tomar o futuro em *-e*, proveniente do conjuntivo indo-europeu, pois este conjuntivo em *-e* lhe fazia falta (cfr. Futuro em *-bo*):

<i>lauda-o</i>	>	<i>laudo</i> (<i>laudem</i>)
<i>lauda-es</i>	>	<i>laudes</i>
<i>lauda-et</i>	>	<i>laudet</i>
<i>lauda-omus</i>	>	<i>laudomus</i> (<i>laudemus</i>)
<i>lauda-etis</i>	>	<i>laudetis</i>
<i>lauda-ont</i>	>	<i>laudōnt</i> > <i>laudūnt</i> (<i>laudent</i>)

A 1.^a pess. do sing., *laudo*, ficaria idêntica à 1.^a pess. do pres. do indicativo, e por tal razão,

recebeu, por analogia, o *-ē* do conjuntivo com a desinência *-m*: *laudem*.

A 3.^a do plural, evoluindo, daria *laudunt*, forma anômala na flexão de tema em *-a*; recebeu por analogia a forma *laudent*.

Do mesmo modo, por analogia, a 1.^a pess. do pl. passou a *laudēmus*.

231 — Os verbos de tema em *-e* não podiam formar o conjuntivo do tipo *-e*, porque ficaria a flexão idêntica à do presente do indicativo; também não podiam formar o futuro com o tipo *-e*, porque ficaria igualmente idêntico ao presente do indicativo. Foi por isso que estes verbos tomaram o conjuntivo em *-a*, e o futuro em *-bo*.

Daqui se vê que divergindo no presente do conjuntivo (*laudem deleam*), os verbos de tema em *-a* e em *-e*, aceitam o mesmo tipo de futuro em *-bo*, mas os motivos dessa aceitação são diferentes: aqueles, porque lhes fazia falta o conjuntivo em *-e*; estes, porque ficariam com o futuro igual ao presente do indicativo (cfr. Futuro em *-bo* n.º 228).

Os verbos de tema em *cons.* e em *i*, depois de cederem o conjuntivo indo-europeu em *-e* ao futuro, ficaram legitimamente com o conjuntivo em *-ā* do italo-celta.

Observe-se mais uma vez que as vogais longas, *ō*, *ē*, se abreviam antes das finais *m*, *t* e *nt* (cfr. Tōmo I, n.º 78, 2.º).

232 — Havia ainda outra espécie de conjuntivo, derivado do antigo optativo em *-ye/-i*, como aparece no grego, e em alguns verbos atemáticos latinos, como o arcáico *siem sies siet*, de *sum*, e os usuais *sim sis sit*; *uelim uelis* de *uolo*; *edim* (arc.) de *edo*; *duim* de *do*.

Este conjuntivo era muitas vezes formado de um tema independente do infectum e do perfectum, à maneira do futuro independente em *-so*, como se vê nas formas *faxim*, *adaxim*, *ausim*, etc., que são usadas abundantemente ainda em Plauto:

ausim: — «qui me quoque praesentem *ausit*» (Amphitruo, Supp. II, 33);

adaxim: — «Utinam me diui *adaxint* ad suspendium» (Aulularia, I, I, 11);

duim: — «Ne mihi ex insidiis uerba imprudenti *duit*» (Aul. I, I, 23);

duim: — «... nam quod edit, tam *duim*, quam *perduim* (Aul. IV, VI, 6); — *duis* (ib. II, II, 134); — *duint* (Amph., Prol., 72)

edim: — «Quia tu, malum, curas utrum crudum an coctum *edim*» (Aul., III, II, 16);

effexim: — «Si *effexis*, soleas tibi dabo et anulum in digito aureum et bona plurima» (Casina, III, V, 63);

dixim, induxim: — «Nunquam istuc *dixis*, neque animum *induxis* tuum (*Capteiuiei*, (*captiui*), I, II, 46).

A independência do tema dêste conjuntivo antigo nota-se perfeitamente em algumas das formas apontadas, e ainda em outras formas em que ao tema primitivo se ligam as desinências do conjuntivo em *a*, como *fu-am tag-am attig-am credu-am*, etc., também usadas em abundância nas obras de Plauto:

fuam: — «Ibo intro; ne dum absum, illis sortito *fuam*» (*Miles gloriosus*, II, VI, 112); *fuas*: — «Caueto mihi iratus *fuas*» (*Captiui*, II, III, 71); *fuat*: — «nec quiaquam tam audax *fuat* homo» (*Amph.*, III, IV, 2);

tag-am, attig-am: — «Herele uero tu cauebis, ne me *attigas*; si me *tagis*...» (*Asinaria*, II, II, 106);

credu-am: — «Quid ego illis posthac quod loquantur *creduam*?» (*Poenulus*, III, V, 2); *credu-is*: — «Nunquam edepol tū mihi diuini quicquam *creduis*...» (*Amph.*, II, II, 40).

V

Imperfeito do conjuntivo
(Pretérito do Infectum do conj.)

		Tema		
			c.	
SINGULAR	1. ^a	_____	e	<i>rē -m</i>
	2. ^a	_____	e	<i>rē -s</i>
	3. ^a	_____	e	<i>rē -t</i>
PLURAL	1. ^a	_____	e	<i>rē -mus</i>
	2. ^a	_____	e	<i>rē -tis</i>
	3. ^a	_____	e	<i>rē -nt</i>

233 — O imperfeito do conjuntivo, que não existia no indo-europeu, parece uma inovação das línguas itálicas.

A característica dêste pretérito, do quer *infectum*, quer do *perfectum*, é um sufixo *-sē-*, o qual aparece nítido no imperf. do conjuntivo, *es-se-m es-se-s*; aparece assimilado em *fer-se-m fer-re-m* e em *uel-se-m uel-le-m*, dos verbos *fero* e *uolo*. Êste mesmo sufixo *-se-* sonoriza-se, entre vogais, como em *lauda-se-m lauda-rem*; *dele-se-m dele-re-m* *audi-se-m audi-re-m*; *fo-se-m fo-re-m* e *fo-se-s fo-re-s* do verbo *sum*. Ê também êste mesmo sufixo que se nota no pretérito do *perfectum* (mais-que-perfeito) do conjuntivo: *legis-*

-se-m *legis-se-s*, *laudau-is-se-m*, *fuis-se-m*, *dixis-se-m*.

Os verbos de tema em *cons.*, com excepção dos atemáticos, unem a característica *-sē-* ao tema por meio de uma vogal chamada de ligação, *-ē-*, passando por isso o *-sē-* entre vogais a *-re-*: *leg-ē-se-m* *leg-ē-re-m*. Julgo, porém, que a tal vogal de ligação, ou conectiva, é proveniente da evolução normal das vogais temáticas, *ō/ē* (cfr. Tômoo I, n.º 8).

A propósito das formas *fo-re-m* *fo-re-s* *fo-re-t* *fo-re-nt* do verbo *sum*, observe-se também, como já se notou para o conjuntivo, que este teve um tema independente do *infectum* e do *perfectum*.

Antes das finais *m*, *t* e *nt* o sufixo longo *-sē-* (*-rē-*) abrevia-se em *-rē-*.

VI

Imperativo

<i>Presente</i>		<i>Futuro</i>					
	Tema		Tema				
2. ^a sing.	—	2. ^a sing.	—				
	<table><tr><td>c.</td></tr><tr><td>ē</td></tr></table>	c.	ē		<table><tr><td>c.</td></tr><tr><td>ī</td></tr></table> -to	c.	ī
c.							
ē							
c.							
ī							
		3. ^a sing.	—				
			<table><tr><td>c.</td></tr><tr><td>ī</td></tr></table> -to	c.	ī		
c.							
ī							

<i>Presente</i>		<i>Futuro</i>					
Tema		Tema					
2. ^a plur. —	<table> <tr><td>e.</td></tr> <tr><td>ĩ</td></tr> </table> -te	e.	ĩ	2. ^a plur. —	<table> <tr><td>e.</td></tr> <tr><td>ĩ</td></tr> </table> -to-te	e.	ĩ
e.							
ĩ							
e.							
ĩ							
		3. ^a plur. —	<table> <tr><td>e. i.</td></tr> <tr><td>ũ</td></tr> </table> -nto	e. i.	ũ		
e. i.							
ũ							

PRESENTE DO IMPERATIVO

234 — A 2.^a pess. do singular é o tema puro: *lauda dele audi capi*; mas os verbos dêste último tipo mudam o *ĩ* final em *ě* (cfr. Tôm. I, n.º 20, 3.º).

Os verbos de tema em consoante juntam ao tema puro a vogal temática -*ě*: *leg-ě*. Mas alguns verbos de tema em cons. perdem, por síncope (apócope) o *e* final: *dic duc fac em*.

Nos compostos de *facio*, como *calefacio benefacio*, etc., nos quais não se dá a apofonia, o imperativo é sincopado como o simples: *calefac benefac*; ao passo que os compostos de *facio* com apofonia, *con-ficio re-ficio*, seguem a norma geral dos verbos consonânticos, com -*ě* final: *con-ficě re-ficě*.

Os verbos consonânticos atemáticos formam o imperativo, na 2.^a pess. do sing., com o tema puro: *es fer* (cf. Tôm. I, n.º 16).

A 2.^a pess. do plural forma-se juntando a desinência *-te* ao tema: *laudā-te dele-te audi-te capi-te*; mas os de tema consonântico juntam a desinência por meio da vogal temática *-ě*, que, por apofonia, passa a *i*: *leg-ě-te leg-i-te; duc-ě-te duc-i-te* (cfr. Tômoo I, n.º 20, 2.º).

Os atemáticos juntam a desinência *-te* ao tema puro: *es-te fer-te*.

FUTURO DO IMPERATIVO

235 — Na 2.^a e 3.^a do sing. e na 2.^a do plural, as desinências respectivas unem-se directamente ao tema puro, nos verbos vocálicos, assim como nos atemáticos: *lauda-to dele-to audi-to capi-to, es-to fer-to; lauda-tote dele-tote, es-tote fer-tote*.

Os verbos de tema em cons. unem essas desinências por meio da vogal temática *-ě*, que, por apofonia, passa a *-i*: *leg-ě-to leg-ě-tote, leg-i-te leg-i-tote*.

A desinência *-nto* da 3.^a pess. do plural une-se directamente ao tema nos verbos de tema em *-a* e em *-e*: *lauda-nto dele-nto*. Nos outros verbos, isto é, nos de tema em *i*, nos de tema em cons. e nos atemáticos, a mesma desinência junta-se por meio da vogal temática *-ō* que passa a *-ū*: *audi-ō-nto audi-ū-nto; capi-ō-nto capi-ū-nto; leg-ō-nto leg-ū-nto; s-ō-nto s-ū-nto; fer-ō-nto fer-ū-nto*.

VII

Formas nominais do infectum

1) INFINITIVO PRESENTE

Tema

	e.	
	ẽ	

 -re

236 — O infinitivo, quer do *infectum* quer do *perfectum*, forma-se com o sufixo de vogal breve -ẽ (-rẽ entre vogais, sonorizado pelo rotacismo), que se une directamente ao tema, nos verbos de tema em -a, em -e, em -ĩ (longo e breve), e nos atemáticos: *lauda-se* > *lauda-re*; *dele-se* > *dele-re*; *audi-se* > *audi-re*; *capĩ-se* > *capĩ-re* > *capẽ-re* (cfr. Tõmo I, 8); *es-se*; *fer-se* > *fer-re* (cfr. Tõmo I, n.º 73, 3.º); *vel-se* > *vel-le* (cfr. Tõmo I, 72, 4.º).

Os verbos de tema em consoante temáticos unem o sufixo -se > -re por meio da vogal de ligação (temática?) -ẽ: *leg-ẽ-se* > *leg-ẽ-re*; *dic-ẽ-se* > *dic-ẽ-re*.

237 — Se bem considerarmos os factos, notamos com facilidade que a formação do infinitivo dos verbos como *capio*, cujo infinitivo é *capĩ-se* *capĩ-re* > *capẽ-re*, é completamente diferente da

formação dos verbos de tema em consoante, cujo infinitivo é *leg-ě-se* > *leg-ě-re*: naqueles o -e que precede o sufixo -re, é proveniente do -i do tema, nestes o -e- antes do mesmo sufixo é uma vogal intercalada; portanto, as formas do infinitivo, ao contrário do que supõem geralmente os gramáticos, mostram também que as flexões (ou conjugações dos gramáticos) nesses dois tipos de verbos são diferentes.

O sufixo -sě é, como acabámos de dizer, próprio também do infinitivo do perfectum: *laudavis-sě*, *leg-is-sě*, *fuis-sě*, etc.

238 — Ignora-se a origem do sufixo -se do infinitivo; supõe-se, porém, que equivale a um sufixo do antigo ablativo ou instrumental, e por isso o infinitivo é uma forma nominal com funções de sujeito.

Este -sě (breve) do infinitivo é diverso do -sē (longo) do imperfeito do conjuntivo, de que se falou acima (n.º 233); daqui se segue que não é exacta foneticamente nem morfológicamente, embora seja usada na prática, aquela regra dos gramáticos quando ensinam que o imperfeito do conjuntivo se forma acrescentando as desinências verbais ao infinitivo do verbo.

2) PARTICÍPIO PRESENTE

Tema

e. i
e

 -ns, -nt-is

239 — O particípio presente forma-se com o sufixo *-nt-* (cfr. n.º 416), que primitivamente era do grau *e*, *-ent-*, ou do grau *o*, *-ont-*; o latim generalizou o grau *e*: *leg-ent-s* > *leg-ens*; *audi-ent-s* > *audi-ens*; *capi-ent-s* > *capi-ens* (cfr. Têmo I, n.º 35, 5.º; 48 e 57, 3.º).

Os verbos de tema em *-a*, formam o particípio presente, como *lauda-nt-s* *lauda-ns*, ou porque não receberam o grau *e* de *-ent-*, devido a uma analogia com os do tipo *dele-ns* (visto que estes não precisavam dêsse grau), ou porque, tendo-o recebido, poderiam ter feito uma contracção, como também poderia ter acontecido com os verbos de tema em *-e*: *laudá-ent-s* > *lauda-nt-s* > *lauda-ns*; *delé-ent-s* > *dele-ns* (cfr. Têmo I, n.º 85, 1.º e 2.º).

240 — Em latim, encontra-se o grau *o*, do sufixo participial *-ont-*, no particípio presente do verbo *eo*, que é *i-ens*(de *i-ent-s*) *e-unt-is*(de *ei-ont-is*); *e-unt-i*(de *ei-ont-i*); *e-unt-em*(de *ei-ont-em*), *e-unt-e*(de *ei-ont-e*).

Pretendem alguns ver também uns vestígios do grau o participial, no adjectivo *sons sontis*, culpado, como se êste adjectivo fôsse o participio do verbo *sum*. Contudo, tal hipótese não parece provável, em primeiro lugar, pela significação latina: *sontes significat nocentes*, como diz a glosa; em segundo lugar, porque o participio do verbo *sum*, embora não se encontre independente, aparece nos compostos de *sum* com provérbios: *ab-s-ens*, *prae-s-ens*, e na fórmula «*dii consentes*», donde se vê claramente que o participio de *sum*, se existisse independente, seria «*s-ens s-ent-is*» e não *s-ons s-ontis*; em terceiro lugar a comparação com a forma participial do grego heracleano vem confirmar o facto: *éntes* < *hentes* < *sentés*.

241 — A forma *ens entis*, considerada como participio de *sum*, foi criada pela língua filosófica, por analogia com *es est*. Atribui-se a paternidade da formação a César; contudo, Quintiliano diz, num passo, que o autor foi Plauto, e, noutro passo, que foi Sérgio Flávio. A forma *essentia* baseada em *ens*, ou, talvez, em *sens* (*es-sent-ia*) foi também introduzida por analogia e pelos mesmos autores citados por Quintiliano. *Ens* e *essentia* tiveram emprêgo abundante na língua da Escola, para traduzir e imitar o *ôn* e o *tà ónta* (ὄν, τὰ ὄντα) gregos, e entraram nas lín-

guas novi-latinas, tanto no uso filosófico como no vulgar: o «ente» e os «entes de razão»; os «entes queridos»; a «essência» dos seres, a quinta «essência» e as «essências» aromáticas.

3) GERÚNDIO E GERUNDIVO

Gerúndio

Tema	G.	D.	Ac.	Abl.
------	----	----	-----	------

_____	$\frac{c.i}{e}$	-ndi	-ndo	-ndum	-ndo
-------	-----------------	------	------	-------	------

Gerundivo

Tema

_____	$\frac{c.i}{e}$	-ndus	-a	-um
-------	-----------------	-------	----	-----

242 — O gerúndio, que tem valor de um substantivo e serve para formar a flexão do infinitivo, e o gerundivo, que tem valor de adjectivo, chamado adjectivo verbal ou particípio fut. pass., formam-se com o mesmo sufixo, *-ndo*, aos quais se juntam as desinências casuais da flexão dos substantivos de tema em *-o*, para o gerúndio, e dos adjectivos de tema em *-o/-a*, para o gerundivo.

O gerundivo, adjectivo verbal, estava primitivamente, quanto ao sentido, bastante distanciado do gerúndio, como se observa perfeitamente nos antigos gerundivos, *oriundus secundus*; mas, pouco a pouco, por causa da construção sintáctica, visto que se podia dizer igualmente *modus faciendi historiam* e *modus faciendæ historiæ*, o gerundivo tomou um valor semântico de obrigação, que não se encontra, por exemplo em *secundus*. *Secundus*, de *sequor*, significa propriamente «que segue», «que não opõe resistência»; depois, por oposição a *adversus*, tomou o significado «que vai no sentido de», «favorável» e desenvolveu o significado especial de «vem a seguir», «segundo», e neste sentido ficou a ser o *ordinal* que segue a *primus*.

CAPÍTULO III

Sistema do perfectum activo

I

Pretérito perfeito (Presente do perfectum)

		Tema
SINGULAR	1. ^a	_____ <i>i</i>
	2. ^a	_____ <i>is-ti</i>
	3. ^a	_____ <i>i-t</i>
PLURAL	1. ^a	_____ <i>i-mus</i>
	2. ^a	_____ <i>is-tis</i>
	3. ^a	_____ <i>ēr-u-nt, -ēre</i>

243 — Quando se falou das desinências especiais do perfectum (cfr. n.º 186), indicou-se, com bastante minuciosidade, a formação do perfeito.

Através de todo o sistema do *perfectum*, com excepção da 1.^a e 3.^a do sing. e 1.^a do pl. do

pretérito perfeito, aparece a característica *-is-*, que se transforma pelo rotacismo em *-ir-* entre vogais, e depois em *-ēr-*, porque *ī* (breve) em sílaba interior aberta passa a *ē* (cfr. Tôm. 1.º, n.º 8), antes de *-r*: *leg-si-unt leg-ir-unt leg-ēr-unt*. Por contaminação com a outra forma *leg-ēre*, a forma *leg-ēr-unt* ficou a ser *leg-ēr-unt*, na língua clássica.

O pretérito perfeito forma-se acrescentando ao tema do *perfectum* que termina sempre em consoante ou em semi-vogal, as desinências especiais dêste tempo.

A 1.ª e 3.ª do singular não têm a característica *-is-*, própria de todo o sistema; a 1.ª do plural também a não tem. Mas esta junta a desinência *-mus* ao tema por meio da vogal temática *-ō-*, a qual, por ser de sílaba interior aberta, passa normalmente a *-ī-*: *leg-ō-mus > leg-ī-mus* (cfr. Tôm. 1.º, n.º 7).

Na 3.ª do pl. há duas terminações: uma em *-ēre-*, muito usada primitivamente, sobretudo antes de palavra começada por vogal; outra, *-ēr-unt* com *ē* breve, proveniente da característica *-is-*, mais a vogal temática *-ō-*, mais a desinência *-nt*: *-is-o-nt*, que deu *-ēr-u-nt*, e depois *-ēr-u-nt*, com *e* longo (cfr. n.º 191).

II

Pretérito mais-que-perfeito (pretérito do perfectum)

Tema		
SINGULAR	1. ^a	_____ <i>ẽr-ã-m</i>
	2. ^a	_____ <i>ẽr-ã-s</i>
	3. ^a	_____ <i>ẽr-ã-t</i>
PLURAL	1. ^a	_____ <i>ẽr-ã-mus</i>
	2. ^a	_____ <i>ẽr-ã-tis</i>
	3. ^a	_____ <i>ẽr-ã-nt</i>

244 — O pretérito do perfectum ou mais-que-perfeito, tem a característica *-ẽr* (de *-is*), própria do sistema, e a característica *-ã-* própria do pretérito (cfr. n.º 222) à qual se unem as desinências gerais do verbo: *leg-ẽr-ã-m leg-ẽr-ã-s*.

A vogal longa *-ã-* do pretérito abrevia-se antes de *m*, *t* e *nt*, como se viu já no pretérito imperfeito do indicativo: *leg-e-b-ã-m leg-e-b-ã-s*, *er-ã-m er-ã-s*, onde aparece igualmente a mesma característica longa *-ã-*.

III

Futuro perfeito (futuro do perfectum)

		Tema
SINGULAR	1. ^a	_____ <i>ēr-o</i>
	2. ^a	_____ <i>ēr-i-s</i>
	3. ^a	_____ <i>ēr-i-t</i>
PLURAL	1. ^a	_____ <i>ēr-i-mus</i>
	2. ^a	_____ <i>ēr-i-tis</i>
	3. ^a	_____ <i>ēr-i-nt</i>

245 — O latim para formar o *futuro do perfectum* ou futuro perfeito foi buscar uma forma ao perfeito do conjuntivo, pois este tinha duas formas: uma do tipo *o/e*, com as vogais temáticas; outra, em *-im -is*, proveniente do antigo optativo.

A primeira foi exercer as funções de futuro perfeito; a segunda ficou no pretérito perfeito do conjuntivo. Caso paralelo dera-se já no futuro imperfeito e no presente do conjuntivo (cfr. futuro imperf. e pres. do conj., n.ºs 227 e 230).

O futuro perfeito formou-se, unindo ao tema do *perfectum* a característica *-is-* (*-ēr-*) e as vo-

gais temáticas com as respectivas desinências gerais:

leg-ĩs-ō > leg-er-ō
leg-is-ě-s > leg-er-i-s
leg-is-ě-t > leg-er-i-t
leg-is-ō-mos > leg-er-i-mus
leg-is-ě-tis > leg-er-i-tis
leg-is-ō-nt > leg-er-u-nt; depois, *leg-er-i-nt*.

A 1.^a pess. do sing., *leg-er-o*, com o longo, formou-se com a desinência directamente ligada ao tema, ou por meio da vogal temática com contracção: *leg-is-ō* no primeiro caso, ou *leg-is-ō-ō > leg-er-ō*, no segundo.

As outras formas, 2.^a e 3.^a do sing., 1.^a e 2.^a do pl., têm evolução fonética normal: *ě* passa a *ĩ* antes de *s* ou *t* em sílaba final; *ě* passa a *ĩ* em sílaba interior aberta; *ō* passa a *ũ* em sílaba interior aberta.

A 3.^a do pl. devia dar foneticamente, *leg-er-unt*; mas esta forma ficava idêntica à 3.^a pess. do pl. do pretérito perfeito, o que era nocivo para a flexão, pois haveria formas idênticas em tempos de formação diferente. Para obstar a tal inconveniente o futuro perfeito foi buscar a forma *leg-er-int*, ao pretérito perfeito do conjuntivo.

**Pretérito perfeito do conjuntivo
(Presente do perfectum do conjuntivo)**

Tema		
SINGULAR	1. ^a	_____ <i>ēr-ī-m</i>
	2. ^a	_____ <i>ēr-ī-s</i>
	3. ^a	_____ <i>ēr-ī-t</i>
PLURAL	1. ^a	_____ <i>ēr-ī-mus</i>
	2. ^a	_____ <i>ēr-ī-tis</i>
	3. ^a	_____ <i>ēr-ī-nt</i>

246 — Êste tempo formou-se com a característica do perfectum *-īs- > er* e com a vogal *ī* (longo) do antigo optativo, como já se verificou no presente do conjuntivo, em formas como *s-ī-s*, *uel-ī-s*, etc., (cfr. presente do conj., n.º 232).

leg-is-ī-m > leg-er-ī-m > leg-er-ī-m
leg-is-ī-s > leg-er-ī-s > leg-er-ī-s
leg-is-ī-t > leg-er-ī-t > leg-er-ī-t
leg-is-ī-mus > leg-er-ī-mus > leg-er-ī-mus
leg-is-ī-tis > leg-er-ī-tis > leg-er-ī-tis
leg-is-ī-nt > leg-er-ī-nt > leg-er-ī-nt.

Como se vê a característica do conjuntivo-optativo era longa (cfr. *s-ī-s s-ī-mus s-ī-tis* do verbo *sum*); mas pelas condições fonéticas a vogal *ī* (longa), na 1.^a e 3.^a do sing. e na 3.^a do pl., quere dizer antes de *m*, *t* e *nt*, abreviou-se,

ficando o *-ī-* longo só nas outras três formas. Por igualdade do número das formas breves e longas neste tempo, e porque, excepto a 1.^a do sing., tôdas as outras formas se parecem com as do futuro perfeito, generalizou-se o *-ī-* breve em tôdas as formas dos dois tempos.

Os poetas, porém, com as suas liberdades, usam de quando em quando, formas com *-ī-* longo, tanto no pretérito do conjuntivo, onde elas existiram primitivamente, como no fut. perf., onde nunca se encontraram.

IV

Pretérito mais-que-perfeito do conjuntivo
(Pretérito do perfectum do conjuntivo)

		Tema	
SINGULAR	1. ^a	_____	<i>is-sē-m</i>
	2. ^a	_____	<i>is-sē-s</i>
	3. ^a	_____	<i>is-sē-t</i>
PLURAL	1. ^a	_____	<i>is-sē-mus</i>
	2. ^a	_____	<i>is-sē-lis</i>
	3. ^a	_____	<i>is-sē-nt</i>

247 — A característica composta *-is-sē-* está formada pela característica do perfectum *-is-* e pela característica *-sē-* do pretérito do conjun-

tivo: é a mesma que existe no imperfeito do conjuntivo: em *es-sē-s*, *leg-e-sē-s* > *leg-e-rē-s*; *fu-is-sē-s* *leg-is-sē-s*, no mais-que-perfeito (cfr. n.º 233).

A vogal longa de *-sē-* abrevia-se antes de *m* e *nt*.

V

**Forma nominal do perfectum:
infinitivo perfeito**

Tema

is-sē

248 — A característica composta do infinitivo perfeito está formada pela característica *-is-* do perfectum e a característica *-sē-* (com *ē* breve), do infinitivo, como já se encontrou também no infinitivo presente: *es-sē leg-e-sē* > *leg-e-rē*; *fu-is-sē leg-is-sē*.

Também aqui se pode observar o que já se disse a respeito do infinitivo presente, a saber, que não é exacta a afirmação dos gramáticos ao dizerem que o mais-que-perfeito do conjuntivo se forma do infinitivo perfeito com as designações respectivas, porque o *-sē-* do infinitivo é breve, ao passo que o *-sē-* do pretérito é longo (cfr. formação do infinitivo presente, n.º 236).

CAPÍTULO IV

Sistema do supino

249 — O sistema do supino é auxiliar da flexão verbal, porque dentro dèste sistema anda um adjectivo em *-to-* (*tus -a -um*), *lauda-tus -a -um*, *lectus -a -um*, chamado particípio passado, e um substantivo em *-tu*, de que se empregam na língua clássica o acusativo e o ablativo, *lauda-tum lauda-tu*, *lec-tum lec-tu*, e, raramente, o dativo, *lauda-tui lec-tui* (cfr. n.º 404 e 391).

I

Adjectivo em *-to*

250 — O sufixo *-to* que a princípio se ligava a raízes de grau zero, como em *stā-tus uēn-tus tlā-tus* > *lā-tus*, etc., depois de se adaptar à flexão

verbal, sofreu o influxo do supino e recebeu as modificações a que este se sujeitou.

Por isso, de uma maneira geral, se pode afirmar que o adjectivo em *-to* se constrói sobre o tema do supino. Para maior informação a este propósito, consulte-se o capítulo da formação especial do supino e particípio passado.

251 — As formas do tipo *missus clausus suspensus*, onde parece existir um sufixo *-so-*, derivam de facto do sufixo *-to-* que sofreu modificações fonéticas, provenientes, geralmente, da assibilação (cfr. Tómo I, n.º 49) ou são devidas à acção analógica do pretérito perfeito sigmático, como em *man-sus*, por analogia, com *man-s-i* (pret. perf., cfr. n.º 359 e 375).

352 — O adjectivo-particípio, em *-to-*, na origem, significava simplesmente o estado adquirido, como o que tem, pouco mais ou menos, em português, quando o particípio vem junto ao verbo «estar»: «está lido», «está feito», etc.; significava ainda em latim a acção realizada, como em alguns adjectivos-participios portugueses: homem *viajado*, querê dizer, homem que viajou; assim o latino *homo potus* querê dizer homem que bebeu; *homo desperatus*, homem que tem desespêro, que não tem esperança.

O sentido originário dêste adjectivo-participio latino teve importância capital, pois serviu para construir, sob forma perifrástica, os tempos do *perfectum* de certos verbos, chamados depoentes. Assim se formaram com o adjectivo-participio, expressões como estas: *sequuntus sum* do depoente *sēquor*; *ausus fisus gavisus solitus sum* dos semi-depoentes *audeo fido gaudeo soleo*.

253 — O sentido passivo do mesmo adj.-participio, de origem mais recente, teve igualmente valiosa importância na flexão verbal, pois contribuiu para a formação dos tempos passivos do sistema do *perfectum*, sob expressão perifrástica: *laudatus sum, auditus sum*.

II

Supino

Tema	D.	Ac.	Abl.
————	(-tu-i)	-tu-m	-tu

254 — O termo *supino* começou a ser usado pelos gramáticos do Baixo Império. O termo é a forma neutra do adjectivo *supinus* -a -um;

mas ignora-se a razão que tiveram os gramáticos para darem este nome àquela forma verbal, pois *supinus*, derivado do prefixo *sup-*(*sub-*) e do sufixo *-ino-*, formado à imitação de *de-clino*, significa «inclinado para trás», em oposição a *pronus* inclinado para diante e *obliquus*, inclinado para um lado. Pode, contudo, imaginar-se que *supino*, pelo seu significado, talvez, quisesse dizer que se *inclinava para trás*, i. é., para as outras formas verbais; e que, por analogia com *declinare*, declinar, conjugar, que é termo gramatical da flexão, e também, por analogia, com *obliquus* que é igualmente termo gramatical, por exemplo em *casus obliquus*, teria, na concepção dos gramáticos o encargo de designar o substantivo verbal em *-tum -tu*.

255 — O dativo do supino quasi se não emprega na língua clássica; conservam-se, porém, em uso frequente, o acusativo e ablativo, para completar a flexão do infinitivo, em circunstâncias determinadas, a par do gerúndio, como é dado verificar no quadro seguinte:

<i>Infinitivo</i>	<i>Gerúndio</i>	<i>Supino</i>
Nom. — <i>re (legere)</i>	Nom. —	Nom. —
Gen. —	Gen. — <i>ndi</i>	Gen. —
Dat. —	Dat. — <i>ndo</i>	Dat. — (<i>ui</i>)

Acus. —————	Acus. — <i>ndum</i>	Acus. — <i>um</i>
Abl. —————	Abl. — <i>ndo</i>	Abl. — <i>u</i>

Pelo esquema se observa que o gerúndio e o supino completam a flexão do infinitivo, que é uma forma nominal, nos casos que faltam a este; o gerúndio equivale, portanto, à flexão do infinitivo; o supino auxilia do mesmo modo a flexão do infinitivo, sobretudo no acusativo e ablativo.

Daqui se vê como é errônea a nomenclatura das gramáticas que dão ao acusativo do supino os nomes supino I, ou supino da 1.^a série, ou supino activo; e ao ablativo do supino os nomes de supino II, ou da 2.^a série ou supino passivo.

Como o gerúndio e o supino são formas de flexão do infinitivo, poderia talvez perguntar-se quando é que se deve empregar o gerúndio ou quando é que deve empregar-se o supino; mas esse estudo pertence à *Sintaxe*, e não à *Morfologia* de que se trata neste momento.

III

Particípio futuro activo

Tema

———— *tu-ru-s -a -um*

256 — A formação dêste particípio é difícil de de explicar, nem os autores são unânimes quanto à origem da terminação *-turus -a -um*.

Ernout, pág. 359 da *Morphologie*, supõe que o particípio futuro se forma do radical do particípio passado, acrescentando o sufixo *-turo-* em vez do sufixo *-to*: *lec-to-s* (*lec-tus*), *lec-turo-s* (*lec-turu-s*). De facto o sufixo *-turo-*, se existisse, dava a solução rápida e cómoda do caso.

Afigura-se-nos mais verosímil a solução seguinte: o sufixo *-turo* é um sufixo composto, de *-tu-*, próprio do supino, e do *-ro-*, que serve para formar adjectivos, como *gna-ro-s du-ro-s cla-ro-s* (*gnarus durus clarus*). Formar-se-ia assim um adjectivo em *-rus -a -um*, sôbre o tema do supino em *-tu*, e por isso o particípio futuro entra nas formações do sistema do supino.

O valor de futuro a significar que o sujeito vai praticar a acção, *scrip-tu-ru-s* «está pronto para escrever» vem da analogia com o infinitivo futuro activo.

IV

Infinitivo futuro activo

Tema

—	<i>-rum -ram -rum</i>	} esse, no infectum; <i>fuisse</i> ,
	<i>-ros -ras -ra</i>	
		no perfectum.

257 — O infinitivo fut. activo significa que o sujeito vai praticar a acção, está pronto para praticar a acção.

Julgam alguns autores que o infinitivo fut. activo é derivado do tema do supino, ao qual se junta um infinitivo *-erom*, de tipo osco-úmbrio, que depois da contracção daria, por exemplo, em *factu-erom* > *factu-rum*, e seria invariável como os outros infinitivos, *facere* e *fecisse*. Mais tarde, perdida a noção da sua ascendência e da sua maneira de ser, tomaria as formas variáveis do acus. do sing. e do pl., masculino, feminino e neutro: *facturum facturam facturum, facturos facturas factura*, com o infinitivo *esse* para o infectum, e *fuisse* para o perfectum.

Esta explicação é atraente e, à falta de melhor, parece aceitável, embora contra ela se levante a objecção de que não há, em latim, vestígios do tipo *-erom*, semelhante ao osco-úmbrio, a não ser precisamente nesta formação *fac-tu-erom* > *facturum*, que é hipotética.

Comparando as expressões do infinitivo futuro do verbo *sum*, a saber, *fore* e *futurum*, vemos que a primeira é invariável, como *esse* e *fuisse*, e que a segunda é variável como nos outros verbos: *futurum futuram futurum, futuros futuras futura esse* ou *fuisse*.

V

Infinitivo futuro passivo

Tema

_____ *tum (sum) iri*

258 — Com o acusativo do supino e com a forma *iri (irier)*, que é o infinitivo presente passivo do verbo *eo is ire*, forma-se o infinitivo passivo: *laudatum iri, lectum iri, missum iri*, etc.

CAPÍTULO V

Voz médio-passiva

A flexão da voz médio-passiva, à qual se identifica a flexão dos verbos depoentes, não causa complicações.

I

Sistema do Inflectum

259 — A voz passiva do infectum forma-se substituindo, nos respectivos tempos, as desinências activas pelas passivas.

<i>Des. pass.</i>		<i>Des. act.</i>
<i>-m</i>	_____	<i>-r</i>
<i>-s</i>	_____	<i>-ris, -re</i>
<i>-t</i>	_____	<i>-tur</i>
<i>-mus</i>	_____	<i>-mur</i>
<i>-tis</i>	_____	<i>-mini</i>
<i>-nt</i>	_____	<i>-ntur</i>

laude- <i>m</i>	laude- <i>r</i>
laude- <i>s</i>	laude- <i>ris</i> , laude- <i>re</i>
laude- <i>t</i>	laude- <i>tur</i>
laude- <i>mus</i>	laude- <i>mur</i>
laude- <i>tis</i>	laude- <i>mini</i>
laude- <i>nt</i>	laude- <i>ntur</i>

Nas primeiras pessoas que terminam em -o (*laudabo audio*, etc.) não há substituição de desinência; nestas expressões a passiva forma-se acrescentando simplesmente a desinência passiva -*r*: *laudo-r laudabo-r audio-r*, etc.

260 — A 2.^a pess. do sing. dos tipos *legi-s laudabi-s monebi-s* não formam *legi-ris laudabi-ris monebi-ris*, mas *legĕ-ris laudabĕ-ris monebĕ-ris*, porque, pelas leis fonéticas, o *i* (breve), em sílaba interior aberta, antes de *-r*, passa a *ĕ* (cfr. Tômo I, n.º 8). O mesmo sucede com as formas, em caso semelhante, dos verbos de tema em *-i* (breve): *capi-s, capi-ris* > *capĕ-ris*.

261 — O infinitivo presente (infinitivo do infectum), nos verbos de tema em *a* e *i*, forma-se com o sufixo -*rĭ*, em vez do sufixo -*re* activo: *lauda-rĭ dele-rĭ audi-rĭ*. Nos verbos de tema em *cons.*, e nos de tema em *-i* (breve), forma-se o infinitivo presente com o sufixo -*i*: *leg-i*

cap-ī. O inf. pass. de *fer-o* que devia ser *fer-ī*, é *fer-rī*, por analogia com o infinitivo activo *fer-re*.

Esta terminação *-ī* deve talvez assemelhar-se ao *-ī* do dativo, como em *rec-ei reg-i*, pois o infinitivo é uma forma nominal. Quere dizer, o infinitivo dos verbos, como *leg-ī a-gī*, corresponderia a um dativo primitivo; nos verbos do tipo *lauda-rī dele-rī audi-rī*, pode considerar-se um dativo de tema sigmático, *lauda-s-ī, dele-s-ī audi-s-ī*, sonorizado em *lauda-r-i dele-r-i audi-r-i*, ou pode supor-se que o infinitivo passivo foi construído sôbre o infinitivo activo, mudando-lhe a vogal do sufixo *-re* pela vogal de dativo: *lauda-re lauda-r-i*.

262 — O infinitivo passivo arcaico formava-se também com um sufixo, de origem ignorada, *-ier*, a substituir o *-i* de dativo; Plauto usa com freqüência esta espécie de infinitivo passivo: *habe-r-ier mitt-ier minita-r-ier*, etc.; empregam-no igualmente, por tendência arcaizante ou por conveniência métrica, alguns poetas clássicos.

263 — O imperativo presente passivo tomou as desinências *-re* e *-mini*, para a 2.^a do sing. e para 2.^a do pl.

2.^a do sing.: *lauda-re dele-re leg-ě-re capě-re audi-re*, que, como se vê, são formas idênticas à

2.^a pess. do sing. do presente do indicativo, com a desinência *-re* em vez de *-ris*;

2.^a do plural: *lauda-mini dele-mini leg-i-mini audi-mini capi-mini* que são idênticas à 2.^a do plural do presente do indicativo passivo.

O imperativo futuro passivo formou-se acrescentando o *-r* característico da passiva às desinências do imperativo futuro activo:

2.^a e 3.^a do sing.: *lauda-to-r dele-to-r leg-i-to-r capi-to-r audi-to-r*;

3.^a do plural: *lauda-nto-r dele-nto-r leg-u-nto-r capi-u-nto-r audi-u-nto-r*.

II

Sistema do perfectum

264 — A voz passiva no perfectum, assim como o sistema do perfectum dos verbos depoentes e semi-depoentes, forma-se com expressões perifrásticas, por meio do particípio passado e das formas do infectum e do perfectum do verbo *sum*.

No singular, emprega-se o nominativo do singular do particípio a concordar com o sujeito; no plural, a forma respectiva do nom. do pl., a

concordar com o sujeito: *laudatus laudata laudatum sum es est; laudati laudatae laudata sumus estis sunt.*

O infinitivo perfeito é igualmente perifrástico, formado com o acusativo do singular ou do plural, segundo a concordância, e o infinitivo *esse* ou *fuisse*: *laudatum laudatam laudatum esse (fuisse); laudatos laudatas laudata esse (fuisse).*

O infinito fut. pass., que é invariável, forma-se com o acusativo do supino e o infinitivo pass. *iri (irier)* do verbo *eo is ire*: *laudatum iri, deletum iri, lectum iri.*

CAPÍTULO VI

Paradigma da flexão unificada

I

Sistema do Infectum

VOZ ACTIVA

Modos	Indicativo			Conjuntivo			Imperativo		
	Tempos			Tempos			Tempos		
	PRESENTE			PRESENTE			PRESENTE		
	Sing.			Sing.			Sing.		
	1. ^a	c.	-o	1. ^a	ā	ā -m	2. ^a	ē	
	2. ^a	ī	-s	2. ^a	ē	ē -s			
	3. ^a	ī	-t	3. ^a	ē	ē -t	Plu.		
	Plu.			Plu.			2. ^a	ī	-te
	1. ^a	ī	-mus	1. ^a	ē	ē -mus			
	2. ^a	ī	-tis	2. ^a	ē	ē -tis			
		c. i.		3. ^a	ē	ē -nt			
	3. ^a	u	-nt						

Modos	Indicativo		Conjuntivo		Imperativo	
	Tempos		Tempos		Tempos	
	PRETÉRITO IMPERF.		PRETÉRITO IMPERF.			
	Sing.		Sing.			
		c. i.		c.		
1. ^a	ē	bā-m	1. ^a	ē	rē-m	
2. ^a	ē	bā-s	2. ^a	ē	rē-s	
3. ^a	ē	bā-t	3. ^a	ē	rē-t	
Plu.			Plu.			
1. ^a	ē	bā-mus	1. ^a	ē	rē-mus	
2. ^a	ē	bā-tis	2. ^a	ē	rē-tis	
3. ^a	ē	bā-nt	3. ^a	ē	rē-nt	
	FUTURO IMPERF.			FUTURO		
	Sing.			Sing.		
	a. e.	c. i.		c.		
1. ^a	bō	ām	2. ^a	ī	-tō	
2. ^a	bī	ē -s	3. ^a	ī	-tō	
3. ^a	bī	ē -t	Plu.			
Plu.			2. ^a	ī	-tōtē	
1. ^a	bī	ē -mus		e. i.		
2. ^a	bī	ē -tis	3. ^a	ū	-nto	
3. ^a	bū	ē -nt				

Formas nominais

INFINITIVO PRESENTE	c.	ē -rē
PARTICÍPIO PRESENTE	c. i.	e -ns, ntis
GERÚNDIO	e	G. D. Ac. Abl.
GERUNDIVO	e	-ndi, ndo, ndum, ndo
	e	-ndus, -a, -um

II

Sistema do Perfectum

VOZ ACTIVA

Indicativo	Conjuntivo
PRETÉRITO PERF.	PRETÉRITO PERF.
_____ -i	_____ -ēri-m
_____ -isti	_____ -ēri-s
_____ -it	_____ -ēri-t
_____ -imus	_____ -ēri-mus
_____ -istis	_____ -ēri-tis
_____ -erunt (-ere)	_____ -ēri-nt
PRETÉRITO MAIS-Q.-PERF.	PRETÉRITO MAIS-Q.-PERF.
_____ -erā-m	_____ -issem
_____ -erās	_____ -isses
_____ -erāt	_____ -isset
_____ -erā-mus	_____ -issemus
_____ -erātis	_____ -issetis
_____ -erā-nt	_____ -issent
FUTURO PERF.	
_____ -erō	
_____ -eris	
_____ -erit	
_____ -erimus	
_____ -eritis	
_____ -erint	

Forma nominal

INFINITIVO PERFEITO _____ isse

Sistema do Supino

	Ac. Abl.
SUPINO —————	<i>tum, -tu (-sum, -su)</i>
PARTICÍPIO PASSADO —————	<i>tus, a, um (-sus, a, um)</i>
PARTICÍPIO FUTURO —————	<i>turus, a, um (-surus, a, um)</i>
INF. FUTURO ACT. —————	<i>{ turum, am, um } esse, fuisse</i> <i>{ tuos, as, a }</i>

CAPÍTULO VII

Verbos atemáticos

265 — Os verbos atemáticos unem as desinências ao tema consonântico, em algumas formas, sem intermédio da vogal temática; exceptuando essas poucas formas atemáticas, todos os verbos, sejam quais forem, depois de constituídos os temas de flexão do presente e do perfeito e o tema auxiliar do supino, seguem a flexão idêntica à dos quadros apontados.

O próprio verbo *sum*, que é o mais irregular dos verbos latinos, e todos os atemáticos, no perfectum, seguem o esquema proposto.

I

Verbo *sum*

INFECTUM

266 — *Presente do indicativo.* Êste tempo baseia-se em dois temas: *es-* e *s-*; o primeiro é

do grau *e*, o segundo é do grau *zero* (cfr. Tômo I, n.º 31-33).

Sôbre o tema *s-*, de grau zero, estão fundadas a 1.^a do sing., e a 1.^a e 3.^a do plural; sôbre o tema *es-*, de grau *e*, estão formadas a 2.^a e 3.^a do singular e a 2.^a do plural.

As formas baseadas no grau *e* unem-se as desinências directamente sem vogal temática; às outras, ligam-se por meio da vogal temática *õ*.

<i>s-o-mi</i>	>	<i>s-o-m</i>	>	<i>sum</i>
<i>es-si</i>	>	<i>es-s</i>	>	<i>es</i>
<i>es-ti</i>	>	<i>es-t</i>	>	<i>est</i>
<i>s-o-mos</i>	>	<i>s-o-mus</i>	>	<i>sumus</i>
<i>es-tes</i>	>	<i>es-tis</i>	>	<i>estis</i>
<i>s-o-nti</i>	>	<i>s-o-nt</i>	>	<i>sunt</i>

A 1.^a pessoa do singular é a única que em tôda a flexão verbal latina apresenta a desinência primitiva *-mi* (cfr. gr. *es-mi ei-mi εἰμι*), e deveria ser também em latim *es-mi*, como no grego, ou *s-o*, como no verbo *do*, e não deveria ser *s-o-m sum*; mas esta forma, *sum*, foi criada por analogia com a 1.^a pess. do plural, *s-o-mos sumus*.

267 — Imperfeito do indicativo. Está formado pelo radical *es-*, de grau *e*, ao qual se juntam a vogal *-ã-*, característica do pretérito e as desi-

nências (cfr. Formação do pretérito imperf., n.º 222). O -s- do tema, entre vogais, rotaciza-se; a vogal -ā- abrevia-se antes de *m*, *t* e *nt*.

<i>es-ā-m</i>	>	<i>er-ā-m</i>	>	<i>er-ǎ-m</i>
<i>es-ā-s</i>	>	<i>er-ā-s</i>		
<i>es-ā-t</i>	>	<i>er-ā-t</i>	>	<i>er-ǎ-t</i>
<i>es-ā-mus</i>	>	<i>er-ā-mus</i>		
<i>es-ā-tis</i>	>	<i>er-ā-tis</i>		
<i>es-ā-nt</i>	>	<i>er-ā-nt</i>	>	<i>er-ǎ-nt</i>

268 — Futuro imperfecto. Baseia-se no radical *es-*, que se sonoriza entre vogais, ao qual se juntam as vogais temáticas breves de um conjuntivo temático primitivo: vogal -*ō* para a 1.^a do sing. e para a 1.^a e 3.^a do plural; vogal -*ě* para a 2.^a e 3.^a do sing. e para a 2.^a do plural:

<i>es-ō-ō</i>	>	<i>er-ō</i>	>	<i>er-ō̃</i>
<i>es-ě-s</i>	>	<i>er-ě-s</i>	>	<i>er-ĩ-s</i>
<i>es-ě-t</i>	>	<i>er-ě-t</i>	>	<i>er-ĩ-t</i>
<i>es-ō-mos</i>	>	<i>er-ō-mus</i>	>	<i>er-ĩ-mus</i>
<i>es-ě-tis</i>	>	<i>er-ě-tis</i>	>	<i>er-ĩ-tis</i>
<i>es-ō-nt</i>	>	<i>er-ō-nt</i>	>	<i>er-ō̃-nt</i>

A vogal *ō* da 1.^a pess. do singular, proveniente da contracção, pode abreviar-se.

Na 2.^a e 3.^a do sing., *ě* final breve, antes de *s* e *t*, passa a *ĩ*; na 2.^a do plural, *ě* interior em sílaba aberta passa também a *ĩ*.

Na 1.^a do pl., *õ* interior em sílaba aberta antes de *m*, pode passar a *ĩ*, como ficou dito no Tômo I, n.º 3 e 7.

Na 3.^a do plural, *õ* final, antes de *nt*, passa a *ũ*.

Como se vê, a flexão dêste tempo de *sum*, é idêntica à do presente temático do indicativo dos verbos de tipo *leg-o leg-is leg-it leg-i-mus leg-i-tis leg-u-nt*.

269 — *Presente do conjuntivo*. Êste tempo está baseado no radical *s-*, de grau zero, ao qual se junta o sufixo de um antigo optativo *-ye-* para as pessoas do singular, e o sufixo *-ĩ-* (longo) para o plural.

<i>s-ye-m</i>	>	<i>s-ie-m</i>	<i>s-i-m</i>
<i>s-ye-s</i>	>	<i>s-ie-s</i>	<i>s-i-s</i>
<i>s-ye-t</i>	>	<i>s-ie-t</i>	<i>s-i-t</i>
<i>s-i-mos</i>			<i>s-i-mus</i>
<i>s-i-les</i>			<i>s-i-tis</i>
<i>s-i-nt</i>		(<i>sient</i>)	<i>s-i-nt</i>

As formas do plural exerceram influxo sôbre as do singular, as quais tomaram igualmente o sufixo *-ĩ-* (longo), coexistindo com estas as do tipo *siem*, com sufixo *-ie-*; as do singular em *-ie-* exerceram também por seu lado influência sôbre a 3.^a do plural que também ficou a ter a forma *sient*, a par de *sint*.

As vogais longas abreviam-se antes de *m*, *t* e *nt*.

270 — *Imperfeito do conjuntivo*. O radical *es-* recebe directamente a característica *-se-* e as desinências sem vogal temática: estas formas são, portanto, verdadeiras formas atemáticas.

es-sē-m > *es-sē-m*
es-sē-s
es-sē-t > *es-sē-t*
es-sē-mos > *es-sē-mus*
es-sē-tes > *es-sē-tis*
es-sē-nt > *es-sē-nt*

Como sempre, a vogal longa, antes de *m*, *t* e *nt* finais, abrevia-se.

271 — *Imperativo*. O imperativo presente e futuro estão baseados no tema *es-*, excepto a 3.^a pess. do plural do imperativo futuro que se funda no tema reduzido *s-*; as formas construídas com *es-* são atemáticas; a forma construída com *s-* é temática.

Imperat. Pres.

Imperat. Fut.

2.^a sing. *es*

2.^a sing. *es-to*

3.^a sing. *es-to*

2.^a plur. *es-te*

2.^a plur. *es-to-te*

3.^a plur. *s-o-n-to* > *s-u-nto*

272 — Infinitivo presente. É atemático, baseado na raiz *es-* à qual se junta a característica *-sē* (breve) do infinitivo: *es-sē*.

273 — Participípio presente. A forma do participípio presente que aparece em alguns compostos, baseia-se na raiz reduzida *s-*, com o sufixo *ent-*: *ab-sens* (de *ab-s-ent-s*); *prae-sens* (de *prae-s-ents*); no plural *-sentes -sentia*, como se lê nas expressões religioso-jurídicas: *Dii con-sentes*; *con-sentia sacra*; na flexão vulgar *ab-sentes ab-sentia*; *prae-sentes prae-sentia* (cfr. n.º 241).

274 — Desta exposição se conclui que estão formadas com o radical pleno *es-* três pessoas do pres. do indicativo (2.ª, 3.ª do sing., 2.ª do pl.) assim como os pretéritos imperfeitos do indicat. e do conjunt.; o futuro imperf.; os imperativos do pres. e do futuro (excepto neste a 3.ª do plural) e o infinitivo presente.

Estão baseadas no tema reduzido *s-* três pessoas do pres. do indicativo (1.ª do sing., 1.ª e 3.ª do plural), assim como o presente do conjuntivo, a 3.ª pess. do pl. do imperativo futuro e o participípio presente.

275 — Conjuntivo arcaico do verbo *sum*. Tanto o presente do conjuntivo como o imperfeito do conjuntivo arcaicos, baseavam-se no tema inde-

pendente *fu-*, do qual se usaram com freqüência as formas do singular e a 3.^a pess. do plural:

Presente do conjuntivo

SINGULAR	1. ^a	<i>fu-ā-m</i> > <i>fu-ǎ-m</i>
	2. ^a	<i>fu-ā-s</i> > <i>fu-ǎ-s</i>
	3. ^a	<i>fu-ā-t</i> > <i>fu-ǎ-t</i>
PLURAL	1. ^a	_____
	2. ^a	_____
	3. ^a	<i>fu-ā-nt</i> > <i>fu-ǎ-nt</i>

Imperfeito do conjuntivo

SINGULAR	1. ^a	<i>fu-sēm</i> > <i>fu-rēm</i> > <i>fo-rēm</i>
	2. ^a	<i>fu-sē-s</i> > <i>fu-rē-s</i> > <i>fo-rē-s</i>
	3. ^a	<i>fu-sē-t</i> > <i>fu-rē-t</i> > <i>fo-rē-t</i>
PLURAL	1. ^a	_____
	2. ^a	_____
	3. ^a	<i>fu-sē-nt</i> > <i>fu-rē-nt</i> > <i>fo-rē-nt</i>

PERFECTUM

276 — O sistema do perfectum, construído com o radical *fu-*, independente do radical do infectum, segue a flexão comum a todos os verbos, exactamente como no esquema verbal.

COMPOSTOS DO VERBO *sum*

277 — Os verbos compostos de *sum*, com pre-
vérbios, seguem normalmente a flexão do sim-

ples: *ab-sum ab-es ab-sim ab-eram ab-essem ab-ero; prae-sum prae-es prae-eram prae-sim*, etc.

Contudo, alguns compostos sofrem modificações fonéticas ou analógicas.

278 — Verbo *de-sum*. As formas *dēs dēst dēram dēro dēssem*, etc., provenientes da contracção do prevérbio *de* com o tema *es-* são normais; mas por analogia com as formas simples, este verbo acolheu as formas sem contracção: *de-es de-est de-eram de-ero de-essem*, etc.

279 — Verbo *possum*. Está formado com a forma neutra, *pote*, do adjectivo *potis pote*, do qual só se empregam estas duas formas do nominativo masc. e neutro, embora no comparativo se usem todas as formas da flexão normal, *potior potius, potioris potiori*, etc. O adjectivo *potis pote* foi suplantado pelo particípio presente, *potens potentis*, de um verbo que deveria ter sido *poteo -es -ēre*, e do qual se conserva o perfectum: *potui potu-eram potu-ero potu-erim potu-issem potu-isse*.

Pois bem; da contaminação do tal verbo hipotético *poteo potes potēre* e da locução formada pelo neutro *pote* com o verbo *sum*, especialmente pela influência analógica do impessoal *pote est (potest)*, originou-se um *pot-sum > pos-sum, pot(e)-es > potes, pot(e)-est > potest, pot-*

-sumus > *pos-sumus*, *pot(e)estis* > *potestis*, *pot-sunt* > *pos-sunt* (cfr. Tôm. I, n.º 48). Sob influxo destas formas construiu-se toda a flexão: *pos-sim*, *pot-eram*, *pot-ero*, etc.

O imperfeito do conjuntivo e o infinitivo deviam ser *pot(e)-essem* e *pot(e)esse*; mas por analogia com *pos-sum pos-sim*, nas quais entra *s*, formou-se, à maneira de um atermático, *pot-se-m* > *pos-sem* e *pot-se* > *pos-se*, como *pot-sum* > *pos-sum* e *pot-sim* > *pos-sim*.

O *perfectum* deste verbo foi tomado ao *perfectum* do hipotético *poteo potes potere*. Por tal processo, o verbo *possum* no *infinitum* está formado com *sum*; no *perfectum*, recebeu as formas *potui potu-eram*, etc., do *perfectum* de *poteo*, assim, como o particípio presente, *potens potentis*.

280 — Verbo *prosum*. Está formado com o prevérbio *prod-*, cujo *d* se assimila antes de *s*: *prod-sum* > *pros-sum* > *pro-sum*; *prod-sim* > *pros-sim* (cfr. Tôm. I, n.º 48 e 58); e se conserva, antes de vogal: *prod-es prod-est prod-eram prod-esse*.

281 — Verbo *adsum*. Este verbo devia terminar foneticamente em *as-sum*; *ad-sim* em *as-sim*, com assimilação; mas a analogia impediu a assimilação.

No *perfectum* encontram-se as formas arcaicas: *ar-fui ar-fuisse*, etc.

LISTA DOS COMPOSTOS DE *sum*.

ab-sum -es -esse a-fui (melhor que *ab-fui*);
ad-sum -es -esse ad-fui (arc. *ar-fui*);
con-sum (usado só no part. pres. do infectum: *con-sens con-sentis*; no *perfectum* encontram-se *con-fuit*, assim como os inf. futuros: *con-fore* e *con-futurum*);
de-sum des(de-es) desse (de-esse) de-fui;
ex-sum (de que se conserva o imperat. fut., *ex-esto*);
in-sum -es -esse -fui;
inter-sum -es -esse -fui;
ob-sum -es -esse -fui;
pos-sum (de *pot-sum*) *pot-es posse* (por *pot-esse*) *potui*;
prae-sum -es -esse -fui;
pro-sum (de *prod-sum*) *prod-es prod-esse pro-fui*;
sub-sum -es -esse -fui;
super-sum -es -ssse -fui,

II

Verbo *uolo*

INFECTUM

282 — O infectum dèste verbo baseia-se nos radicais *uol-* e *uel-*, empregando-se o primeiro quando o *l* é velar.

Presente do indicativo

<i>uol-o</i>	>	<i>uol-o</i>
<i>uis</i>	>	<i>uis</i>
<i>uol-t</i>	>	<i>uul-t</i>
<i>uol-o-mos</i>	>	<i>uol-u-mus</i>
<i>uol-tes</i>	>	<i>uul-tis</i>
<i>uol-o-nt</i>	>	<i>uol-u-nt</i>

A 1.^a do sing., e a 1.^a e 3.^a do plural são temáticas com a vogal temática -o; a 3.^a do sing. e a 2.^a do plural são atemáticas; a 2.^a do sing. está formada de um radical independente *wei* > *wi*, que se encontra no adjectivo *in-wei-tus* > *in-ū-tus*, ao qual se juntou, sem vogal temática, a desinência -s: *wei-s* > *wi-s* > *ū-s*.

A 1.^a do plural *uol-o-mos* deu foneticamente *uol-u-mus*, e não deu *uol-i-mus* (cfr. Tôm. I n.º 7) talvez por analogia com *poss-u-mus*, com o qual formava um par de idéias associadas: *quod uolumus*, *possumus* e por analogia com a vogal anterior.

283 — *Presente do conjuntivo*. Êste tempo está formado, como no verbo *sum*, com a característica -ī- (longo) do antigo optativo, a qual se abrevia, antes de *m*, *t* e *nt*.

<i>uel-ī-m</i>	>	<i>uel-ī-m</i>
<i>uel-ī-s</i>	>	<i>uel-ī-s</i>
<i>uel-ī-t</i>	>	<i>uel-ī-t</i>

uel-ĩ-mos > *uel-ĩ-mus*
uel-ĩ-tes > *uel-ĩ-tis*
uel-ĩ-nt > *uel-ĩ-nt*

284 — Imperfeito do conjuntivo. É tempo atemático, no qual a característica *-sē-* está ligada directamente ao tema, assimilando-se (cfr. Tõmo I, n.º 68 e 72, 4.º). A vogal *ē* da característica abrevia-se antes *m*, *t* e *nt*.

uel-sē-m > *uel-lē-m*
uel-sē-s > *uel-lē-s*
uel-sē-t > *uel-lē-t*
uel-sē-mos > *uel-lē-mus*
uel-sē-tes > *uel-lē-tis*
uel-sē-nt > *uel-lē-nt*

285 — Infinitivo presente. Esta forma é também atemática, com assimilação da característica *-sē* (breve):

uel-se > *uel-le*

As outras formas de flexão são temáticas e baseiam-se na raiz *uol-*: *uol-e-bam*, *uolam uoles*, *uolens uolentis*, *uolendi*, etc.

PERFECTUM

286 — As formas do sistema do perfectum baseiam-se sobre o tema *uolu-*, formado certa-

mente por analogia com *potu-i*. Assim, *uolu-i uolu-eram uolu-isse*, etc.

287 — A forma *uis*, 2.^a pess. do sing. do pres. do indicativo, entra na formação de pronomes, advérbios, conjunções: *uter-uis qui-uis ubi-uis quam-uis*.

A conjunção disjuntiva *uel*, que indica a opção dentro de uma alternativa, pertence à família de *uolo*; mas é difícil explicar o seu aparecimento. Será de *uel-si*? Esta forma *uel-si* devia ser a normal da 2.^a pess. do sing., substituída por *uis*, e passaria a *uel-li* > *uel-l* > *uel*. O significado de conjunção *uel* «se quiseses», ajusta-se perfeitamente a esta interpretação.

Verbo *nolo*

INFECTUM

Presente do indicativo

<i>ne-uolo</i>	> <i>nolo</i>
<i>ne-uis</i>	<i>non uis</i>
<i>ne-uolt</i>	<i>non uult</i>
<i>ne-uolumus</i>	> <i>nolumus</i>
<i>ne-uoltis</i>	<i>non uultis</i>
<i>ne-uolunt</i>	> <i>nolunt</i>

288 — A negativa *nē*, que aparece em *ne-queo nē-scio nē-fas nē-uter*, etc., com vogal breve, diferente da negação *nē* com vogal longa, entra na composição de *nolo*.

As formas *nolo nolumus nolunt* têm evolução fonética regular: *ne-uolo > ne (u)olo > nolo*; evolução semelhante se dá com *nolumus nolunt*.

As formas *non uis, non uult, non uultis*, substituíram a negativa *ne* pela negativa *nōn* com vogal longa, por analogia de quantidade e de timbre com *nōlo nolumus nōlunt*, pois a evolução de *nē-uis* daria *neis* ou *nis*, a evolução de *ne-uult* e *ne-uultis* daria *nult* e *nullis*, que são formas dissonantes na flexão de *nolo*.

Presente do conjuntivo

nolim
nolis
nolit
nolimus
nolitis
nolint

289 — Êste tempo sofre a acção analógica das formas do infectum, *nolo, nolebam nolam nolui nolens*. Não pode derivar do conjuntivo *uelim uelis*, pois *ne-uelim ne-uelis* dão *nelim nelis* e não dão *nolim nolis*.

290 — Imperativo. O imperativo presente, *noli nolite*, formou-se por analogia com a 2.^a pessoa do presente do conjuntivo; sobre o imperativo presente construiu-se o imperativo futuro, *nolito nolitote*.

Noli e *nolite* seguidos de infinitivo, *noli hoc facere*, *nolite hoc facere*, exprimem uma proibição em termos delicados: «não faças isso», como quem diz «seria melhor que não fizesses».

291 — Outras formas do infectum de *nolo*, derivam como o mesmo *nolo*, da partícula *ne* e das formas respectivas de *uolo*:

ne-uolebam > *ne-uolebam* > *ne(u)olebam* > *nolebam*;

ne-uolam > *ne-(u)olam* > *nolam*;

ne-uolens > *ne-(u)olens* > *nolens*.

292 — O imperfeito do conjuntivo, *nollem nolles nollet*, e o infinitivo *nolle*, formaram-se por analogia com as formas começadas pela sílaba *no-*; os dois *ll* apareceram por analogia com as formas do verbo simples, *uellem uelle*. Se tivessem sido formadas de *ne-uellem* ou *ne-uelle* o resultado fonético seria *nellem* e *nelle*.

PERFECTUM

293 — As formas do sistema do perfectum derivam do tema *nolu-*, proveniente de *ne(u)olu*

> *ne-olu* > *nolu*. Assim, *nolu-i nolu-eram nolu-issent*, etc.

Verbo *malo*

294 — O verbo *malo* *mauis malle malui* teve formas arcaicas: *mauolo mauelim mauallem mauoluit*, que se explicam pela formação directa do verbo *uolo*, precedidas do advérbio *magis*.

mag(i)s-uolo > *macs-uolo* > *ma-uolo* (cfr. Tôm. I, n.º 77) 6.º).

Mas a passagem de *ma-uolo* a *ma-lo* é inexplicável foneticamente. O aparecimento de *ma-lo* deve-se talvez ao influxo de *ma-uis ma-uult*, por analogia e paralelismo com as formas *no-lo ne-uis ne-uult*, ainda que as duas últimas tenham sido posteriormente substituídas por *non uis non uult*.

Presente do indicatiuo

<i>mag(i)s-uolo</i>	<i>ma-uolo</i> (arc.)	<i>ma-lo</i>
> <i>-uis</i>	<i>ma-uis</i>	<i>ma-uis</i>
> <i>-uult</i>	<i>ma-uult</i>	<i>ma-uult</i>
> <i>-uolomos</i>	<i>ma-uolumus</i>	<i>ma-lumus</i>
> <i>-uoltes</i>	<i>ma-uoltis</i>	<i>ma-uultis</i>
> <i>-uolont</i>	<i>ma-uolunt</i>	<i>ma-lunt</i>

295 — A 1.ª pessoa *ma-lo* arrastou consigo a formação, por analogia, de *ma-lumus* e *ma-lunt*.

O vocalismo *a* (longo) propagou-se a todas as formas no infectum: *malebam malam malim mallem malle*; e a todas as formas do perfectum: *malu-i malu-eram malu-issem*, etc.

III

Verbo *fero*

INFECTUM

296 — O verbo *fero* no sistema do infectum possui formas atemáticas no presente do indicativo, no imperf. do conjuntivo, no imperativo e infinitivo, tanto na voz activa como na passiva.

Presente do indicativo

Voz activa	Voz passiva
<i>fer-o</i>	<i>fer-o-r</i>
<i>fer-s</i>	<i>fer-ris, fer-re</i>
<i>fer-t</i>	<i>fer-tur</i>
<i>fer-i-mus</i> (de <i>fer-ō-mos</i>)	<i>fer-i-mur</i> (de <i>fer-ō-mur</i>)
<i>fer-tis</i>	<i>fer-i-mini</i> (de <i>fer-ē-mini</i>)
<i>fer-u-nt</i> (de <i>fer-ō-nti</i>)	<i>fer-u-ntur</i> (de <i>fer-ō-ntur</i>)

297 — Na voz activa são atemáticas a 2.^a e 3.^a do sing., e a 2.^a do plural. A 2.^a pessoa do sin-

gular *fer-s* devia passar foneticamente a *fer-r* > *fer* (cfr. Tôm. 1.º, n.º 73, 3.º); mas por analogia com a segunda pessoa dos outros verbos em que aparece bem nítida a desinência -s, foi impedida a evolução normal.

Na voz passiva só são atemáticas a 2.ª e 3.ª do singular.

Imperfeito do conjuntivo

Voz activa

fer-se-m > *fer-re-m*
fer-se-s > *fer-re-s*
fer-se-t > *fer-re-t*
fer-se-mus > *fer-re-mus*
fer-se-tis > *fer-re-tis*
fer-se-nt > *fer-re-nt*

Voz passiva

fer-re-r
fer-re-ris, fer-re-re
fer-re-tur
fer-re-mur
fer-re-mini
fer-re-ntur

Imperativo

PRESENTE

Voz activa

2.ª sing. *fer*
 2.ª plur. *fer-te*

Voz passiva

2.ª sing. *fer-re*
 2.ª plur. *fer-i-mini*

FUTURO

Voz activa		Voz passiva	
2. ^a sing.	<i>fer-to</i>	2. ^a sing.	<i>fer-tor</i>
3. ^a sing.	»	3. ^a sing.	»
2. ^a plur.	<i>fer-to-te</i>	2. ^a plur.	<i>(ferimini)</i>
3. ^a plur.	<i>fer-u-nto</i>	3. ^a plur.	<i>fer-u-ntor</i>

298 — No imperat. pres. a 2.^a do plural da voz passiva, feita à imitação da 2.^a do plur. do presente do indicativo, não é atemática; no imperat. futuro, a 3.^a do plural da voz activa, e as do plural da voz passiva, também não são atemáticas.

O infinitivo presente, *fer-re*, é, como se vê imediatamente, atemático: *fer-se* > *fer-re*. O infinitivo passivo, que deveria ser *fer-i*, como *leg-i*, *mitt-i*, tomou, por analogia com *fer-re*, a forma *fer-ri*.

PERFECTUM

299 — O sistema do perfectum do verbo *fero* baseia-se numa forma supletiva do radical *tul-*, que foi buscar ao verbo *tol-no* > *tol-lo*, que tinha

o perfeito de redôbro *te-tul-i*, depois *tul-i*. Com esta forma se constrói todo o perfectum de *fer-o*: *tul-i tul-eram tul-issem*, etc.

SUPINO

300 — O sistema do supino dêste verbo baseia-se igualmente numa forma supletiva do mesmo radical *tol-(tul-)* de grau reduzido, *tl-: tla-tum > la-tum; tla-tus > la-tus*; etc.

IV

Verbo *edo*

301 — Êste verbo apresenta a flexão normal temática, exactamente como *leg-o*; mas pode apresentar algumas formas, talvez as mais usadas, na flexão do presente do indicativo, no imperfecto do conjuntivo, no imperativo e no infinitivo, sob aspecto atemático.

Tais formas atemáticas, devidas em alguns casos à assimilação, e em outros à assibilação, ficam completamente idênticas às formas respectivas do verbo *sum*, excepto na quantidade.

INFECTUM

*Presente do indicativo**ed-o**ed-i-s*, ou *ed-si* > *es-si* > *es-s* > *es* (cfr. Tôm. I, n.º 48 e 57, 3.º);*ed-i-t*, ou *ed-t* > *et-s-t* > *ess-t* > *es-t*;*ed-o-mos ed-i-mus**ed-i-tis*, ou *ed-tis* > *et-s-tis* > *es-tis*;*ed-o-nt* > *ed-u-nt*.*ed-o**edis, ēs**edit, ēst**edimus**editis, ēstis**edunt**Imperfeito do conjuntivo**ed-e-rem* (como *leg-e-re-m*),ou *ed-se-m* > *ēs-se-m*;*ed-e-re-s*, ou *ed-se-s* > *ēs-se-s*;*ed-e-re-t*, ou *ed-se-t* > *ēs-se-t*;

etc.

etc.

ederem ou *ēssem**ederes* ou *esses**ederet* ou *esset*

etc. etc.

As formas atemáticas *ēssem ēsses*, etc., deviam evoluir, segundo as leis fonéticas para *ēsem ēses*, etc., (cfr. Tôm. I, n.º 38).

Imperativo presente

2.^a sing.: *ed-e*, temática, como *leg-e* ou *es*, atemática, por analogia com a 2.^a do singular do pres. do indicat.;

2.^a plur.: *ed-i-te* (temática) ou *ed-te* > *et-s-te* > *es-te* (atemática).

Imperativo futuro

2.^a e 3.^a sing.: *ed-i-to* (temática) ou *ed-to* > *es-to* (atemática);
 2.^a do plur.: *ed-i-tote*, ou *ed-tote* > *es-tote* (atemática);
 3.^a do plur.: *ed-u-nto* (temática).

Infinitivo presente

ed-e-re, temática, como *leg-e-re*, ou *ed-se* > *es-se* (atemática)

Se a analogia desinencial não estorvasse a evolução fonética, as formas como *est estis este esto estote*, deveriam dar o resultado seguinte: *est* > *ess* > *es*; *estis* > *essis* > *esis*; *este* > *esse* > *ese*; *esto* > *esso* > *eso*; *estote* > *essote* > *esote*, só com um s, como se encontra no supino, que tem a forma *esum*, pois o supino evoluiu normalmente, da forma *ed-tum* > *et-s-tum* > *es-sum* > *es-um*, visto que não tinha formas analógicas a entrar-lhe a marcha.

Presente conjuntivo. Êste tempo conserva ao lado das formas próprias de conjuntivo latino, com a vogal *-ā-*, *ed-a-m ed-ā-s*, como *leg-am leg-ās*, as formas em *-im* do antigo optativo, *ed-i-m ed-ī-s*, como *sim sis*.

302 — Costuma dizer-se que as formas atemáticas dêste verbo *ed-o* se fundam sobre o radical longo *ēd-*, ao passo que as atemáticas se baseiam

em *ēd-* com vogal breve. Contudo, as formas atemáticas do imperfeito do conjuntivo que deveriam evoluir para *esem eses eset* se derivassem do radical longo *ēd-*, parecem mostrar que não derivam do radical longo, mas do radical *ēd-* breve, pois se conservaram *essem esses*.

A vogal longa da raiz *ēd-* aparece claramente no supino e nas formas com êle relacionadas:

ed-tum > *es-sum* > *ēsum*;

ed-to-s > *es-so-s* > *ēs-su-s* > *ēsus* (cfr. Tômo I, n.º 48).

PERFECTUM

303 — O sistema do perfectum deriva do tema *ēd-*, de grau vocálico *ē* (longo): *ēd-i ēd-eram ēd-ero ēd-isse*, etc.

V

Verbo *eo*

INFECTUM

304 — O verbo *eo is* proveniente do indo-europeu, onde tinha duas raízes, *ey-*, que deu *ī-* (longo), e *i-* (breve), quâsi só conservou em latim, ao contrário do que sucede em grego, a primeira.

Na raiz *ey-*, a semi-vogal *y* abranda entre

vogais e *esvai-se*; por isso, vemos formas com *e* antes de *a o u*: *e-o e-am e-unt*; antes de consoante o radical *ey-* passa a *ī-*; *ey-s > ei-s > i-s*; *i-rem i-bam* etc.

Presente do indicativo

<i>ey-o</i>	<i>> ei-o</i>	<i>e-o</i>
<i>ey-s</i>	<i>> ei-s</i>	<i>i-s</i>
<i>ey-t</i>	<i>> ei-t</i>	<i>i-t</i>
<i>ey-mus</i>	<i>> ei-mus</i>	<i>i-mus</i>
<i>ey-tis</i>	<i>> ei-tis</i>	<i>i-tis</i>
<i>ey-o-nt</i>	<i>> e-o-nt</i>	<i>e-u-nt</i>

305 — A forma *eunt* parece demonstrar que o plural deriva directamente do tema *ei- > ī-*: *ī-mus ī-tis e-u-nt*, pois só de *ey-u-nt* é que se formou *eunt*. Contudo alguns autores supõem que o plural dêste verbo deriva da raiz *ī-* (breve), como no grego *ī-men*, tendo-se alongado depois em latim por analogia com as formas longas do singular. Tal teoria, porém, parece que não deve ser acolhida nem adoptada.

IMPERFEITO DO INDICATIVO

306 — Êste tempo formou-se com a raiz longa *ī-*, à qual se juntou imediatamente a terminação própria, *-bam*, segundo a formação que julgamos ser a mais antiga: *ī-bam ī-bas*, como *ueni-*

-bam ueni-bas, antes de ser *ueni-e-bam ueni-e-bas* (cfr. n.º 224).

FUTURO IMPERFEITO

307 — Impossibilitado de formar o futuro em *-ā-*, tomado do conjuntivo, *ey-a-m ey-a-s*, porque ficaria idêntico ao pres. do conjuntivo, e não podendo formar o futuro em *-ē-*, como os outros verbos de tema em *-i-*, porque daria formas abstrusas (*ey-e-s > e-e-s > es, et, emus*, etc.), tomou, por analogia com o imperfeito, a maneira dos verbos de tema em *-a* e em *-e*, o futuro em *-bo -bis*: *ey-bo > ei-bo > i-bo*; *ey-bis > i-bis*, etc. (cfr. Futuro, n.º 228).

PRESENTE DO CONJUNTIVO

308 — Êste tempo é de formação normal, sôbre a raiz *ey-*: *ey-a-m > e-am*; *ey-a-s > e-as*, etc.

PARTICÍPIO PRESENTE

Nom. *i-ent-s > i-ens*

Gen. *ey-ont-is > e-ont-is > e-unt-is*

309 — A forma *i-ens* do nom. repousa sôbre a raiz breve *ĩ-* de grau zero, como se encontra também no supino *ĩ-tum*, no particípio *ĩ-tus* (cfr. *red-ĩ-tus*) e no subst. *ĩ-ter*. (Note-se porém

que o supino *amb-ītum* e o partic. *amb-ītus*, talvez porque perderam a noção da sua formação do verbo *eo*, têm *ī* longo, embora o substantivo *ambītus* conserve o *ī* breve primitivo, desta formação).

O gen. e os outros casos oblíquos do singular e todo o plural assentam sobre a gradação vocálica -o: *ey-ont-is ey-ont-i, ey-ont-es ey-ont-ia*, etc., que deram *e-unt-is e-unt-i e-unt-es*.

Se houvesse paralelismo na gradação vocálica a flexão dêste particípio deveria ser *iens ientis*, com grau *e*, ou *euns euntis* com grau *o*; mas do influxo mútuo resultou a contaminação, *iens euntis*. Só neste particípio é que aparece com certeza a gradação vocálica -ont- (cfr n.º 240).

310 — O gerúndio e gerundivo, com terminação em -undo-, têm as formas *eundi, eundo eundum* (gerúndio) e *eundus eunda eundum* (gerundivo) que representam formações nominais idênticas a *oriundus secundus repetundus*, de feição arcaica.

VI

Verbo *fi*

311 — O verbo *fi*, da raiz *bh-*, como em *fu-i fo-re fu-turum*, que já se encontrou no verbo

sum, e também se encontrou nas formações das características *-ba-* e *-bo-* do imperfeito e futuro (cfr. n.º 224 e 228), é um verbo semi-depoente, *fiō, factus sum*, cujas formas servem de passiva ao verbo *facio*.

INFECTUM

312—As formas do infectum, *fiō fis* (pres.), *fiēbam* (imperf.), *fiam fies* (fut.), *fiam fias* (pres. do conj.), são de flexão idêntica a *audio audis*; mas o imperfeito do conjuntivo recebeu, como se fôsse verbo de tema em consoante, a vogal temática *-e-*, ficando *fi-ē-rem fi-ē-res*, em lugar de *fi-rem fi-res*, como *audi-rem audi-res*.

O infinitivo presente, *fi-ē-ri*, tomou a vogal de ligação *-ē-* e a desinência passiva, e por isso ficou *fi-ē-ri*, em vez da forma activa que deveria ser, sem vogal de ligação, *fi-re*, como *audi-re*.

VII

Verbo *do*

313—*Do das dare dedi datum* é um verbo primário da raiz *do/da*, com *ã* breve pela qual

se diferença de todos os outros verbos de tema em *-ā*, pois têm vogal longa.

Nos monossílabos, *dās dā*, aparece a vogal longa, por causa da tendência latina de alongar os monossílabos; mas, nos verbos compostos, volta a reaparecer a vogal breve da raiz: *ad-di-s red-di-s; ad-de red-de*.

As modificações fonéticas sofridas pela vogal *ā* breve, nos compostos, fez assemelhar êsses compostos aos verbos de tema em consoante, do tipo *lego legis legere*. Assim, os verbos *dedo prodo reddo*, deram na evolução fonética certas formas como se fôsem de tema consonântico:

de-do de-dās de-dāre passou a *de-do de-dīs de-dēre*;

pro-do pro-dās pro-dāre passou a *pro-do pro-dīs pro-dēre*;

red-do red-dās red-dāre passou a *red-do red-dīs red-dēre*.

314 — Além da raiz apontada *do/da*, que equivale à do grego *dí-do-mi*, existia no indo-europeu outra raiz *dhe/dha*, com consoante aspirada, equivalente ao grego *tí-the-mi*, mas em latim passou a consoante simples, *d-*; desta raiz derivam também verbos latinos, como *ab-do con-do*. Os latinos, porém, confundiram as duas raízes, e os verbos compostos de uma e outra são

todos considerados da mesma família da raiz *do/da*.

315 — VERBOS COMPOSTOS DA RAIZ *do/da*

de-do de-dis de-dere, correspondente ao grego *ek-dí-dô-mi*;
e-do -dis -edere, grego *ek-dí-dô-mi*;
pro-do -dis -dere, grego *pro-dídômi*;
red-do -dis -dere, grego *apo-dídômi*;
tra-do -dis -dere, grego *dia-dídômi*.

316 — VERBOS COMPOSTOS DA RAIZ *dhe/dha*,
 que se confundiu com a raiz *do/da*

ab-do -dis -dere, grego *apo-tí-the-mi*;
con-do -dis -dere, grego *syn-tí-the-mi*;
in-do -dis -dere, grego *en-tí-the-mi*;
ob-do -dis -dere, grego *pro-títhemí*;
per-do -dis -dere, grego *para-títhemí*;
sub-do -dis -dere, grego *hypo-títhemí*.

317 — O verbo *ad-do ad-dis ad-dere*, a julgar pelos dois correspondentes gregos, *pros-dídômi* e *pros-títhemí*, e o verbo *di-do di-dis di-dere*, também com dois correspondentes gregos, *dia-dídômi* e *dia-títhemí*, podem considerar-se derivados da raiz *do/da* ou da raiz *dhe/dha*.

O verbo *cre-do cre-dis cre-dere* assemelha-se a um composto de *do das dare*, do tipo *con-do -dis -dere*; seria, pois, *cre-dho* > *cre-do*. Mas é difícil a explicação do elemento inicial *crē-*, que,

por comparação com outras línguas indo-europeias, parece ter sido *crěd-*, de modo que o verbo seria inicialmente *crěd-dho*. Como é que daqui veio *crē-do*, só com um *d*, e com *ē* longo? Como é que pôde existir no mesmo vocábulo o grupo *-ddh-*?

CAPÍTULO VIII

Verbos defectivos

318—Há verbos latinos que carecem de múltiplas formas do infectum ou do perfectum; outros não possuem sequer o sistema do infectum. Devido a essa *defecção* ou *defeito* da flexão normal, chamam-se *defectivos*:

1.º — Não têm o sistema do infectum *memini*, *odi* e *cepi*;

2.º — não possuem múltiplas formas no infectum e no perfectum, *aió* e *inquam*;

3.º — só se empregam com uma ou duas formas no imperativo, os verbos *aue*, *salve*, *salvete*, *uale* *ualete*, *cedo* *cette*; outro verbo só usa no presente do indicativo as formas *quæso* *quæsumus*.

I

319 — *Memini*. É um perfeito de redôbro, da raiz sonântica *men-*: *me-mēn-i* > *me-mīn-i*, idêntica à raiz que está no substantivo *men-s men-t-is*.

A flexão é do sistema do perfectum, *memini memin-eram meminissent*, mas tem o valor e significado das formas do infectum: *memini* lembro-me; *memineram* lembrava-me, etc.

O mais curioso dêste verbo é que com o tema do perfectum se formou um imperativo, com as desinências do imperativo futuro, e com valor de imperativo presente: *me-men-to* (2.^a pess. sing.), *me-men-tote* (2.^a do plur.). Formou-se igualmente por analogia, um particípio pres., *meminens*, de pouco uso, porque o adjectivo *memor* lhe tomou o lugar.

Odi odisse. Êste verbo é, como *memini*, um perfectum com valor de infectum, com a raiz *ōd-* (longa) a contrapor ao substantivo *ōd-ium* com *ō* breve, o que demonstra a antiguidade do grupo *ōd-/ōd-*.

Deve ter existido um particípio *ōsus*, como se conclui das formas *ex-ōsus per-ōsus*, e, até, duma forma de perfeito de aspecto depoente *ōsus sum*, em vez de *ōd-i*.

Pelo seu significado, *memini* e *odi*, indicam o resultado duradouro de uma acção concluída: *memini* significa «estou de posse da lembrança de um facto», lembro-me; *odi* quer dizer «posuo o estado de ódio», odeio.

Coepi coepisse. Formado do perfeito *ēpi*, de *apio -is -ere ēpi aptum*, com o prefixo *co-* (cum), *co-epi*, era a princípio trissílabo, *co-ē-pi*, exactamente como *co-ē-gi*, composto de *co-* e do perfeito *egi*, do verbo *ago agis agere egi actum*; mas quando se perdeu a idéia da relação com o verbo *apio*, a forma *coepi* passou a ser considerada dissilábica, *coe-pi*, e, por fim, o grupo *œ* começou a pronunciar-se como ditongo.

Ao contrário de *memini* e *odi* que têm só o valor do infectum, o verbo *coepi* tomou o valor próprio do perfectum, a cujo sistema pertence, e recebeu também o valor importado do infectum. Para obviar a esta promiscuidade de valores, *coepi* ficou exclusivamente com o significado do perfectum que lhe pertencia por origem e pela flexão, sendo atribuído o valor do infectum a um verbo *coepio -is -ere*, ou a um frequentativo *coepito -as -are*, ou ainda ao verbo *in-cipio*, pois estes três verbos se encontram a desempenhar as funções do infectum de *coepi*.

O verbo *coepi* tem um particípio *coeptus -a -um*, que serviu para construir a voz médio-passiva: *coeptus sum, coeptus eram*, etc.

II

320 — Aio. O verbo *aio* só possui algumas formas do infectum. Está formado com a raiz *äg-* e o sufixo *-yo*: *ag-yo* > *aiio* > *aio*, com a mesma espécie de evolução fonética que se deu em *mag-yor* > *maior* > *maior*. A raiz *ag-* do verbo *aio* aparece claramente no substantivo *ad-äg-ium*, que deveria evoluir para *ad-aium*, e no verbo *ind-ig-itare*.

Aio é um verbo de tema em *-i*, como *audio audis audire*, e nas formas que conserva em uso, tem a flexão do *audio*.

O significado primitivo de *aio* era «dizer sim»; depois, por extensão significou «afirmar»; finalmente, por enfraquecimento de sentido, passou a significar vagamente «dizer», confundindo-se com *dico*, que lhe tomou as funções em quasi todas as formas.

*Pres. do ind.**Imperf.*

<i>aio</i>	<i>aiebam</i> (e <i>aibam</i>)
<i>ais</i>	<i>aiebas</i>
<i>ait</i>	<i>aiebat</i>
_____	<i>aiebamus</i>
_____	<i>aiebatis</i>
<i>aiunt</i>	<i>aiebant</i>

*Pres. do conj.**Imperat.*

aias

aiat

2.^a sing. *ai*

aiant

Inquam. Como *aio*, o verbo *inquam*, emprega-se geralmente em orações incisivas, para relatar as palavras da pessoa que fala, em discurso directo ou indirecto.

A flexão das formas que conserva é semelhante à dos verbos de tema em *-i* (breve).

*Pres. do indicat.**Imperf.*
inquam
inquīs
inquīt
inquīmus
inquītis
inquīunt

inquībat, inquiebat

*Futuro**Pres. do conj.*

inquies

inquiet

inquat

*Imperat.**Preterito perf.*

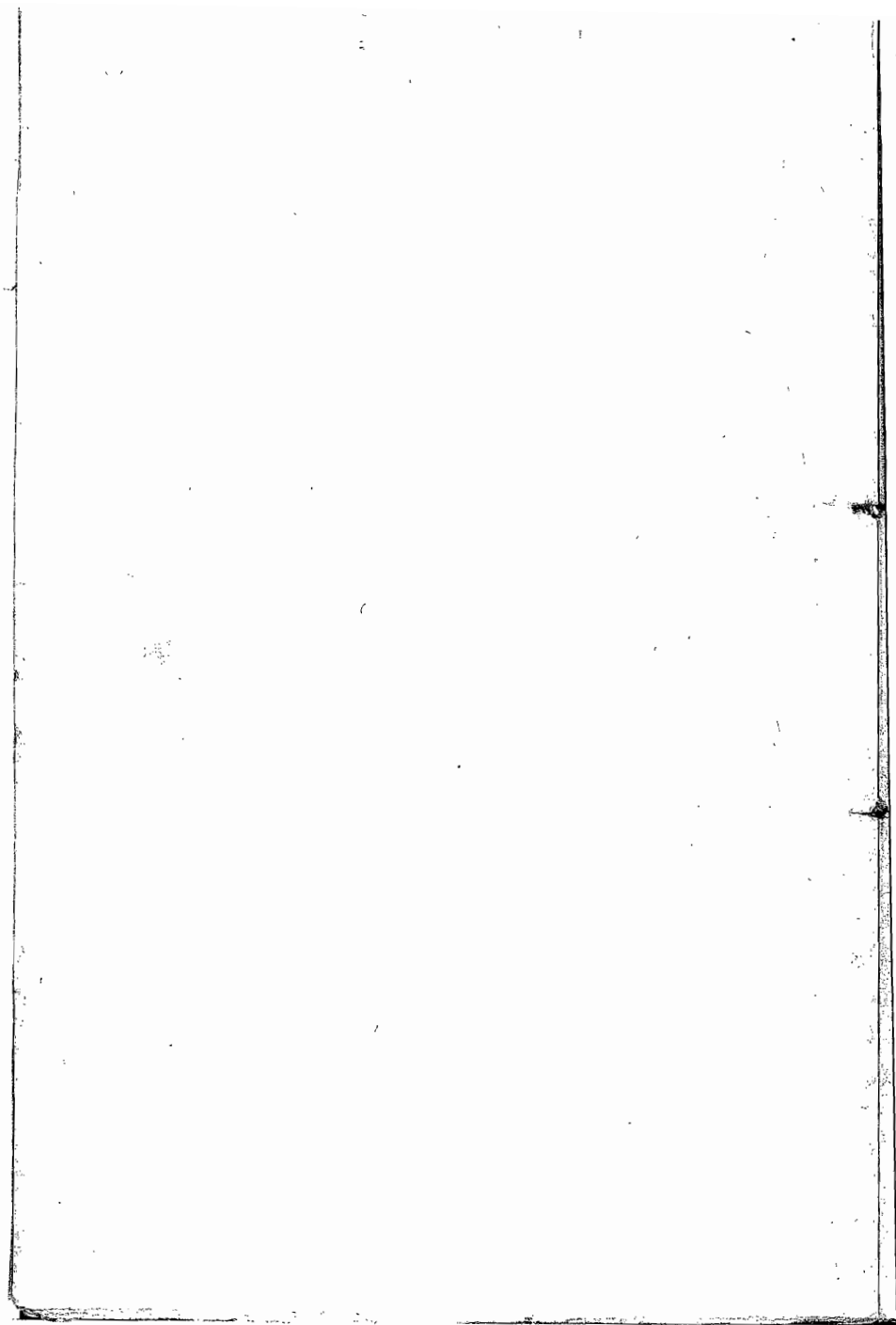
inque (pres.), *inquito* (fut.)

inqui
inquisti

A forma *inquam* do presente do indicativo, 1.^a pess., parece importada do presente do conjuntivo.

Fari. É um defectivo que corresponde ao enunciado *for faris fari fatus sum*. Eis algumas formas usadas:

Pres. do indicat.: *fatur fantur*; as formas *for faris famur famini* só são empregadas pelos gramáticos; *infinitivo*, *fari* e *farier*; *imperat.*, *fare*; futuro *fabor fabitur fabimur*; part. pres., *fans fantis*; gerúndio, *fandi fando*, etc., gerundivo, *fandus -a -um*; supino, *fatū* (abl.); part. passado, *fatus*. No perfectum usam-se tôdas as formas.



QUARTA PARTE

Temas verbais

Acabamos de ver a formação dos tempos dos verbos, depois de reduzirmos tôda a flexão verbal a um só tipo, com base nos temas do presente, para o infectum, nos temas do perfeito para o perfectum, e no tema auxiliar do supino para as formas incluídas no sistema do supino.

Para ampliar o estudo dos temas fundamentais, vamos abrir êste capítulo, dedicado a cada um dos sistemas próprios da flexão.

CAPÍTULO I

Sistema do infectum

Os temas do presente encontram-se em verbos formados só pela raiz, chamados *verbos-raízes* em verbos com redôbro, em verbos com infixos, chamados *verbos infixados*, e em verbos com sufixos, sob o nome de *verbos sufixados*.

I

321 — Verbos-raízes, com raiz monossilábica

Em *ā*: *no nās nāre; sto stās stāre; do dās dāre* (com *ā*); *for fari* (defectivo);

Em *ē*: *fle-o flē-s flē-re; re-or rē-ris rē-ri*;

Em *i* (longo e breve): *sci-o sci-s sci-re*. Costumam meter-se neste grupo, os verbos de tipo *uen-io uen-ī-s uen-ī-re*, com o sufixo *-io* (longo),

e os de tipo *cap-i-o cap-ĩ-s*, com o sufixo *-io* (breve), assim como alguns depoentes de sufixo longo, *or-io-r orĩ-ri* ou de sufixo breve, *pat-io-r pat-i*;

Em cons.: *leg-o leg-i-s; sequ-o-r sequi*.

Os verbos de tema em cons. podem ter na raiz as vogais *ā ā, ē ē, ī ī, ō ō, ū ū*, e os ditongos *ai(ae), ei(i), eu(u), oi(u), ou(u)*. Assim:

ā-ā: uād-o uād-i-s; āg-o āg-i-s;

ē-ē: rēp-o rēp-i-s; gēr-o gēr-i-s;

ī-ī: īc-o īc-i-s; mīt-o mīt-i-s;

ō-ō: plōd-o plōd-i-s (cfr. *com-plōdo ex-plōdo*);
cōl-o cōl-i-s;

ū-ū: sūg-o sūg-i-s; cūrr-o cūrr-i-s;

ai > ae: quair-o > quaer-o quaer-i-s; caid-o > caed-o caed-i-s;

au: claud-o claud-i-s; plaud-o plaud-i-s. Serão verbos de raízes monossilábicas, *claud- plaud-*, ou serão verbos compostos de *do*, *claw-do plan-do*, como *con-do* ou *tra-do*?

ei > ī: deic-o > dic-o dic-i-s; feid-o > fid-o fid-i-s;

eu > ou > u: deuc-o > douc-o > duc-o duc-i-s;
eus-o > eur-o > ur-o; fleugw-o > flu-o, (cfr. *flug-tus > fluc-tus*);

oi (oe) > u: loid-o > lud-o lud-i-s (cfr. *loidos e loedos fecerunt*, i. e. *ludos fecerunt*; *oit-or > ut-or ut-i* (cfr. *oitile (utile) esse facere*);

ow > ou > u: clow-o > clou-o > clu-o clu-i-s
(cfr. *clow-aca > clou-aca > clo-aca*).

Verbos raízes, com raiz dissilábica

Em *ā*: *aro arā-s arā-re* (cfr. *arā-tor arā-trum*);
domo domā-s domā-re (cfr. *domu-i domi-tum*).
Nos verbos do tipo *domo domas*, a vogal *ā* alterna,
no perfeito e no supino com *ă*.

322 — 1) Nos verbos *iterativos* (que indicam o processo em vias de chegar ao termo e a acção completamente realizada), a raiz dissilábica apresenta o vocalismo do grau zero. Por exemplo *dico dicas dicare*, do grau zero de aspecto durativo, contraposto a *dico dicis dicere*, proveniente do grau *e* de *deico*; *-dūco -ducas -ducare* em *e-dūco e-ducas e-ducare*, do grau zero, em contraposição de *dūco ducis ducere*, do grau *e* ou *o* de *deuc-o > douc-o > duc-o*; etc. Contudo, alguns mostram a raiz do grau *e*, como *celo celā-s celā-re*; *-pello -pella-s -pella-re*, em *ap-pello ap-pella-s ap-pella-re*; *uenor uenā-ri*; *-spernor -spernā-ri* em *a-spernor a-sperna-ri*, etc.

A maior parte destes verbos aparece em composição, o que afinal, está conforme com o seu valor iterativo-durativo visto que a composição vinca mais nitidamente êsse valor.

Dá-se também a estes verbos o nome de

intensivo-durativos. Alguns autores chamam-lhes *freqüentativos*, mas este nome reservamo-lo para os *freqüentativos* de que se falará mais adiante (cfr. n.º 342).

323 — 2) Em *ē*: Nos verbos de raiz dissilábica de tema em *ē*, temos, em *primeiro* lugar os verbos a que Meillet-Vendryès dão o nome de *causativos*, aos quais Ernout dá também o nome de *factitivos*, por indicarem que o sujeito provoca a acção designada pela raiz:

doce-o docē-s, faço aprender; daí, ensinar; especialmente, fazer repetir (uma peça), *docere fabulam*; do grau *o*;

mone-o monē-s, fazer pensar; daí, avisar, da raiz de grau *o*, *mon-*, aparentada com *mens*, *me-men-i me-min-i*, etc.

morde-o mordē-s, fazer sofrer, em sentido moral (cfr. *re-morso*) e em sentido físico; depois, morder; do grau *o*;

torque-o torquē-s, fazer dar voltas (cfr. *torquē-s*, subs., colar, bracelete); daqui, torcer; depois, torcer os membros, atormentar, torturar, no sentido moral e físico; do grau *o*.

Além destes e de outros verbos com o grau *o* da raiz, própria dos verbos *causativos* ou *factitivos*, pertencem a esta categoria os verbos *auge-o augē-s*, *suade-o suadē-s*, e *terre-o terrē-s*, com vocalismo diferente de *o*.

324 — 3) Entre os verbos de raiz dissilábica em *ē*, devem considerar-se ainda os verbos *estativos*, que indicam o estado expresso pela raiz. São, geralmente, intransitivos, como é próprio de verbos que designam estado, mas uns poucos têm também o valor transitivo, e pertencem em geral à raiz do grau zero:

care-o carē-s, estar desprovido, estar em carência; *carere igitur hoc significat: egere quod habere velis* (Cic., Tusc. I, 88).

late-o latē-s, estar escondido, ao contrário de *pate-o patē-s*, estar descoberto, estar à vista; donde, ser patente, ser manifesto.

A vários destes verbos corresponde um causativo ou factitivo de outro tema:

a *iace-o iacē-s*, estar estendido, lançado no chão, jazer, corresponde *iac-i-o iac-i-s iac-ere*, lançar, atirar, deitar (cfr. alemão *liegen*, jazer e *legen*, colocar);

a *sede-o sedē-s*, estar sentado, corresponde *sid-o sid-i-s sid-ere*, de aspecto determinado que indica o processo em vias de chegar ao termo, e significa: sento-me. Comparem-se estes dois verbos com os verbos alemães, *sitzen*, estar sentado e *setzen*, sentar-se; comparem-se ainda com os verbos latinos *sto stā-s stā-re*, estar em pé, e *sisto sistis sistere*, deter-se, parar; *cubo cubā-s cubā-re*, estar deitado, e *-cumbo -cumbis -cumbere*, deitar-se;

a *pende-o pendē-s*, estar suspenso, corresponde *pend-o pend-i-s pend-ere*, suspender.

325 — Verbos há *estativos*, e, portanto, com valor de intransitivos, que, por ampliação de valor, podem ser também transitivos:

habe-o habē-s significa ter (trans.) e detenho-me (trans.), que depois passou a significar habito, moro (intrans.);

tene-o tenē-s significa ter, possuir, (tr.) e tender, dirigir-se, com valor intransitivo, mas este valor foi absorvido pelo verbo *tend-o tend-is tendere*;

uide-o uidē-s, significa primitivamente o estado indeterminado de uma sensação visual; *uideo* queria, pois, dizer, estou no estado de visão; daqui, veio o valor transitivo de «ver uma pessoa ou objecto».

326 — Em *ī* (longo):

audi-o audī-s. Pertencem em geral a esta categoria os verbos que na 2.^a pessoa do singular do pres. do indicativo têm o tipo espondaico, *i. e.* à sílaba longa da raiz segue-se a sílaba longa do tema: *aūdīs*; a 2.^a pess. está por conseguinte formada de duas sílabas longas, — —.

Em *cons.*:

Não existem verbos simples de raiz dissilábica nos verbos de tema em consoante.

II

Verbos de redôbro no presente

327 — O redôbro, em latim, é característico do sistema do perfectum; mas, assim como há certos substantivos formados com redôbro, também existem presentes verbais redobrados, nos temas em consoante.

O redôbro do sistema do infectum forma-se com a consoante inicial da raiz, seguida da vogal *-i*:

bi-bo bi-bis bi-bere, verbo de presente redobrado; da raiz *b-* formou-se *bi-b-o*;

se-ro se-r-i-s se-re-re, verbo de presente redobrado, da raiz *s-*: *si-s-o*. A raiz *s-*, entre vogais, rotacizou-se, dando *si-r-o*; o *i* (breve) antes de *r*, passou a *ē* (*se-r-o se-r-i-s*) por influência dos compostos.

si-st-o si-sti-s si-ste-re, verbo redobrado, da raiz *st-*: *si-st-o*.

gi-gno gi-gn-i-s gi-gn-e-re, verbo redobrado, da raiz de grau zero, *gn-*, contraposto ao verbo *gen-o gen-i-s* e ao substantivo *genus generis*, que têm a raiz do grau *e*:

sido sid-i-s, verbo redobrado da raiz *-sd-*: *si-sd-o si-zd-o si-d-o*. A sibilante fricativa surda,

s, antes da sonora *d*, passou a sonora, *z*; esta, depois, abrandou-se e esvaiu-se, produzindo alongamento compensatório; é uma evolução fonética semelhante à de *is-dem* > *iz-dem* > *i-dem* (cfr. Tômoo I, n.º 65, 2.º).

III

Verbos denominativos

328 — Dá-se o apelido *denominativos*, à maneira francesa, aos verbos que derivam de nomes, i. e., de substantivos e adjetivos; incluem-se igualmente nesta categoria os verbos derivados de outros elementos gramaticais, e até de onomatopéias.

329 — 1) DENOMINATIVOS EM *-ã*

A princípio, como é natural, formaram-se só de palavras de tema em *-ã*, por exemplo, *fugo* *fugas fugare*, baseado no substantivo *fuga*; mas, com o andar dos tempos e com a força da analogia, foram aparecendo verbos denominativos em *-ã*, baseados em substantivos e adjetivos de diferentes temas.

A facilidade de tal formação deu notável desenvolvimento aos verbos denominativos em

-ā, os quais geralmente têm valor de transitivos:

planto -as -are, de *planta*; *animo* -as -are, de *anima*; *aquor aquaris aquari*, de *aqua*; etc., etc.

dono -as -are, de *donum*; *dominor* -aris -ari, e *domino* -as -are, de *dominus*; etc.

curuo -as -are, do adj. *curuus* -a -um; *laetor* -aris -ari, do adj. *laetus* -a -um; *foedo* -as -are, do adj. *foedus* -a -um, etc.

laboro -as -are, de *labor*; *operor* -aris -ari, e *opero* -as -are, de *opus*; *furor* -aris -ari, de *fur*; *hiemo* -as -are, de *hiems*; etc.

grauo -as -are e *grauor* -aris -ari, do adj. *gravis*; *celebro* -as -are, do adj. *celeber*; *suplico* -as -are, do adj. *suplex*; *duplico* -as -are, de *duplex*; *simulo* -as -are, do adj. *similis*; etc.

fluctuo -as -are, de *fluctus*; *aestuo* -as -are, de *aestus*; *gelo* -as -are, de *gelu*; etc.

glacio -as -are, de *glacies*; etc.

itero -as -are, do adv. *iterum*;

nego -as -are, de *neg-*, forma da negativa *nec*, que se encontra em *neg-ligo*, *neg-otium*;

pipio -as -are, *piar*, e *pipilo* -as -are, *pipilar*, de onomatopeias;

ululo -as -are, *ulular*, da onomatopeia de redôbro, *ul-ul*, própria de homens e animais.

Os denominativos de tema em -ā são muito abundantes em latim, e serviram de modelo a

múltiplas formações do mesmo tipo nas línguas românicas.

330 — 2) DENOMINATIVOS EM $\bar{e}$

Os denominativos dêste tema, ainda que primitivamente, derivassem só de substantivos e adjectivos de tema em *-o -a*, formaram-se depois também de outros temas, e são em geral intransitivos, ao contrário dos denominativos em *-a* que são comumente transitivos.

albeo -es -ere, do adj. *albus -a -um*; *ardeo -es -ere*, do adj. *aridus -a -um*; *caneo -es -ere*, de *canus -a -um*, branco (cfr. port., as cãs, as brancas);

-mineo -es -ere (cfr. *e-mineo e-mines e-minere*), de *minæ -arum*, subs. fem. pl.;

arceo -es -ere, de *arx arcis*; *sordeo -es -ere*, de *sordes, -is*, usado sobretudo no plural, *sordes -ium*, etc.

331 — 3) DENOMINATIVOS EM $\bar{i}$

Os denominativos dêste tipo, geralmente intransitivos, derivam, de comêço, dos nomes em *-i*; mas mais tarde formaram-se igualmente denominativos em $\bar{i}$, baseados em outros temas. São abundantíssimos os denominativos dêste género, baseados em onomatopeias.

finio -is -ire, de *finis*; *febrio -is -ire*, de *febris*; *sortior -iri*, de *sors sorti-s*, subst. de tema em *i*; *sitio -is -ire*, de *sitis*; etc. etc.

custodio -is -ire, de *custos custod-is*, subs. de tema em cons.;

fastidio -is -ire, de *fastidium*, subs. de tema em -o;

singultio -is -ire, de *singultus -us*, de tema em -u; etc., etc.

Formados de onomatopeias, temos, por exemplo:

grunnio -is -ire, grunhir; *hinnio -is -ire*, relinchar; *tinio -is -ire*, tinir, tlintar; *gannio -is -ire*, ganir; *uagio -is -ire*, vagir; *fritinnio -is -ire*, chilrear, etc. etc.

332 — 4) DENOMINATIVOS EM cons

Os denominativos de tema em cons., como *tribuo -is -ere*, são verbos em -uo, derivados de substantivos de tema em u, com o sufixo *yo/ye*, cuja semi-vogal, *y*, se abranda e esvai entre vogais:

metu-yo > *metu-o*, *metu-ye-s* > *metu-es* > *metu-is*, do subs. *metus*;

acu-yo > *acuo -is -ere*, de *acus*;

statu-o -is -ere, de *status*;

tribu-o -is -ere, de *tribus*.

Os verbos *uoluo -is -ere* e *soluo -is -ere* apesar de terminarem em *-uo*, não são denominativos; o primeiro é de uma raiz *uelo- > uolo-* que se encontra, por exemplo, em *in-uolu-crum*; o segundo é um composto do verbo *luo*: *sē-luo sō-luo*.

O verbo *uiuo -is -ere* que se assemelha aos denominativos pela terminação *-uo*, não pertence a essa categoria; provém da raiz *g^wei- > g^wi-* (cfr. *g^wei-ta > g^wi-ta > ui-ta*), com um alongamento em *-u-*, e assim apareceu o verbo *ui-u-o*: *g^wei-u-o > g^wi-u-o > ui-u-o > uiuo*.

Muitos outros verbos, que, por terminarem em *-uo*, se assemelham aos denominativos, diferenciam-se claramente dos deste tipo. Tais são, por exemplo, *cluo*, *fluo*, *struo*, que não derivam de substantivos de tema em *-u*.

IV

Verbos Infixados com *-n-*

333 — O infixo é um morfema que se mete dentro da raiz; o infixo verbal é o elemento *ne*, o qual passa a simples elemento nasal, *n*. Por sua vez o elemento nasal, passa a *m*, por assimilação incompleta, antes de *b* e *p*:

iu-ne-go > *iu-n-go*;
cu-ne-bo > *cu-n-bo* > *cu-m-bo* (cfr. *in-cumbo*);
ru-ne-po > *ru-n-po* > *rumpo*.

Os verbos infixados são de tema em consoante, entre os quais alguns há de tipo atemático primitivo; mas podem incluir-se todos nos verbos temáticos.

334 — O infixo nasal próprio do sistema do infectum, propagou-se, em alguns verbos, ao sistema do perfectum, com exclusão do supino; em outros, ao supino, com exclusão do perfectum; e ainda em outros, ao perfectum e ao supino.

Exemplos:

<i>Pres.</i>	<i>Perf.</i>	<i>Supino</i>
<i>linqu-o</i>	<i>liqu-i</i>	<i>lic-tum</i> (cfr. <i>re-lic-tum</i> , <i>re-lic-tus</i>)
<i>fund-o</i>	<i>fud-i</i>	<i>fus-um</i>
<i>rump-o</i>	<i>rup-i</i>	<i>rup-tum</i>
<i>(ac)-cumb-o</i>	<i>(ac)-cub-ui</i>	(cfr. <i>ac-cub-i-tus</i>)
<i>tang-o</i>	<i>te-tig-i</i>	<i>tac-tum</i>
<i>frang-o</i>	<i>freg-i</i>	<i>frac-tum</i>
<i>finx-o</i>	<i>finx-i</i>	<i>fic-tum</i>
<i>pinx-o</i>	<i>pinx-i</i>	<i>pic-tum</i>
<i>pung-o</i>	<i>pu-pug-i</i>	<i>punc-tum</i>
<i>iung-o</i>	<i>iunx-i</i>	<i>iunc-tum</i> (cfr. <i>iug-um</i>)
<i>plang-o</i>	<i>planx-i</i>	<i>planc-tum</i> (cfr. <i>plag-a</i>)

Verbos existem em que o infixo anda ligado ao sufixo *yo/ye*, que os coloca entre os verbos de tema em *i*, ou ao sufixo *-sc-* (*-isc-*):

uinc-io uinx-i uinc-tum, com o infixo *n*, propagado ao perfectum e ao supino, ao contrário do verbo seguinte, em que o sufixo aparece só no infectum:

uinc-o uic-i uic-tum

O verbo *sanc-io* tem também o infixo, *n*, em todos os sistemas, e o sufixo *yo/ye*:

sanc-io sanc-iui (sanc-i) sanc-itum (sanc-tum); cfr. *sac-er*;

nanc-isc-or (nactus sum) nac-tus, part.

Observe-se que há muitos verbos em que o *n* é próprio da raiz, e não aparece lá por inflexão:

cing-o cinx-i cinc-tum (cf. *cing-ulum*);

ungu-o unx-i unc-tum (cfr. *ungu-entum*);

ang-o anx-i anc-tum (cfr. *ang-or, ang-ustus*); etc.

V

Verbos com sufixo

335 — Os sufixos são elementos que se acrescentam à raiz, externamente; mas em alguns

casos uniram-se de tal maneira com ela que mal se distinguem e formam com a raiz um agrupamento quási indivisível. Os sufixos servem para modificar bastas vezes o significado original da raiz; outras vezes apenas reforçam o valor ideológico primitivo.

1) SUFFIXO -sc- (-isc-)

336 — Com o sufixo -sc-, proveniente de -ske-sko-, formam-se verbos *incoativos*, que indicam o início do processo verbal.

Este sufixo junta-se directamente à raiz de grau zero, nos verbos de tema em consoante, ou às raízes longas em *a* e *o* *i*; no caso dos verbos em *i* reforça-se o *i* primitivo do sufixo *yo/ye*, com o sufixo -isc-.

Nalguns casos raros o sufixo propaga-se ao perfeito.

Exemplos:

po-sc-o, da raiz *prk-* que deu *porc-*; *porc-sc-o*, > *por-sc-o* > *pos-sc-o* > *pos-co* (cfr. Tôm. I, 77, 5.º e 73, 3.º); da mesma raiz, veio o verbo *prec-or* e o substantivo *prex*, usado no pl. *prec-es*; o sufixo conserva-se no perfeito de redôbro, *po-po-sc-i*;

com-pe-sc-o, de *com-perc-sc-o* (cfr. *parc-o*);

di-sc-o, da raiz redobrada do grau zero, *do*; *di-dc-sc-o di-c-sc-o di-sc-o* (cfr. perf. *di-dic-i*, e *doc-eo*); vid. TÔMO I, 74, 4.º e 75, 5.º;

hia-sc-o na-sc-or; *cre-sc-e sue-sc-o*; *no-sc-o*; todos de raízes longas.

Nos verbos de tema em *-i*, o sufixo é *-isc-* para reforçar o sufixo *yo/ye*, alongando-o:

(*ad*) *-ap-isc-or*, de *ap-i-o ap-i-s (ap-yo)*;

(*con*) *-cup-isc-o*, de *cup-io cup-i-s cup-e-re (cup-yo)*;

(*pro*) *-fic-isc-or*, de *fac-io fac-i-s fac-e-re (fac-yo)*;

(*ob*) *-dormi-sc-o*, de *dormi-* com *i* (longo).

Os verbos incoativos podem derivar de nomes, e são, neste caso, também *denominativos*.

ira-sc-or, de *ira*; *igne-sc-o* de *ignis*; *dure-sc-o*, de *durus*; *sene-sc-o*, de *senex senis*.

O mesmo sufixo *-sc-* deu origem no latim vulgar a muitos verbos incoativos, que, por si, eram intransitivos, e até a muitos verbos que se formaram nas línguas românicas: *entardecer*, *envelhecer*, *ensurdecer*, semelhantes na composição a *nascer*, *crescer* (*en*)-*durecer*, que já eram de formação latina.

2) SUFIXO *-n-*

337 — São poucos os verbos latinos que receberam este sufixo. Eis alguns:

cer-n-o -is -ere, da raiz *cer-* que alterna com *cre-*, como se nota em *cre-ui cer-tum*; mas cfr. *cer-tus -a -um*, adj. da mesma raiz de *cer-n-o*;

si-n-o -is -ere, da raiz *si-* (cfr. *si-tus*) assim como os compostos, *de-si-n-o* (cfr. *de-si-tus*), e *po-no*. Este último formou-se normalmente do simples e do prevérbio *po-*; *po-si-n-o* > *po-s-no* > *po-z-no* > *pō-no*. O prevérbio *po-*, além de aparecer no verbo *pono*, encontra-se sem dúvida, no verbo *porceo*, composto de *po-arceo*, e no substantivo *po-lu-brum* (proveniente de *po-lou-dhrom*, com a raiz *lou-*, do verbo *lau-o*, lavar).

ster-n-o -is -ere, da raiz monossilábica *ster-*, alongada em *-a*, no particípio *strā-tus*, e, por influência dêste no perfeito *strā-ui*, e talvez em *stla-tus* > *tla-tus* > *la-tus -a -um*, e até, como querem alguns autores, em *stella*, de *ster-n-la* (cfr. Tômo I, 37 e 72, 3.º, 5.º). Ao verbo *ster-n-o* corresponde um intensivo-durativo, *con-sterno -as -are*, e o poético *externo -as -are*, assim como ao verbo *sper-n-o*, também com sufixo nasal, corresponde um intensivo-durativo, *aspernor -aris -ari*, que significa repelir com desdem;

tol-l-o -is -ere, de *tol-n-o*, com sufixo nasal proveniente da raiz *tol- tla-*, as quais se notam, sem sufixo no perfeito e no supino: *te-tul-i* e *tla-tum* > *la-tum*, que foram cedidos ao verbo *fero*.

3) SUFIXO -so (-sso)

338 — Com o sufixo -so formam-se os verbos *desiderativos*, que exprimem o desejo de praticar a acção expressa pela raiz. O sufixo, com consoante dobrada, -sso, aparece depois de vogal breve.

quae-so, desejo procurar, de *quais-so quaes-so quae-so*, com sufixo -so, contraposto ao verbo simples, sem sufixo, *quair-o*, proveniente da mesma raiz *quais-*, do verbo anterior (cfr. *quais-tor quaes-tor, quaes-tus*). *Quaeso* e *quaero* formam o perfeito de tipo -*iui* secundário e o participio -*itus*: *quaesini, quaesitus*;

ui-so -is -ere, desejo ver, da raiz *weid-*; *weid-so > uid-so > uis-so > ui-so* (cfr. *uid-eo*);

in-cesso, quero ir contra, de *in-ced-so*, com sufixo -so (cfr. *ced-o -is*);

facē-sso, desejo fazer (cfr. *fac-ě-, facē-re*);

cap-ě-sso, desejo agarrar, de *cap-ě-, cap-ě-re*);

Estes verbos formam o perfeito e participio, quando os usam, em -*iui*, e em -*itus*; *arcesso arcessiui arcessitus; laccio laccessiui laccessitus*, etc.

4) SUFIXO -tūrio (-sūrio)

339 — Como o sufixo precedente, o sufixo -*tūrio* com *ū* breve, serve também para formar verbos *desiderativos*, de tema em *ī* (longo).

Segundo Meillet-Vendryès, pág. 268, tais desiderativos são baseados no tema do supino; deve, porém, notar-se que são formados do tema do presente, porque a sílaba *-tū-* (*-sū-*) do supino é longa, ao passo que no sufixo *-tūrio* (*-sūrio*) a mesma sílaba é breve.

can-tūrio -is -ire, desejo cantar, com a raiz de *can-o -is*;

nup-tūrio, desejo casar, de *nub-turio* (cfr. *nub-o -is -ere*);

em-p-tūrio, desejo comprar, de *em-turio* (cfr. *em-o -is*; vid. Tôm. I, 84, 2.º);

ē-sūrio -is -ire, desejo comer, tenho fome, de *ēd-tūrio*, que por assemelhação dá *ē-surio*, com alongamento compensatório (cfr. *ēd-o*, e vid. Tôm. I, n.º 49).

5) SUFIXO *-t-*

340 — Este sufixo entra em uns poucos verbos de tema em consoante, e adere de tal maneira à raiz que parece fazer parte integrante da mesma.

flec-t-o -is -ere; cfr. *flec-sus flexus*;

plec-t-o -is -ere, que significa bater, e o seu semelhante *plec-t-o*, que significa entrançar, enlazar; o primeiro de uma raiz *plac-*; o segundo,

da raiz *plēc-*, que aparece claramente em compostos do tipo *ex-plíc-o -as -are*, sem o *-t-* sufixal, e talvez nos verbos, como *du-plíc-o multi-plíc-o*;

nec-t-o -is -ere, ligar, com sufixo *-t-* (cfr. *nec-sus nexus*, sem *-t-*);

pec-t-o -is -ere, pentear, cardar, com sufixo, como se vê igualmente em *pec-t-en pec-t-in-is*, pente (cfr. perf. *pec-si pexi*; sup. *pec-sum pexum*, sem o sufixo *-t-*).

6) SUFIXO *-d-*

341 — Êste sufixo aparece assimilado em *-l-*, nos poucos verbos em que se introduziu:

fal-l-o -is -ere, de *fal-d-o* (cfr. supino *fal-sum*);

pel-l-o -is -ere, de *pel-d-o* (cfr. supino *pul-sum*); etc.

As formas de supino *falsum* e *pulsum* dizem manifestamente que existiu um *d*, sem o qual elas não poderiam nunca tomar a forma que tomaram:

fal-sum só pôde provir de *fal-d-tum* (cfr. Tômo I, n.º 49), o que vem provar a existência do sufixo *-d-* em *fal-d-o fal-l-o*.

É certo, porém, que muitos autores supõem, e para isso aduzem algumas razões, que tanto o

verbo *fal-l-o* como *pel-l-o* se formaram com o sufixo *-n-*, *fal-n-o* *pel-n-o* que dão também foneticamente *fallo pello* (cfr. Tômoo I, n.º 72, 5.º).

Existe ainda em latim um sufixo *-d-*, diferente do anterior, porque provém de *-dh-*, e que se encontra em verbos como *ten-d-o* (cfr. *ten-eo*), em *(of)-fen-d-o*, em *fren-d-o* (cfr. *frem-o*), os quais são também evidentemente diferentes dos verbos compostos de *do* (cfr. n.º 315 e 316).

7) SUFIXOS *-to(-so)*, *-ito*, *-tito*

342 — O sufixo *-to* que serve para formar verbos *freqüentativos*, de tema em *-a*, é o mesmo que se encontra no participio passado (cfr. *auc-to-s auc-tu-s*). Este facto deu aso a que alguns autores afirmassem que os verbos *freqüentativos* estão construídos sobre o participio em *-to* (cfr. Meillet-Vendryès, pág. 271, § 426; Ernout, pág. 224). Parece, contudo, que é mais exacto dizer-se que êsses verbos estão baseados nas raízes verbais, com o sufixo *-to(-so)*, tanto mais que existem verbos *freqüentativos*, embora não exista participio em *-to*.

auc-to -as -are, de *aug-eo*;
mac-to -as -are, de *magis auctare*;

spec-to -as -are, da raiz *spec-* (cfr. *re-spic-io*);
iac-to -as -are, de *iac-io*;
uer-so -as -are, de *uert-to* que deu *uer-so*, por
 assibilação; cfr. *uert-o -is ere*;
dormi-to -as -are, de *dormi-o dormi-re*;
habi-to -as -are, da raiz *hab-* do verbo *habeo*
habui (cfr. *hab-tus > habi-tus*);
domi-to -as -are, da raiz *dom-* do verbo *domo*
domare domui (cfr. *dom-tus > domi-tus*).

Por analogia com os dois últimos verbos, *habito domito*, freqüentativos, introduziu-se na língua um sufixo novo, *-ito*, que depois se juntou às raízes verbais, como sufixo independente:

ag-ito -as -are, de *ag-o eg-i ac-tum*. Com *ag-ito* se formou o verbo *co-gito*, de *co-agito*;
dub-ito -as -are, da raiz *dub-* (cfr. *dub-o -as -are*, e adj. *dub-ius*);
haes-ito -as -are, de *haes-eo > haere-o*.

O mesmo sufixo *-ito*, serviu para reforçar o sufixo existente já em certos verbos freqüentativos, de modo que aparece como um sufixo redobrado, *-tito*:

auc-tito -as -are, de *aucto -as -are*, de *aug-eo*;
can-tito -as -are, de *can-to -as -are*, de *can-o -is -ere*;

sal-tūto -as -are, de sal-to -as -are, de sal-io -is -ire; etc.

Os freqüentativos tiveram amplo desenvolvimento no latim vulgar, por serem mais expressivos, e entraram com abundância nas línguas românicas, como *cantar, ditar, habitar, hesitar, matar, saltar, saltitar*.

CAPÍTULO II

Sistema do perfectum

I

Perfeitos em geral

343 — Quem analisar as formas do perfeito dá de frente com as seguintes espécies:

Pres.	Perf.
1.º — <i>lĕg-o</i>	<i>lĕg-i</i>
2.º — <i>cān-o</i>	<i>ce-cĭn-i</i>
3.º — <i>āg-o</i>	<i>ēg-i</i>
4.º — <i>dīc-o</i>	<i>dīx-i (dic-si)</i>
5.º — <i>mone-o</i>	<i>monu-i</i>
6.º — <i>laud-o</i>	<i>lauda-ŭi</i>
7.º — <i>īc-o</i>	<i>īc-i</i>

No tipo 1.º, *lĕg-o lĕg-i*, houve alongamento da vogal do mesmo timbre, dentro da raiz; no tipo

2.º, *căn-o ce-căn-i*, existe uma formação com redôbro; no tipo 3.º, *ăg-o ăg-i*, deu-se variação de timbre e alongamento da vogal da raiz; no tipo 4.º, *dic-o dic-s-i > dixi*, introduziu-se um sufixo, *-s-*; no tipo 5.º, *mone-o monu-i*, mudou-se em *-u* a vogal terminal *-e*, da raiz; no tipo 6.º, *laud-o lauda-ui*, entra o sufixo *-u-*, que forma o perfeito em *-ui (-vi)*; no tipo 7.º, *ic-o ic-i*, não se observa mudança de timbre, nem de quantidade, não existe redôbro nem sufixo; neste caso o perfectum distingue-se do infectum só pelas terminações.

344 — Destas várias espécies de perfeito latino, as dos tipos 1.º e 2.º, pertencem às *formações primitivas* do perfectum indo-europeu, conservado em latim; as formações dos tipos 3.º e 4.º, provêm do aoristo indo-europeu, transferidas para o perfeito latino: são, por isso, *adaptações*; as dos tipos 5.º e 6.º foram criadas dentro da língua latina: são, portanto, *inovações*; as do tipo 7.º são tão raras que se podem considerar casos esporádicos, para os quais se não encontra razão plausível.

A formação do tipo 6.º, em *-ui (vi)*, proveniente de inovação latina, é a única dinâmica, i. e., a única que produz perfeitos de verbos novos criados na língua; as formações restantes

são estáticas, pois só se mostram nos verbos antigos que as adquiriram primitivamente, durante a evolução que se deu para a constituição do latim.

345 — Os verbos de tema em *-a* têm perfeitos dos tipos:

- 1.º — *iuu-o iuu-i; lau-o lau-i;*
- 2.º — *sto -as, ste-ti; (do -as, de-d-i);*
- 5.º — *seco -as, secu-i; sono -as, sonu-i;*
- 6.º — *laudo -as, lauda-ui.*

A formação mais importante e mais numerosa é a do tipo 6.º. Do tipo 1.º só há os dois verbos apontados; do tipo 2.º, só existem os indicados; do tipo 5.º há apenas uma meia dúzia.

346 — Os verbos de tema em *-e*, têm perfeitos dos tipos:

- 1.º — *sedeo sed-i; uideo uid-i;*
- 2.º — *pendeo pe-pend-i; mordeo mo-mord-i;*
- 4.º — *fulgeo ful-si; rideo ri-si;*
- 5.º — *doceo docu-i; moneo monu-i; habeo habu-i;*
- 6.º — *deleo dele-ui; fleo fle-ui.*

A formação mais abundante, peculiar aos verbos de tema em *-e*, pertence ao tipo 5.º.

Do tipo 1.º há oito verbos; do tipo 2.º, há cinco; do tipo 4.º, há uns vinte; do tipo 6.º, há uns poucos verbos radicais, e outros poucos formados por analogia.

347 — Os verbos de tema em *-i* (longo e breve) têm perfeitos dos tipos:

- 1.º — *uen-io -ire, uen-i; fug-io -ere, fug-i;*
- 2.º — *par-io -ere, pe-per-i;*
- 3.º — *fac-io -ere, fec-i; iac-io -ere, iec-i;*
- 4.º — *sent-io -ire, sen-si; haur-io -ire, hau-si;*
- 5.º — *sal-io -ire, salu-i;*
- 6.º — *aud-io -ire, audi-ui; scio -ire, sci-ui.*

A formação característica dos temas em *-i*, é a do tipo 6.º; as outras quasi são em número insignificante em sua comparação.

348 — Os verbos de tema em cons. têm perfeitos de todos os tipos:

- 1.º — *ed-o ed-i; rump-o rup-i;*
- 2.º — *cad-o ce-cid-i; tang-o te-tig-i;*
- 3.º — *ag-o eg-i; frang-o freg-i;*
- 4.º — *ger-o ges-si; mitt-o mi-si;*
- 5.º — *al-o alu-i; gem-o genu-i;*
- 6.º — *ser-o se-ui; pet-o peti-ui;*
- 7.º — *ic-o ic-i; ru-o ru-i.*

II

Perfeitos primitivos

349 — 1) *lĕg-o lĕg-i*: alongamento da vogal radical.

A formação do perfeito com alongamento da vogal da raiz é própria dos verbos primitivos de tema em consoante:

ĕd-o ĕd-i; ĕm-o ĕm-i; lĕg-o lĕg-i; fünd-o fünd-i; lĭngu-o lĭqu-i; rŭmp-o rŭp-i; uĭnc-o uĭc-i; talvez *scab-o scāb-i*; em que se nos apresentam as vogais breves do presente (nalguns casos com o infix -n-) alongadas nos respectivos perfeitos.

Encontra-se, porém, este tipo, igualmente em alguns verbos de tema em -e e em -i, e em dois de tema em -a

sĕde-o sĕd-i; uĭde-o uĭd-i; fŭg-io fŭg-i; föd-io föd-i; uĕn-io uĕn-i; etc.
iũu-o iũu-i; lāu-o lāu-i.

350 — 2) *can-o ce-cin-i*: perfeito de redôbro.

Antes de analisarmos o mecanismo do redôbro no perfeito, convém dar uma noção geral

do que era o redôbro, como processo morfológico, na língua latina.

351 — O redôbro é a repetição intencional dos mesmos sons num vocábulo, com vários fins: 1.º) para dar uma idéia onomatopaica, como nas palavras, *gar-ga-lhar*, *mur-mur-ar*, *ul-ul-ar*; 2.º) para indicar «em certas condições, uma idéia em movimento contínuo, uma progressão constante, ou ainda a existência múltipla de um objecto»; 3.º) «para dar maior relêvo ou realce a certos conceitos, reforçando assim o significado de uma raiz» (cfr. Dr. J. Simões Neves, *O redôbro como processo secundário de Morfologia Gramatical*, apud *Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa, 1933, Tômoo I, página 29 a 44).

O redôbro encontra-se em substantivos, adjetivos e verbos: *fur-fur*, *gur-gul-io*; *me-mor*, *ba-bu-lu-s*; *gi-gn-o*, *mur-mur-ar-e*, *pi-pi-lo*; *te-tig-i*, *spo-pon-di*, etc.

352 — No verbo indo-europeu o redôbro servia geralmente para reforçar o valor primitivo da raiz, revestindo-a de idéias acessórias, como um verdadeiro morfema. Assim, o redôbro do *tema do presente* acumulava sobre o significado primário da raiz idéias secundárias de duração, de intensidade, de causa, como se vê nos poucos

presentes redobrados latinos, se exceptuarmos os verbos de presente onomatopaico: *gi-gno*, *sero* de *si-so*, *disco* de *di-de-sco*, etc. (cfr. n.º 327, presentes de redôbro); o redôbro no *tema do aoristo* indo-europeu, significava repetição, como se depreende de um aoristo redobrado, -se é aoristo-, que passou a perfeito, em latim: *te-tig-i*, comparável ao homérico *té-tag-on*, *τέ-ταγ-ον*; no *tema do perfeito*, servia para vincar a idéia de uma acção completa e acabada de realizar (cfr. Dr. J. Simões Neves, *ibid.*, pág. 34).

Pondo de parte o redôbro do presente de cujo processo se falou no n.º 327, e o redôbro esporádico do aoristo, porque, mesmo que existisse em latim, teria entrado para o sistema do *perfectum* latino, vejamos o mecanismo do redôbro no perfeito.

353 — Mecanismo do redôbro no perfeito. O redôbro deu-se nos verbos radicais, que não formaram o *perfectum* com alongamento da vogal; é próprio dos verbos de tema em cons., embora se encontrem cinco perfeitos redobrados, nos temas em *-e*; um, nos verbos de tema em *-ā* (longo), ao lado de outro de tema em *-ā* (breve); e um também, nos verbos de tema em *-i*.

*Pres.**Perf.*

1.º — <i>cad-o</i>	<i>ce-cid-i</i> (c)
2.º — <i>caed-o</i>	<i>ce-cid-i</i> (c)
3.º — <i>can-o</i>	<i>ce-cin-i</i> (c); <i>-cinu-i</i>
4.º — <i>fall-o</i>	<i>fe-fell-i</i> (c)
5.º — —	<i>me-min-i</i>
6.º — <i>pang-o</i>	<i>pe-pig-i, panxi</i> (c); <i>-peg-i</i>
7.º — <i>pare-o</i>	<i>pe-perc-i</i> (c); <i>-par-si</i>
8.º — <i>par-io</i>	<i>pe-per-i</i> (i)
9.º — <i>ped-o</i>	<i>pe-ped-i</i> (c)
10.º — <i>pell-o</i>	<i>pe-pul-i</i> (c); <i>-pul-i</i>
11.º — <i>pende-o</i>	<i>pe-pond-i</i> (e)
12.º — <i>pend-o</i>	<i>pe-pond-i, pendi</i> (c)
13.º — <i>si-st-o</i>	<i>ste-ti</i> (c)
14.º — <i>tang-o</i>	<i>te-tig-i</i> (c)
15.º — <i>tend-o</i>	<i>te-tend-i, tend-i</i> (c)
16.º — <i>tene-o</i>	<i>(te-tin-i), tenu-i</i> (e)
17.º — <i>toll-o</i>	<i>(te-tul-i), tul-i</i> (c); <i>-tul-i</i>
18.º — <i>sto</i>	<i>ste-t-i</i> (ā)
19.º — <i>do</i>	<i>de-d-i</i> (ā)
20.º — <i>bi-b-o</i>	<i>bi-b-i</i> (c)
21.º — <i>di-sc-o</i>	<i>di-dic-i</i> (c)
22.º — <i>find-o</i>	<i>(fi-fid-i), fid-i; -fid-i</i> (c)
23.º — <i>scind-o</i>	<i>sci-cid-i, scid-i</i> (c)
24.º — <i>orde-o</i>	<i>mo-mord-i, me-mord-i</i> (e)
25.º — <i>po-sc-o</i>	<i>po-posc-i, pe-posc-i</i> (c)
26.º — <i>spond-eo</i>	<i>spo-pond-i, spe-pondi</i> (e)
27.º — <i>tond-eo</i>	<i>to-lond-i</i> (e)
28.º — <i>curro</i>	<i>cu-curr-i, ce-curr-i</i> (c)
29.º — <i>pung-o</i>	<i>pu-pug-i, pe-pug-i</i> (c); <i>-punxi</i>
30.º — <i>tund-o</i>	<i>tu-tud-i</i> (c)
31.º — <i>-cello</i>	<i>(-ce-cul-i) -cul-i</i> (c)

354 — *Comentários à lista dos perfeitos redobrados.*

1.º — O redôbro é próprio dos verbos de tema em consoante; contudo, há cinco verbos redobrados de tema em *-e* (11, 16, 24, 26 e 27); um de tema em *-ā* (longo), 18; outro, de tema em *-ã* (breve), 19; por fim, um, de tema em *-i* (breve), 8.

2.º — O redôbro existe, em maioria, nos verbos de radicais puros; mas observa-se também em verbos infixados (6, 14, 22, 23, 29, 30); em verbos com o sufixo *-n-* como em 17, *tol-n-o* > *tol-l-o*; em outros verbos com o sufixo *-d-* (4, 10); em verbos com o sufixo *-sc-*, como em 21, 25; e em verbos que têm também redôbro no presente (13, 20, 21, 25).

3.º — Forma-se o redôbro, nos verbos que começam por consoante simples, por meio de uma sílaba com a consoante inicial e com a vogal *-e*: *ce-cin-i* de *can-o*; *pe-pig-i* de *pango*. Nesta formação aparecem-nos 19 verbos, ou antes 20, se atendermos ao verbo que não existe independente, mas só em composição, e que vem na lista com o n.º 31.

Nos verbos, porém, que começam pelo grupo *s + oclusiva* (*sc- sp- st-*), a sílaba de redôbro

forma-se com êsse grupo e a vogal -e: *ste-t-i* de *sto*, 18; *spe-pond-i*, depois *spo-pond-i*, de *spon-deo* (26); *sci-cīdi* de *scindo* (23).

Se compararmos o redôbro do presente com o redôbro do perfeito nos verbos que começam pelos mesmos grupos de s + *oclusiva*, vê-se que o presente redobrado se forma só com a consoante inicial, ao passo que o perfeito se forma com o grupo: *sto* deu um verbo redobrado *si-sto* (presente) e deu o perfeito redobrado, *ste-t-i*.

4.º — Os verbos cujo radical continha as vogais *i*-*u*- tomaram o redôbro com essas mesmas vogais, embora se encontrem perfeitos redobrados primitivos correspondentes a êsses verbos, com a vogal normal -e, como em 28, 29.

Os verbos com a vogal *o* no radical tomaram o redôbro com *e*, mas, por assimilação com a vogal radical, passaram ao redôbro também com a vogal *o*: *me-mord-i* passou a *mo-mord-i*; *po-posc-i*, *spo-pond-i* (24, 25, 26).

5.º — As formas *ste-t-i* (18), *sci-cīd-i* (23), *spo-pond-i* (26), provêem, por dissimilação, de *ste-st-i*, *sci-scīd-i*, *spo-spond-i*.

6.º — Nos verbos compostos, o redôbro perde-se, em geral, por haplologia, se o perfeito ficar com mais de três sílabas: *con-cīd-i* em vez de

con-ce-cid-i; *re-spond-i* em lugar de *re-spo-pond-i*; mas conserva-se, se o perfeito do composto não tiver mais de três sílabas: *e-bi-bi*, *red-di-di*, *con-sti-t-i*.

Contudo, encontram-se formas como *ad-me-mord-it*, *prae-cu-curris-ti*, *de-to-tond-erat*, nas quais se conserva o redôbro antigo.

Em certos perfeitos compostos, *repperi rep-puli rettuli*, permanece o redôbro, como se vê perfeitamente pela permanência de *-pp-* e *-tt-*.

7.º — Verbos há que perderam, no simples, o redôbro que tinham, como em 17, 22, *tul-i fid-i*, por analogia com os seus compostos: *con-tul-i*, *sus-tul-i*; *con-fid-i*, *dif-fid-i*. *Fend-i* e *tend-i* existem a par dos redobrados, *pe-pend-i te-tend-i* (12, 15).

Alguns verbos adoptaram novo perfeito, em substituição do que possuíam com redôbro: *tenui* por *te-tin-i* (16); em 6, ao lado de *pe-pig-i* redobrado, existe um perfeito novo, *panxi*; também em 8, a par do redobrado *pe-perc-i* se encontra um perfeito de formação diferente, *par-si*.

8.º — Certos verbos adoptaram igualmente para o perfeito dos compostos um perfeito de formação diferente: *pango im-peg-i* (perfeito alongado), em vez de *im-pe-pig-i*; *cano, oc-cinu-i*, por *oc-ce-cin-i*; *pungo, com-pun-xi* (perfeito sigmá-

tico), por *com-pu-pug-i*. Alguns compostos de *pello* (10) receberam o perfeito *-pul-i*, proveniente do redôbro, *pe-pul-i*, mas outros tomaram um perfeito sigmático, *pul-si*.

9.º — Um verbo *cello* (31), de *cel-d-o*, que só aparece em compostos, como em *per-cello*, tinha um perfeito redobrado, *ce-cul-i*, segundo se deduz dos compostos: *per-cul-i* por *per-ce-cul-i*; mas encontra-se também o perfeito em *-si*: *-cul-si*.

III

Perfeitos de adaptação

355 — Os perfeitos de adaptação latina são de duas espécies, como se indicou acima, n.º 344: são os perfeitos com variação de timbre e alongamento da vogal da raiz (*āg-o ēg-i*) e os perfeitos sigmáticos (*mīt-o mī-si*).

356 — Os perfeitos do tipo *āg-o ēg-i* vieram por adaptação do aoristo primitivo, como se poderia observar por comparação com algumas formas de aoristo existentes no grego.

Às vezes o aoristo ampliava com *-k-* a raiz verbal, e foi o que sucedeu com alguns perfeitos latinos: *fē-c-i iē-c-i*. Nestes dois verbos o *-c-* do

aoristo-perfeito latino, passou também para o tema do presente, onde não existia: *fā-c-io*, *iā-c-io*, *fē-c-i* *iē-c-i*, e entrou do mesmo modo nas formações do particípio e do supino: *fa-c-tus* *fa-c-tum*, *ia-c-tus* *ia-c-tum*:

Exemplos: *āg-o* *ēg-i*; *āp-io* *ēp-i* (cfr. *co-ēp-i* *coepti*); *cāp-io* *cēp-i*; *frāng-o* (com infix nasal) *frēg-i*; *fā-c-io* *fē-c-i*, etc.

357 — Outra espécie de perfeito adaptado do aoristo antigo é o perfeito sigmático em *-si*, formado com a característica *-s-* dos aoristos fracos (cfr. grego *e-lu-s-a* *ἐλυσσά*, *e-deic-sa* *ἐδειξά*); por isso se costuma dar a estes perfeitos latinos o nome de *perfeitos fracos*.

Como o latim aboliu na flexão verbal o tempo chamado aoristo, aproveitou-lhe a característica para construir perfeitos, e fê-lo em larga escala, tanto nos verbos de tema em *-e* (*rideo risi*), como em *-i* (*haur-io haus-i*) e em cons.

358 — Nos verbos de tema em *-e*, as formações de perfeito sigmático têm explicação fonética normal: *arde-o*, *arsi* de *ard-si*; *ride-o*, *risi* de *rid-si*; *torque-o*, *torsi* de *torqu-si* > *torc-si* > *tor-si* (cfr. Tôm. I, 77, 2.º).

Há, porém, dois verbos de tema em *-e*, cujo perfeito sigmático não se explica facilmente: são *iussi* do verbo *iubeo*, e *mansi* do verbo *maneo*.

No primeiro, a raiz deve ter sido *yeudh-* > *youdh-* > *iud-*, que deu, entre vogais, *iub-*, com *ū* longo; e deu *iūd-* antes de *-s*, no perfectum: *iūd-si iūs-si*, e daqui deveria dar normalmente *iūsi* (cfr. Tômo I, 48).

Os textos arcaicos mostram, de facto, *ioub-eatis* e *iūsiset*, onde se lobrigam facilmente as raízes *ioub-* > *iūb-* e *iūd-*, ambas com *ū* longo, e a segunda evoluída para *iū-si*. Mas, ao contrário destas indicações fonéticas, a métrica latina só apresenta *iūb-eo* com *ū* breve; também a forma *iussi-* do perfeito, com dois *-ss-*, mostra que a vogal *u* é breve, pois se fôsse longa deveria evoluir para *iūsi*, na língua clássica.

O participio *iūssus* está formado sôbre a raiz de grau reduzido, com *ū* breve: por isso sempre se encontra, através da evolução da língua a forma *iūssus*, proveniente seguramente de *iūd-sus*, com *ū* breve. Podemos, pois, julgar, com bom fundamento, que foi este participio quem influenciou o perfeito *iūs-si*, com *ū*, contra a prova que nos dão os textos arcaicos e contra a raiz longa primitiva, *yeudh-* > *iūd-*.

359 — O perfeito sigmático *mānsi* com *ā* longo, do verbo *mān-eo*, é inexplicável; parece que deveria ser *mānu-i*, como vemos em *mōnu-i* do verbo *mōn-eo*, ou deveria ser *mān-i*, como *sēd-i* de *sēd-eo*. *Man-si* é sem dúvida uma formação

arbitrária e secundária, que deu também ao supino e particípio, *man-sum man-sus*.

360 — Nos verbos de tema em *-i* aparecem também perfeitos do tipo sigmático, não muitos: *farc-io -is*, perf. *far-si*, de *farc-si* (cfr. Tômo I, 77, 2.º);

(*al*) *-lic-io -is*, perf. (*al*) *-lec-si -lexi*;

quat-io -is, perf. *-cussi*, de *-cut-si* (*con-cussi*, *per-cussi*);

haur-io, de *haus-io*, *is*, perf. *hau-si*, de *haus-si*, (cfr. tb. *haus-tus*);

spec-io -is (*-spic-io*), perf. *spec-si spexi* (*aspexi*, *conspexi*);

sent-io -is, perf. *sensi*;

uinc-io -is, perf. *uinxi*; etc.

361 — A grande maioria dos perfeitos em *-si* encontra-se nos verbos de tema em consoante.

Com dental:

claud-o *claud-si clausi*

mitt-o *mit-si misi*

Com gutural:

duc-o *duc-si duxi*

reg-o *rex-i*

sparg-o *sparg-si spar-si*

Com gutural:

<i>flec-t-o</i>	<i>flec-si flexi</i>
<i>trah-o</i>	<i>trah-si traxi</i>
<i>flu-o, deflug^o-</i>	<i>flug-si fluxi</i>
<i>uiu-o, deuig^o-</i>	<i>uig-si uixi</i>

Com labial:

<i>carp-o</i>	<i>carp-si</i>
<i>scrib-o</i>	<i>scrip-si</i>

Com fricativa-sibilante:

ger-o de *ges-o* *ges-si*
ūr-o de *ūs-o* *ūs-si*, que deveria ser *ūssi*
ūsi; mas formou-se *us-si* por analogia com o
particípio *ūs-tus* (cfr. n.º 372).

Com nasal:

tem-n-o *-tem-si tem-p-si*; vid. *com-temp-si*;

A forma *cēs-si* do verbo *cēd-o* não se presta a explicações, segundo Meillet-Vendryès, pág. 225. Talvez possamos ver nela uma influência analógica de *ussi gessi*.

362 — Há verbos que no simples tem uma espécie de perfeito e para os compostos adoptaram o perfeito em *-si*:

Pres. Perf. (do simples) Perf. nos compostos

-em-o em-i -m-si em-psi; cfr. *dempsi compsi*, etc.; mas alguns compostos formam o perfeito como o simples: *ad-emi ex-emi*, etc.
 leg-o leg-i -lec-si -lexi: *dilexi intellexi, neglexi*;
 pu(ng)-o pu-pug-i -punc-si -punxi: *compunxi expunxi*;
 ia-c-io ie-c-i -ic-si *ixi*, em *amixi* (que também faz *amicui*) do verbo *amicio*, composto de *amb-iacio*. O verbo *amicio*, perdida a noção do parentesco com *iacio -is ere* passou ao tema em -i, *amicio -is*.

IV

Perfeitos de Inovação latina

363 — Incluem-se nesta formação os perfeitos de tipo *hab-u-i*, e os de tipo *laudo lauda-ui*, o qual é próprio dos verbos de radical vocálico (cfr. n.^{os} 343 e 344).

Desconhece-se a origem da característica -ui (-vi), ou antes -u-, apesar de se supor que provém do segundo elemento -u-, que entra na forma *fu-*, do perfeito de *sum*: *bheu-w- > bhu-w- > fu-u- > fu-*, à qual se acrescentou a desinên-

cia *-ai* > *-ei* > *-i*, própria do perfectum, para dar *fu-i* (cfr. desinências do perf., n.º 186).

Muitos verbos, no princípio, não tinham perfeito algum, entre êles os denominativos em *-a* e em *-i*, porque se formaram já depois de bastante evoluida a língua, e os verbos radicais terminados em vogal, pois a estes não lhes competia nenhum dos perfeitos já estudados; por isso o latim lançou mão do sufixo, imitado de *fu-u-i* (*fu-i*), perfeito de *sum*, para fabricar, por uma inovação característica, perfeitos exclusivos da língua latina.

Os perfeitos em *-ui* são de duas categorias, conforme o radical termina em *vogal breve* ou em *vogal longa*.

364 — A) Radical terminado em vogal breve. Neste caso, a vogal breve do tipo *a* que se encontra na raiz primitiva, toma o timbre *u*, antes do *u* do sufixo, e este *u* sufixal cai:

raiz *doma-* deu *doma-*; perf. *doma-u-ai* > *domu-u-ai* > *domu-u-i* > *domui*; cfr. supino *domā-tum* > *domi-tum*;

raiz *gena-* deu *gena-*; perf. *genu-u-i* > *genu-i*; cfr. supino *geni-tum*.

O supino mostra claramente que houve nestes verbos uma raiz vocálica de vogal breve, do tipo *a*.

365 — Os verbos causativos do tipo *mone-o mone-re* formam também perfeitos desta categoria: *mona-v-ai* > *monu-u-i* > *monu-i*; cfr. supino *moni-tum*.

É tão grande a abundância de perfeitos nesta classe de verbos, e tornou-se tão própria dos verbos de tema em *-e*, que alguns deles abandonaram o perfeito que já possuíam para tomar o perfeito da nova categoria, como *teneo* que deixou o seu perfeito redobrado, *te-tin-i* para tomar um perfeito em *-u-i*, *tenu-i*.

Aparece do mesmo modo esta categoria de perfeitos nos verbos de tema em *-a*: *domo -as*, *domu-i*; *sono -as*, *sonu-i*; *seco -as*, *secu-i*; *ueto -as*, *uetu-i*.

E encontra-se também em verbos antigos de tema em cons.: *molo -is*, *molu-i*; *alo -is*, *alu-i*; *colo -is*, *colu-i*, que não tinham perfeito proveniente do indo-europeu; *sero seru-i*; *gigno genu-i*; *cumbo, cubu-i*; *gemo genui*.

Alguns verbos consonânticos, compostos de prevérbios, tomaram o perfeito novo, abandonando o perfeito antigo que existia nos simples: como sucede, por exemplo, com os compostos de *cano*, que formam o perfeito em *-cinu-i* (*con-cinu-i*, *oc-cinu-i*) apesar de haver no simples o perfeito redobrado *ce-cin-i*.

Nos verbos de tema em *-i*, introduziu-se também, por analogia, o perfeito em *-u-i*:

rap-io -is, perf. *rapu-i*;

sal-io -is, perf. *salu-i*;

aper-io -is, perf. *aperu-i*;

amic-io -is, perf. *amicu-i* ou *amixi* (perf. sigmát.).

366 — B) *Radical terminado em vogal longa.*
Neste caso o *u* sufixal tem valor consonântico e permanece; *lauda-ui audi-ui*.

lauda-v-ai > *lauda-u-i* > *lauda-ui*;

audi-v-ai > *audi-u-i* > *audi-ui*.

367 — Este tipo de perfeito é abundante precisamente nos verbos de tema em *-a* e em *-i*, sendo até considerado o perfeito característico nestes agrupamentos de verbos.

A formação em *-ui* é a única produtiva e dinâmica, depois de constituída a língua latina; as outras formações de perfeitos são estéreis.

Encontram-se alguns poucos perfeitos em *-ui* nos verbos de tema em *-e*: *fle-ui ple-ui ne-ui* de *fleo pleo neo*, etc. Considere-se também o grupo *abole-ui adole-ui dele-ui*, de *aboleo abolesco, adoleo adolesco*, e *deleo*, aparentados com o verbo simples *alo -is alu-i*, mas com formação independente em *-e*.

Pequeno número de verbos de tema em *-i* (breve), recebeu, por analogia com os de tema em *-ī* (longo), o perfeito em *-ui*: *cup-io -is*, perf. *cupi-ui*; *sap-io -is*, perf. *sapi-ui*, etc. A formação destes verbos, especialmente de *cupio cupi-ui*, influenciou, por sua vez, alguns verbos de tema em cons., como *peto -is -ere* e *quaeso*, aparentados pelo sentido com *cupio*, que, por essa razão, formaram o perfeito *peti-ui quaesi-ui*.

O verbo *quaeso*, por seu turno, devido à terminação *-so*, foi exercer influxo sobre outros verbos terminados do mesmo modo em *-so*, de tal sorte que estes se viram dominados e tomaram também o perfeito em *-ui*: *lācessi-ui arcessi-ui*, de *laces-so* e *arces-so*, exactamente como *quāsi-ui* de *quais-so quāso*, com o sufixo *-so*. (Note-se que o verbo simples *quæs-o quær-o*, proveniente de *quais-o*, por analogia com o sufixado *quais-so*, recebeu, como este, o perfeito *quāsi-ui*).

368 — Certos verbos de tema em cons., com raiz dupla, longa-breve, formaram igualmente o perfeito em *-ui*, baseado na raiz longa. Entre eles:

1.º — alguns verbos de terminação *-no*, proveniente do sufixo *-n-*: *si-no li-no sper-no cer-no ster-no*, cujos perfeitos são *si-ui le-ui spre-ui cre-ui stra-ui*.

Quanto à vocalização dêstes perfeitos, veja-se o seguinte: *si-ui* de *si-no* é normal, visto que procede da raiz *sei-* > *si-*; a forma *le-ui* do verbo *li-no*, de raiz *lei-* > *li-*, provém de evolução fonética, pois *lei-* antes de *u* semi-vogal dá *le-*; portanto, *lei-ui* dá *le-ui*, como se observa do mesmo modo no adjectivo *lei-uīs* > *leuīs* (cfr. gr. *leifos leios*); a vocalização de *spre-ui* é normal, proveniente de *spre-*; em *cre-ui*, da raiz *crei-*, interveio a analogia com o precedente *spre-ui*, pois de *crei-* devia formar-se *cri-ui*, e não *cre-ui*; em *stra-ui*, da raiz *stra-*, a vocalização é normal.

2.º — alguns verbos de sufixo *-sc-*, precedido de vogal longa da raiz: *no-sc-o -is*, perf. *no-ui*; *pa-sc-o -is*, perf. *pa-ui*, da raiz *pa-*, como em *pa-bulum*, que também se encontra ampliada com *-s-*, por exemplo em *pa-s-tor*, e, talvez, em *pa-s-nis* > *panis*; *quie-sc-o -is*, perf. *quiē-ui*, da raiz dissilábica *quiē-* que aparece no substantivo *quies quietis* e no adj. *quīētus*; *sue-sc-o -is*, perf. *sue-ui*; *cre-sc-o cre-ui*, etc.

O verbo *terō -is* faz o perfeito *tri-ui*, da raiz de grau zero *tr-*, ampliada em *-ī* (longo), *tr-ī-*, que aparece também no part. *trī-tus*, nos substantivos *trī-bulum*, *trī-ticus*, a qual se vê, na família, sob a forma *ter-* em *ter-o*, e sob a forma *terē-* em *terē-bra*.

O verbo de redôbro *sero -is*, semear, tem o perfeito *se-ui*, da raiz longa *sē-*, que alterna com *sǎ-*; cfr. *sē-men*, *sǎ-tus*. Não deve confundir-se este verbo com outro *sero -is*, traçar, encadear, daqui travar combate, que forma o perf. *seru-i* e o supino *ser-tum*, da raiz *ser/-serǎ*; cfr. *ser-ies*, *ser-la* (grinalda), *ad-sero*, *con-sero*, etc.

369 — À formação dos perfeitos em *-u-i*, pertencem certos verbos denominativos, cuja raiz termina em *-u*, derivados de nomes de tema em *u*:

tribu-o -is, perf. *tribu-i*, do subst. *tribu-s*;

acu-o -is, perf. *acu-i*; cfr. *acus*;

statuo -is, perf. *statu-i*, de *stutus*; *metu-o -is*, perf. *metu-i*, de *metus*; etc.

Nestes verbos o *u* temático é vogal.

Outros verbos, porém, em que o *-u-* do tema forma ditongo com a vogal fazem o perfeito em *-ui*:

lau-o -as, perf. *la-ui*; cfr. *lau-tus lo-tus*;

mou-eo -es, perf. *mo-ui*; cfr. *mo-tus*;

pau-eo -es, perf. *pa-ui*; *cau-eo*, *ca-ui*; *uou-eo uo-ui*; *iu-uo iu-ui*; etc.

A propósito das formas *ca-ui mo-ui uo-ui iu-ui*, e das outras do mesmo tipo de formação, só se podem formular hipóteses, mais ou menos

engenhosas, mas sem base sólida. «Ces formes soulèvent des difficultés d'interprétation, qu'on a essayé de résoudre par des hypothèses compliquées, le plus souvent incertaines» (Meillet-Vendryès, pág. 259).

Perfeitos Incaracterísticos

370 — Estes perfeitos só se distinguem das formações do infectum pelas desinências. Serve de tipo a esta formação o verbo *ic-o*, cujo perfeito é *ic-i*.

bib-o -is, perf. *bib-i*; *lamb-o* *lamb-i*; *mand-o* *mand-i*; *pand-o* *pand-i*; *psall-o* *psall-i*; *sid-o* *sid-i*; *uell-o* *uell-i*; *uerr-o* *uerr-i*; *uert-o* *uert-i*; *uis-o* *uis-i*; *-hend-o* *-hend-i* (cfr. *pre-hend-o* *pre-hend-i*); *-fend-o* *-fend-i* (*of-fend-o* *of-fend-i*); *-cend-o* *-cend-i* (*ac-cend-o* *ac-cend-i*).

371 — Alguns dêstes verbos chegaram a formas semelhantes no infectum e no perfectum, ainda que o processo de formação tenha sido diferente, como sucede, por exemplo com *uell-o* e *uell-i*, visto que a forma *uel-l-o* deriva de *uel-d-o*, ao passo que *uel-l-i* parece derivar de *uel-si*; do verbo *uerr-o* não se encontra o perfeito nos textos dos autores latinos, mas os gramáticos dizem que é *uerr-i* ou *uer-si* que foneticamente também poderia chegar a *uerr-i*; no

verbo *sido* também existe uma diferença de formação, pois o presente *si-d-o* é uma forma de redôbro, *si-sd-o si-zd-o si-do* (cfr. *si-st-o*), ao passo que o perfeito devia ser *sed-i*, como no verbo *sed-eo*, mas tomou *si-d-i*, por analogia com o presente *si-d-o*.

O que é certo é que a maior parte dos verbos apontados como incaracterísticos no perfeito não têm realmente formação que os caracterize; e os outros têm formação de tal modo hipotética ou duvidosa que não obriga a inclui-los em qualquer das outras formações do perfeito.

CAPÍTULO III

Sistema do supino

Temas do particípio e do supino

372 — O adjectivo em *-to*, entrou para a flexão verbal, com o nome de particípio passado, e tem importância capital, especialmente na voz passiva; e o substantivo de acção em *-tu*, também se meteu na flexão, com o nome de supino. Embora se assemelhem externamente na forma, internamente são bastante diferentes, visto que se baseiam, quanto à sua formação respectiva em quantidades vocálicas diversas.

Part. em *-to*

dic-tus
stā-tus
dā-tus

Supino

dic-tum
stā-tum
dā-tum

Part. em -to

Supino

cā-sus (depois, cā-sus) cā-sum

ēs-us (depois, ēs-us) ēs-um

gn-ā-tus (de gn-ā-sc-or) genā-tūm > geni-tum.

O latim inventou mais tarde um particípio *geni-tus*, à imitação do supino *geni-tum*, para o dar ao verbo *gi-gn-o*.

Como se deduz da comparação desta série de formações, existe uma diferença de quantidade nas raízes que deram o particípio e nas que geraram o supino.

Mas, se exceptuarmos estes e poucos mais casos, claros ou duvidosos, em que se nota o estado diferencial antigo, vemos que o particípio-adjectivo e o supino-substantivo, entrados na flexão verbal, se influenciaram mutuamente e aboliram entre si as diferenças radicais, quere dizer, as diferenças na raiz e as diferenças antagónicas, que os separavam. Daqui nasceu a conformidade e unidade de formação que entre eles se nota.

Além disso, receberam influxo do sistema do perfectum, e, por analogia, alguns particípios e supinos, se formaram, à semelhança do perfeito, como *man-sus man-sum*, à imitação de *man-si*. Por seu lado, também eles exerceram influxo sobre o perfeito; e alguns perfeitos há, formados à imagem do particípio-supino, como

iüssi, em vez de *iūsi*, por analogia com *iūssus* *iūssum*.

Sofreram igualmente influência do tema do presente, em especial dos temas infixados, como *iunc-tus iunc-tum*, por analogia com *iung-o*, em vez de se apresentarem com as formas *iūc-tus iūc-tum*, da raiz *iūg-*, de que se compõe a palavra *iūg-um*.

Destas influências variadas, se originou a multiplicidade e diversidade de formações do particípio-supino, que poderemos reduzir, sem exactidão absoluta, a quatro tipos:

- I — Formações do tema geral;
- II — Formações influenciadas pelo infectum (presente);
- III — Formações influenciadas pelo perfectum;
- IV — Formações independentes.

Já se disse acima, n.º 249, que o supino se forma com o sufixo *-tu*, e o particípio com o sufixo *-to* (cfr. n.º 391).

I

373 Formações do tema geral

1.º — tema consonântico:

Em gutural:

Verbo	Supino	Partic.
<i>ag-o</i>	<i>ac-tum</i>	<i>ac-to-s ac-tus</i>
<i>aug-eo</i>	<i>auc-tum</i>	<i>auc-tus</i>
<i>coqu-o</i>	<i>coqu-tum coc-tum</i> (1)	<i>coc-tus</i>
<i>fac-o-io</i>	<i>fac-tum</i>	<i>fac-tus</i>
<i>farc-io</i>	<i>farc-tum far-tum</i> (2)	<i>far-tus</i>
<i>flu-o, de flugw-</i>	<i>fluc-tum</i>	<i>fluc-tus</i>
<i>terg-o</i>	<i>terc-sum ter-sum</i> (2)	<i>ter-sus</i>
<i>ting-o</i>	<i>tinc-tum</i>	<i>tinc-tus</i>
<i>ueh-o</i>	<i>uec-tum</i>	<i>uec-tus</i>
<i>uiu-o, de uigw-</i>	<i>uic-tum</i>	<i>uic-tus</i>
<i>tang-o, de tag-</i>	<i>tac-tum</i>	<i>tac-tus</i>
<i>torque-o</i>	<i>torqu-tum tortum</i>	<i>tor-tus</i>
<i>lingu-o, de liqw-</i>	<i>-lic-tum</i>	<i>-lic-tus</i>
<i>pac-i-sc-or</i>	<i>pac-tum</i>	<i>pac-tus</i>

Em labial:

<i>scrib-o</i>	<i>scrip-tum</i>	<i>scrip-tus</i>
<i>lab-or</i>		<i>lap-sus</i>
<i>rap-io</i>	<i>rap-tum</i>	<i>rap-tus</i>
<i>rump-o</i>	<i>rup-tum</i>	<i>rup-tus</i>

(1) Cfr. Têmo I, 43 e 39, 2.º.

(2) Cfr. Têmo I, 77, 2.º.

Em dental:

<i>lud-o</i>	<i>lud-tum</i> > <i>lusum</i> (2)	<i>lusus</i>
<i>laed-o</i>	<i>laed-tum</i> > <i>laesum</i>	<i>laesus</i>
<i>cēd-o</i> , de <i>cēsd-o</i>	<i>cēs-sum</i>	<i>cēs-sus</i>
<i>sēd-eo</i>	<i>sēs-sum</i>	<i>sēs-sus</i>
<i>ard-eo</i>	<i>ard-sum</i> > <i>ar-sum</i> (1) (<i>assum</i>)	<i>assus</i>
<i>quat-io</i>	<i>quat-tum</i> <i>quas-sum</i>	<i>quassus</i>
<i>sent-io</i>	<i>sen-sum</i>	<i>sen-sus</i>
<i>mitt-o</i>	<i>mit-tum</i> > <i>mis-sum</i> (2)	<i>missus</i>
<i>uert-o</i>	<i>uert-tum</i> > <i>uer-sum</i>	<i>uer-sus</i>
<i>pel-l-o</i> , de <i>pel-d-o</i>	<i>pold-tum</i> > <i>pul-sum</i> (2)	<i>pul-sus</i>
<i>fal-l-o</i> , de <i>fal-d-o</i>	<i>fald-tum</i> > <i>falsum</i>	<i>fal-sus</i> (2)

Em fricativa (sibilante):

<i>ger-o</i> , de <i>ges-</i>	<i>ges-tum</i>	<i>ges-tus</i>
<i>haur-io</i> , de <i>haus-</i>	<i>haus-tum</i>	<i>haus-tus</i>
<i>torre-o</i> , de <i>trs-</i> > <i>tors-</i>	<i>trs-tum</i> > <i>torstum</i> > <i>tostum</i>	<i>tos-tus</i>

Em nasal:

<i>-tem-n-o</i> (com sufixo)	<i>-tem-tum</i> > <i>temptum</i>	<i>-tm-p-tus</i>
<i>uen-io</i> , de <i>g^{vn}-</i>	<i>uen-tum</i>	<i>uen-tus</i>
<i>ten-eo</i> , de <i>tn-</i>	<i>-ten-tum</i>	<i>-ten-tus</i>
<i>em-o</i>	<i>em-tum</i> > <i>em-p-tum</i>	<i>emptus</i>

(1) Cfr. Tômoo I, 77, 2.º.

(2) Cfr. Tômoo I, 49.

Em lateral e vibrante:

<i>al-o</i>	<i>al-tum</i>	<i>al-tus ali-tus</i>
<i>col-o</i>	<i>cul-tum</i>	<i>cul-tus</i>
<i>aper-io</i>	<i>aper-tum</i>	<i>aper-tus</i>
<i>par-io</i>	<i>par-tum</i>	<i>par-tus</i>

2.º — *tema vocálico*:

Vogal *ā* (longo): em raiz mono- e dissilábica que se conserva também no perfeito:

(g) <i>nā-sc-or</i>	<i>nā-tum</i>	<i>na-tus</i>
<i>laud-o</i>	<i>laudā-tum</i>	<i>laudā-tus</i>

Vogal *ă* (breve), com perf. de redôbro:

<i>do das da-re</i>	<i>dă-tum</i>	<i>dă-tus</i>
---------------------	---------------	---------------

Vogal *a*, em tema dissilábico: no infectum *ā* longo; no perf., no supino e no particípio *ē > a*:

<i>domo -as doma-re</i>	<i>damă-tum > domi-tum</i>
<i>domă-tus > domi-tus</i>	perf. <i>domu-i</i>
<i>sono -as -are</i>	<i>sonă-tum > soni-tum</i>
<i>sonă-tus > soni-tus</i>	perf. <i>sonui</i>
<i>tono -as -are</i>	<i>tonă-tum > toni-tum</i>
<i>tonă-tus > toni-tus</i>	perf. <i>tonui</i>
<i>seco -as -are</i>	<i>secă-tum > seci-tum > sec-tum</i>
	<i>sectus</i> ; perf. <i>secu-i</i>

A propósito da forma *sec-tus*, Ernout-Meillet no *Dict.-Étymol.*, s. u. *seco*, dizem: «Le participe *sectus* indique une racine monossyllabique... Le parfait *secui* ne concorde ni avec l'*ā* constant de *secāre* ni avec le type de *sectus*». Contudo, a explicação de *sectus*, como aqui a apresentamos, derivada de uma raiz dissilábica *secā-tus* > *seci-tus*, que depois por síncope evidente deu *sec-tus*, não nos parece deficiente, tanto mais que concorda com *sonitus domitus*, raízes dissilábicas incontestáveis, que explicam igualmente *sonu-i domu-i*, embora em *sonitus domitus*, por motivos evidentes, não se tenha dado a síncope que se observa em *sectus* (cfr. Tômo 1.º, 14).

Vogal *e*, em raízes mono- e dissilábicas:

<i>fle-o</i>	<i>fle-tum</i>	<i>fle-tus</i>	perf. <i>fle-ui</i>
<i>ple-o</i>	(im) <i>-ple-tum</i>	(im) <i>-ple-tus</i>	perf. (im) <i>-ple-ui</i>
<i>dele-o</i>	<i>dele-tum</i>	<i>dele-tus</i>	perf. <i>dele-ui</i>

Vogal *a* > *o*, em raízes dissilábicas:

<i>mone-o</i>	<i>monā-tum</i> > <i>monō-tum</i>
<i>habe-o</i>	<i>habā-tum</i> > <i>habī-tum</i>
<i>doce-o</i>	<i>docā-tum</i> > <i>docī-tum</i> > <i>doc-tum</i>
<i>monō-tus</i>	perf. <i>monu-i</i>
<i>habī-tus</i>	perf. <i>habu-i</i>
<i>doc-tus</i>	perf. <i>docu-i</i>

A formação de *doctum doctus* atribuem-na os autores a uma formação independente; a nós, porém, parece-nos que a explicação aqui indicada para *doctus docu-i* é exacta, pois até se conforma com a de *monitus monui*, admitida por todos como certa. Além disso confirma a explicação dada para *sec-tus*, como se indicou há pouco; e *sectus doctus* explicam-se mutuamente.

Vogal *i*:

<i>audi-o</i>	<i>audi-tum</i>	<i>audi-tus</i>	perf. <i>audi-ui</i>
<i>fini-o</i>	<i>fini-tum</i>	<i>fini-tus</i>	perf. <i>fini-ui</i>

É esta a formação normal dos verbos de tema em *i*, com perf. *-ui*.

Vogal *o*:

(g) <i>nō-sc-o</i>	<i>nō-tum</i>	<i>nō-tus</i>	perf. <i>no-ui</i> ;
--------------------	---------------	---------------	----------------------

Vogal *u*:

<i>tribu-o</i>	<i>tribu-tum</i>	<i>tribu-tus</i>	perf. <i>tribu-i</i> ;
<i>statu-o</i>	<i>statu-tum</i>	<i>statu-tus</i>	perf. <i>statu-i</i> .

Tema cons.-vocálico: *mol-*, *mola* > *mola-*:

<i>gi-gn-o</i>	<i>gi-g(e)n-o</i>	<i>genă-tum</i> > <i>genĭ-tum</i>	<i>genĭ-tus</i>
perf. <i>genu-i</i>	(cfr. <i>genă-tor</i> > <i>genĭ-tor</i> de <i>gene-</i>);		

mol-o -is -ere *molā-tum > molī-tum* *molī-tus*
 perf. *molu-i* (cfr. substantivo *e-molā-mentum > e-molu-mentum*; Têmo I, 7).

al-o -is -ere *alā-tum alī-tum* (cfr. acima *al-tum*); *alī-tus* (*al-tus*); perfeito, *alu-i*. A raiz *ali-* dissilábica parece encontrar-se nos substantivos *alā-mentum > ali-mentum*, *ali-monia*, embora se nos mostre monossilábica no adjetivo *al-mus -a -um*.

II

374 — Formações do supino-particípio, influenciadas pelo tema do presente (ou do infectum)

Com infixo nasal:

<i>Pres.</i>	<i>Supino</i>	<i>Part.</i>	<i>Perf.</i>
<i>iung-o</i> , de <i>iug-</i>	<i>iunc-tum</i>	<i>iunc-tus</i>	<i>uinxi</i>
<i>uinc-io</i> , de <i>uic-</i>	<i>uinc-tum</i>	<i>uinc-tus</i>	<i>iunxi</i>
<i>pand-o</i>	_____	<i>pansus</i> (<i>passus</i>)	_____
<i>pung-o</i> , de <i>pug-</i>	(com) <i>-punc-tum</i>	<i>-punc-tus</i>	<i>-punxi</i>

Com sufixo:

fru-n-isc-or, de *fru-* *fru-n-i-tus* (cfr. *fru-or*). O verbo *fruniscor* é de formação idêntica à de *conquinisco*, de uso mais freqüente, entre as camadas populares: *conqui-n-isc-o*.

fall-o, de *fal-d-* *fal-d-tum > falsum* *fal-d-tos > falsus*
fe-fell-i; convém notar, com relação a este verbo, o que se diz abaixo, ao tratar do verbo *pell-o*.

III

**375 — Formações do supino-particípio,
influenciadas pelo tema
do perfeito (perfectum)**

Verbos sufixados:

<i>Pres.</i>	<i>Perf.</i>
<i>flec-t-o</i>	<i>flec-si</i> > <i>flexi</i>
<i>nec-t-o</i>	<i>nec-si</i> > <i>nexi</i>
<i>cer-n-o</i>	<i>cre-ui</i>
<i>sper-n-o</i>	<i>spre-ui</i>
<i>fig-o</i> , de <i>figw-</i>	<i>fic-si</i> > <i>fixi</i>
<i>man-eo</i>	<i>man-si</i>
<i>mi-sc-eo</i> , de <i>mik-sc-eo</i>	<i>mic-si</i> > <i>mixi</i>

*Partic. analógico
do perf. (influenc.)*

*Partic.
(não influenc.)*

<i>flexus</i>	<i>flec-tus</i>
<i>nexus</i>	<i>nec-tus</i>
<i>cre-tus</i>	adj. <i>cer-tus</i>
<i>spre-tus</i>	<i>sper-tus</i>
<i>fixus</i>	<i>fic-tus</i>
<i>man-sus</i>	<i>man-tus</i>
<i>mixtus</i>	<i>mic-tus</i>

Crêem alguns autores que o particípio-supino
pulsus pulsum, do verbo *pello* se formou por

analogia com o perfeito *pul-si*, que apareceu em lugar de *pe-pul-i*, nos compostos de *pello*, de formação recente.

Tal opinião baseia-se na suposição de que o verbo *pel-l-o* teve origem num sufixo *-n-*: *pel-n-o pel-l-o*, e portanto a forma do particípio *pul-sus* apareceu influenciada por analogia com o tal perfeito *pul-si*. Acrescentam os mesmos autores que à imitação de *pulsus* apareceram os participios dos verbos (*per*)-*cello fallo uello*, a saber (*per*)-*cel-sus* ou (*per*)-*cul-sus fal-sus, uel-sus* ou *uol-sus(uul-sus)*.

A opinião apontada não tem sólida consistência, pois o grupo *-ll-* nos citados verbos não provém de *-ln-*, como se supõe, mas de *-ld-*: *peldo > pello; faldo > fallo; saldo sallo; etc.* Daqui se segue que os participios correspondentes, *pulsus, falsus, salsus, etc.*, são de formação directamente fonética, e não analógica do perfeito, *pul-si*. Assim, *pel-d-tos pel-sus (pulsus) fal-d-tos fal-sus; sal-d-tos sal-sus, etc.*

Estas formações em *-sus/-sum* fizeram acreditar na existência de um sufixo *-so/-su* para formar participios. O certo é que aparecem participios-supinos, terminados em *-sus/-sum*, que só se podem explicar por analogia com os tipo *fal-sus pul-sus, etc.*

Assim, vêem-se os participios *cen-sus* do verbo

cens-eo, perf. *censui*, formado de *cens-sus*, quando o particípio normal devia ser *cens-tus* > *ces-tus*; aparece igualmente o particípio *men-sus*, do verbo *meti-o meti-ri*, a par de *meti-tus*; do mesmo modo encontra-se o particípio *lap-sus*, do verbo *lab-or lab-i*, quando devia ser *lap-tus*.

IV

376 — Formações de supino-particípio independentes

Além de algumas formações próprias do particípio, independentes do presente, do perfeito e do supino, de que se falou sob o n.º 372, existem várias formações independentes, comuns ao particípio-supino, provenientes de graus diferentes das raízes, ou de adaptações especiais.

<i>Pres.</i>	<i>Part.-supino</i>	<i>Perf.</i>
{ (g) <i>nō-sc-o</i> { (co) <i>gnā-</i>	{ (g) <i>nō-tus</i> (g) <i>nō-tum</i> { (co)- <i>gnī-tus</i> (co)- <i>gnī-tum</i>	(g) <i>no-ui</i> (co) <i>gno-ui</i>
<i>ūr-o</i> , de <i>ūs-o</i>	<i>us-tus us-tum</i>	<i>ūs-si</i> ; devia ser <i>ūs-si</i> > <i>ūs-si</i>
{ <i>pr-ē-mo</i> { <i>pr-ē-t-</i>	<i>prēt-los</i> > <i>prēssus prēssum</i>	<i>prēt-si</i> > <i>prēs-si</i>

{	pā-sc-o			
{	pā-s-	pa-s-tus	pa-s-tus	pā-ui

O -s- que aparece na raiz *pa-s-* e nas formas *pa-s-tus* *pa-s-tum* é uma ampliação da raiz *pa-*, independente do sufixo -sc- de *pā-sc-o*, como se vê em *pa-s-tor* e em *pa-s-nis* > *pānis*.

{	tōl-n-o			te-tul-i (tul-i)
{	tlā-	tlā-tus	> la-tus	la-tum

{	ster-n-o			
{	strā	strā-tus	strā-tum	strā-ui

O perfeito *strā-ui* formou-se por analogia com *strātus strātum*, pois o perfeito deveria ser *stre-ui*, como *cre-ui* e *spre-ui*, de *cer-n-o* e *sper-n-o*. A este propósito veja-se o que aconteceu com as formações destes três verbos, devido a influências analógicas:

cer-n-o, perf. *cre-ui*, part.-supino *cre-tus cre-tum*, por analogia com o perfeito; *sper-n-o*, perf. *spre-ui*, part.-supino *spre-tus spre-tum*, por analogia com o perfeito; *ster-n-o*, perf. *stra-ui*, em vez de *stre-ui*, por analogia com o particípio e com o supino *stra-tus stra-tum*.

QUINTA PARTE

Derivação e composição

377 — As categorias fundamentais das palavras flexivas são o *verbo* e o *substantivo*. Irredutíveis e independentes na flexão, são igualmente autônomos na formação; tirando a infixação nasal, abundante no verbo e que aparece esporadicamente em dois ou três substantivos, como em *u-n-da* da raiz *ud-*, e tirando o processo de redôbro que se encontra em verbos e nomes (cfr. n.º 351) não em grande abundância, assim como algum sufixo, raro, que por acaso se introduziu simultaneamente nas duas categorias de palavras, o processo de formação dos substantivos é completamente independente do processo mórfico dos verbos.

No capítulo anterior estudou-se a formação dos verbos; no presente capítulo passa-se em visão sumária a formação nominal.

378 — As palavras-raízes, nas quais as desinências se ligam directamente à raiz vocabular, não abundam em latim, devido, em parte, à falta de expressão dêsses vocábulos por serem breves, e, em parte, à mutabilidade das variações vocálicas e à deslocação do acento primitivo.

Pertencem a esta categoria de palavras-raízes alguns poucos substantivos, como *pēd-m* > *pēd-em*, *uōc-m* *uōc-em* (com *ō* longo por influência analógica do nominativo *uōx*) *fīd-m* *fīd-em*, *sāl-m* > *sāl-em*, *bo-bus* (que em alguns casos ditongou a raiz, *bou-is* *bou-m* *bou-em*, assim como *nau-is* *nau-m* > *nau-em* (cfr. gr. βῶν- νᾶν-)).

Com certos nomes à raiz encorporou-se de tal modo o sufixo que êste parece parte integrante da mesma raiz; *mors* *mor-t-is* *mor-t-em*, proveniente da raiz *mr-* > *mor-* (cfr. *mor-ior*) com o sufixo *-t*.

Fora dêstes casos e de outros semelhantes, a formação nominal faz-se por ampliação da raiz, com afixos posteriores, chamados sufixos, ou com afixos anteriores, a que se dá o nome de prefixos; o primeiro processo recebeu o nome de *derivação*; o segundo chama-se falsamente *composição*.

CAPÍTULO I

Derivação

I

Formações temáticas

379 — A primeira e mais antiga formação nominal é a que se obtém com as vogais temáticas *o* *a* (esta é temática, por analogia; cfr. Observação importante, pág. 78), unidas directamente à raiz vocabular para criar substantivos e adjectivos, de tema em *-o* e em *-a*, como se observa nestes exemplos:

fer-o-s (*ferus*), adjec.; *fer-a*, subs., da raiz *fer-* (cfr. gr. *ther ther-os*, ao qual deveria corresponder, em latim, um substantivo hipotético *fer fer-is*);

nou-o-s (*nouns*), *nou-a*, da raiz *nou-* (cfr. gr. *new-os νεωος > νέος*).

lud-os dom-os mod-os; fug-a, da raiz *fug-* que aparece em *fug-io*; *tog-a* da raiz que está, no grau e em *teg-o teg-is*; *plag-a*, da raiz *plag-/pleg-* que se nota no verbo *plec-t-o* e nas palavras gregas *plek-oy* > πλέσσω, *plegê* πληγή (át.) e *plagá* πλαγá (dór.).

II

Formações com sufixos especiais

380 — SUFIXO *-i-*

O sufixo *-i-*, de grau zero, próprio do nominativo e acusativo do singular e do acusativo do plural, alternava geralmente com o sufixo *-ey-* do nominativo do plural:

ou-i-s ou-i-m (ouï-e-m); *ou-i-ns* > *ouis* (oues), acus. pl.; *ou-ey-es* > *ou-e-es* > *oues*, nom. pl.;

class-i-s class-i-m (classem); *class-i-ns* > *classis* (classes), acus. pl.; *clas-ey-es* > *clas-e-es* > *classes*, n. pl.;

pisc-i-s, cfr. *pisc-or pisc-a-tor*; *ap-i-s can-i-s mens-i-s*, com os genitivos do pl. *ap-um ap-i-um*, *can-um*, *mens-um mens-i-um*, que mostram a evidência que os temas foram ampliados com o sufixo *-i*.

mar-i mar-e (n.), gen. sing. *mar-i-s*; pelo abl. arcaico *mare* e pelo gen. pl. arc. *mar-um* se deduz que o tema foi ampliado com o sufixo;

os *oss-i-s*, de um tema primitivo *oss-*, que no gr., por exemplo foi ampliado com *-t*, *os-t-éon* ὀστέον;

381 — Alguns adjectivos simples, e outros provenientes de composição receberam também este *-i-* sufixal:

dulc-i-s, cfr. *dulc-or dulc-edo*; *leu-i-s*, cfr. *leu-are leu-amen*; e como estes, *breu-i-s rud-i-s suau-i-s tenu-i-s turp-i-s*.

Em composição, tomaram o mesmo *-i-* sufixal, os adjectivos, como *im-berb-i-s*, de *barb-a*; *de-form-i-s*, de *form-a*; *exsomm-i-s*, de *somnus*; *bienn-i-s perenn-i-s*, de *annus*; *extorr-i-s*, de *terra*; *inerm-i-s*, de *arma*; *bicorn-i-s*, de *cornu*, etc.

382 — Substantivos há que, com o sufixo *-i-*, formam o nominativo do singular em *-is*, como é normal, e em *-es*, sem se saber explicar tal dualismo de formas, nem a origem daquele *-e-*: *caedes caed-i-s*; *clades clad-i-s*; *fames, fam-i-s*; *sedes ualles uates*, a par de *sedis uallis uatis*. Ao parecer o fenómeno verifica-se especialmente com os nomes de animais: *feles felis*, *palumbes palumbis*, *uerres uerris*, *uulpes uulpis*; e até se formou, à imitação destes, um *canes* ao lado de *can-i-s*.

Não se conhece a origem deste *-e-*, tanto mais que a forma do tipo *-es* parece anterior, em tais

palavras, à forma do nominativo em *-is*. Supõe-se, em pura hipótese, que deve ter existido um nominativo do singular com a terminação longa *-ēis*, *nub-eis*, que na evolução fonética, daria *-es nub-es*.

Para tornar mais complicada ainda a solução, vemos que em alguns substantivos as formas com *-ē-* coexistem ao lado de formas sem *-e-*: *nub-ēs* e *nub-s*, *pleb-ēs* e *pleb-s*, *saep-ēs* e *saep-s*, *trab-ēs* e *trab-s*.

383 — O sufixo *-i-* introduziu-se em substantivos, como *per-nic-i-em* *spec-i-em*, sôbre cujos acusativos se formaram os nominativos com o sufixo *-ie-*: *spec-ie-s* *mater-ie-s* *luxur-ie-s* (cfr. n.º 88, 2.º).

384 — SUFIXO *-u-*

O sufixo *-u-* entrou em formações antigas para formar geralmente nomes de tema em *-u*: *grad-u-s*, cfr. *grad-ior*; *im-pēt-u-s*, cfr. *im-pēt-o*; *ac-u-s*, cfr. *ac-er ac-ris*; *man-u-s*, cfr. *man-ceps man-cipium*, etc.

arc-u-s *id-u-s* *socr-u-s* *trib-u-s* e outros cuja etimologia se desconhece, pertencem seguramente às formações sufixadas em *-u*.

Os neutros *gel-u* *gen-u* *pec-u* *uer-u* receberam, como parece claro, o sufixo *-u*, assim como

cor-n-u; mas êste, antes do sufixo *-u*, ampliou a raiz com outro sufixo *-n*, como se infere da palavra de raiz dissilábica *cere-brum*, existente na família de *cornu*.

385 — Alguns substantivos formados com o sufixo *-u* abandonaram a flexão, como *socrus*, que passou a *socra*; outros oscilam na flexão como *domus -us* e *domus -i*, igualmente *sonus arcus specus gelu*, que embora pertençam à flexão em *-u*, emigraram para a flexão de tema em *-o*: *sonus -i* (mais usado que *sonus ūs*); *arcus* que também usa o nom. pl. *arci*, e o gen. sing. *arqui* (por *arci*); *specus* tomou a forma neutra, de uso raro, *specum -i*; *gelu* (n.), além de ter tomado o género masculino, dentro da flexão em *-u*, de emprêgo accidental, passou também para a forma neutra *gelum -i*, dos substantivos de tema em *-o*.

O sufixo *-i*, precedido de *l*-, *r*-, *t*-, assim como o sufixo *-u*, precedido de *t*-, deram origem a novas formas sufixais de adjectivos e substantivos, com os sufixos compostos, *-li*-, *-ri*-, *-ti*- e *-tu*-.

386 — SUFIXO *-li*-

Êste sufixo, ligado a temas nominais serve para formar adjectivos: *fide-li-s*, de *fi-de-s*; mas a sua grande expansão encontra-se nas formas em *-ā-li-s*, *-ī-li-s*, unido a temas nominais: *ani-*

ma-li-s fat-a-li-s capit-a-li-s manu-a-lis vit-a-li-s; aed-i-li-s ciu-i-li-s host-i-li-s sen-i-li-s seru-i-li-s. Em *famili-a-li-s milit-a-li-s puell-a-li-s* e outros, o *l* desassimilou-se para dar *famili-a-ri-s milit-a-ri-s puell-a-ri-s*, etc.

387 — Com o mesmo sufixo *-li-* formaram-se alguns adjectivos de raízes dissilábicas, como *humi-li-s simi-li-s*; e por influência destes e dos seus semelhantes, apareceu um sufixo *-i-lis*, breve para formar adjectivos em *-ilis*, correspondentes a adjectivos em *-ulus* (cfr. n.º 402), como *bibilis bibulus*, tirados de verbos para expressar a possibilidade: *ag-ilis doc-ilis hab-ilis*. Estes adjectivos de possibilidade, pouco abundantes, formam-se às vezes sobre o particípio passado: *miss-ilis flex-ilis*.

Em compensação, existem uns adjectivos de possibilidade, largamente usados, baseados no sufixo *-bi-li-s*, semelhantes ao sufixo *-bulus* (cfr. n.º 424), construídos geralmente sobre o tema do infectum: *lauda-bilis mo-bilis leg-i-bilis audi-bilis*; e também, mais raramente, sobre o particípio passado: *sensi-bilis uisi-bilis*.

388 — SUFIXO *-ri-*

Como o sufixo antecedente, o sufixo *-ri-* quasi só se encontra na forma ampliada *-a-ri-* *exem-*

pl-a-ri > *exemplare* > *exemplar*; *calcar laquear puluinar*.

389 — SUFIXO -ti-

O sufixo -i- precedido de *t-*, -*ti-*, que tem uso diminuto em latim, serve para formar substantivos tirados das raízes verbais: *mes-si-s*, proveniente de *met-ti-s* (cfr. verbo *met-o met-is*); *mor-ti-s* (nom. que deu *mors*), como se observa em *mor-ior*; *ar-ti-s* (nom. posterior, *ars*), segundo se infere de *ar-tus* e do grego *ar-thron*, ἄρ-θρον. Parece que com o mesmo sufixo se construíram *hos-ti-s* *cuti-s* *si-ti-s* e outros; mas muitos deles perderam o -i- sufixal no nominativo: *ars mors*, de *artis mortis*, assim como *cos dos fors gens mens pars sors* (cfr. Tômoo I, n.º 73, 3.º).

390 — Este sufixo teve larga vitalidade, ampliado em -*on-*, para formar nomes do tipo *ac-ti-on* > *ac-ti-o*, *ac-ti-on-is* (cfr. n.º 413).

391 — SUFIXO -tu-

O sufixo -*tu-*, formado do sufixo -*u-*, precedido de *t-*, de emprêgo abundante em latim, serviu para formar substantivos de acção, masculinos: *ac-tu-s* *par-tu-s* *uic-tu-s* *e-su-s*, de *ed-tu-s*, que mais tarde foram substituídos pelas formações dos sufixos -*tion* e -*tura*.

Teve em especial o sufixo *-tu-* enorme vitalidade como elemento para formar o supino verbal: *lauda-tu-m* *lec-tu-m* *fac-tu-m* *dic-tu-m*, e na formação de substantivos do tipo *uir-tu-t-is* (cfr. n.º 415).

392 — SUFIXO *-io-*, (*-yo-*)

Em latim, mal se distinguem estes dois sufixos, *io* e *yo*. Mas sabe-se perfeitamente que, por exemplo, em *med-iu-s* e em *al-iu-s*, o sufixo é *-yo-*, isto é, com a semi-vogal *-y-*, se comparamos as duas palavras com os termos equivalentes do grego, *méssos állos*, pois estas formas só poderiam aparecer assim, se o sufixo fôsse *-yo-*; ao passo que, por exemplo, em *ág-io-s* ἄγιος o sufixo é com toda a certeza *-io-*, pois se o sufixo tivesse sido *-yo-*, a palavra *ág-io-s* evoluiria para *ássos*.

Pondo, porém, de parte, a diferença entre *-io-* e *-yo-*, que não é apreciável em latim, o sufixo *-io-* pode juntar-se:

1.º — a raízes verbais, para significar que a acção pode ou deve cumprir-se: *ex-im-io-s* > *eximius*, de raiz *em-* do verbo *em-o*. É talvez este o único adjectivo com tal formação; mas formam-se muitos substantivos neutros e femininos, que designam a idéia abstracta correspondente: *od-io-m* > *odium* *stud-iu-m* *taed-iu-m* *prae-sid-*

-iu-m iu-dic-ia ob-sequi-ia; fur-ia in-ed-ia uindem-ia;

2.º — a temas nominais para formar adjectivos, que significam geralmente a qualidade:

patr-ia-s, de pater patris; reg-ia-s, de rex regis; nox-ia-s, de noxa. É grande o número de adjectivos que se formam com este processo.

Muitos substantivos abstractos, neutros e femininos, se formaram também com o sufixo *-io/ia-*, derivados de temas nominais:

hospit-ia-m, de hospes hospit-is; somn-ia-m, de somnus; domin-ia-m, de dominus; sen-ia-m, de senex sen-is; e em derivados, como dormi-tor-ia-m, de dormi-o; port-i-tor-ia-m, de porto; terr-i-tor-ia-m, de terra; col-on-ia, de col-o; milit-ia diuit-iae.

O sufixo *-yo-* serve para a formação dos comparativos: *dign-yo-s dignior.*

393 — O sufixo *-ya-* deu origem a múltiplos substantivos abstractos, baseados em adjectivos:

prudet-ia, de prudens prudent-is; feroc-ia, de ferox feroc-is; miser-ia, de miser; perit-ia, de peritus.

394 — SUFIXO *-itio/-itia-*

Observe-se desde já que a acção analógica de substantivos, como *hospitium*, comparado com

hospes, com *-it-iu-m*, comparado com *comes*, e *mil-it-ia* com *miles*, *diu-it-ia* com *diues*, *per-it-ia*, etc., deu aso a que se supusesse que tais substantivos estavam formados com um sufixo *-i-tio/itia*, e assim apareceram êsses sufixos, que tiveram, sobretudo o último, uso freqüente para formar substantivos abstractos derivados de adjectivos:

amic-itia, de *amic-us*; *dur-itia*, de *durus*; *pigr-itia*, de *piger*; *stultitia* *maestitia* *tristitia*, *avaritia*.

O sufixo *-itia* tomou também a forma *-ities*, de modo que existem a par substantivos, como *moll-itia* e *mol-ities*, de *mollis*, *not-it-ia* e *not-i-ities*, de *no-tus*.

395 — SUFIXO *-eu-*

Os sufixos *-yo/ya*, ampliados com um *e* anterior, deram origem ao sufixo *-eu/ea-* (*-eyo-s* > *eos* > *eus*; *-eya* > *ea*) que serve para formar adjectivos que designam a matéria: *aeneus aureus argenteus ferreus lapideus plumbeus*, e muitos outros, com as formas femininas, *aenea aurea argentea*.

396 — SUFIXO *-uo-*

O sufixo *-uo-*, com a semi-vogal *u*, é ainda menos freqüente, em latim, do que o seu seme-

lhante *-yo-*, com a semi-vogal *y*. Contudo, torna-se bem claro em *cli-uo-s* > *cli-uus* (cfr. *cli-no cli-namen*); *gna-uo-s* > *gnauus*, de *gno-uo-s*, cfr. *(g)-no-sc-o*; *ui-uo-s* > *ui-uus*, cfr. *ui-ta*. Em *mort-uo-s* *mortuus*, que deveria ser *mortus*, entrou o sufixo *-uo-* por analogia com *ui-uo-s*.

Este mesmo sufixo *-uo-* entra em um pequeno número de adjectivos que designam as côres: *fla-uo-s* > *flauus*, *ful-uo-s* > *fuluus*, *hel-uo-s* > *heluus*, *ra-uo-s* > *rauus*, assim como em dois adjectivos, *lae-uo-s* > *laeuus*, *scae-uo-s* > *scaeuus*, correspondentes aos têrmos gregos *lainós* *laiós* *λαιῶς* > *λαιός*, *skainós* > *skaiós*.

397 — SUFIXO *-mo/ma*

Este sufixo, proveniente da consoante *m* e da vogal temática *o/a*, forma nomes de acção e de agente, cuja flexão é idêntica à dos substantivos de tema em *o/a*:

ani-mo-s > *animus*, da raiz dissilábica *ana-*, como no gr. *ane-mos* *ἄνεμος*;

ra-m-o-s > *ramus*, da raiz *rad-*, cfr. *rad-o rad-is*; vid. Tômo I, n.º 60;

cul-mo-s *culmus*, da raiz *cul-*; a palavra conserva-se no port. *colmo*;

ani-ma, *fa-ma* (cfr. verbo *for furi*), etc.

O sufixo *-mo/ma-*, precedido de *s-* (*-sm-*) entra nas palavras, que tomaram a raiz longa por êsse motivo, *du-mo-s* > *dumus*, de *du-smo-s*; *glu-ma*, *re-mus*.

398 — O mesmo sufixo teve desenvolvimento especial na formação de superlativos, como *sum-mo-s* > *summus*, de *sup-mo-s*; *pri-mo-s* > *primus*, de *pris-mo-s*; em composição com *-o*, dá outro sufixo de superlativo, que se vê nos numerais *sept-o-mo-s* > *septimus*, *dec-o-mo-s* > *decimus*, e entra em *inf-o-mo-s* > *infimus*, *min-o-mos* > *minimus*; em composição com *-so-* e com *-to-* dá novos sufixos de superlativo: *mag-so-mo-s* > *maxumus* e *maximus*, *ped-so-mo-s* > *pessimus*; *op-to-mo-s* > *optumus* e *optimus*; *in-to-mo-s* *ul-to-mo-s* que deram *intimus ultimus*, etc.; em composição ulterior do sufixo *so-mo* formou-se o sufixo vivaz de superlativos *-is-so-mo-*: *dign-is-so-mo-s* > *dignissimus*, *fortissimus* (cfr. Superlativos, n.º 100-104).

399 — SUFFIXO *no/na-*

Como o seu parente *-mo-*, também o sufixo *no* se construiu com a nasal e com as vogais temáticas *o/a*. Serve êste sufixo para formar em abundância neutros e femininos:

do-no-m > *donum*, *reg-no-m* > *regnum*; *lignum*,

de *leg-no-m*, *signum stagnum*, *scam-no-m* > *scam-num*, de *scab-no-m*.

Entra também em alguns masculinos, como *pug-no-s* > *pugnus*, *som-no-s* > *somnus*, de *sop-no-s*, e, talvez, em *an-no-s annus*, de *at-no-s* (?) ou *ak-no-s* (?), e em adjectivos, como *mag-no-s* (cfr. *mag-is*), *magnus*; *dignus*, de *dec-no-s* (cfr. *dec-et*); *ple-nus*, de *ple-no-s* (cfr. *ple-o*, *com-ple-tus*); *aenus*, de *ayes-no-s*; *terenus*, de *teres-no-s*, o qual, por analogia com *terra*, dobrou o *r*, para dar *terrenus*.

O sufixo *-na-* aparece em *pug-na*; talvez, em *cunæ* (pl.) e nas formas femininas dos adjectivos, como *digna plena terrena*.

Combinado com *s* (*-sna*) entra em *lu-na*, de *luk-sna*, e em *pen-na*, de *pet-sna* (cfr. verbo *pet-o*), embora *penna* se pudesse considerar formado directamente com o sufixo simples *na*: *pet-na penna*, como *at-nos annus*.

400 — SUFIXO *-ino/ina*; *-īno/īna*

O sufixo *no/na*, combinado com *ī* anterior, forma o sufixo *ino/ina*, para dar adjectivos que designam a matéria, derivados de nomes, especialmente de nomes de árvores:

frax-īnu-s cedr-īnu-s fag-īnu-s.

Não são muito frequentes os adjectivos em *-īnus*, porque se introduziu na língua outro su-

fixo *-ino-* com *i* longo, de natureza e origem obscura, o qual suplantou o sufixo *-ino-* breve, e contribuiu para a formação de múltiplos adjetivos, provenientes de nomes, em geral de nomes de animais ou de seres animados:

can-inus bou-inus taur-inus; mascul-inus femin-inus diu-inus mar-inus uic-inus, e também *bux-inus*, que naturalmente se esperava que fôsse *bux-inus*, do nome da planta *buxus*, como *cedrinus* de *cedrus*.

401 — SUFIXO *-lo/la-*

Está formado com a líquida e com a vogal temática *o/a*.

O sufixo *-lo-* dá alguns substantivos neutros, como *te-lo-m* > *telum*, de *tex-lo-m*, e entra em substantivos importados do grego, onde receberam o mesmo sufixo, como *sty-lo-s* > *stylus*, do gr. *στυλος*.

Com a forma *-la-* aparece o sufixo em vários substantivos femininos, tais como *sed-la sella* (cf. *sed-eo*); *te-la*, de *tex-la* (cfr. *teg-o teg-is*); *gral-lae* (pl.), de *grad-la* ou *grad-s-la* (cfr. *grad-us*).

O sufixo *-lo/la-* descobre-se no adjetivo *paulus paula*, que teve primeiro a consoante geminada *paullus páulla*. Supõe-se que *paullus* deri-

vou de *pauc-lo-s*, com assimilação; mas esta derivação não parece exacta, porque, se assim fôsse, a palavra estacionaria em *paucus* ou *pauculus*, e não daria *paulus*. A palavra *pau-lus*, ou *paulus*, com geminada, formou-se directamente da raiz *pau-* que se nota em *pau-per* e em *pau-cus pau-ca*.

402 — SUFIXO -*ulo, ũla*-

Do sufixo -*lo/la*- precedido de *u*, formou-se o sufixo -*ulo/ula*-, que entra em bom número de substantivos de agente, muitos dêles tomados de adjectivos substantivados; construídos sôbre raízes verbais:

bib-ulo-s bibulos, credulus querulus tremulus.

Deu igualmente origem a substantivos, geralmente femininos ou neutros que designam instrumento;

cing-ulo-m > cing-ulum spec-ulum uinc-ulum; reg-ula teg-ula.

Este mesmo sufixo tomou uma função especial para formar uma das categorias de diminutivos: *homunc-ulus uet-ulus; lunula paruula; paululum*. Esta função, porém, parece que também já existia no sufixo -*lo/la*-, donde a tomou o sufixo -*ulo/ula*- (cfr. *libe-lus*, de *liber-lo-s*, *puel-la*, de *puer-la*), ainda que se supõe que estas formas derivam de *liberulus* e *puerula*.

403 — SUFIXO *-ro/ra-*

Quando este sufixo se une directamente à raiz verbal produz substantivos, sobretudo neutros: *flag-ro-m* > *flagrum fulcrum labrum scalprum*; e a par destes e de outros neutros, note-se o masc. *mu-ro-s murus* (cfr. *mu-nire, moenia* > *mu-nia*).

Com o sufixo *-ro/ra-* formam-se adjectivos em abundância, como *du-ro-s* > *durus gnarus purus serus*, e os adjectivos do tipo *sacer pulcher piger*, provenientes de *sac-ro-s pulch-ro-s pig-ro-s* cfr. Tôm. I, n.º 30 e 73, 3.º).

404 — SUFIXO *-to/ta-*

À maneira dos precedentes também este sufixo se formou com a consoante e com as vogais temáticas, *o/a*. Por meio d'êles se obtêm substantivos masculinos e femininos; aquêles de valor concreto, e estes de significado abstracto: *hor-to-s* > *hortus*, *lec-to-s* > *lectus*; *iuen-ta* (cfr. *iuenis*) *senec-ta* (cfr. *senex senis*).

Este sufixo, pouco produtivo em substantivos, sob a sua forma simples, teve vitalidade extraordinária, sob a forma ampliada *-ta-t-* ou *-ta-ti-*, para dar substantivos abstractos, contruídos sobre adjectivos:

boni-ta-ts > *bonitas bonitatis, ciuitas dignitas humanitas*, baseados nos adjectivos correspondentes *bonus ciuis dignus humanus*. Por causa da oscilação do sufixo *-tat-/tati*, também se tornou oscilante o genitivo do plural, se não em tôdas, ao menos em algumas das palavras dêste tipo: *ciuitatum ciuitatium* (cfr. n.º 67).

O sufixo *-to-* alcançou valioso significado e importância excepcional por ter dado origem aos adjectivos que entraram para a flexão verbal, como o nome de particípio passado, com intuito de com êles se construir o sistema do perfectum da voz passiva: *lauda-to-s* > *laudatus*, *lectus, latus, pult-to-s* > *pulsus*, *claud-to-s* > *clausus*.

Aparece o mesmo sufixo em adjectivos de muitos verbos denominativos, do tipo *cena-to-s* > *cenatus*, assim como em *po-tus desperatus tacitus*, que designam o estado.

Vê-se ainda o sufixo *-to-*, em larga escala, ligado a substantivos para formar adjectivos, com a idéia de que o sujeito tem a qualidade indicada pelo substantivo:

barba-to-s > *barbatus*, *cornu-tus caudatus nasutus*.

405 — SUFIXO *-do/da-*

Dá origem este sufixo a uns poucos adjectivos, tirados directamente de substantivos, que designam qualidade:

geli-do-s > *gelidus*, *gelida*, de *gelu*; *herbi-dus*
herbi-da, de *herba*.

406 — SUFIXO *-co-*; *-ico/ca*; *-āco*, *-īco*, *-ūco*

Baseado no sufixo *-co/ca-*, idêntico ao sufixo grego *-ko-*, mas de produção quasi nula em latim, formou-se um sufixo ampliado *ico/ica*, para se formarem adjectivos, de diferentes espécies de substantivos:

afr-ico-s > *africanus*, *bellicus*, *modicus*, *punicus*, baseados em substantivos de tema em *-o*; *ciuicus*, *classicus*, etc., sobre temas em *-i*, etc. Alguns destes adjectivos, como *canticum*, de *cantus*, e *fabrica*, de *faber*, tomaram funções de substantivos.

Relacionados com o sufixo *-co-*, formaram-se uns sufixos ampliados com vogal longa *-āco-*, *-īco-*, *-ūco-*, que são pouco produtivos na língua latina: *opacus*, *pudicus*, *caducus*.

407 — SUFIXO -s-; -ēs-; -ōs-

Os sufixos estudados até aqui, ou eram as vogais temáticas, ou estavam formados de consoantes e vogais temáticas.

O sufixo -s- é independente das vogais temáticas, mas apresenta-se geralmente sob as formas de gradação vocálica -ēs- ou -ōs-;

gen-os > *genus*, *gen-ēs-is* > *genēris*; *temp-os* > *tempus*, *temp-os-is* > *tempōris*; *corpus decus foedus*... *scelus sidus*; são substantivos neutros.

O sufixo aparece precedido de *n* em vários substantivos neutros: *mu-n-os* > *munus*, *mu-n-ēs-is* > *muneris* (cfr. *mu-tuus mu-tare*); *pig-n-os* > *pignus*, *pig-n-ōr-is*; *fac-i-n-os* > *facinus*; *funus funēris*; *uulnus uulnēris*.

O mesmo sufixo serve para formar substantivos que indicam uma força ou uma actividade: uns são masculinos, e alguns femininos.

ang-os > *angor*, *ang-ōs-is* > *angōris*; *amor ardor calor color*... *fauor honor* ... *ualor uigor*, etc.

408 — SUFIXO -ter-

Este sufixo, de fraca vitalidade, só se emprega em substantivos de parentesco, *pa-ter ma-ter fra-*

-ter, e entra, inexplicavelmente, em *acipiter*, *abutre*, e em *uen-ter*.

409 — SUFIXO *-tor-*

O sufixo *-tor-* dá origem a substantivos de agente, em grandíssima abundância, derivados de verbos:

fac-tor lec-tor rec-tor geni-tor lauda-tor, defensor tonsor, de *defend-tor tond-tor* (cf. Tômo I, n.º 49).

Nos nomes de agente femininos correspondentes aos agentes masculinos em *-tor*, aparece um sufixo *-trix*, bastante complicado, formado talvez de um sufixo de grau zero *-tr-*, mais uma vogal longa *ī*, mais um gutural: *gene-trix iani-trix uic-trix*.

410 — SUFIXO *-n-* *-ĕn*, *-ŏn*, *-ōn*

Este sufixo primitivo, umas vezes de grau zero, outras vezes de grau *ĕ* ou *ŏ* (*-ĕn* *-ŏn*), não tem significado próprio, mas entra na estrutura de certas palavras antigas, para ampliá-las:

car-o car-n-is, ingu-en ingu-en-is > *inguinis*; *pect-en pect-in-is, sangu-en*, a par de *sangu-is, sangu-in-is*; *it-er it-in-er-is, iec-ur iec-in-er-is*.

Do substantivo *humus*, o sufixo *-n-* contribuiu para se formar um adjectivo derivado, *hēmōn hemōnis*, que aparece em *nemo*, de *ne-hemo*; igualmente contribuiu para o aparecimento do adjectivo, mais tarde substantivado, *hom-on* > *homo*, *hom-on-is*, que significa «o terrestre», em oposição ao «celeste, habitante do céu».

O mesmo sufixo, de *ō* longo, influiu, mais que outro qualquer, na formação de substantivos de qualidade, que deram, depois, sobrenomes e apodos, que designam a qualidade individualizada:

Cato Cat-on-is, de *catus*; *Cicero Cicer-on-is*, de *cicer*; *Naso Nas-on-is*, de *nasus*, etc.

Com formação idêntica, o sufixo *-ōn-* entra em substantivos que indicam uma espécie de aumentativo:

edo ed-on-is, *prædo præd-on-is*, *lanio lani-on-is*.

411 — Com ampliação em *-i*, o sufixo *-iōn-* entrou em alguns substantivos que indicam a qualidade, mas com expressão mais vincada:

homunc-io homunc-ion-is (cfr. *homunc-ulus*); *libell-io libell-ion-is*, alfarrabista.

Encontra-se sobretudo, o sufixo *-iōn-* em substantivos de acção, deriva de temas verbais: *leg-ion-is opin-ion-is suspic-ion-is*.

412 — O sufixo *-ĕn-* *-ŏn-* serve de ampliação aos sufixos *-ēdo* *-īdo* *-tūdo* *-āgo* *-īgo* *-ūgo*, para dar substantivos vários femininos:

dulc-ēdo *dulc-ed-ĭn-is*, *cup-īdo* *cup-id-ĭn-is*,
magni-tūdo *magni-tud-ĭn-is*, *im-āgo* *im-ag-ĭn-is*,
or-īgo *or-ig-in-is* *ferrūgo* *ferr-ug-in-is*.

413 — O sufixo *-ŏn-* serve também de ampliação ao sufixo *-ti-* (*ti-on*), para formar especialmente os substantivos que indicam acção, em número sem conta, derivados de adjetivos, verbos e outros substantivos (cfr. n.º 390):

ac-ti-on-is *menti-on-is* *na-ti-on-is* *op-ti-on-is*.

414 — SUFIXO *-mĕn-*; *-mŏn-*; *-mentum*

Este sufixo, proveniente de *-mĕn-* primitivo, forma, em geral, substantivos neutros, muito abundantes na língua latina: *ag-men* *exa-men* *flu-men* *nu-men*, e o masc. *fla-men*, que, talvez, primitivamente foi neutro.

O sufixo *-men-*, ampliado com o sufixo *-to-* (*-mento*), deu origem ao sufixo *-mentum*, que forma substantivos neutros abstractos, derivados de raízes verbais: *aug-mentum*, *tor-mentum*, de *torc-mentum* (cfr. *torqu-eo*), *ra-mentum*, de *rad-mentum* (cfr. *rad-o*), *cae-mentum*, de *caed-mentum* (cfr. *caed-o*).

Aparentado com o sufixo *-men-*, existe o sufixo *-mon-*, de grau 0, o qual ampliado com o sufixo *-io/ia*, dá substantivos neutros e femininos de acção: *matri-mon-io-m* > *matrimonium*, *queri-mon-ia sancti-mon-ia*.

415 — SUFIXO *-t-*

Este sufixo entra em substantivos primitivos compostos: *anti-sti-t-is*, nom. *anti-stes*; *locu-ple-t-is*, nom. *locu-ples*; *sacer-do-t-is*, nom. *sacer-dos*, de *sacro-dho-t-s*.

Entra igualmente em substantivos, derivados de outros substantivos ou derivados de raízes primitivas, para formar substantivos concretos:

al-i-t-is, nom. *ales*; *diu-i-t-is*, nom. *diues*; *mil-i-t-is*, nom. *miles*; *equ-i-t-is*, nom. *eques*.

O sufixo *-t-*, em composição com o sufixo *-ta-* (cfr. n.º 404), dá o sufixo *-ta-t-*, que forma substantivos femininos de qualidade, derivados de adjectivos: *boni-ta-t-is cari-ta-t-is ciui-ta-t-is* (cfr. n.º 67).

A par do sufixo composto *-tā-t-*, existe outro sufixo complexo *-tū-t-*, proveniente do sufixo *tu* e do sufixo *t*, o qual forma também substantivos abstractos de qualidade: *senec-tu-t-is uir-tu-t-is* (cfr. n.º 391).

416 — SUFIXO *-nt-*

É o sufixo próprio dos participios presentes dos verbos (cfr. n.º 239): *lauda-nt-is*, nom. *lauda-nt-s* > *laudans*; *leg-e-nt-is*, nom. *leg-e-nt-s* > *tegens*; *e-u-nt-is*, nom. *i-e-nt-s* > *iens*.

Combinado com outros elementos e ampliado, o sufixo *-nt-* serviu para a formação do sufixo complexo *-o-v-nt-to-* > *-o-uent-to-*, o qual, evoluindo foneticamente, acabou na forma *-osus*: *form-osus* (cfr. n.º 423).

417 — SUFIXO *-d-*

Aparece em pequeno número de palavras latinas, sem se lhe poder determinar a origem e o valor: *lapi-d-is*, nom. *lapis*; *here-d-is*, nom. *heres*; *pecu-d-is*, nom. *pecus*.

418 — SUFIXO *-k-*; *-īc-*; *-īc-*; *-āc-*

Em latim, forma substantivos que indicam minerais, vegetais e animais: *sile-k-s* > *silex*, *frutex* *ilex* *culex* *murex*.

Alguns substantivos em que entra o mesmo sufixo indicam partes do corpo humano: *mōr-dex* *pantex* *podex* *uertex*.

De todos estes exemplos parece deduzir-se

que o sufixo *-k-* teve uma ampliação *-ic-*, segundo se infere dos genitivos *sil-ic-is* *frut-ic-is* *cul-ic-is* *uert-ic-is*, como aparece em *apend-ic-is* *ind-ic-is*.

O sufixo correspondente a êste para formar substantivos femininos e *-ic-* com vogal longa: *corn-ic-is*, nom. *cornix*; *matr-ic-is*, nom. *matrix*. Êste sufixo *-ic-* longo serve também para formar adjectivos que indicam o estado, como *fel-ic-is*, nom. *felix*.

A par do sufixo longo *-ic-* apareceram mais dois sufixos do mesmo tipo, baseados no sufixo *-k-*, com as vogais longas *ā* e *ō* (*-āc-* *-ōc-*) para formar adjectivos, que indicam intensidade de acção; os adjectivos com o sufixo *-āc-* baseiam-se em temas verbais; os outros em temas nominais:

ed-ax *ed-āc-is*, *fall-ax* *fall-āc-is*, *loquax* *tenax*
rapax; *atrox* *atr-ōc-is*, *fer-ōc-is*, *uelox* *uel-ōc-is*.

419 — SUFIXO *-tero-*

O sufixo *-tero-* primitivamente formava adjectivos que designavam oposição: *al-tero-s* > *alter*; *u-tero-s* > *uter*; *dex-tero-s* > *dexter*, *sinister*, *nos-ter*, *uos-ter* (*uester*). O mesmo sufixo formou os adjectivos *magis-tero-s* > *magister*, *minis-tero-s* > *minister*, *mater-tera*, que, mais tarde, passaram a exercer as funções de substantivos.

Este sufixo, combinado *-i-*, deu adjectivos de qualidade, do tipo *camp-es-tri-s equ-es-tri-s ped-es-tri-s terr-es-tri-s*, ao lado de *camp-es-ter equ-es-ter ped-es-ter*, formados simplesmente com o sufixo *-tero-s*; *camp-es-tero-s* > *capesters* > *campester*.

Numa forma complexa, *-as-tro-*, o sufixo *-tero-*, dá adjectivos que exprimem a imitação ou a depreciação: *fili-as-ter patr-as-ter ole-as-ter*.

420 — SUFIXO *-timo-*

Primitivamente este sufixo, que se pode supor composto dos sufixos *-ti* e *-mo*, sem, contudo, se ter uma base certa para tal formação, servia para dar adjectivos que designavam posição no tempo ou no espaço, tirados de radicais de valor adverbial; (confunde-se com *-tomo-*? cfr. n.º 398):

ex-timo-s > *extimus*; *in-timus* *ul-timus*, *pos-timus* e *pos-tumus*.

Serviu depois para formar adjectivos, provenientes de substantivos:

fini-timus *legi-timus* *mari-timus*.

421 — SUFIXO *-simo-* (*-somo-*)

Este sufixo é de origem duvidosa e serve para formar superlativos dos adjectivos; supõe-se até que o sufixo era, não *-simo-*, mas *-sōmo-*, dada

a semelhança com *-omo-*, que por seu lado também forma superlativos (cfr. n.º 101), e dada a evolução fonética de *-sōmo-* que também termina em *-simo-* ou *-sumo-* (cfr. Tómo 1.º n.º 7):

mag-simo-s ou *mag-somo-s* dá *maximus* e *maximus*;

facil-simus ou *facil-somos* dá *facil-limus*;

miser-simus ou *miser-somos* dá *miser-rimus*.

O sufixo *-simo-* (*-sōmo-*), precedido da ampliação *is-*, forma o sufixo *issimus*, de enorme vitalidade, para a construção de superlativos:

amar-is-simu-s *doct-is-simu-s* *fort-is-simu-s*.

422 — SUFIXO *-tura-* (*-sura-*)

Entra êste sufixo na formação de substantivos femininos que designam acção, derivados de temas verbais:

na-tura (cfr. *na-sc-or*); *sta-tura*, *scrip-tura*; *ra-sura*, de *rad-tura* (cfr. *rad-o*); *clau-sura*, de *claud-tura*, (cfr. *claud-o*); vid. Tómo I, n.º 49.

423 — SUFIXO *-oso-*

Sufixo muito fecundo em latim para formar adjectivos que indicam a qualidade, proveniente de temas nominais.

A origem dêste sufixo é complicada; assenta sobre uma raiz *-nnt-*, precedida da vogal temá-

tica -o-, e ampliada com o sufixo -to-: *o-vent-to*, cuja evolução fonética seria: *-owentto-* > *ontsto-* > *-onso-* > *-osso-* > *-ōso-*:

form-osus glori-osus libidin-osus offici-osus pisc-osus, tirados dos substantivos *forma gloria libido officium piscis*. Há um só adjectivo assente em radical verbal, *bib-osus*, do verbo *bibo*.

424 — Alguns dos sufixos estudados, juntam-se com outros sufixos para formarem o elemento final de sufixos complexos, que aparecem em substantivos, sem significado exacto:

-tro-: *ara-trum spec-trum fere-trum*;

-tlo- (-clo- ou -cro- e -culo-): *po-tlo-m po-clum* e *po-culum*; *sae-clum* e *saeculum*; *lu-clum*, e, por dissimilação, *lu-crum*, do mesmo modo que *laua-clum* > *laua-crum*: *pia-clum pia-culum*, *ful-clum* > *ful-crum*.

-dlo- (-blo ou -bro e -bulo-); *cri-dlo-m* > *cri-blum*, e, *cri-brum*; *fla-brum*; *fa-bula mandi-bula*, etc.

CAPÍTULO II

Composição

425 — A composição vocabular é um processo de formação de palavras por meio de dois elementos diferentes, de modo que o termo composto se torna um agregado fonético, com significação alheia, quasi sempre, e muitas vezes oposta, à dos componentes. Por este motivo, a composição se distingue da juxtaposição, pois, nesta, o agregado vocabular tem, em geral, um valor ideológico acumulado dos elementos juxtapostos: *res publica, legis peritus, senatus consultus, ius iurandum, aquæ ductus*. A acentuação, ou mesmo, a grafia, podem reunir num só vocábulo, os elementos, como se na realidade fôsem uma só palavra; mas a idéia deriva da acumulação dos dois valores independentes. A composição, ao contrário, congloba os elementos de valor ideológico diferente, para lhes dar um valor único e autónomo.

I

Primeiro elemento da composição

O primeiro elemento nas palavras compostas do latim é uma *partícula adverbial*, ou um *tema nominal*, ou um *tema verbal*.

426 — 1.º *Composição com partícula adverbial*. A partícula adverbial recebe, geralmente o nome de *prevérbio* (*præ-uerbium*, antes do verbo), na composição verbal; e o nome de prefixo ou *preposição* (*præ-ponere*, antes do substantivo), na composição nominal. Mas tais nomes, nos dois casos, são arbitrários.

Com efeito, as partículas que entram na composição verbal ou na composição nominal, eram a princípio elementos adverbiais, livres na frase, sem obrigação de estarem colocados *antes* do verbo ou do substantivo. E até, freqüentemente, essas partículas de composição, se separavam do verbo (mais tarde deu-se ao fenómeno o nome de *tmese*) e colocavam-se *antes* ou *depois* deste; com os substantivos dava-se caso semelhante, pois eram usadas em emprêgo anastrófico (depois da palavra de recção); algumas dessas chamadas *pre-posições* conservaram sempre o uso anastrófico, como *ergo causa gratia tenus*, etc. É, pois, arbitrário e impróprio o nome que se

dá a tais partículas, quando se lhes chama prevérbios, preposições ou prefixos; mas a tradição consagrou essa nomenclatura.

A composição verbal e a composição nominal, com partículas, distinguem-se uma da outra, porque naquela, as partículas podem separar-se, ao passo que na composição nominal nunca se separam: *circuitus exilium suspicio religio*.

Distinguem-se também porque nos prevérbios têm por função a acção de vincar mais nitidamente um aspecto do significado verbal. Comparem-se por exemplo, *lacrimare* e *allacrimare*: aquêle significa «chorar»; êste, «desfazer-se em lágrimas»; *uigilare* e *aduigilare*: o primeiro quere dizer «estar acordado», ao passo que o segundo significa «estar vigilante, estar alerta». Confrontem-se os valores de *afficio conficio eficio inficio officio reficio* e ver-se-á como os prevérbios indicam especialmente o desenvolvimento da acção verbal. Mas, dentro da composição nominal, as mesmas partículas não têm valor próprio, individualizado, embora contribuam, com a sua quota parte, para o valor ideológico do agregado vocabular.

427 — As partículas de composição não tiveram tôdas a mesma origem. Saíram algumas de antigos advérbios da língua latina, que, por sua vez, foram tirados de formas nominais, como

causa gratia penes tenus, etc.; mas, na maioria dos casos, vieram do indo-europeu, talvez derivadas também de formas nominais antigas, que se fixaram no valor adverbial; delas, porém, só apenas se sabe que entraram na língua latina, vindas da antiguidade, como *prevérbios* e *preposições*.

428 — 2.º *Composição com tema nominal.* O elemento de tema nominal, que forma a primeira parte da composição, apresenta geralmente a terminação *-i*: *signi-fer pomi-fer lani-ger causi-dicus multi-formis magni-ficus*, apesar de os temas de origem serem *signo- pomo- lana- causa- multo- magno*. É provável que nestes casos a vogal *i* seja fonética (cfr. Tômo I, n.º 2 e 4) e não originária, pois encontram-se formações, como *auri-fex* e *auru-fex* nas quais a vogal tem a oscilação fonética antes de *-f* (cfr. *ibid.*, n.º 7).

É certo, porém, que os temas nominais em *-i*, e os temas nominais em *-u*, quando entram a servir de primeiro elemento do composto, dão preferência à terminação *-i*; *igni-fer utili-cola corni-ger*, mas *corni-petus* e *cornu-petus* (cfr. Tômo I, n.º 7).

Se o primeiro elemento é de tema consonântico recebe também a vogal *-i*, talvez por analogia, a qual, num ou noutro caso, pode oscilar para *-u*, conforme a evolução fonética: *pac-i-ficus leg-i-fer; iur-i-dicus* a par de *iu-dex; pont-i-fex* ao

lado de *pont-u-fex*, assim como *carn-i-fex* e *carn-u-fex* (cfr. *ibid.*, n.º 7).

Quando o primeiro elemento é um numeral, termina em *-i*: *bi-pennis tri-pes quadri-manus* a par do fonético *quadru-pes* e *quadru-plex*, *quinti-ceps* e *quintu-plex*, etc.

Às vezes, a elisão faz desaparecer no primeiro elemento a vogal terminal, como em *quadr-angulus mult-angulus sem-esus*, que existem simultaneamente com *quadri-angulus multi-angulus semi-esus*.

O primeiro elemento, de quando em quando, não apresenta a forma plena, mas só um radical, terminado com a mesma vogal *-i*: *lap-i-cida* por *lapid-i-cida*; *hom-i-cid-iu-m* por *homin-i-ci-dium*; *mun-i-ficus* por *muner-i-ficus*.

429 — 3.º *Composição com tema verbal*. São raros em latim os vocábulos compostos com tema verbal a servir de primeiro elemento; e êsses poucos foram construídos apenas por imitação da formação grega: *laudi-cenus posci-nummius*.

II

Segundo elemento da composição

430 — O segundo elemento que entra na composição mal se deixa apreciar dentro do latim,

apesar de no grego mostrar características definidas.

Pode, contudo, dizer-se com alguma segurança que o segundo elemento dos adjectivos compostos latinos, provenientes de substantivos de temas em *a*, *o*, *u*, toma um sufixo *-i*: *im-berb-i-s* de *barba*; *in-form-i-s* de *forma*; *ex-torr-i-s* de *terra*; *in-erm-i-s* de *arma*; *per-enn-i-s* de *annus*; *ex-somn-i-s* de *somnus*; *bi-corn-i-s* de *cornu*.

Parece que também muitas vezes o segundo elemento dos compostos recebe o sufixo *-yo-* para formar substantivos neutros: *con-tubern-iu-m* pro-*uerb-iu-m* sub-*sell-iu-m* tri-*noct-iu-m*.

III

Valor Ideológico dos compostos

431 — Não há dentro do latim elementos suficientes para determinar com exactidão o valor dos compostos.

Não obstante, pode dizer-se:

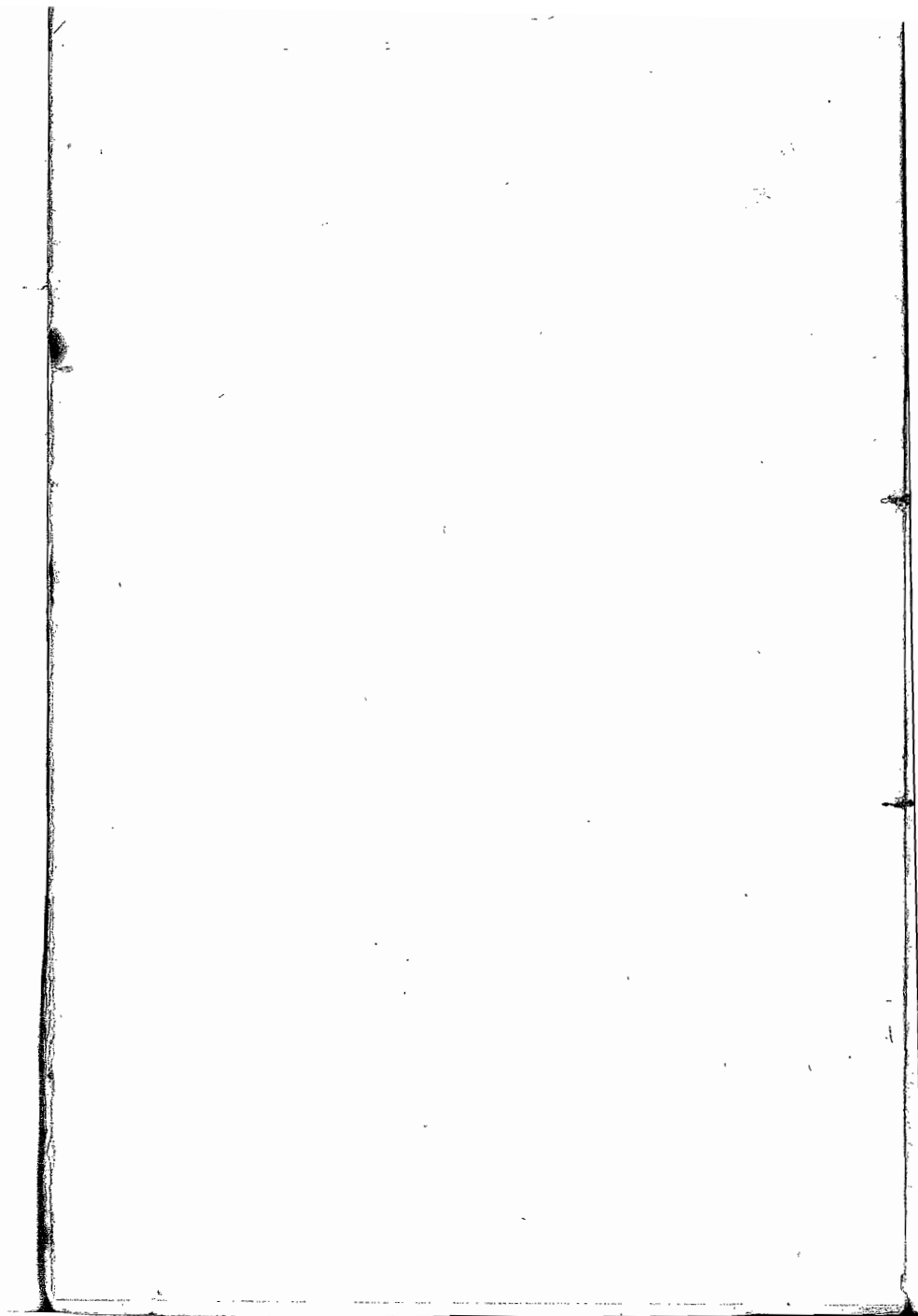
1.º — os vocábulos que estão formados com o primeiro elemento de tema verbal são *progressivos*, quere dizer, o primeiro elemento tem sob a sua dependência o segundo: *posci-nummius* «o que exige dinheiro», *laudi-cenus* «o que louva os banquetes»;

2.º — as palavras cujo primeiro elemento é um tema nominal são compostos *regressivos*; o segundo elemento determina o primeiro: *gallo-romanus* «um romano oriundo das Gálias»; *fun-ambulus* «o que anda na corda»; *pomi-fer* «que produz maçãs»; *causi-dicus* «que defende em juízo uma causa»;

3.º — os compostos cujo significado se pode considerar uma resultante dos componentes são chamados compostos *directos*: *ludi-magister*, *uti-parra*;

4.º — os compostos, geralmente adjectivos, que qualificam um sujeito que possui a qualidade designada pelo agregado composicional, chamam-se compostos *possessivos*: *magn-animus im-berb-is per-enn-is*.

Fim do Segundo Têmo



ÍNDICE

Prefácio	Pág. 5
--------------------	-----------

PRIMEIRA PARTE

Morfemas

I — Morfemas externos (2-5)	10
II — Morfemas internos (6-12)	13
III — Flexão externa (13-15)	20

SEGUNDA PARTE

Flexão nominal

CAPÍTULO I — <i>Flexão dos substantivos</i>	23
I — Casos (16-18)	23
II — Desinências da flexão nominal (19)	27
CAPÍTULO II — <i>Flexão dos substantivos e adjetivos temáticos</i>	30
I — Paradigmas da flexão dos substantivos temáticos (20-21)	30
II — Substantivos temáticos em o/a (22-43)	32

	Pág.
III — Flexão dos adjetivos da 1. ^a classe, de tema <i>o/a</i> (44-45)	43
IV — Paradigmas da flexão (46).	45
 CAPÍTULO III — <i>Flexão dos substantivos e adjetivos atemáticos</i>	47
Quadro da flexão dos atemáticos (48)	48
I — Substantivos atemáticos (49-74)	49
1. ^o — de tema em consoante (53-60)	52
2. ^o — de tema em <i>-i</i> (61-67)	57
3. ^o — de tema em <i>-u</i> (68-72)	61
II — Paradigmas da flexão (75-78)	66
III — Flexão dos adjetivos da 2. ^a classe, atemáti- cos) (79-85)	73
IV — Paradigmas da flexão (86-87)	76
Observação importante (87)	78
 CAPÍTULO IV — <i>Flexão mista</i>	80
Flexão dos substantivos de tema em <i>-e</i> (88-89)	80
 CAPÍTULO V — <i>Comparativo e superlativo</i>	84
I — Formações do comparativo (93-99)	86
II — Formações do superlativo (100-108)	91
 CAPÍTULO VI — <i>Numerais</i>	96
I — Cardinais: formação e flexão (109-120)	100
II — Ordinais: formação e flexão (121-129)	106
III — Distributivos: notas (130-131)	111
IV — Multiplicativos: notas (132)	113
V — Advérbios multiplicativos: notas (133)	113
VI — Leitura dos numerais (134-135)	114
VII — Operações aritméticas (136)	116
 CAPÍTULO VII — <i>Formação e flexão dos pronomes</i>	118
I — Demonstrativos e relativo: formação e flexão (137-151)	118
II — Interrogativo e indefinido: formação e flexão (152-158)	128
III — Pronomes pessoais: formação e flexão (159-167)	132
IV — Adjectivos possessivos (168-170).	137

TERCEIRA PARTE

Flexão verbal

	Pág.
CAPÍTULO I — <i>Noções gerais</i>	141
I — Voz activa e voz médio-passiva (172-178) . . .	142
II — Desinências da flexão verbal	150
1) desinências gerais da voz activa (179-185)	151
2) desinências especiais do perfeito activo (186-191)	155
3) desinências especiais do imperativo activo (192-196)	159
4) desinências da voz médio-passiva (197-202)	161
5) desinências do imperativo passivo (203)	165
III — Formação dos tempos dos verbos (204-208) . .	166
IV — Noção geral de <i>infectum</i> e <i>perfectum</i> (209-215) .	171
 CAPÍTULO II — <i>Sistema do infectum da voz activa.</i> . .	177
I — Presente do indicativo (pres. do infectum) (216-220)	177
II — Imperfeito do indicativo (pretérito do infec- tum) (221-224)	181
III — Futuro imperfeito (fut. do infectum) (225-226)	186
1) futuro em <i>-a/e</i> (227)	187
2) futuro em <i>-bo/bi</i> (228)	189
3) futuro em <i>-so</i> (229)	191
IV — Presente do conjuntivo:	192
1) conjuntivo em <i>-e</i> (230)	192
2) conjuntivo em <i>-a</i> (231)	194
V — Imperfeito do conjuntivo (233)	197
VI — Imperativo presente e futuro (234-235) . . .	198
VII — Formas nominais do infectum:	201
1) infinitivo presente (236-238)	201
2) participio presente (239-241)	203
3) gerúndio e gerundivo (242)	205
 CAPÍTULO III — <i>Sistema do perfectum activo</i>	207
I — Pretérito perfeito (presente do perfectum) (243)	207

	Pág.
II — Pretérito mais-que-perfeito do indicativo (pretérito do perfectum) (244)	209
III — Futuro perfeito e pretérito perfeito do conjuntivo (245-246)	210
IV — Pretérito mais-que-perfeito do conjuntivo (247)	213
V — Forma nominal do <i>perfectum</i> : infinitivo perfeito (248)	214
 CAPÍTULO IV — <i>Sistema do supino</i>	215
I — Adjectivo em <i>-to-</i> (<i>dic-to-s dic-tu-s</i>) (249-253)	215
II — Supino em <i>-tu</i> (<i>dic-tu-m dic-tu</i>) (254-255)	217
III — Participio futuro activo (256)	219
IV — Infinitivo futuro activo (257)	220
V — Infinitivo futuro passivo (258)	222
 CAPÍTULO V — <i>Voz médio-passiva</i>	223
I — Sistema do infectum passivo (259-263)	223
II — Sistema do perfectum passivo (264)	226
 CAPÍTULO VI — <i>Paradigma da flexão verbal unificada</i>	228
I — Sistema do infectum	228
II — Sistema do perfectum	230
III — Sistema do supino	231
 CAPÍTULO VII — <i>Verbos atemáticos</i>	232
I — <i>Sum</i> e compostos: — formação e flexão (266-281)	232
II — <i>Uolo nolo malo</i> (282-295)	241
III — <i>Fero</i> (296-300)	248
IV — <i>Edo</i> (temático e atemático) (301-303)	251
V — <i>Eo</i> (304-310)	254
VI — <i>Fio</i> (311-312)	257
VII — <i>Do</i> (313-317)	258
 CAPÍTULO VIII — <i>Verbos defectivos</i>	262
I — <i>Memini odi coepi</i> (318-319)	263
II — <i>Aio inquam fari</i> (320)	265

QUARTA PARTE

Temas verbais

	Pág.
CAPÍTULO I — Sistema do infectum	270
I — Verbos-raízes (321-326)	270
1) <i>iterativos</i> (322)	272
2) <i>causativos</i> ou <i>factitivos</i> (323)	273
3) <i>estativos</i> (324-325)	274
II — Verbos de redôbro no presente (327)	276
III — Verbos <i>denominativos</i> (328-332)	277
1) em <i>ā</i> (329)	277
2) em <i>ē</i> (330)	279
3) em <i>ī</i> (331)	279
4) em cons. (332)	280
IV — Verbos infixados com <i>n</i> (333-334)	281
V — Verbos com sufixos (335)	283
1) sufixo <i>-sc-</i> (<i>-isc-</i>): <i>incoativos</i> (336)	284
2) <i>-n-</i> (337)	285
3) <i>-so</i> (<i>-sso</i>): <i>desiderativos</i> (338)	287
4) <i>-turio</i> (<i>-surio</i>): <i>desiderativos</i> (339)	287
5) <i>-t-</i> (340)	288
6) <i>-d-</i> (341)	289
7) <i>-to</i> (<i>-so</i>) <i>-ito</i> <i>-tito</i> : <i>frequêntativos</i> (342)	290
 CAPÍTULO II — Sistema do perfectum	293
I — Perfeitos em geral (343-348)	293
II — Perfeitos primitivos:	297
1) tipo <i>lego lægi</i> (349)	297
2) perfeitos de redôbro: <i>ce-cin-i</i> (350-354)	297
III — Perfeitos de adaptação:	304
1) tipo <i>ago ægi</i> (355-356)	304
2) perfeito em <i>-si</i> : <i>perfeitos fracos</i> (357-362)	305
IV — Perfeitos de inovação latina:	309
1) tipo <i>habu-i</i> (363-365)	309
2) tipo <i>lauda-ui</i> (366-369)	312
V — Perfeitos incaracterísticos: tipo <i>ico ici</i> (370-371)	316

	Pág.
CAPÍTULO III — <i>Sistema do supino</i>	318
I — Formações do tema geral (372-373)	321
II — Formações influenciadas pelo tema do presente (374)	326
III — Formações influenciadas pelo tema do perfeito (375)	327
IV — Formações independentes (376)	329

QUINTA PARTE

Derivação e composição

CAPÍTULO I — <i>Derivação</i>	333
I — Formações temáticas <i>o/a</i> (377-379)	333
II — Formações com sufixos:	334
Sufixo <i>-i-</i> (380-383)	334
Sufixo <i>-u-</i> (384-385)	336
Sufixo <i>-li-</i> (386-387)	337
Sufixo <i>-ri-</i> (387)	338
Sufixo <i>-ti</i> (389-390)	339
Sufixo <i>-tu</i> (391)	339
Sufixo <i>-io/ia</i> (392-393)	340
Sufixo <i>-itio/itia, ities</i> (394)	341
Sufixo <i>-eyo/eya (-eu/-ea)</i> (395)	342
Sufixo <i>-uofua</i> (396)	342
Sufixo <i>-mo/ma</i> (397-398)	343
Sufixo <i>-no/na</i> (399)	344
Sufixo <i>-ino/ina; -īno/īna</i> (400)	345
Sufixo <i>-lo/la</i> (401)	346
Sufixo <i>-ulo/ula</i> (402)	347
Sufixo <i>-ro/ra</i> (403)	348
Sufixo <i>-to/ta</i> (404)	348
Sufixo <i>-do/da</i> (405)	350
Sufixo <i>-co/ca; -āco -īco -ūco</i> (406)	350
Sufixo <i>-s; -ēs-, -ūs-</i> (407)	351
Sufixo <i>-ter</i> (408)	351
Sufixo <i>-tor; -trix</i> (409)	352
Sufixo <i>-n; -ēn-, -ōn-, -ōn-</i> (410-413)	352
Sufixo <i>-mēn-, -mōn-</i> (414)	354

	Pág.
Sufixo <i>-t-</i> (415)	355
Sufixo <i>-nt-</i> (416)	356
Sufixo <i>-d-</i> (417)	356
Sufixo <i>-c-, -ic-, -ic-</i> (418)	356
Sufixo <i>-tero-, -aster</i> (419)	357
Sufixo <i>-timo/tima</i> (420)	358
Sufixo <i>-simo/sima</i> (421)	358
Sufixo <i>-tura-, -sura</i> (422)	359
Sufixo <i>-oso/osa</i> (423)	359
Sufixos complexos: <i>-tro; -tlo (-clo, -oro, -culo);</i> <i>-dlo (-blo, -bro -bulo)</i> (424)	360
CAPÍTULO II — Composição	361
I — Primeiro elemento dos compostos (425-429):	362
1.º — partícula adverbial (426-427)	362
2.º — tema nominal (428)	364
3.º — tema verbal (429)	365
II — Segundo elemento dos compostos	365
III — Valor ideológico dos compostos	366

ERRATAS

Pág.	Linha	Onde se lê:	Leia-se:
79	14	de tema em <i>-a</i>	aos de tema em <i>-a</i>
87	22	proposições	preposições
170	2	os verbos	aos verbos
230	16	<i>-rā-mus</i>	<i>-ērā-mus</i>
328	3 (do fim)	os tipo	os do tipo
329	2 (do fim)	<i>prēmo</i>	<i>prēmo</i>
334	5	<i>plek-oy</i>	<i>plek-yo</i>

